RUSSAS

SUA ORIGEM
SUA GENTE
SUA HISTÓRIA

LIMÉRIO MOREIRA DA ROCHA

Com este livro, Limério Moreira da Rocha, russano, licenciado em Estudos Sociais pela FUNESO - Fundação de Ensino Superior de Olinda – PE e portador de vários diplomas de cursos de Extensão Universitária no Recife e, ainda, grande estudioso e pesquisador da área de humanidades, vem trazer a seus conterrâneos e ao público em geral, a mais completa fonte de informações sobre Russas.

A idéia de escrever esta importante obra surgiu quando ele, ainda aluno da FUNESO, veio a Russas compilar dados para a elaboração de um trabalho. Aqui chegando, constatou tristemente, a quase inexistência de registros históricos sobre sua terra natal. Inconformado com tal situação, Limério, firmou propósito de trabalhar incansavelmente para editar um livro de pesquisa que fosse bem útil a todo povo de

À minha esposa Erandi e
meus filhos Giovanni e Giannetti

AGRADECIMENTO

Muitos foram aqueles que contribuiram na elaboração deste trabalho. Uns, os mais próximos, fazendo-se presentes com palavras de constante incentivo e estímulo; outros, identificados com os nossos propósitos, oferecendo valiosas contribuições. Aos que assim nos incentivaram, expressamos os nossos melhores agradecimentos: À minha esposa, por ter sido uma incansável colaboradora.

A Aurino Estácio de Sousa
Cônego Pedro de Alcântara
João Vital Filho
Dr. Daltro Holanda
Rocilda Leitão
Maria Celesta Maciel Rocha
Edvaldo Leite
Major Kerginaldo Queiroz
Manuel Cariri dos Santos
Horácio Matoso
Monsenhor Oliveira
Padre Valério
João Nazario Moreira
Maria Moreira Nogueira
Maria de Lourdes Maciel Araújo
Terezinha Bezerra Nunes
Revda. Irmã Maria da Graça
Padre Afonso Rocha
Francisco Rantzau Sousa
Argemiro Torres Filho
Aderson Gonçalves
Raimundo Gonçalves Santiago
Francisco Moreira de Araújo
Adom Gonçalves
Zacarias Rodrigues
Raimundo Galdino
Joaquim da Cabocla
Joaquim Lourenço.

RUSSAS - CEARA
DEUS E' NA TERRA

Á CNEC - Padre Zacarias Bonnet.
Com conhecimento de autor
do para Dimas.
oferta. Dep. José Luiz Bonfá.
20/06/87.

RUSSAS

SUA ORIGEM
SUA GENTE
SUA HISTÓRIA

1ª EDIÇÃO

LIMÉRIO MOREIRA DA ROCHA

RECIFE-PERNAMBUCO-1977

© 1976
Limério Moreira da Rocha
Rua do Lima, 410 - Sto. Amaro
Recife - Pernambuco

Impresso no Brasil

Capa e
Planejamento Gráfico
Moisés Cruz

Fotos do autor
Direitos reservados ao autor

ROCHA, Limério Moreira da. Russas sua origem, sua gente, sua história. Pref. Eliseu Ferreira Lima. Recife, Recife Gráf. Ed. 1976. 218 p. il. Inclui Bibliografia.

CDU 981.31 Ru.

SUMÁRIO

	Pág.
Breve esclarecimento	
Prefácio	
Região	15
Rio Jaguaribe e seus efeitos	19
Expulsão dos nativos	34
Forte Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe	37
Origem de Russas	40
Famílias de Russas	47
Origem do topônimo Russas	54
Vida eclesiástica: Curato e Freguesia	59
Vigários e coadjutores de Russas	76
Ereção à Vila	84
Formação política de Russas	89
Quixeré, Palhano e Povoação de Pedras	96
Formação judiciária	103
119º Aniversário da Elevação de Russas a categoria de Vila	106

Comunicação	111
Transporte	116
Comércio	119
Indústria	127
Cemitério Bom Jesus dos Passos	134
Folclore	139
Instituições Religiosas e Filantrópicas	147
Arborização, Praças e Monumentos	151
Bandeiras, Hinos e Desfiles	154
Iluminação Pública	158
Abastecimento d'água	161
Prédios Públicos e Campo de Aviação	166
Educação	195
Médicos, odontólogos, farmacêuticos, advogados, engenheiros, economistas e oficiais militares	198
Artistas da terra	202
Filhos ilustres	205
Russas hoje	210
Bibliografia	213

BREVE ESCLARECIMENTO

Certa ocasião, quando estive de férias em Russas, procurei localizar algumas informações sobre o município. Nada ou quase nada encontrei, a exceção de algumas publicações no "Correio de Russas" e no IBGE. Identificado com o assunto, resolvi estudá-lo, certo de que, assim, estarei fazendo alguma coisa em benefício de Russas, de modo particular, e do nosso Estado, o Ceará, de maneira geral.

Organizar um trabalho deste gênero, é sabido, exige o melhor dos nossos esforços. É sempre árdua a tarefa de pesquisar, de compilar documentos, de reunir dados e informações destinados à elaboração de uma monografia. Sobretudo pelo fato – no nosso caso particular – de Russas ser um município pequeno. Não houve, desde a sua criação, o cuidado em se traçar a sua trajetória, de se assinalar o seu avanço de modo que, são escassas muitas das informações relativas a determinados períodos, da existência do município, o que se reflete em omissões involuntárias em nosso trabalho.

Na concretização do nosso propósito, contamos com a colaboração idônea de alguns dos nossos historiadores, e em particular do Doutor Eusébio de Souza e Doutor Benedito A. dos Santos.

Ressalto que deixamos de citar o nome de algumas das mais importantes famílias da terra. Não as cito por não ter obtido dados suficientes para a formação de sua genealogia. É uma omissão. Outras omissões serão encontradas, porque não temos a pretensão de ter elaborado uma monografia completa. Apenas, na medida dos nossos esforços, elaboramos uma obra que, esperamos, possa informar com dados exatos ao leitor interessado em conhecer a história do nosso município da nossa terra.

O autor

PREFÁCIO

Quem, saindo de Fortaleza, rumo ao sul, viaja pela estrada BR – 116, ao avistar Russas, alcança o coração do vale do rio Jaguaribe.

Por causa de sua privilegiada posição geográfica, a cidade se apresenta de longe, com as torres de suas igrejas e o telhado do seu casario saudando o visitante.

Ali vive ordeira e feliz sua população, ao compasso acelerado de crescente progresso conservando as tradições que os seus antepassados legaram, mantidas intactas.

Sua história é rica de fatos importantes e não foram poucos os russanos que se projetaram no cenário estadual e pátrio.

Haja vista que Dom Lino Deodato, 8º Bispo de São Paulo nela nasceu, cuja vida está eternizada em livro escrito pelo nosso não menos ilustre conterrâneo dr. Joaquim Moreira de Sousa.

Todo esse acervo de glórias reclamava o historiador que fosse capaz de condensá-las.

É certo que o ilustre dr. José Perdigão Sobrinho, deixou alentado trabalho, ALGO SOBRE O PASSADO DE RUSSAS, cujos originais li. Infelizmente esses subsídios para nossa história nunca foram publicados, perdendo-se assim essa fonte preciosa de informações.

Agora surge "RUSSAS – SUA ORIGEM, SUA GENTE, SUA HISTÓRIA", de autoria do russano Limério Moreira da Rocha, radicado no Recife, licenciado em Estudos Sociais pela Fundação de Ensino Superior de Olinda.

Ao aceitar o honroso convite para prefaciar essa obra não me apercebi que o compromisso assumido superava às minhas forças intelectivas.

Espero, no entanto, cumprir a missão de forma a pelo menos incrementar no leitor o desejo ansioso de devorar as páginas dessa notável realização cultural.

No campo da atividade literária o tema histórico é sem dúvida, o mais complexo, exigindo de quem o abraça, senso crítico agudo e acentuada acuidade psicológica.

O autor desse livro, pesquisador paciente, fiel a sua vocação de operário da seara de humanidades, tinha a seu favor essas qualidades que soube aplicar habilmente. Teve, no entanto, o cuidado de recorrer às mais raras obras de nossa história, para delas colher tudo quanto fosse útil à complementação desta obra, não deixando de recorrer a informações de fonte oral e com argúcia colheu junto a essas nascentes,

informes guardados pela memória popular, alguns já esmaecidos pela ação deletéria do tempo.

E afinal obteve a recomposição dos fatos, situando-os no seu devido ambiente, mediante conclusões ponderadas.

Escrito no silêncio da noite, madrugada a dentro, com o auxílio de sua companheira de todas as horas, após as lides da profissão que exerce o autor, esse livro é a eloqüente lição de quanto é capaz a inteligência humana quando impulsionada por sublime ideal a serviço de indomável força de vontade.

Embora o assunto central seja Russas, focalizada social, política, religiosa, étnica, educacional, em suma, em todos os aspectos históricos e sociológicos, o livro que vem a público vai interessar também ao estudioso da história cearense, principalmente a quantos cuidam de conhecer a origem e a civilização da região jaguaribana.

O capítulo inicial trata exatamente dessa matéria e de maneira a deixar marcos indicativos da construção na foz do rio Jaguaribe do Fortim de São Lourenço, construção iniciada em 1603.

Para a comunidade russana, então, essa obra vem preencher imensa lacuna, oferecendo à sua mocidade fluente manancial de conhecimentos de nossa terra, cujo passado ressurge em imagem limpa e de fácil compreensão.

Chamo a atenção do leitor para o capítulo que se refere ao topônimo Russas, assunto polêmico que ainda desafia a análise e o pronunciamento dos entendidos.

E, espicaçando a curiosidade, recomendo a leitura da parte que se refere ao farto material folclórico local e regional.

Como o próprio autor confessa, seu trabalho não esgotou o assunto e por certo deixou de enfocar ângulos dignos de referência, que não chegaram ao seu conhecimento, homem que é de nossa geração e distanciado, portanto, do passado mais antigo.

O que pretendia alcançou e magistralmente, insuflar na alma de sua gente mais amor pela terra natal.

Com RUSSAS – SUA ORIGEM, SUA GENTE, SUA HISTÓRIA; nossa querida terra se insere, de forma documentada, no contexto da brilhante e edificante história do Ceará.

Haja espaço em cada biblioteca do russano que preza seu berço, para esse manual de civismo.

Fortaleza, dezembro de 1976
Eliseu Ferreira Lima

A REGIÃO

Desde o princípio do ano de 1400, o comércio entre a Europa e o Oriente era intenso e tinha como rota o Mar Mediterrâneo. No ano de 1453 os turcos tomaram Constantinopla (Capital do Império Romano do Oriente) e bloquearam o Mar Mediterrâneo, impedindo assim a passagem dos europeus para o continente asiático.

Portugal e Espanha foram os mais prejudicados. Todavia como gozavam da supremacia na indústria náutica diante dos demais países europeus, procuraram logo novas rotas.

Os portugueses, utilizando a costa leste do Oceano Atlântico, conseguiram contornar o continente africano e logo chegaram às Índias.

Os espanhóis, através de seus bons navegadores, achavam que a rota via Ocidente era bem mais vantajosa, e assim no mês de maio de 1499, saía a primeira flotilha guiada por Alonso de Hojeda e conduzindo os cartógrafos Juan de la Cosa e Américo Vespúcio. Nesta viagem chegaram até o Cabo Orange (ao norte do território do Amapá), sem contudo tocar o solo brasileiro.

Em dezembro do mesmo ano zarpava do porto de Palos uma outra flotilha, composta de quatro caravelas, sob a responsabilidade de Vicente Yañes Pinzon. O primeiro contato que mantiveram com a costa americana foi o Cabo denominado Santa Maria de la Consolación (posteriormente identificado como Ponta Grossa, também denominado Jabarana, ou Retiro Grande, no município de Aracati) onde desembarcaram e abasteceram os navios de água e lenha. Como o litoral se apresentasse muito árido, zarpou Pinzon para o norte, aportando desta feita na Ponta do Rostro Hermoso (hoje ponta do Mucuripe), fincando aí uma grande cruz. Velejou Pinzon e seus companheiros mais para o Norte, atingiram o Amazonas voltando ao Porto de Palos, em 30 de dezembro de 1500.

Um mês depois da saída de Vicente Pinzon, do Porto de Palos, partiu do mesmo ancoradouro e com idêntica finalidade uma outra expedição composta de duas caravelas, sob o comando de Diogo de Lepe. Este lançou ferro nas águas do Rio Grande do Norte e, posteriormente, com a Ponta do Rostro Hermoso onde encontrou a cruz fincada por Pinzon.

Não sabemos se os navegadores espanhóis deixaram de registrar os feitos de suas viagens por questões de tratados, ou porque sua finalidade era chegar às Índias. Sabe-se, no entanto, que a mesma sensação que Armstrong e Aldrin sentiram quando pisaram o solo lunar, sentiram também Pinzon e seus companheiros quando pisaram o nosso solo.

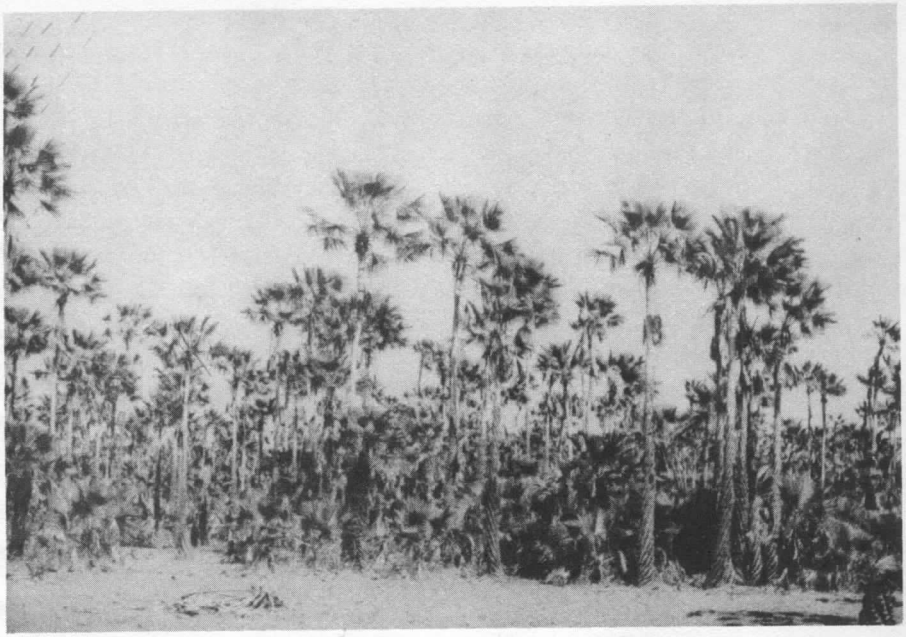
Posteriormente, a 9 de março de 1500, partia do Tejo uma esquadra composta de 13 navios, tendo em seu comando o fidalgo português Pedro Álvares Cabral que tendo de seguir a mesma rota de Vasco da Gama, afastou-se da costa africana, e no dia 22 de abril do mesmo ano, o Brasil estava oficialmente descoberto.

A terra recém-descoberta recebeu o nome de Monte Pascoal, dado pelo Capitão-Mor. Pensando tratar-se de uma Ilha e não continente, deram-lhe posteriormente o nome de Ilha de Vera Cruz e mais tarde, quando convictos de que se tratava de um continente e não ilha, passaram a chamá-la Terra de Santa Cruz, e devido a abundância de uma madeira já conhecida na Ásia, o Pau-Brasil, batizaram-na de Brasil.

Após sua descoberta, permaneceu aproximadamente 30 anos no anonimato. Quando o comércio com as Índias entra em declínio, os portugueses se voltam para o Brasil. É quando D. João III resolve dividí-lo em Capitanias Hereditárias, em número de 15, doadas a 12 donatários, cabendo a do Ceará a Antônio Cardoso de Barros (1534). Este, porém, não deu importância a colonização de sua capitania, razão pela qual somente em 1603 o açoreano Pero Coelho de Souza, comandando um regimento composto de três caravelões, conduzindo mantimentos, munições e recomendando que aguardassem na foz do Rio Jaguaribe a sua chegada, segue por terra com o restante de seu contingente até o combinado ponto de encontro. Aí demoraram o tempo suficiente para as providências da expedição. Construiu na foz do Jaguaribe um Forte denominado Fortim de São Lourenço, construção essa iniciada em 10 de agosto de 1603, com a finalidade de protegerem-se contra os índios hostis da Região. Sua construção, apesar de moirões de pau-a-pique, resistiu até 1640, permanecendo o nome Fortim até nossos dias, dado a uma povoação que se desenvolveu no referido local.

Descoberta a foz do Jaguaribe, povoá-la era agora questão de tempo, como fizeram as civilizações mesopotâmicas, que aproximadamente há 4.000 a.C., numa região similar ao Vale do Jaguaribe, desenvolveram-se numa planície formada tam-

bém por terrenos de aluvião, atraídas pela fertilidade do solo.



Carnaubais

Agora é descoberto outro Vale, o Vale do Jaguaribe, senão o maior, porém um dos mais ricos do mundo em matéria de fertilidade. Esse soberbo Vale muito merece a propaganda que se faz de sua superioridade, quer no aspecto físico, quer no aspecto político, econômico e administrativo. Não me é possível enumerar os vários fatores que fazem do Vale do Jaguaribe, uma fonte perene de riquezas infindas. Tentarei apenas citar os principais. Em primeiro plano, é o Vale possuidor da maior produção de cera de carnaúba do Estado do Ceará, já foi o maior possuidor de rebanhos bovinos e também de produção algodoeira, e possui um dos maiores reservatórios de água do mundo.

Eusébio de Sousa, assim o considerava: "Algum dia, quando se traduzirem em factos as fallazes intenções dos governos, insistentemente apregoadas em seus relatórios, manifestos e programas pomposos, quando houver mais acção do que palavras, sera enfim reconhecido o valor desta riquíssima zona, com privilégios tamanhos, o Ceará então não pedirá a migalha da fome, que até os nossos dias tanto tem aviltado perante os povos". (Russas – 1921).

O Vale do Jaguaribe, além de suas imensas riquezas, possui uma extensão e largura consideráveis, medindo aproximadamente 760 Km de extensão por 10 Km de largura e divide-se em três regiões: Baixo, Médio e Alto Jaguaribe.

Referências feitas em relatório dirigido a D. Pedro II, em 1881, as planícies aluviais do Vale compreendem 80.000 hectares das mais férteis terras do Brasil. E no mesmo ano, o Imperador envia uma comissão a Região, chefiada por J. J. Révy, engenheiro, com a finalidade de estudar a possibilidade de irrigação no Ceará. O relatório do Sr Révy, traduz particularmente a extrema fertilidade do Vale do Jaguaribe, recomendando ao mesmo tempo a construção de um grande reservatório na altura do Boqueirão do Orós, sendo o bastante para represar água suficiente para irrigar todo o Vale inferior. E ademais, segundo o engenheiro João Thomé de Saboya e Silva, no próprio Vale existem não só um, como vários boqueirões admiravelmente apropriados à construção de barragens. O citado engenheiro encaminha à Assembléia, em 1º de julho de 1917, uma mensagem propondo a construção de uma barragem nos Orós, no próprio Vale do Jaguaribe, afirmando ele, ter o referido reservatório possibilidade de represar aí, mais de 2 milhões de metros cúbicos de água. Mais adiante veremos como a represa do Orós tornou-se uma realidade.

CENTRO EDUC PE. ZACARIAS RAMALHO
CNEC
Russas - CE

RIO JAGUARIBE E SEUS EFEITOS

Na África está o maior rio do mundo – o Rio Nilo que, nascendo no Lago Vitória em Uganda, percorre grande parte do continente, indo desaguar no Mar Mediterrâneo.

No Ceará está o maior rio seco do mundo, muito embora em seu trecho inferior, dado ao represamento das águas em Orós, passe a ser perene, apresentando grandes vazantes nos períodos de verão, chegando quase a cortar suas águas como antigamente.

O primeiro nome dado a este rio por povos civilizados foi Rio **Suaguarine**, de acordo com a publicação, no ano de 1574, do famoso mapa das "Capitanias", organizado por Luiz Teixeira, pai do grande cartógrafo português, João Teixeira Albernaz.

Mais tarde em 1587, o topônimo foi citado na "Notícia do Brasil", por Gabriel Soares de uma forma mais correta – Jaguarive.

No século seguinte, o topônimo já surge menos deturpado, como consta nos mapas e trabalhos relacionados com a região. Logo no inicio do século XVII, (1608) é publicado pelo Padre Luíz Filgueira, grande conhecedor da língua Tupi, e companheiro do Padre Francisco Pinto, a "Relação do Maranhão", onde ele fala do Jagoaribe.

Já Martim Soares Moreno, em sua magnífica obra, "Relação do Ceará", escrita em 1618, narrando suas atividades desde 1604 em companhia de Pero Coelho, escrevia Yaguaribe.

Na "Jornada do Maranhão", organizada por Diogo de Campos Moreno em 1615, a carta enviada ao rei de Portugal por Diogo de Menezes, datada de 1 de Mar-

ço de 1612, aparece o nome Jaguaribe como escrevemos até nossos dias.

Mas, há também quem afirme ter sido São Lourenço o primeiro nome dado a este rio por influência do fortim do mesmo nome construído em sua foz por Pero Coelho, em 1603, como é o caso dos Srs. C. Mendes em sua obra "Memórias", e confirmada pelo desembargador Álvaro Gurgel de Alencar, em seu trabalho "Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Estado do Ceará", publicado em 1903. No entanto, outros historiadores afirmam que a palavra Jaguaribe vem da abundância de jaguar em suas margens, daí o nome Rio de Onça, por José de Alencar, confirmando essa teoria Paulino Nogueira e Senador Pompeu em vários de seus trabalhos. Dada a influência do indígena na região, o nome São Lourenço, perdurou por pouco tempo, quando os brancos passaram a chamá-lo também de Rio Jaguaribe. Seu curso é de mais de 560 Km. Nasce nos Inhamuns, de um ângulo formado pelas serras de Mombaça e da Joaninha. Em todo o seu percurso, vai recebendo outros rios como o Trici, Carrapateira e Favela. Depois do encontro desses três rios, é que recebe o nome Jaguaribe, no município de Tauá. Seu primeiro afluente pela margem direita é o Rio Puiú, em seguida o Jucá, responsáveis pela drenagem das águas do chamado sertão do Inhamuns. Em seguida, vem o Rio Conceição, Bastiões, Riacho São Miguel, Riacho do Filine, Rio Cariús, Rio Salgado, com 162 Km, segundo afluente do Jaguaribe em extensão. Recebe o Salgado entre outros afluentes o Rio Tatajuba, Riacho São Miguel, Rio do Machado, Riacho do Meio, Rio Carás, Riacho Jardim, Riacho dos Porcos, todos estes subafluentes do Jaguaribe. Nas imediações do Taboleiro do Norte recebe o Jaguaribe, ainda pela margem direita, outros afluentes importantes como o Rio Figueredo e o Riacho das Flores.

Pela margem esquerda o Jaguaribe recebe o Riacho Mucuim no município de Arneiroz; depois vêm outros afluentes importantes como o Rio Trussu, Riacho Manuel Dias Lopes, Riacho do Sangue, e na altura do município de Limoeiro do Norte recebe o seu mais importante afluente - o Rio Banabuiú, com 280 Km, reforçado na margem direita pelos Riachos Livramento, Santa Rosa, Cangati, Cacode e João Alves. Pela margem esquerda, o Banabuiú recebe o mais importante de seus afluentes – o Quixeramobim, que por sua vez, também recebe reforços de vários afluentes. Entre eles estão os Riachos Carrapateira, Boa Viagem, Araras, e dos Cachorros, além do Rio Pirabibu, e após o açude Banabuiú, recebe as águas do Riacho Uruquê e do Rio Sitiá. Na altura de Morada Nova, recebe as águas do Riacho Aroeira. Continuando sua trajetória, o Jaguaribe vai receber as águas do Rio Seco, ainda no município de Limoeiro, e só em Itaiçaba recebe seu último alfuente da margem esquerda – o Rio Palhano

Como se vê, a bacia fluvial do Rio Jaguaribe ocupa mais da metade da superfície do Estado, cerca de 81.654 Km^2, drenando mais da metade das águas pre-

cipitadas no Ceará e abrange 70 municípios de nosso Estado. Levando-se em consideração a área total do Estado do Ceará como sendo de 148.000 Km^2, apenas 66.346 Km^2 são ocupados pelos demais municípios cearenses. Os muncípios que compõem a bacia fluvial do Jaguaribe são: Aracati - 1.834 Km^2; Aurora - 942 Km^2; Alto Santo - 1.161 Km^2; Abaiara - 2.597 Km^2; Altaneira - 186 Km^2; Antonina do Norte - 264 Km^2; Assaré - 1.554 Km^2; Araripe - 853 Km^2; Aiuaba - 2.597 Km^2; Arneiroz - 969 Km^2; Acopiara - 2.046 Km^2; Baixio - 157 Km^2; Barro - 571 Km^2; Brejo Santo - 631 Km^2; Boa Viagem - 3.264 Km^2; - Barbalha - 497 Km^2; Cariús 1.075 Km^2; Cedro 739 Km^2; Caririassu - 431 Km^2; Crato - 1.026 Km^2; Campos Sales - 2.809 Km^2; Cococi - 830 Km^2; Catarina - 485 Km^2; Farias Brito - 525 Km^2; Granjeiro - 158 Km^2; Itaiçaba - 296 Km^2; Iracema - 1.111 Km^2; Icó - 1.967 Km^2; Iguatu - 1.503 Km^2; Itatira - 514 Km^2; Ipaumirim - 257 Km^2; Jaguaruana - 966 Km^2; Jaguaribe - 1.891 Km^2; Jaguaribara - 731 Km^2; Jaguaretama - 1.913 Km^2; Jucás - 869 Km^2; Jardim - 600 Km^2; Jati - 313 Km^2; Juazeiro do Norte - 219 Km^2; Limoeiro do Norte - 564 Km^2; Lavras da Mangabeira - 1.072 Km^2; Morada Nova - 3.223 Km^2; Mauriti - 1.263 Km^2; Milagres - 678 Km^2; Missão Velha - 559 Km^2; Mombaça - 2.457 Km^2; Monsenhor Tabosa - 807 Km^2; Nova Olinda - 179 Km^2; Orós - 528 Km^2; Palhano - 469 Km^2; Pereiro - 949 Km^2; Potengi - 389 Km^2; Penaforte - 213 Km^2; Porteiras - 206 Km^2; Parambu - 1.197 Km^2; Piquet Carneiro - 508 Km^2; Pedra Branca - 1.197 Km^2; Quixeré - 598 Km^2; Quixadá 4.650 Km^2; Quixeramobim - 4.622 Km^2; Russas - 1.500 Km^2; São João do Jaguaribe - 391 Km^2; Santana do Cariri - 923 Km^2; Saboeiro - 1.368 Km^2; Senador Pompeu - 1.067 - Km^2; Solonópole- 2.539 Km^2; Taboleiro do Norte- 941 Km^2; Tauá - 4.306 Km^2; Umari - 237 Km^2; Várzea Alegre - 704 Km^2

O trecho de maior declividade em seu curso é formado pelos trinta primeiros quilômetros no alto sertão dos Inhamuns, 1,20 m de queda por Km. Segue outro trecho de 60 Km, em que a declividade cai sensivelmente e continua diminuindo até alcançar as célebres planícies do Baixo Jaguaribe. Desse ponto ao Limoeiro, a declividade é de 34 cm por Km, e posteriormente baixa para 23 cm, conservando-se até o mar.

Suas enchentes são violentas, mesmo nos anos de baixa pluviosidade; mas esta fúria é apenas nos meses de chuva. Passado este período, suas águas desaparecem quase por completo. Antes da construção da gigantesca barragem do Orós, os cearenses já clamavam por uma represa, com a finalidade de reter as águas para melhor aproveitamento. Demócrito Rocha tornando mais forte o grito de clemência dos cearenses, compôs belíssimos versos, que muito bem expressam o desejo dos suplicantes.

O Rio Jaguaribe

(Demócrito Rocha)

O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta
por onde escorre
e se perde
o sangue do Ceará.
O mar não se tinge de vermelho
porque o sangue do Ceará
é azul. . .

Todo o plasma
toda essa hemoglobina
na sístole dos invernos
vai perder-se no mar.
Há milênios. . . desde que se rompeu a túnica
das rochas
nas explosões dos cataclismos
ou na erosão secular do calcário
do gnaisse
do quartzo
da sílica natural. . .

E a rutura dos aneurismas dos açudes. . .
Quanto tempo perdido!
E o pobre doente – o Ceará – anemiado,
esquelético, pedinte e desnutrido
a vasta rede capilar a queimar-se na soalheira
é o gigante com a artéria aberta
resistindo e morrendo
resistindo e morrendo
morrendo e resistindo. . .
(Foi a espada de um Deus que te feriu
a carótida,
a ti – Fênix do Brasil)
E o teu cérebro ainda pensa
e o teu coração ainda pulsa
e o teu pulmão ainda respira

e o teu braço ainda constrói
e o teu pé ainda emigra
e ainda povoa.

As células mirradas do Ceará
quando o céu lhe dá a injeção de soro
dos aguaceiros -
as células mirradas do Ceará
entumecem o protoplasma
(como os seus capulhos de algodão)
e nucleiam-se de verde
- é a cromatina dos roçados no sertão. . .
(Ah, se ele alcançasse um coágulo de rocha!)

E o sangue a correr
pela artéria do Rio Jaguaribe. . .
O sangue a correr mal que é chegado
aos ventrículos das nascentes. .
O sangue a correr e ninguém o estanca. . .
Homens da pátria - ouvi:
– Salvai o Ceará!

Quem é o presidente da República? !
Depressa:
uma pinça hemostática em Orós!
Homens,
O Ceará está morrendo, está
esvaindo-se em sangue. . .
Ninguém o escuta, ninguém o escuta
e o gigante dobra a cabeça sobre o peito
enorme.
e o gigante curva os joelhos no pó
da terra calcinada,
e nos últimos arrancos vai
morrendo e resistindo. . .
morrendo e resistindo. . .
morrendo e resistindo. . .

E atendendo ao secular desejo dos cearenses, nos fins da década de 1950, aparece o presidente Juscelino Kubitschek, que autoriza a construção da grande barragem do

Rio Jaguaribe, na altura do Boqueirão dos Orós, e no ano de 1961 era inaugurada esta monumental obra. Mas o homem que pinçou o Jaguaribe morre brutalmente, vítima de acidente automobilístico, no dia 22 de agosto de 1976, perdendo todo seu sangue, sem aparecer quem lhe pinçasse os vasos para salvar-lhe a vida.

Mas barrar o rio, não é o bastante. A luta continua e nos últimos anos, vem surgindo a tão almejada solução para o vale - a irrigação. São vários os projetos em todo o Estado; mas nos interessa apenas os do vale jaguaribano. Estes, em número de oito, têm seus trabalhos confiados à segunda Diretoria Regional do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas DNOCS, órgão vinculado ao Ministério do Interior.

Os trabalhos de execução são lentos dado a imponência das obras; mas já se vê um saldo tão avantajado que estarrece o visitante quando este tem a oportunidade de contemplar a bela paisagem irrigada. O projeto do Baixo Jaguaribe abrange os municípios de Aracati, Jaguaruana, Russas e Limoeiro do Norte. Outros projetos, também são de suma importância para o nosso município por estarem dentro da mesma finalidade e do mesmo raio de ação do DNOCS. São eles. Banabuiu-Morada Nova, Icó - Lima Campos, Riacho do Sangue e, principalmente, o de Santo Antônio de Russas porque já se apresenta este em plena atividade. Outro projeto que merece citação é o de Jaguaruana, cuja finalidade é desenvolver a pecuária com agricultura de apoio, destinada à alimentação do gado em estábulo. Já no ano passado foram construídas 40 casas destinadas aos 40 colonos agregados à empresa. O projeto abrange uma área de 363 hectares aproximadamente, com uma área líquida irrigada de mais ou menos 201 hectares e um rendimento avaliado em 69%.

O projeto Santo Antônio de Russas tem como finalidade recuperar e transformar uma área seca de 4.032 hectares, situada na margem direita do rio Palhano, afluente do Jaguaribe, e tendo como fonte hídrica o Açude de Santo Antônio de Russas que acumula 27 milhões de metros cúbicos de água. Setenta famílias de irrigantes já se encontram instaladas na área, dedicando-se à exploração da pecuária.

A irrigação desta área, hoje em vias de conclusão, tem sido luta de longos anos. Talvez a partir de 1912, quando era prefeito do nosso município o Coronel Perdigão Sobrinho, que muito se empenhou podemos até dizer ter sido o principal baluarte da referida rede de irrigação. Estes trabalhos foram paralisados inúmeras vezes, quer por fatores sociais, econômicos ou políticos. Mas, em agosto de 1943, chegava a Russas o senhor João Maurício Lopes, auxiliar técnico da Inspectoria de Secas, e dá início às obras de irrigação do maior reservatório de águas do nosso município.

E hoje o DNOCS à frente de tão nobre missão, transforma o Vale do Jaguaribe numa região produtiva e racional. Certamente o que disse o escrivão da fro-

ta de Cabral, Pero Vaz de Caminha, do Brasil, repetirá agora o próprio nordestino. "Em se plantando, tudo dá".

Depois de muitas lutas, experiências várias, e desilusões, hoje o homem nordestino, contemplando feliz sua vasta região, fala a sí mesmo: ontem árida, hoje fértil e produtiva. "Não é mais a esperança de que o Nordeste há de mudar. Nas áreas beneficiadas pelos projetos de irrigação já é possível afirmar: O Nordeste mudou . E mudou graças à dinâmica desenvolvimentista do DNOCS, com vistas principalmente, além de outros fatores relevantes, na elevação do padrão de vida do homem do campo. Harmonizam-se DNOCS e o Presidente Geisel quando disse: "É o Homem Brasileiro o objeto supremo de todo o planejamento nacional".

Com a construção do Orós e com a evolução do sistema de irrigação, vemos que esta região já ocupa um lugar bastante privilegiado, diante das demais regiões.

Todavia, se olharmos para trás, veremos que foi esta região palco das maiores catástrofes que o povo nordestino já presenciou. Em contraposição aos aguaceiros que o céu impiedosamente tem lançado sobre esta região, vêm as secas que fazem o nordestino emigrar em busca de melhores paragens, tendo na maioria das vezes de abandonar seus lares, mas com a esperança de breve retornar ao seu torrão natal.

As mais antigas secas de que se tem notícia, datam dos anos de 1605 – 1606, de que foi vítima Pero Coelho de Souza, descobridor da foz do Jaguaribe e cuja retirada passamos a narrar, de acordo com a publicação de João Brígido, em seu livro "Gênese do Ceará".

"*Retirada de Pero Coelho* – abandonado naquelas plagas inóspitas, sem bote ou jangada, nem meios de construí-la, Pero Coelho resolveu voltar ao Rio Grande com sua família e os poucos que lhe restavam.

Os trabalhos começaram na primeira jornada. Caminhavam pela areia, e quando o sol crescia as crianças sentiam os pés de tal modos doloridos, que fazia compunção ouvir-lhes o choro, acompanhado da lástima dos soldados e da pobre mãe.

No segundo dia, o capitão-mor teve que carregar os dois filhos que não podiam mais andar, e começou a falta d'água. Só no terceiro encontraram uma cacimba, junto a qual descansaram dois dias.

No sexto dia, a marcha se efetuou com grande receio dos índios, porque se divisava uma fumaça, que supunha ser do arraial de alguns canibais. Dentro em pouco, porém, dois inimigos piores, se apresentaram – a fome e a sede, começando a fazer vítimas.

A primeira foi um carpinteiro, e nesse transe os que não podiam mais an-

dar disseram ao capitão-mor que os deixassem ficar, pois que com a morte, se lhes acabariam os trabalhos, como sucedia àquele.

Animados por Pero Coelho prosseguiram; mas logo morreu outro homem, e D. Tomázia o aconselhou a salvar-se deixando-a morrer alí com os filhos

O capitão-mor animava a todos, assegurando que, dentro em pouco, encontrariam água.

Duas cacimbas, porém, que encontraram – chamadas Amargosa e Guamaré, eram tais, que ninguém bebeu. Em compensação, tiveram de passar uns mangues com lodo até a cintura, e aí encontraram caranguejos (urutus), que comiam crus.

Deste ponto saíram para Mossoró, e aí chegando, após muitos dias de caminho, viram passar um barco, no qual não conseguiram ser ouvidos. Pouco depois morreu o filho mais velho do capitão-mor.

Acabaram de perder o ânimo os expedicionários. Os soldados se achavam tão fracos, que o vento os derribava.

Felizmente, D. Tomázia recobrava a coragem, circunstância a que deu a mísera família chegar até o Rio Grande, onde Pero Coelho extenuado, morreu pouco tempo depois".

Outras secas de igual efeito, seguiram-se, como a dos anos de 1614 e 1692. No século XVIII foram numerosas, e a primeira a se registrar nesse século foi a de 1711, seguindo-se a dos anos de 1721-1725, 1736-1737, 1745-1746, 1754, 1777-1778 e 1790-1793.

O século XIX surge, e com ele a esperança para o nordestino de melhores dias. No entanto a mesma sorte o aguardava e logo em 1804 surge a primeira seca deste século, que é sucedida pela dos anos de 1809, 1816 - 1817, 1824 - 1825, 1830, 1844 - 1845, 1877 - 1879, 1888 - 1889, 1898 e 1900.

O temível flagelo, que sempre castigou nossa região, continuou no século XX, porém com menor intensidade. Observe-se o número de secas registradas neste século e veremos como elas se distanciam. Em 1903, vem a primeira e em seguida as de 1907, 1915, 1919, 1932 e 1958. Daí até nossos dias observa-se apenas invernos fracos.

Não menor tem sido o flagelo das cheias, que tem causado ao nordestino prejuízos incalculáveis, além da intranquilidade que vem causando aos moradores da região jaguaribana, mui especialmente àqueles que residem no Baixo Jaguaribe. Do século XIX chega ao nosso conhecimento a de, 1842. Já no nosso século registramos várias, como a dos anos de 1917 1921, 1922, 1924, esta a maior cheia até nossos dias, como muito bem descreve o Dr. José Ramalho de Alarcon e Santiago, no Livro do Tombo de Russas (1904-1947).

"O ano de 1924 começou sem do céu cair uma gota d'água. O povo já sem

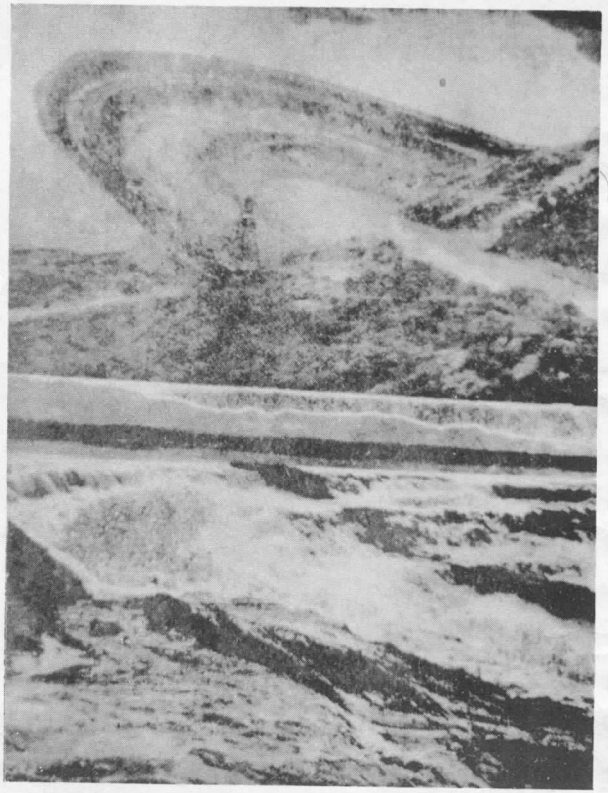
esperança de chuva se preparava para romper uma grande seca idêntica a do mesmo ano, do século passado, como nos diz a história. Mas grande foi a surpresa deste mesmo povo, com o inverno que logo começou, no dia 24 de janeiro, chovendo quase quotidianamente até o dia primeiro de julho O rio Jaguaribe transbordava com impetuosidade submergindo as terras marginais em uma altura e largura como nunca se viu nos maiores invernos até hoje conhecidos. Basta dizer que desde os tabuleiros que ficam ao lado do poente da cidade até o sopé da Serra do Apodi, as canoas navegavam sem interrupção como se fossem em um grande lago com distância de três léguas e mais, de uma extremidade a outra. Pelas ruas da cidade as águas corriam impetuosamente, e o quadro da matriz ficou coberto d'água, e somente pela frente das casas que ficam ao lado do nascente do quadro da matriz não corria água. Algumas casas da ponta da rua da Igreja de São Sebastião, ao lado do Sul, foram invadidas pelas águas, e outras mais não foram, devido a tapagem de tijolos com cimento que nas portas fizeram os seus habitantes.

Incalculáveis foram os prejuizos devido a esta inundação, que permaneceu por muitos dias, não só nas plantações que se perderam todas, mas também nos animais, que morreram afogados, e nas cercas das roças que caíram. As famílias salvaram-se trepadas em girau, dentro de suas casas inundadas, sofrendo fome, e pedindo em gritos socorro, até que aparecesse uma pessoa que as conduzisse para a serra, os tabuleiros ou a cidade".

O Padre Zacarias Ramalho, vigário de Russas na época, e que se achava em Fortaleza em tratamento de saúde, procura o Governador do Estado, o Sr. José Moreira da Rocha e expõe toda a situação reinante no Vale Jaguaribano, sendo providenciado o envio imediato de donativos, alimentos e medicamentos, destinados às vítimas das enchentes.

Momentos não menos dramáticos viveu o jaguaribano em 1960, quando por ocasião do arrombamento parcial do Orós. Movimentos nacionais de solidariedade envolveram toda a região, desde os primeiros momentos em que o Vale cearense foi atingido pela calamidade. As unidades militares do Rio de Janeiro puseram hilicópteros à disposição, com a finalidade de prestar socorro à população desesperada, e muito bem o fizeram, quando com grande presteza acudiram centenas de pessoas que de cima do telhado de suas casas, aos gritos, imploravam que as salvassem. A "Cadeia de Solidariedade" falou bem alto naquele trágico momento. O espetáculo era realmente impressionante. Encontravam-se pelas estradas fugitivos que desordenadamente corriam sem destino, acenando como loucos para os aviões, como que pedindo socorro urgente. Moradores de diversas cidades resistiam ao apelo constante das autoridades de se retirarem de suas casas. O Governador do Estado, Sr. Parsifal Barroso, lançou então a seguinte proclamação. "O Governo do Estado

determina o afastamento imediato de todos os moradores das cidades de Aracati, Itaiçaba, Jaguaruana, Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Castanhão e Icó".



Aspecto do Orós antes e depois do arrombamento

Os helicópteros prestaram inestimáveis serviços a esse povo, que persistia em não abandonar suas casas. Sobre toda a região soltaram panfletos, que falavam da catástrofe considerada certa e iminente. Em alguns deles, lia-se: "Com o rompimento da barragem, todas as pessoas residentes nessas localidades estão com suas vidas em grande perigo, pois serão levadas pelas águas". "Procurem os pontos altos das serras e morros imediatamente". "Abandone logo a sua casa ou você morre".

Esses bilhetinhos foram jogados aos milhares sobre as cidades do Vale do Jaguaribe.

Lia-se na fisionomia de cada habitante da região estas interrogações: "Que devo fazer? " "Para onde vou? " "Devo ficar? ".

A Marinha norte-americana ouviu também o brado de alarme dos cearen-

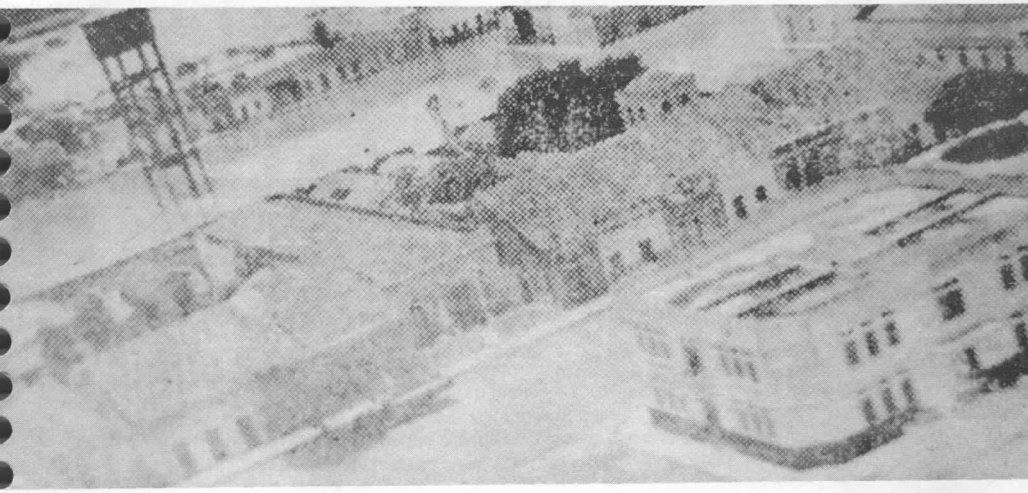
ses, colocando à disposição do Governo brasileiro o navio quebra-gelo "Glacier", provido de dois potentes helicópteros e que levaria para o Nordeste alimentos e roupas destinados às vítimas das inundações.

O Exército, numa gigantesca "Operação Socorro", tentava salvamentos em barcos pneumáticos, que embora não possuindo dimensões capazes de suportar a verdadeira avalanche humana que procurava escapar à morte, operou feitos prodigiosos. As 7ª e 10ª regiões militares encontravam-se operando em todo o Vale do Jaguaribe. O 4º Exército e a FAB, utilizando aviões "B-25" da Base Áerea de Fortaleza, lançavam fardos de mantimentos e remédios para os flagelados que se encontravam concentrados nos núcleos de Poço Comprido, Ilha Grande, Quixeré e vários outros.

Os Diários Associados, na pessoa de seu diretor, Sr. João Calmon prestaram valiosa colaboração, promovendo um movimento nacional de solidariedade às vítimas da catástrofe de Orós.

Calculou-se em mais de dez mil as pessoas completamente ilhadas e sem grandes possibilidades de fuga, diante da aproximação rápida das águas enfurecidas do Rio Jaguaribe. Apesar da maravilhosa presteza do Exército, não foi possível retirar todos os flagelados, que se detinham nos pontos estratégicos de Poço Comprido, abrangendo mais de 1.500 pessoas, São João do Jaguaribe com aproximadamente 5.000, Ilha Grande mais de 1.000 e Quixeré que contava com mais de 2.000 pessoas.

Vista aérea de Russas por ocasião da cheia de Orós



As águas do grande reservatório continuavam a subir vertiginosamente. As perspectivas de perigo iminente continuavam. A qualquer minuto a barragem poderia ser carregada, ocasionando a destruição de milhares de casas, em mais de 20 cidades e vilas do grande Vale Jaguaribano. Momentos de grande angústia foram vividos por milhares de pessoas, que de perto ou longe da tragédia através do trabalho valioso dos "Diários Associados" assistiam a destruição lenta e progressiva da maravilha de Orós.

Ás 10 horas do dia 26 de março um terrível estrondo foi ouvido a grande distância. Um lençol d'água de larga proporção desce a barragem do enorme gigante aumentando assustadoramente o volume do Jaguaribe. 130 milhões de metros cúbicos d'água invadiram impiedosamente o Vale, destruindo casas, objetos valiosos e um sem número de vidas.

As estações de rádio do DNOCS avisavam que o grosso das águas atingiria as cidades do Baixo Jaguaribe dentro de duas horas. Na manhã do dia 27, a tromba d'água avassaladora chegava a Icó, Limoeiro e Russas.

Autoridades civis, militares e religiosas realizaram um último e desesperado esforço para evitar a perda de vidas, conduzindo famílias e mais famílias a lugares mais seguros. E as notícias vindas do Orós eram as mais desalentadoras possíveis, pois a essa altura chovia copiosamente nas cabeceiras do Jaguaribe, que despejava enorme volume d'água sobre o açude avariado. O espetáculo emocionante do Orós foi vivido e assistido bem de perto pelo presidente Juscelino Kubitschek, que expressando sua emoção diante do drama que vivia o povo cearense, enviou o seguinte despacho ao ministro Armando Falcão: "Peço transmitir ao povo do Ceará a seguinte mensagem: Venho acompanhando com profunda emoção, passo a passo, a luta para salvar esse açude de Orós, que é a grande esperança de redenção dessa nobre terra, provada por tantos sacrifícios e experimentada por tantas lutas. Estou vivendo em perfeita comunhão com as famílias ora arrancadas à terra a que estão ligadas por um amor heróico e obstinado, diante da ameaça terrível que pesa sobre seus lares.

Entre os trabalhos a que o meu Governo se dedicou com tanto empenho, nenhum tem para mim maior significação do que esse, redentor, ora ameaçado pelas inundações. Pelos dois ministros que aí estão, nenhuma só providência foi negligenciada para tentar impedir a catástrofe. Pessoalmente, dando prioridade máxima ao assunto, venho assumindo a coordenação de todos os elementos ao nosso alcance, para ajudar a salvar a grande obra e dar assistência aos heróicos cearenses, que estão enfrentando tão dura provação. Estou recebendo notícias do trabalho constante e dedicação total dos elementos militares e incansáveis homens do DNOCS,

todos irmanados na resistência e solidariedade com as populações dessa zona mártir da terra cearense. Espero de Deus ajuda nessa situação, em que os homens se empenham contra os elementos desencadeados e que as águas sejam contidas nos seus limites. Mas, se esse milagre não se verificar, só posso dizer que o açude de Orós será imediatamente reparado ou reconstruido sem detenção de um só minuto".

Juscelino visitou Orós e todo o Vale, permitindo-lhe assim, uma visão ampla das enchentes jaguaribanas e seus efeitos em toda a região. A desolação cobria ainda todo o Vale do Jaguaribe. De qualquer forma porém, tudo seria multiplicado ao extremo se a barragem do Orós não tivesse resistido tanto, e em vez de 250 milhões, 740 milhões de metros cúbicos d'água sepultassem para sempre o nosso tão querido Vale.

Passada a fase aguda da catástrofe, JK cumpre o que prometera, telegrafando ao Diretor-Geral do DNOCS, Sr. José Cândido Pessoa, pedindo que informasse urgente os elementos indispensáveis para que ele pudesse até novembro, recuperar e inaugurar a barragem do Orós.

O engenheiro Cândido Pessoa exigiu 24 horas, tempo suficiente para um exame minucioso da barragem, e cálculos necessários.

O plano, pedido pelo presidente foi entregue pessoalmente, pelo próprio engenheiro Cândido Pessoa, na cidade cearense de Lima Campos, onde declarou que o preço da reconstrução do açude seria de 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros, e disse também da impossibilidade de entrega até o dia 15 de novembro, como desejava o chefe da Nação. Era necessário uma sondagem na parte que resistiu ao impacto das águas, o que só poderia ser feito após a cessação das chuvas.

E logo que foi possível esse estudo, iniciou-se a reconstrução da barragem, tendo à frente dos trabalhos o grande engenheiro Anastácio Maia. E para tal, foi recomendado pelo presidente JK o maior número de máquinas e trabalhadores possíveis e com horário ininterrupto, com a finalidade de ser esta monumental obra inaugurada ainda em seu governo. E no dia aprazado era inaugurada pelo dinâmico presidente JK, a gigantesca barragem. Estava assim concluído o secular sonho do homem de nossa região.

É indiscutível a heróica resistência do homem jaguaribano. Decorridos 14 anos do terrível castigo do Orós, enquanto os habitantes da região trabalhavam incessantemente na reconstrução dos danos causados pela negra imagem de 60, surge em 1974 uma outra, senão tão catastrófica quanto a de Orós, mas tão duradoura quanto a de 1924. Registrou-se neste ano (1974), um dos maiores índices pluviométricos do Estado do Ceará. Chuvas violentas, com trombas d'água impiedosamente rolando por sobre o solo, provocando danos os mais diversos. Agravava-se cada dia

mais a situação no interior do Estado. O Governador, César Cals deslocou seis de seus secretários para as regiões inundadas, com o objetivo de encaminhar providências visando amparar as populações atingidas. O ministro da justiça, Sr. Armando Falcão foi portador de relatório do Governo cearense à administração federal, no qual sugeria novas providências, entre as quais a reconstrução das casas destruidas, o replantio de sementes, a reconstrução de açudes levados pela fúria das águas e das estradas destruídas. Durante vinte e quatro horas quase ininterruptas choveu em todo o interior cearense, colocando sob estado de calamidade pública, vários municípios de diferentes regiões do Estado. O GESCAP, (Grupo Especial de Combate às Calamidades Públicas), prestou inestimável ajuda aos flagelados, assegurando toda espécie de assistência às populações necessitadas. Comandava o GESCAP, a primeira dama do Estado, Sra. Marieta Cals, que num rasgo de desprendimento empregou meios os mais diversos, na intenção de minorar o flagelo reinante em todo interior do Ceará. O Grupo Edson Queiroz prestou também valiosíssima ajuda ao povo aracatiense, quando enviou para esta localidade uma estação de tratamento d'água pois a população estava consumindo água contaminada, aumentando as possibilidades de um surto epidêmico. A Capitania dos Portos e o DNOCS, irmanados na mesma campanha, cederam ao GESCAP dois barcos a motor para prestar serviços em Jaguaruana, e mais três para Russas e Morada Nova. Por ordem do coronel José Aragão Cavalcanti, secretário de segurança do Estado, foram colocados também a disposição do GESCAP os batalhões da Polícia Militar sediados no interior. Dona Marieta Cals visitou as cidades de Itaiçaba, Aracati e Russas fazendo entrega de roupas e donativos às populações vitimadas. Numerosos caminhões contribuiram com o transporte de agasalhos, mantimentos e ajuda de modo geral. Era dramática a situação de centenas de pessoas, na maioria crianças e mulheres, abrigadas em prédios públicos, casas particulares e até nas igrejas. Como exemplo citaremos Aracati, onde uma Igreja se transformou em abrigo para mais de 100 pessoas, e num pequeno Grupo Escolar em Itaiçaba, mais de 500 flagelados foram acomodados. Era realmente aflitiva a situação em que se encontrava as populações de diversas cidades. Dona Marieta Cals contou em sua promoção, com o apoio de todas as emissoras de rádio e televisão do Estado, além dos jornais que circulavam na capital e interior. Organizou uma comissão em Russas, com o objetivo especial de fazer chegar à Central de Remédios de Limoeiro, diversos tipos de medicamentos, prestando assim integral socorro às populações seriamente expostas a vários tipos de doenças. Por sua capacidade, por sua extrema dedicação, o povo cearense não deve calar sua gratidão àquela que, olvidando todos os obstáculos, dedicou-se inteiramente aos trabalhos de socorro às vítimas das enchentes. A Sra. Marieta Cals soube identificar-se solidária e humanamente com o cearense sofredor, já tão castigado e oprimido pelos revezes da

sorte. Não menos profícua foi a atuação do Governador César Cals, que mobilizou todos os órgãos do Estado, com vistas a dar total apoio às vítimas das enchentes. O GESCAP mantinha comissões permanentes em todas as áreas afetadas, acompanhando e orientando o desenrolar do trabalho desenvolvido pelas equipes de socorro.

O próprio Governador César Cals esteve com seu governo instalado em Russas, ao lado também de vários comandantes de unidades militares sediadas no Nordeste, acionando uma das mais eficientes equipes de salvamento, de que se tem notícia, que através de helicópteros e lanchas a motor salvaram milhares de vidas em nossa região.

O ministro Maurício Reis, em nome do Presidente Geisel, que vem desde o primeiro instante, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos, reforçou imediatamente a ordem de remessa de novas partidas de alimentos e medicamentos. Prometeu enviar cem barracas para abrigar a população de Itaiçaba que se encontrava submersa pelas águas. O presidente Ernesto Geisel conferenciou com o Governo cearense, debatendo entre outros problemas a crítica situação do Estado, decorrente do rigoroso inverno, seus reflexos econômicos e o programa especial de apoio às inumeráveis vítimas.

O número de desabrigados em todo o Estado é superior a 40 mil. Não pára aí, o sofrimento dos cearenses. As águas começam a baixar, já se evidenciando o perigo de surtos epidêmicos.

EXPULSÃO DOS NATIVOS

A desordem reinava na região. Coincidia com a chamada "Guerra dos Bárbaros" (1687) nas ribeiras do Apodi, e agitavam-se as tribos da ribeira do Jaguaribe com a chegada dos primeiros brancos a esta região.

Habitavam o Vale numerosas tribos como a dos Potiguaras, Paiacus, Jandoins, Canindés, Jenipapos, Jucás, Candadus, Carius, Calabocas, Cariris, Icós e outras. No Baixo Jaguaribe, habitavam principalmente, os Jandoins, Jenipapos e Canindés, e particularmente em nosso município, a tribo dos Paiacus.

Esses nativos, vítimas de maus tratos e até de inqualificáveis cruezas, odiavam o conquistador e procuravam resistí-lo ao máximo. A história dessa resistência e das guerras para domar as numerosas tribos que habitavam a região, é uma história de dores, sangue e atrocidades inconcebíveis. Pouco valeu a reação dos religiosos que procuravam a todo custo preservar o nativo.

As tribos confederadas constituiam uma barreira aos colonizadores, pois sempre guardavam ódio e terror aos portugueses. E os naturais eram sem dúvida, traiçoeiros e vingativos.

Os Paiacus constituiam o grande problema da colonização jaguaribana. Tão grande era a sua revolta que, além da agressão aos brancos faziam-na também aos índios já civilizados.

Antes da ocupação definitiva do colono, se alguém procurava internar-se na região, era ora avançando, ora recuando, em renhida luta contra os naturais, arriscando a própria vida. Já principiada a fixação definitiva do colono no Vale Jaguaribano, revoltam-se ferozmente os Paiacus, matando colonos, saqueando e destruindo seus rebanhos. Para solucionar tão grave problema são enviadas à região, várias

expedições de caráter oficial, a partir da incursão feita pelo paulista Mathias Cardoso de Almeida, por ordem do governador de São Paulo, que havia recebido dos governadores da Bahia, Matias da Cunha, e de seu sucessor Francisco Manuel da Resurreição, pedido de socorros às regiões que se achavam em pé de guerra e sem condições de repelir os naturais. E assim em 1689, partia de São Paulo, com um regular destacamento, o Mestre de Campo Mathias Cardoso, que chegou até o Rio São Francisco, onde aguardou o restante da tropa que estava sendo preparada pelo capitão-mor do seu regimento, João Amaro Maciel Parente. Incorporadas, as duas forças marcharam para o Rio Jaguaribe, onde se fixaram no sítio Arraial, hoje Aracati, e logo deram início a guerra no Rio Grande, pois era aí onde reinava maior desordem. Esta guerra durou aproximadamente 7 anos. E, como resultado, houve uma limpeza parcial da região, pois os índios que não eram mortos, eram aprisionados ou se submetiam à paz. Terminada a guerra no Rio Grande, volta ao Jaguaribe o Mestre de Campo e suas tropas, onde iniciam o combate aos Tapuias, que infestavam toda aquela região. Estes combates duraram de 1691 a 1694, quando os gentios, temendo as armas do inimigo, pedem paz, a qual foi concedida. Por esta época, o Mestre de Campo se retira para sua casa, no São Francisco, por lhe faltar munições e quando a epidemia e as guerras já haviam levado numerosos de seus homens. O Mestre deixa a região já cansado, ferido, com apenas 180 homens e depois de haver perdido seu filho, que tinha a patente de comandante imediato. Como a região permanecesse inabitada, os gentios voltam a atacar os poucos núcleos que ainda restavam. E para fazer face a esses novos ataques, ordena o capitão-mor Thomaz Cabral de Olíval que o povo se armasse e marchasse contra o inimigo revoltado. Mas, como da vez anterior, os resultados foram infrutíferos, dado o abandono em que vivia a região. Como os nativos zombassem das autoridades, continuando ousados e insolentes, era enviado agora para combater o gentio o capitão de infantaria Francisco Dias de Carvalho, homem que além da fama de valoroso soldado, era também grande conhecedor da região e das manhas dos nativos. A incursão de Francisco Dias de Carvalho fora autorizada por Fernão Carrilho, um dos mais bravos combatentes de nossa capitania. De todas as expedições, foi esta a mais eficaz tendo conseguido acalmar parcialmente os ânimos dos aborígenes, diminuindo assim, o clima de intranquilidade reinante na região. Mas, passa-se o tempo, e novamente o gentio recomeça seus ataques, quando em 1696 é expedida pelo Governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, a ordem de construção de um forte na Ribeira do Jaguaribe.

Mesmo assim, os ataques, apesar de esporádicos, ainda inquietavam os moradores da região, quando em 1727, o capitão-mor Manuel Francês autoriza ao coronel João de Barros Braga a dar total combate aos Jenipapos, que ainda permaneciam na região, e a todas as tribos que fossem encontrando rio acima. E Barros Braga, su-

bindo a Ribeira do Jaguaribe, chega até os limites com o Piauí, expulsando todas as tribos até ali encontradas. As demais, já pacificadas, estavam sob o controle do Padre João da Costa, como a dos Paiacus aldeiadas no Areré, à margem do Rio Bonhu, hoje Palhano. Este recebeu o valioso apoio do coronel João de Barros Bra no aldeiamento desta tribo.

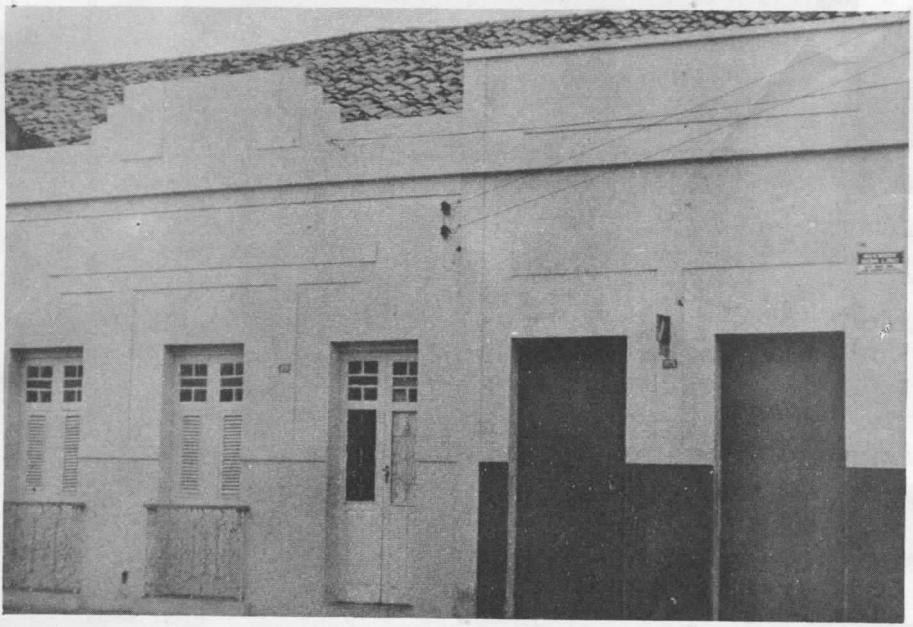
O restante dos Jenipapos e Canindés foram reunidos numa só aldeia na Barra do Sitiá, e depois terminaram fixando-se no pé da Serra do Baturité.

Com o valioso trabalho das expedições de Matias Cardoso, Thomaz Cabral de Olíval e Francisco Dias de Carvalho, capitão de Infantaria, Pedro Lelou, além da construção do Forte de São Francisco Xavier, da participação da Força de Cavalaria e Ordenança, da bravura de João de Barros Braga e da compra e venda das terras concedidas por sesmarias, teve início a ocupação definitiva e o povoamento do nosso Vale.

FORTE REAL DE SÃO FRANCISCO XAVIER DA RIBEIRA DO JAGUARIBE

De acordo com a ordem expedida pelo Governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, no dia 25 de março de 1696, parte da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (hoje Fortaleza), o capitão Pedro Lelou, com um contingente de 50 soldados, somando-se mais 20 que ele havia mandado antes para o Jaguaribe, e aí deram início a construção do forte, graças aos recursos e ajuda dos moradores da Ribeira do Jaguaribe, e muito especialmente do coronel João de Barros Braga. E no mês de setembro do mesmo ano, estava o forte construido e guarnecido por 50 homens, além de seu primeiro comandante o Capitão João da Motta, que fora nomeado pelo capitão general de Pernambuco, através de carta régia datada de 9 de setembro de 1696. A este reduto foi dado o nome de "Forte Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe" (fora construido provavelmente no local onde hoje está a casa do Sr. João Vital Ferreira Lima, a Av. Dom Lino, nº 1026/30). Como armamento, o forte possuía além de grande quantidade de pólvora, vários arcabuzes (arma de fogo, espécie de bacamarte, medindo aproximadamente um metro de comprimento e carregada à semelhança da nossa atual espingarda, ou seja pólvora, bucha, chumbo grosso, e espoleta. Seu disparo é idêntico ao da espingarda, porém com maior intensidade), e duas armas de pedra (canhão pedreiro, arma de grande porte, que recebia em sua base certa quantidade de pólvora, e pela boca recebia 12 à 15 pedras de tamanho regular e peso aproximado de 1 quilo cada uma, e ateado fogo à pólvora em sua base, este produzia uma descarga que atingia até quinhentos metros de distância e tinha como finalidade dispersar os índios).

João da Motta, homem bastante identificado com a situação do gentio, lo-



Prédios pertencentes ao sr. João Vital Ferreira Lima, edificados no local onde existiu o "Forte Real de São Francisco Xavier"

go trouxe paz à região, e em consequência desta paz o contingente do Forte de 50 homens, baixa para 20, muito embora em 1697, sua guarnição tenha sido outra vez aumentada com mais 30 soldados. Apesar de seu sucesso, em 1699, João da Motta foi substituido no comando deste presídio, por Belchior Pinto. Mais tarde, em 1700, o Fortim foi reconstruido por ordem do tenente-coronel João de Barros Braga. Em 1701, Belchior Pinto foi substituido no comando por Plácido de Azevedo Falcão, que permaneceu neste cargo até 1703. Este Forte foi duas vezes tomado pelos índios rebelados, e em 1705, incendiado. Reconstruído, teve porém curta duração, quando em 20 de dezembro de 1705, o Governador de Pernambuco, Francisco de Castro Morais, propôs à Metrópole, a sua extinção, considerando o estado de paz existente na região. Assim o Forte perdia sua finalidade que era a de defender os moradores e pacificar os índios.

Em 1706, comandava o Fortim o cabo Manuel Dias Pinheiro, e por Carta Régia de 12 de março de 1707, foi o governador de Pernambuco autorizado a mandar abandonar o Reduto e determinado que o cabo Manuel Dias Pinheiro fosse transferido para o Forte de Pau Amarelo, que estava sendo construido no litoral de Paulista, em Pernambuco, Forte que ainda hoje existe em estado regular. Nesse lo-

cal, desembarcaram os holandeses, quando de sua segunda invasão ao Brasil, no ano de 1630.

O Forte do Jaguaribe chamou-se também "Presídio do Jaguaribe", "Presídio de São Francisco Xavier" e mais tarde "Sítio da Igreja". Como no ano de 1707 a região já estivesse plenamente controlada com a expulsão dos índios e efetivada a ordem de transferência de seu último comandante, cabo Manuel Dias Pinheiro, o Forte fora demolido, e construído em seu local um prédio de tijolos, alto e coberto de telha, com aparência de uma Igreja, onde eram celebrados atos religiosos. Na parte posterior morava o pároco. Este prédio, chamado por parte dos moradores da redondeza, de Igreja, e por outros de Casa de Nossa Senhora do Rosário, perdeu sua finalidade, quando, em 1707, o Desembargador Cristovão Soares Reimão dá início à construção da primeira capela de Russas.

O referido prédio foi vendido pelo coronel Francisco das Chagas de Araújo, em 1854, pela quantia de 400$000 réis a Antônio da Silva Leal, cognominado Antônio Marceneiro ou Antônio Carpina. Esta importância foi paga metade em dinheiro, que foi logo revertida em benefício da nova capela, e o restante pago em dias de serviços prestados pelo Sr. Antônio Carpina e um seu escravo, também marceneiro, na referida capela. Anos depois foi vendido ao sr. Felipe José de Santiago Lima pelos herdeiros do sr. Antônio da Silva Leal, de quem era vizinho em Carpina e posteriormente, em 1933, o sr. Felipe vendia ao sr. João Vital Ferreira Lima.

Além do "Forte Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe", havia também no litoral da região várias outras fortificações, a exemplo do Fortim de São Lourenço, na foz do rio Jaguaribe, que teve a duração de 37 anos; "Fortim do Aracati", também na foz do Jaguaribe; "Reduto da Canoa Quebrada"; "Reduto da Barra do Aracati"; "Bateria do Retiro Grande", e mais várias "Casas Fortes" que foram instaladas na Ribeira do Jaguaribe com a finalidade de proteger a região e evitar novos ataques indígenas.

ORIGEM DE RUSSAS

Em capítulo anterior, falamos a respeito do Vale Jaguaribano que, após descoberto, seu povoamento era agora questão de tempo. E realmente, após tão curto prazo, começam a surgir em suas terras as sementes das quais em futuro não muito distante, nasceriam as florescentes cidades de nosso Vale.

Um centro ocasional de reunião pode mais tarde transformar-se numa cidade, como aconteceu no início da Idade Média, quando mercadores, à sombra de uma árvore, à margem de uma estrada, trocavam suas mercadorias vindas da Ásia e da região de Flandres (leste da Europa). Marcavam um novo encontro, no mesmo lugar, normalmente um ano depois, tempo suficiente para voltar às fontes de produção e regressar ao local, para novo intercâmbio comercial. Como o negócio era rendoso estes já traziam em sua companhia outros amigos com a mesma finalidade, e assim esses encontros passaram a chamar-se de feiras, que inicialmente com a duração de um ou dois dias, passaram para uma semana ou até mais. Aumentava a cada encontro o número de mercadores. Destas, a mais famosa na época foi a feira de Champanha, que deu origem a Marselha, brilhante cidade francesa, que se mantém em destaque até nossos dias.

É aí que as necessidades militares se fazem presentes. Surge então os meios de defesa, ou sejam, os fortes, para que o povo dispusesse de uma salvaguarda momentânea contra o inimigo, pois a cobiça e a guerra são tão antigas como a humanidade, e a arte da construção de fortalezas, quase tão antiga, quanto a guerra.

E não demoram também a chegar religiosos que fundam conventos, capelas, escolas e como consequência de tudo isso, nasce uma florescente vila.

Os primeiros habitantes civilizados de nossa região foram os 15 co-heréus,

que em 1681 requereram às primeiras sesmarias de nosso Vale. O pedido compreendia uma légua de comprimento por uma de cada lado do Rio Jaguaribe, isto é, duas léguas em quadrado tocaria a cada um dos solicitantes, que eram: Manuel de Abreu Soares, Tenente Theodósio Gracismã, Capitão Cipriano Lopes Pimentel, Tomé Leitão Navarro, Sargento-mor Manuel de Abreu Frielas, Manuel da Cunha, Capitão Gregório Gracismã de Abreu, Lourenço Dornelas, Carlos Barbosa Pimentel, Gerardo do Rego Borges, João do Rego Borges, Matias Camelo, Capitão Francisco Borges Valadares, Lourenço Alves de Matos e Manuel da Costa Rego. Todos naturais do Rio Grande.

A exemplo da divisão do Brasil em capitanias, onde alguns de seus donatários não deram de imediato muita importância em colonizá-las, também os Co-heréus fizeram o mesmo. Sendo eles homens de destacada posição social, não queriam arriscar suas vidas e de suas famílias, indo para uma região infestada de índios. Enviam no entanto seus vaqueiros com algumas rezes, com a finalidade de construir fazendas e vigiar as terras. O vaqueiro vai, no entanto, deparar-se com o nativo. Aquele, senão tão rude quanto o aborígine, mas pelo menos de caráter idêntico, ou seja agressivo, brutal tanto quanto o índio. Inevitavelmente surgiriam as guerras. A intenção da coroa era amparar o colono e catequizar o índio. No entanto a intenção do vaqueiro era exterminar o indígena, considerando-o principal obstáculo ao desenvolvimento das fazendas, enquanto o índio via no homem branco, a figura de um usurpador de seus bens, surgindo daí as constantes guerras.

De início, era o florescimento dos tradicionais "Currais" que com a expulsão definitiva do gentio, as famílias dos proprietários de terras, começam a chegar às suas fazendas e aí tem início o desenvolvimento da região. Mas, o número de famílias aí era tão reduzido, que em 1707, não havia ainda 50 casais em toda a capitania (Antônio Bezerra).

Dos Currais mais conhecidos, podemos citar: O do Córrego das Canavieiras, do Tenente Coronel Francisco Barbosa Colaço, que em 4 de novembro desse ano (1707) foi vendido ao comissário Theodósio de Gracismã; o do Aracati, dos herdeiros do capitão-mor Manuel de Abreu Soares, vendido ao mesmo comissário Gracismã, em 6 de dezembro de 1701; o da Picada ou Cabreira, de Manuel Lopes Cabreira; o do Araré, do capitão Cypriano Lopes Pimentel; o do Figueiredo, do coronel Gregório de Figueiredo Barbalho, próximo ao riacho Araibu; os do Curral Grande e Campo Grande, de Manuel de Góes; o do Poço da Onça, de Manuel Rodrigues Ariosa; o do Araújo, hoje São João de Deus; o da Lagoa do Velho, do capitão João da Fonseca Ferreira; os do Juazeiro e Tapagem, do capitão-mor Manuel Carneiro da Cunha; o de São João, do sargento-mor João de Souza de Vasconcelos, o da Utuva, onde hoje está Alto Santo, do coronel Gregório de Figueiredo Barbalho;

o de Quixoá-assu hoje Iracema do comissário Pedro de Sousa. E seguem outros rio acima.

O povoamento da Ribeira do Jaguaribe começou a firmar-se de 1696 em diante. Inicialmente, obtida a sesmaria, o sesmeiro para lá se dirigia, levando algumas cabeças de gado, mais tarde entregava ao vaqueiro, que muitas vezes era um índio domesticado, que facilmente se habituava a lidar com o gado. A pecuária multiplicava-se espantosamente pois o clima e solo da região facilitavam o trabalho do colonizador.

A primeira família que aí se fixou teria sido a dos Gracismões, de origem holandesa, tendo como antecedente Joris ou Jorge Garstman, holandês que desempenhou destacado papel, quando da ocupação flamenga aqui no Brasil. Estes se fixaram certamente no arraial onde hoje fica o lugar chamado Gracismões, próximo ao Rio Quixeré. Gracismã era homem simpático, muito afeiçoou-se aos naturais, tornando-se rapidamente Senhor de Engenho. A prova mais evidente de que Gracismã haja sido realmente o primeiro habitante da Ribeira do Jaguaribe, é quando ele, em 24 de outubro de 1707, requer ao Desembargador Cristovão Soares Reimão datas de sesmarias nas proximidades do Rio Quixeré, alegando que já morava nesta região desde o ano de 1683, povoando a Ribeira do Jaguaribe, sendo o primeiro descobridor e povoador da dita Ribeira.

Até então, (1702), as datas de sesmarias não eram demarcadas. Em 3 de março de 1702 é expedido um Edital onde o Governador de Pernambuco, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, obedecendo à Ordem Régia, alertava aos sesmeiros que possuissem datas nesta Ribeira, de sua jurisdição, que apresentassem dentro de seis meses, documento que provasse, serem realmente donatários das referidas terras, pois no prazo de dois anos, seriam estas demarcadas judicialmente, por um ministro nomeado para tal fim. Em 26 de setembro de 1707, começa a medição das terras pelo Desembargador Cristovão Soares Reimão. Vale salientar que antes deste Edital, as datas de sesmarias eram concedidas, mas não em caráter oficial. Quando da entrega desta terra, o sesmeiro recebia uma carta, espécie de documento, que lhe dava direito a explorar as terras que estivessem em seu poder. Com a medição, (1707) o sesmeiro recebia um documento de caráter oficial e definitivo.

Outra família que se localizou nesta região, na mesma época, foi a do capitão João da Fonseca Ferreira quando em 21 de fevereiro de 1708, requer a sesmaria da Lagoa do Velho, alegando que há mais de 25 anos era morador destas terras, sendo portanto vizinho do comissário Theodósio de Gracismã. João da Fonseca Ferreira, além de ter sido um dos primeiros povoadores de nossas terras, foi também, ou talvez o primeiro povoador da Ribeira do Icó.

Outro grande povoador de nossa Ribeira foi o Tenente João de Sousa Vas-

concelos, que instalou seu sítio em São João das Várzeas, ao qual tudo indica tenha dado seu nome, povoado e construido Igreja, segundo o Padre Gonçalo Ferreira de Melo, sacerdote do habito de São Pedro da freguesia de Nossa Senhora do Rosário das Russas, o qual em 1733, confirma o nascimento e batismo do licenciado Manuel Pessoa da Silva, na capela de São João, desta mesma freguesia, no ano de 1712, sacramento ministrado pelo Padre Antônio de Araujo, na época pároco de São Bernardo das Russas, provando assim que neste ano já havia a referida capela naquela povoação. Isso apesar da contestação de Esperidião de Queiroz Lima que afirma ter sido esta capela construída pelo português João Batista Pereira de Castro, no princípio do século XVIII, com a invocação de São João Batista, no local onde estavam sepultados o casal Antônio Duarte de Queiroz e sua esposa Isabel, primitivos donos da Fazenda "Boa Vista", posteriormente São João do Jaguaribe.

O povoamento prosseguiu de tal maneira que em 1725 as margens do Jaguaribe estavam conhecidas e bastante habitadas, da barra às cabeceiras, aos altos sertões dos Inhamuns, o mesmo acontecendo com seus principais afluentes. As propriedades iam progredindo dia a dia, e os núcleos populacionais se agrupavam com uma rapidez impressionante.

As reservas de fertilidades acumuladas naquelas magníficas terras do Vale Jaguaribano, e a esperança de produção que o solo prometia aquela gente constituiam estímulos à intensificação do povoamento.

Em 1766 aparece a Ordem Régia expedida por El Rei de Portugal ao governador das Capitanias de Pernambuco e Paraíba, ordenando que sejam procurados todos os homens considerados desocupados ou vagabundos ou aqueles que vivam em sítios ambulantes, e lhe sejam fornecidas terras nas proximidades das vilas onde haja mais de 50 fogos (residências), para que estes possam se agregar à sociedade civil, tudo de acordo com as leis vigentes. Daí por diante, era considerado inimigo comum, salteador, e como tal, punido severamente, todo aquele que fosse encontrado em áreas suspeitas.

Excetuavam-se no entanto, os romeiros, que viviam com seus escravos e criados instalados às margens das estradas, explorando a agricultura.

Também os rancheiros, que, instalados nas proximidades das vias públicas, forneciam hospedagem aos viajantes e comerciantes que por ali passavam, dando assim grande incentivo ao comércio e às comunicações da região.

Em terceiro lugar as Bandeiras ou Tropas que penetravam os sertões à procura de novos recursos, e em consequência, ampliam a área de desbravamento.

Autorizava também El Rei, fosse dada toda cobertura possível aos roceiros, rancheiros, bandeiras e tropas assim como autoridade a estes para prender e reme-

ter às Cadeias Públicas das Vilas mais próximas, todo aquele que fosse encontrado disperso ou em sítios ambulantes, matas e margens de estradas.

Pelo que observamos, a ordem de El Rei nada era que um incentivo ao povoamento da região.

Outro veículo de grande poder no povoamento do nosso vale, foram as construções de capelas, que atraíam para suas imediações as mais importantes famílias da época. Tão importantes eram estas construções que já em 1707, quando o Desembargador Cristovão Soares Reimão dividia as terras do Jaguaribe em caráter judicial, autorizou aos trabalhadores das frentes de demarcações, reservassem meia légua nas terras de Gregório Gracismã de Abreu, para o patrimônio de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Russas desde aquela época, até nossos dias.

Por iniciativa do Desembargador Cristovão Soares Reimão, foram iniciados em 1707, os trabalhos de construção da primitiva Capela de Nossa Senhora do Rosário de Russas, tendo para tal, o Desembargador lançado uma finta (Derrama Paroquial) de dois bois em 200 Currais e cobrado um imposto de 10 tostões destes proprietários. Para auxiliar na construção, Soares Reimão autoriza que venha de Fortaleza 30 índios domesticados além da valiosa colaboração dos moradores daquela redondeza. Graças ao grande dinamismo daqueles que integravam o empreendimento esta construção foi concluída ainda no ano de 1707. Localizava-se esta Capela no ângulo Sul da Praça Monsenhor João Luiz, nas proximidades da residência do Senhor Vicente Veloso.

A meia légua de terra reservada ao Patrimônio de Nossa Senhora do Rosário de Russas, quando da medição judicial das terras do Jaguaribe, pelo Desembargador Cristovão Soares Reimão, foi reclamada e obtida no ano de 1858, pelo Revdo. Pe. Joaquim Domingues Carneiro, como veremos na transcrição do documento original que se segue.

Patrimônio feito à N. S. do Rosário da Vila de S. Bernardo das Russas

(Da Collecção G. Studart)

"Transcripção de uma petição e da escriptura publica de ratificação em que instituem Patrimônio de N. S. do Rosario desta cidade o licenciado Mathias Ferreira da Costa e sua mulher Paula Barbosa Grascismão, como abaixo se declara: Illustrissimo Senhor Juiz Maunicipal - Dis o reverendo Joaquim Domingues Carneiro Vigario da Matriz da Villa de São Bernardo das Russas desta provincia que a bem de seu direito precisa que o Tabelião de notas da Villa do Aquiraz, revendo o livro de notas lhe passe por certidão o theor da escriptura de ratificação e nova data que fizerão o licenciado Mathias Ferreira da Costa e sua mulher Paula Barbosa Grascismão de meia legoa de terra a Nossa Senhora do Rosario, onde se acha fundada a

Igreja Matriz d'aquella Villa, portanto P. A.V. Sª Illustrissimo Senhor Juiz Municipal substituto se digne mandar passar a certidão pedida. E. R. Mercê - P. Aquiraz dezesseis de Outubro de mil oitocentos e cincoenta e oito. Brasil.

Manoel da Silva Menezes, Escrivão etc.

Certifico que revendo os livros de notas de meu cartório em um delles a folhas cento e sete usque verso, e cento e oito, consta a escriptura que pede o suplicante da qual o theor é o seguinte: Escriptura de ratificação e nova data que faz o licenciado Mathias Ferreira da Costa e sua mulher Paula Barbosa Grascismão de meia legua de terra a Nossa Senhora do Rosario aonde se acha fundada a Igreja Matriz de Russas. Saibão quantos este publico instrumento de escriptura de ratificação e nova Data de meia legoa de terra ou como em direito para sua validade melhor nome e lugar aja e dizer se possa virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos quarenta e cinco aos dous dias do mez de Setembro, do dito anno neste lugar do Aracaty, Ribeira do Jaguaribe, termo da Villa de Sam José de Arriba mar de Aquiraz, Capitania do Ceará grande, em casas de morada do licenciado Mathias Ferreira da Costa, aonde eu Tabellião ao diante nomiado fui vindo, e sendo ahi apparecerão partes presentes e contraentes: a saber de uma como ratificante o licenciado Mathias Ferreira da Costa e sua mulher Paula Barbosa Grascismão e de outra, como acceitante, o Procurador de Nossa Senhora do Rosario das Russas, o Capitão André Nogueira Ribeiro; e pelo dito licenciado Mathias Ferreira da Costa e sua mulher Paula Barbosa Grascismão foi dito em presença das testemunhas ao diante nomiadas e assignadas que entre os mais bens de raiz que de seo tinha e possuia o defunto seo tio Gregorio de Grascismão, e por sua morte elles ditos, era meia legua de terras em as Vargens do Jaguaribe em um lugar das Russas aonde se acha fundada a Igreja Matris de Nossa Senhora do Rosário, cuja meia legoa de terras andando o Dr. Christovão Soares Reimão medindo e demarcando terras pela Ribeira de Jaguaribe deu despoticamente a dita meia legoa de terra a Nossa Senhora do Rosario, sem que para o fazer apresentasse ordem de Sua Magestade que Deos Guarde e nem tão pouco enterasse a elles ditos em outro logar a dita meia legoa de terra que havia consignado a dita Senhora, como quer que o dito Doutor Christovão Soares Romão não apresentasse Ordens de Sua Magestade que Deos Guarde para assim o poder fazer e nem tão pouco os interasse em outro logar da dita meia legoa de terra a elles ditos pertencia e pertence a dita terra, como verdadeiros senhores que erão e são d'elles, às quais são de hoje para sempre de esmola a dita N. Senhora do Rosario da freguezia das Russas com a condição porem que elles e parentes d'elles ditos não serão admittidos e nem elegidos para entrarem na irmandade da dita Senhora nem para acto algum que a ella pertença cuja exemissão faz pela esmola que a dita Senhora dão como tãobem sendo caso que a casa da mulher do defun-

to Manoel Ferreira de Mendonça se ache acituada em terras que pertençáo a dita Senhora, as rendas dellas lhe pertencerão a elles ditos até o dia de hoje e dahi para diante pertencerão a dita Senhora do Rosario, e no caso que os irmãos da dita Senhora não concordem nas clausulas consignadas, revogão a esmola que fazem a dita senhora da dita meia legua para a haver a si pelos meios que a elles pertencem; e pelo dito Procurador de Nossa Senhora do Rosário, o Capitão André Nogueira Ribeiro foi dito em presença das testemunhas que elle como procurador que é da dita senhora aceitava a dita esmola da dita meia legoa de terra com as clausulas consignadas e de como assim outorgarão aceitarão e estipularão, eu Tabellião como pessoa publica, estipulante e aceitante, a estipulei e aceitei em nome de quem ausente o favor desta tocar possa, o pedirão fosse feito este instrumento em esta data em que assignou o dito licenciado Mathias Ferreira da Costa e o dito procurador e pela dita mulher do dito licenciado assignou a seo rogo o Capitão José Pimenta d 'Aguiar, presentes por testemunhas que também assignarão Luiz José de Mendonça e Theodoro de Araujo de Abreu; e Eu Manoel de Jesus Maria, Tabellião que a escrevi. Mathias Ferreira da Costa; assigno a rogo da outorgante Paula Barbosa Grascismão, José Pimenta d'Aguiar; André Nogueira Ribeiro, Theodoro de Araújo Abreu, Luiz José de Mendonça.

E nada mais se continha em dita escriptura etc.

Em fé de verdade o Escrivão do Geral Manoel da Silva Menezes".

FAMÍLIAS DE RUSSAS

No capítulo "Origem de Russas" falamos das primeiras famílias que aqui se fixaram. No final do século XVIII e princípios do XIX, já era grande o número destas famílias. Uma delas, a que mais se desenvolveu foi a do casal Luciano Cardoso Vargas, cognominado por João Brígido de o "Abraão do Jaguaribe", e Maria Maciel de Carvalho.

O casal veio de Ipojuca, em Pernambuco, desembarcou nas praias do porto do Retiro Grande em Santa Cruz do Aracati, em busca de melhores paragens para exercer a medicina, na qual era licenciado. Este preferiu São João por ser na época a vila mais desenvolvida da região. Instalou-se em São João, e logo suas filhas começaram a casar. Eram cinco, além de um filho homem, pois outro, de nome Luciano, morrera ainda solteiro.

O filho homem – Antônio Pires Cardoso, casado com Maria de Barros Franco, pernambucana, fixou-se com o tempo no lugar Bento Pereira, perto de Russas e teve o casal vários filhos: Inácia Maria de Jesus, casada em 1780 com Manuel Moreira de Sousa; Luciano Cardoso de Barros, casado em 1775 com Catarina de Sousa, filha de Gaspar Ferreira Rebouças, ligando-se assim a família Moreira ou dos Currais. Situavam-se no sítio "Borges"; Antônio Pires de Barros, casado com Vitoriana Correia Lima; e Ana Maria Maciel casada em 1780 com o pernambucano Manuel José do Nascimento, (filho de Manuel Monteiro de Oliveira Gondim e Ana Quitéria Maria da Soledade). A descendência desse casal é enorme e nela se incluem os Gondins, Os Maias Gondins, os Delgados Perdigões, os Perdigões Nogueiras, os Ramalhos, os Caracas, os Ferreiras Limas, os Severianos Ribeiros, os Franklins do Nascimento, os Monteiro de Morais, a que pertenceu o ilustre professor Monteiro

de Morais, médico de grande prestígio no Recife e professor de renome da Universidade Federal de Pernambuco.

Das filhas mulheres do "Abraão Jaguaribano", Caetana Maria Maciel casou-se com Antônio Alvares de Carvalho, natural de Lisboa, tendo alguns de seus filhos esposado elementos da família Barreira de Queiroz

Ana Maria Maciel contraiu núpcias a primeira vez com o português Gaspar Pinto Lopes e a segunda com o sargento-mor André Nogueira Ribeiro, português, deles nascendo Francisco Xavier Ribeiro, de Russas, que se casou com Ângela Moreira da Silva também de Russas, mas filha do português Lourenço da Silva, morador em Jaboatão e Ana Mônica da Silva de Goiana; desse ramo provém os Mendes Guerreiros e os Chaves de Limoeiro do Norte e adjacências.

Família de vastos desdobramentos é a que procede da célebre Maria Angélica da Costa Oliveira, russana filha do português Amaro José da Costa e da sergipana Josefa Maria de Oliveira. Filho desse matrimônio foi o padre Antônio José Moreira, que fora vigário de Fortaleza, mas nascido em Russas em setembro de 1773 - Este desempenhou importante papel na chamada Confederação do Equador.

Outro patriarca da ribeira do Jaguaribe foi Francisco Rodrigues Lima que veio de Assu, no Rio Grande do Norte, e localizou-se no sítio "Timbaúba", em Russas, ao lado direito do rio. Casado com Joana Gomes de Lima, constituiu família numerosa que aos poucos se ramificou, notadamente com elementos de outras vizinhanças, como a do paraibano José Damião de Oliveira, de Lagoa do Buia, à margem esquerda do rio, a de Manuel Gonçalves Ferreira, pernambucano, a de Manuel Lopes Ferreira do Apodi, a de Franklin Ernesto de Sousa Mascarenhas, a de Agostinho José de Santiago. Descendem do casal Luis Francisco Rodrigues Lima e Leonilia Rodrigues Lima, Zacarias Rodrigues Lima, Elias, Raimundo, Leonilia, e Francisca. Em segunda núpcias de Luis Francisco Rodrigues Lima com Maria Rodrigues Lima, nasceram: Rosa Rodrigues Lima Vicente e Luis. Do casal Sebastião José de Santiago com Ana de Pontes, nasceram: Francisco Pontes Santiago, Guilhermina, Florinda, Maria, Júlia, Ana, Lina, Agostinho, José, Raimundo, João, Luis, Joaquim e Manuel. Do casal Zacarias Rodrigues Lima e Francisca Guilhermina de Pontes nasceram: Luis Rodrigues Neto, Florinda, Vicência, Ana, Maria, José, Vicente, Sebastião, Raimunda, João, Raimundo, Zacarias, Maria de Lourdes, Expedita, Antônio e Gerarda. Do casal Zacarias Rodrigues Lima com Josefa dos Santos em segunda núpcias nasceram: José Rodrigues dos Santos e Terezinha. Do casal Elias Rodrigues Lima com Benedita Ferreira Lima nasceram: Luis Elias Rodrigues, João, Antônio, Leonilia, Maria, Glicéria e Ana. Do casal Raimundo Elias Rodrigues com Maria Gonçalves nasceram: Maria Gonçalves Rodrigues, Estefânia, Feliciana e José. Do casal Luis Ferreira Lima com Leonilia Rodrigues Lima nasceram: João Ferreira Lima,

Raimundo, Antônio, José; Francisca, Maria e Rosa. Do casal Ildefonso Ferreira Lima e Francisca Rodrigues nasceram: João Ferreira de Souza, Pedro, Luis, e Antônio. Do casal Vicente Rodrigues Lima e Marta Gonçalves nasceram: Antônio e Rito. Do casal Luis Rodrigues Filho e Maria Ferreira Lima nasceram: Nelson Rodrigues Lima, Luis, José, Maria, Raimunda e Lourdes. São os Rodrigues Lima de Timbaúba, assim muito conhecidos.

Família que provém dos primitivos donos do "Curral do Araújo", são os Moreira de Araújo. Do casal Joaquim de Araújo e Maria Inácia de Araújo nasceram: Raimunda Olímpia de Araújo, Ana Olímpia, Francisca Angélica, Maria do Espírito Santo e Manuel Joaquim Filho. Do casal Francisco das Chagas de Araújo e Raimunda Olímpia de Araújo nasceram: Maria Nazaré de Araújo, Maria, Rosa, Clotilde, Levina, Ana, José, Francisco, João, Raimundo, Manuel e Antônio. Do casal Antônio Ferreira de Paiva e Ana Olímpia, nasceram: Maria Ferreira de Araújo, Raimunda, Ana, Francisca, Julia, Tereza, José, João, Manuel e Antônio. Do casal João Bandeira e Maria do Espírito Santo nasceram: Raimunda Bandeira de Melo, Maria Francisca, Clotilde, Carmosita, José e Cenóbio. Do casal Manuel Joaquim Filho e Maria Inácia de Araújo nasceram: Maria e João. Do casal José Moreira de Sousa Araújo e Francisca Angélica de Araújo nasceram: Raimundo Moreira de Araújo, Maria, Manuel, Francisco, Ana, Euclides, Francisca, João, Raimunda, Jose, Pedro e Astrogilda.

Família Moreira de Sousa Leão. Esta família seria Moreira de Sousa Galvão, mas como morava no lugar chamado Leão, substituiram Galvão por Leão para distinguir de outro ramo da família Moreira que residia também nas proximidades. Afirma a senhora Maria Moreira, hoje com 83 anos, residente em Fortaleza que vira quando mocinha um documento pertencente ao seu avô com o nome de Antônio Moreira de Sousa Galvão. Do casal Antônio Moreira de Sousa Leão e Maria Sabina nasceu Maria Sabina de Sousa Lima. Esta casou-se com João Francisco de Sousa Lima e desta união nasceram: Ana Moreira Leão, João Augusto, Rosa, Paulino José, Maria Augusta, Antônio e Donatila. Do segundo matrimônio de Antônio Moreira de Sousa Leão e Joana Nogueira Leão nasceram: José Adolfo, Sancha, Rosa, Joana, João e Maria. Do casal José Moreira de Sousa Leão e Maria Idalina de Sousa Leão, nasceram. Maria, Floriza, Alice, Julia, Honorina, Adelaide, Irene, Edite, Alípio e Alcides. Do casal João Batista Moreira de Sousa Leão e Ana de Sousa Leão nasceram Leôncio, Acelino, João, José e Firmina.

Outro ramo da família Moreira de Sousa localizou-se em Russas e do casal Severino Moreira de Sousa e Florinda Moreira de Sousa, nasceram: André Moreira de Sousa, José, Antônio, Joaquim Manuel, Joana Maria, Francisca, Maria Júlia, Cândida e Josefa. Do casal André Moreira de Sousa e Cosma Moreira de Sousa nasceram: Joaquim Moreira de Sousa, Maria, Maria Ana, Severino, Lauro, Francisco, Zina e Jo-

sé. André Moreira de Sousa casou-se em segundas núpcias com Joaquina de Araújo, porém não houve filhos.

Outra família que no século passado constituiu grande prole em nosso município foi a Bezerra. Do casal Delfino Bezerra e Carminda Rufino Bezerra nasceu João Francisco Regis Bezerra. Do casal João Francisco Regis Bezerra e Maria Amélia Bezerra nasceram: Antônio Liberato Bezerra casado com Maria Clara Bezerra, Delfino Delmiro Bezerra casado com Leocrícia Maciel Bezerra, Pedro Nunes Bezerra casado com Maria Cristina Bezerra, Valdemiro Bezerra casado com Ida Veloso Bezerra, João Bezerra Filho casado com Stela Ramalho Bezerra, Audalio Nunes Bezerra casado com Maria Gondim Bezerra, Lino Nunes Bezerra casado com Cândida Teixeira Bezerra, Gerardo Magela Bezerra casado com Nair Loureiro Bezerra, Dulcinéia Nogueira Bezerra casada com Lindolfo Nogueira Bezerra, Amélia Franco Bezerra casada com Rubens Franco Rabelo, Lucila Bezerra Porto, casada com José Martins Porto Suzete Bezerra Matias casada com José de Sousa Matias e Carmelita Bezerra, solteira.

Uma família de grande prole em nosso meio é a Sousa Lima. Esta fixou-se no Carpina e adjacências. Do casal Firmino José de Sousa Lima e primeira esposa de nome desconhecido nasceram: João de Deus, Evangelista, Manuel Firmino, Maria das Candeias, Francisco Firmino, Joaquim Firmino, Rosa Cândida, Francisca Maria, Vicente Firmino e Antônio Firmino. Do segundo matrimônio de Firmino José de Sousa Lima e Francisca Helena de Lima nasceram: Francisco das Chagas Rodrigues Lima, Pedro Firmino, José Tibúrcio, Firmino Rodrigues, João Luis, Maria da Conceição e Raimunda Leocádia. Do casal José Estácio de Sousa e Maria das Candeias nasceram. José Estácio Filho, João Batista de Sousa, Reinaldo Estacio, coronel Raimundo Estácio, Feliciano Estácio, Antônio Estácio, Francisca Cândida, Rosa Estácio, Manuel Estácio, Joaquim Estácio, Maria Ângela e Francisca Maria. Do casal João de Deus e esposa de nome ilegível nasceram. José de Deus, Francisca das Chagas, Maria Josina e Joaquim de Deus. Do casal José de Deus e Joaquina de Deus Lima nasceram: coronel João de Deus, José de Deus Filho, Elisa de Deus e Maria Mirinha. Do segundo matrimônio de José de Deus com Maria Alves de Deus nasceu: Eugênia. Do casal José Estácio Filho e Raimunda Leocádia de Lima nasceram: José Estácio Filho, Raimundo Estácio Sobrinho, Maria de Sousa Lima, Francisca de Sousa Leão, Firmino Estácio Sobrinho, Rosa de Sousa Lima, Luis Estácio de Sousa e Aurino Estácio de Sousa – atual prefeito do município. Do casal Evangelista de Lima e esposa de nome ilegível nasceram: Leônio Clímaco Evangelista, Cândido, Gertrudes, coronel João Francisco, Terto Evangelista, José Evangelista, Maria do Espírito Santo, Rosa e Firmino de Sousa. Do casal Manuel Firmino e Maria José nasceram: João Vicente, Rita, Izabel e Paulino. Do casal Francisco Firmino e Maria Sabina nasceram: Firmi-

no e Sabino. Do casal Joaquim Firmino e Maria Ângela nasceram: Francisco Firmino, Luis, Manuel, Luisa, Rosa, Antônio, Maria de São José e Benedito. Do casal Francisco de Sena Lima e Rosa Cândida de Lima nasceram: Francisco de Sena Filho, Cândida, Egídia, Honorina e Rosa. Do casal Pedro Firmino e Francisca das Chagas de Lima nasceram: João, José, Maria Leonila, Miguel, Francisca, Fortunato e Pedro. Do casal José Tibúrcio e Rosa Tibúrcio nasceram: Jose, Gustavo, Francisca, Raimunda e Anésia. Do casal Firmino Rodrigues com esposa de nome desconhecido nasceram: Firmino Rodrigues, Lino e Francisca. Do segundo matrimônio de Firmino Rodrigues e Deltrudes Brilhante nasceram: José, Sigismundo, Marili, Noemia e Antonieta. Do casal João Luis e Josina de Deus Lima nasceram: Otávio, José, Firmino, Ambrósio e Emília. Do segundo matrimônio de João Luis e Maria de Jesus nasceram: Francisca, Santana, Cleonice, Terezinha, Maria Mendes, Zila, Cristina, João e Raimundo. Do terceiro matrimônio de João Luis e Albertina nasceram: Alzira, Maria, Dulcineia e Raimunda. Do casal Firmino de Sousa e Maria da Conceição nasceram: José de Sousa, Agostinho, Firmino, Maria, Odília, Júlia, Carmélia e Ozina.

Reinaldo de Araújo é família que descende dos troncos dos Araújo. Do casal José Moreira de Sousa e Inácia Maria de Jesus nasceram: Reinaldo Francisco de Araújo, Francisco das Chagas, José Moreira, Joaquim Moreira, João, Antônio, Manuel e Ana. Do casal Reinaldo Francisco de Araújo e Maria das Graças de Araújo nasceram: Érico, Miguel, Raimundo, José, Tibúrcio, Antônio, João, Raimundo Ranulfo, Maria, Ana, Mamede, Guilhermina e Railda.

Família que nos deu uma genealogia de renome foi a Ivo Xavier Colaço. Do casal Ivo Xavier Colaço e Maria do Carmo Xavier nasceram: João Ivo Xavier Rafael, Manuel, Antônio, Agostinho, Maria das Chagas e Pedro. Do segundo matrimônio de Ivo Xavier Colaço e Maria Inácia Xavier nasceram: Maria Ivo Xavier, Vital, Francisco, Águeda, Cecília, Raimundo, Prima, Feliciana e Maria do Carmo. Do casal João Ivo Xavier e Maria Nazaré de Araújo nasceram: Jaime Araújo Xavier, Artur, Nemésio Walter, Beatriz, Edite, Delmar, Edmundo, Eliaci, Zilma, Deutra, Olívio, Gontran, Ivo, Ailsa e Denise.

Família Nunes. Da família gerada pelo casal Antônio Nunes da Rocha e Tereza Rocha nasceram: Antônio Nunes Filho, Clemente, Maria, Manuel, Ana, Joaquim, Cícero, Henrique, Cândida, Carmina, Sabina. Do casal Antônio Nunes Filho e Mariana Nunes nasceram: Antônio Liberato Rocha, Maria e Ana. Do segundo matrimônio com Maria da Rocha nasceram. Antônio Liberato Rocha, Joaquim, Rosa e Maria Inácia. Do casal Clemente Nunes da Rocha e Maria Clemente, não houve família. Do casal Joaquim Nunes da Rocha e Bela Pires não houve família. Do casal Cícero Nunes da Rocha e Eudócia Rocha nasceram: Euclides, Antônio, Irineu, Francisco, Elisa, Alice e Maria. Do casal Henrique Nunes da Rocha e Ana Maciel da Ro-

cha nasceram: José, Maria, Francisca, Raimundo (Senhor do Rocha), João, Ana Engrácia e Leocrícia. Do casal Manuel Pereira de Oliveira e Maria Nunes da Rocha nasceram. Antônio, Joaquim, Raimundo e Júlio. Do casal José Moreira e Ana Nunes da Rocha nasceram: Raimundo, José e Francisca. Do casal Francisco Raimundo e Cândida Nunes da Rocha nasceu: Ana Gurgel do Amaral. Do casal Cândido Freire Chaves e Carminda nasceram: João, José, Olívio, Antônio, Osmídio, Maria Julia, Valderina, Alice e Odilon. Do casal Miguel Lourenço e Sabina Lourenço nasceram: Antônio, Cícero, Joaquim, Miguel, Francisca, Rosa, Raimunda, Maria e Júlia.

Outra família que se ampliou largamente em nosso município foi a Maciel. Do casal Miguel Pereira da Costa e Izabel Joaquim Maciel nasceram: João Maciel Pereira, Ricardo, Juvenal, Arcelino, Francisco, Maria, Inácia, Ana, Amélia, Etelvina, Efigênia e Jesuina. Do casal João Maciel Pereira e Leolina Maciel nasceram: João Maciel Filho, Raimundo Maciel Pereira, Maria Leolina Maciel Perdigão, Ricardo e Juvenal. Do segundo matrimônio com Arcina Campelo não houve filhos. Do casal Arcelino Maciel Pereira e Maria Pires nasceu: Sylvio Maciel Pereira. Do segundo matrimônio com Maria Amélia Maciel nasceram: Jacira Maciel Pereira, Iria, Jacilda, Iara, Arcelino Filho, Francisco, Nadir e José. Do casal Francisco Maciel Pereira e Francisca Florêncio de Mendonça nasceu: Francisca Maciel Gondim. Do segundo matrimônio com Maria Stela Bezerra nasceram: José Waldo, Francisco de Assis, Terezinha, Maria Arcília, Izabel Astésia e Maria Stela Pereira. Ana Maciel Pereira casada com Henrique Nunes da Rocha – ver família Nunes. Maria Inácia casada com o viúvo de Ana Maciel Pereira, não houve filhos. Amélia Maciel Pereira casada com Antônio Pires de Araújo nasceram: Domingos Pereira de Araújo, Maria Carmélia, Raimundo, Antônio e José. Etelvina Maciel Pereira casada com João Lopes Maciel nasceram. João Reinaldo Filho, Antônio, Miguel, Izabel, Raimunda, Argemira, Luis, Maura, Maria Bernadete e Clara. Efigênia Maciel Pereira casada com José Vicente de Mendonça teve os seguintes filhos: Francisca de Assis Mendonça (Sizinha), João Augusto, Maria Marieta, Ana Anália, Raimunda Maciel (nenê) Elisabeth, José, Júlio, Afonso e Jesuina.

Numerosa também em Russas é a família Gonçalves. Do casal José Damião de Oliveira e Izabel Damião de Oliveira nasceram: Manuel Damião de Oliveira, José, Francisco, Antônio, Joaquim, Josefa, Maria da Conceição. Do casal Manuel Damião de Oliveira e Ana Maria de Jesus nasceram: Manuel Gonçalves de Oliveira, Joaquim Deodato, José Gonçalves de Oliveira – grande pirotécnico, João Gonçalves, Francisco Gonçalves, Zacarias Gonçalves, Lino Gonçalves e Maria de Jesus. Do segundo matrimônio com Ana Lopes de Lima nasceram: Possidônio Gonçalves Ferreira, Antônio, Vicente, Maçunília, Anunciação, Maria Vicência e Ana. Do casal José Gonçalves de Oliveira e esposa ignorada, houve numerosos filhos: Antônio Gonçalves de

Oliveira, Lino Gonçalves, Manuel Gonçalves e João Gonçalves. Do casal Joaquim Rodrigues de Carvalho e Alexandrina Rodrigues de Carvalho nasceram: Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Henrique Castriciano, Lúcio, João Basílio, Laurentina e Senhorinha. Do casal Manuel Gonçalves Ferreira e Maria Santana de Lima nasceram: Maria José, Ana Gonçalves e João Gonçalves Ferreira. Do casal João Gonçalves Ferreira e Maria Rosa de Jesus nasceram: Manuel Gonçalves Ferreira, Joaquim e Ana. Ana Gonçalves Ferreira casada com João Basílio Rodrigues de Carvalho, teve 4 filhos: Maria Angélica, Jardilina, Laurentina e Ildefonso. Do casal Joaquim Deodato Gonçalves de Oliveira e Maria Gonçalves de Carvalho nasceram: Pedro Gonçalves de Oliveira, Demétrio, Ildefonso, Odorico, Raimundo, Adom, Elpídia, Ideltrudes, Luíza, Orência e Maria.

Casal que muito proliferou do final do século passado e início deste foi o coronel Francisco Ferreira de Araújo Lima e Maria de Sena Araújo Lima. Casados no dia 9 de fevereiro de 1880, na capela de Nossa Senhora das Dores em Timbaúba, sendo oficiante do ato matrimonial o padre Francisco Alves Ferreira, vigário de Morada Nova. Do casal nasceram: Francisca, Maria e Joaquim. Do segundo matrimônio com Joaquina S. de Sousa Lima teve o casal 18 filhos: Vicente, João, Justo, Maria de Jesus, Maria, Agostinho, Anna, Pedro, Josefa, Antônio, Anna, Custódia, Raimunda, Luisa, Júlia, João, Irene e Valdemar.

João, um dos últimos filhos do casal é o nosso tão conhecido e amigo João da Quininha ou João Eduardo, genro do sr. José Silva – de Pedras homem que a exemplo do pai tem sempre procurado dar tudo de si pelos seus familiares e amigos.

ORIGEM DO TOPÔNIMO RUSSAS

Não satisfaz plenamente a opinião dos diversos historiadores ou cronistas, com relação a origem do topônimo Russas, pois são várias as versões acerca do referido assunto.

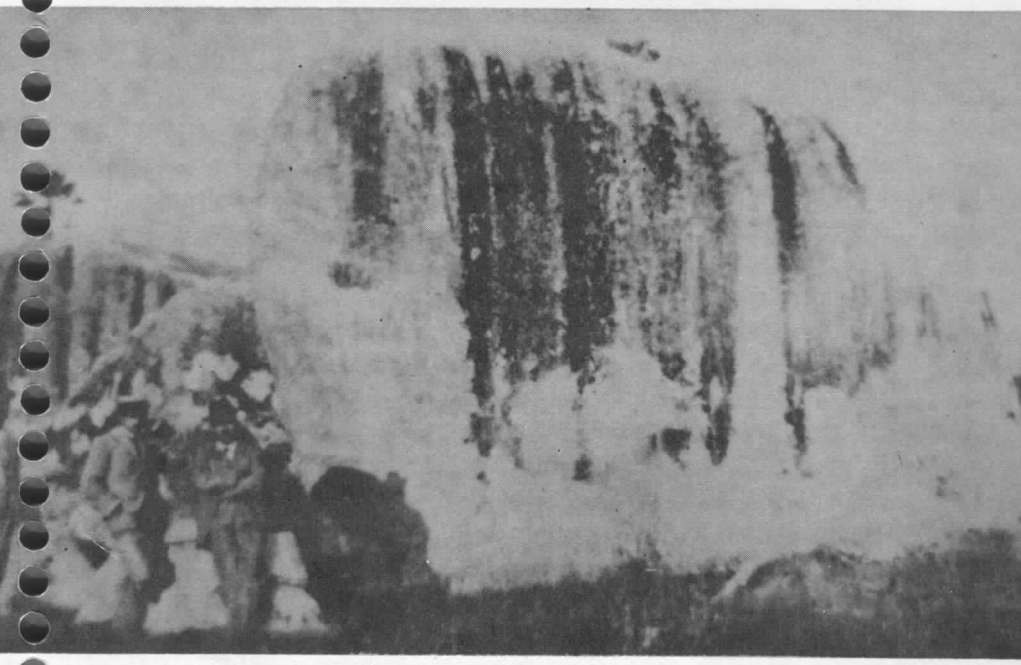
Não há, entretanto, uma que justifique oficialmente a verdadeira significação do vocábulo em apreço. Uma delas, de cunho popular, é de que nos primeiros dias desse povoado, nas suas imediações havia um velho que possuia vistoso e uniforme lote de bestas (éguas), de cor ruça. Daí a denominação do lugar.

A segunda versão, nos fala Antônio Bezerra em "Algumas Origens do Ceará", página 239, Nota 1, que o nome Russas originou-se de umas pedras brancas de granito, em número aproximado de trinta, localizadas a 7 quilômetros ao norte da cidade, nas imediações do Pau Branco, apresentando sinais e traços horizontais de mãos, feitos com tinta encarnada, e que vistas à distância, assemelhavam-se a um lote de éguas de cor ruça.

Aderiram à versão de Antônio Bezerra, quanto às pedras de cor ruça: Saint Adolpho (Dicc. Geog. Top. e Historico), Álvaro Gurgel de Alencar (Dicc. Geog. Hist. e Descriptivo) e Luiz dos Santos Vilhena (Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas).

Uma outra versão, também popular, é de que existiu, nos tempos coloniais, um homem de nome Bernardo, criador e proprietário de éguas ruças, sendo que por corrutela de Sr. Bernardo se tornou mais tarde São Bernardo.

Outra corrente de historiadores e comentaristas, como Eusébio de Sousa e J. Perdigão Sobrinho, afirma ser todas estas versões falsas, alegando que o topônimo Russas se originou dos primeiros colonizadores que aqui se fixaram, vindos provavelmente da Serra das Russas, no Estado de Pernambuco, e para reviverem seu tor-



Pedras que teriam dado origem ao nosso topônimo
(Foto Álbum do Jaguaribe - 1920)

rão natal deram o nome Russas ao povoado, hoje, cidade de Russas.

Em "O Ceará" trabalho organizado por Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, página 416 e 417, vemos o comentário do Dr. J. Perdigão Sobrinho com relação as várias origens do topônimo.

Diz ele quanto à primeira origem, não ser bem esta a versão popular, e sim a de que existiu um fazendeiro que aspirava a criar somente cavalos e éguas de cor ruça. Não há, diz J. Perdigão, nenhum cronista que haja feito referência a esse fazendeiro chamado Bernardo, criador ou não de bestas ruças.

Quanto à versão que se refere à existência de pedras brancas a 7 quilômetros da cidade, o próprio J. Perdigão afirma que os sinais de mãos e traços horizontais não foram feitos com tinta encarnada, pois não justificam, uma vez que nossos índios não possuíam uma tinta indelével, capaz de resistir durante mais de dois séculos, principalmente tratando-se de pedras desabrigadas do sol e da chuva.

A existência de impressão de mãos, letras, desenhos de violas e de Sino Salomão não passa de mera aparência, sendo na realidade veios formados na própria pedra. Desmente o Mestre Perdigão, ter sido das pedras brancas a origem do nome

de nossa terra. Para tal usa os seguintes argumentos:

1º – Esse adjetivo ruças, quando empregado para significar cor de animais ou de objetos, é escrito como antigamente, e ainda hoje o é, com C cedilhado. Exemplo: Éguas ruças. Quando se refere à Rússia, Nação, com dois ss. Exemplo: armas russas, costumes russos. Afirma inclusive o coronel Perdigão, não haver encontrado, em documento algum, o topônimo Russas com C cedilhado.

O Coronel Perdigão conclui: "Tenho firmada a convicção que a origem do topônimo – Russas – viera ou das montanhas russas da Rússia ou das montanhas russas de Pernambuco, e jamais das pedras, das bestas ou das éguas ruças.

Na aludida publicação, o Dr. Perdigão Sobrinho esclarece ter sido ele o idealizador dessa interpretação, recebendo o endosso do Dr. Eusébio de Sousa.

Por falta de documentos, é difícil se provar qual dessas hipóteses seja a verdadeira. No entanto, após a descrição de todas elas, cabe ao leitor fazer seu julgamento.

Quanto à primeira hipótese, de um velho criador de gado cavalar de cor ruça, discordam a maioria dos historiadores e cronistas e muito especialmente o Sr. Perdigão Sobrinho, quando não aceita que tal criador tenha dado origem ao nosso topônimo. Mas, se fizermos uma análise mais profunda e voltarmos àquela época, vemos não ser impossível esta comparação, quando sabemos que os habitantes civilizados desta região eram vaqueiros rudes e como tais não podiam fazer outras comparações senão referentes a animais.

Esperidião de Queiroz Lima, em seu trabalho "Antiga Família do Sertão" nos fala de um português de nome Antônio Dias da Costa que por volta de 1690 era grande criador de gado cavalar e comerciante no lugar São Bernardo do Jaguaribe, indo todos os anos vender grande cavalhada na feira de Goiana em Pernambuco, indo daí até Recife comprar tecidos e outras mercadorias para trazê-las de volta a São Bernardo (hoje Russas).

A segunda versão, defendida por Antônio Bezerra e outros historiadores quando se referem às pedras ruças, também não nos parece impossível ser esta a verdadeira origem do topônimo. Pelas mesmas razões da anterior, se voltarmos àquela época (1600/1700), vamos ver que não era impossível se comparar um agrupamento de pedras graníticas de cor ruça, com um lote de éguas da mesma cor. Para isto devemos observar o plano de altitude onde estavam situadas as pedras, aproximadamente 80 metros, e a povoação de Russas em plano inferior ou seja 60 metros. Um outro detalhe, é sabermos que estas pedras estavam localizadas em região de tabuleiro, pobre de vegetação, e consequentemente poderiam ser vistas a grande distância. Uma outra razão para se crer nesta versão, é a influência que exerceu a Estrada Velha do Jaguaribe caminho natural para o viajante que ia de Aracati a Icó, ou outras

povoações do Vale, e tinha forçosamente de passar junto àquelas pedras. Mesmo após o abandono da Estrada Velha do Jaguaribe, quando se passou a usar a nova estrada que ligava a capital ao nosso Vale, ou seja Fortaleza, Alto da Balança, Cajazeiras, Messejana, Eusébio, Pacoti, Pindoretama, Cajueiro do Ministro, Cascavel, Choró, Beberibe, Sucatinga, Cruz do Palhano e Russas, as pedras não deixavam de constituir um ponto de referência de nossa região. Uma outra prova da veracidade desta hipótese, é quando sabemos que os comboeiros e carreiros que moravam no Bento Pereira, quando regressavam do Icó se diziam satisfeitos quando avistavam as pedras ruças, pois sabiam estar chegando as suas moradas. Muitas vezes ouvi esta afirmativa de meu avô, Henrique Nunes da Rocha, um dos muitos carreiros da segunda metade do século XIX.

Quanto à presença de tintas, tem razão o Sr. Perdigão em afirmar que não possuíam os índios uma tinta capaz de resistir à ação do tempo, por mais de dois séculos, ao ar livre. Quando se refere a veios existentes na própria pedra, formando traços de mãos, etc, tem razão o coronel, pois tive inúmeras oportunidades de observá-las de perto, e ver que se tratava de veios de cor escura, formados no interior da própria pedra, e que observados à distância assemelhavam-se aos desenhos já citados.

A terceira hipótese, a menos provável, é de que existiu naquela época um criador de animais de cor ruça, chamado Sr. Bernardo, e por corrutela, passaram a chamá-lo de São Bernardo, que teria posteriormente dado o nome ao povoado de São Bernardo das Russas. É sabido, no entanto, como falamos em capítulo anterior que o nome São Bernardo, dado a nossa cidade, veio da influência do Governador na época, Manuel Bernardo de Vasconcelos, e do vigário de Russas Padre José Bernardo da Fonseca Galvão.

Já a quarta versão, defendida pelo Sr. Perdigão Sobrinho, em que afirma que o topônimo Russas foi dado por colonos vindos da Serra das Russas, em Pernambuco, e que não encontrou em documentos antigos o nome Russas escrito com cedilha, enfatizamos que errou o Sr. Perdigão quando fez tais afirmações. Primeiro porque não encontramos nenhuma data de sesmaria dada a pernambucanos Como vimos, as primeiras sesmarias de nossa região, foram distribuidas com os 15 Co-heréus todos do Rio Grande, e se acompanharmos a distribuição destas datas, observamos não constar em nenhum desses documentos, famílias procedentes de Pernambuco. Só do Icó para cima, é que começa a fixação de pernambucanos na Ribeira do Jaguaribe, como se vê em "Algumas Origens do Ceará" de Antônio Bezerra, e outros documentos referentes ao assunto.

Quando diz o Sr. Perdigão que o nome Russas deriva da Serra das Russas, em Pernambuco, mesmo comparando esta com a Chapada do Apodi, não vemos

nenhuma semelhança. A Serra das Russas tem uma altitude de 500 metros em média e tem um caráter predominantemente ondular, enquanto que a Chapada do Apodi é praticamente toda plana e bastante distante de nossa cidade para receber a influência desta Chapada.

Já na semelhança nos nomes de cidades pernambucanas com algumas localidades de nossa região, é fácil chegar a uma conclusão. Se chegarmos hoje a Carpina-Russas e investigarmos quanto a origem deste nome, temos como resposta, que é dada a influência de um famoso carpinteiro que morou neste lugar, e têm razão estes moradores quando fazem tal afirmação. Em capítulo anterior, referente ao "Forte São Francisco Xavier", citamos uma transação comercial entre o Coronel Francisco das Chagas de Araújo, e Antônio da Silva Leal, cognominado Antônio Marceneiro ou Antônio Carpina. E realmente morava aí este senhor, sendo seu vizinho o nosso tão conhecido Felipe José de Santiago Lima. E após numerosas entrevistas com pessoas idosas, concluimos que o nome Carpina vem realmente da influência deste carpinteiro.

Já com o nome Timbaúba há outra versão, pois obedecendo ao mesmo critério de pesquisas com pessoas idosas, obtivemos quase um único resultado, reforçado pelo Senhor Adom Gonçalves que nos esclareceu ter sua mãe de criação, Dona Francisca do Nascimento – que viveu 110 anos 2 meses e 20 dias, casada com o Senhor Marcos Além da Hora – que fora contemporânea do pai do Sr. José Candeia, lhe contado que este (Pai de José Candeia) conseguiu algumas sementes de Timbaúba, plantou junto a sua casa, nasceu, tornou-se árvore de grande porte, produzindo boa sombra que servia de abrigo aos viajantes, ficando então o lugar conhecido por Timbaúba.

Quanto ao nome Limoeiro deixamos de pesquisar por estar fora da alçada de nosso trabalho.

Depois de detalharmos todas as hipóteses, chegamos a conclusão de que a origem do nome "Russas" é bastante complexa e por essa razão, não podemos nos deter em controvérsias, nem abstermo-nos de formular hipóteses. O julgamento do topônimo, repetimos fica a critério do leitor, e ficaremos felizes se ele suscitar investigações.

VIDA ECLESIÁSTICA: CURATO E FREGUESIA

Com a construção da primeira capela no ano de 1707, pelo Desembargador Cristóvão Soares Reimão, houve um grande afluxo de fiéis para as imediações deste povoado. Como já existisse no crescente arraial aproximadamente 600 pessoas e a cada dia aumentasse essa população, tornou-se necessário a criação do Curato, cuja finalidade era dar melhor assistência religiosa àquela população. Para tal, em 1712 é criado, por ordem de Dom Manuel Álvares da Costa, 5º Bispo de Olinda (1706-1715), o Curato de Russas, tendo como primeiro vigário o Padre Antônio de Araújo, português, da Sociedade de Jesus.

O povoado crescia a cada dia, e em 1735, já contava com grande número de casas de beira e bica, paredame de tapume, chão de barro batido, em forma de quadro, várias centenas de moradores, na sua totalidade proprietários de sítios estabelecidos nas várzeas e ribeiras adjacentes do arraial.

A freguesia de Russas desmembrou-se da de Aquiraz em 11 de março de 1735, por provisão de Dom Frei José Fialho, sexto Bispo de Olinda (1722-1739).

Seu território compreendia uma área de 24.293 Km^2, e abrangia os termos de São Bernardo das Russas (Russas), Villa Nova de Campo Maior (Quixeramobim) e Santa Cruz do Aracaty (Aracati). Limitava-se ao norte com parte do Oceano Atlântico, e com os atuais municípios de Beberibe, Aracoiaba, Capistrano, Itapiuna e Canindé. A Oeste com Santa Quitéria, Monsenhor Tabosa, Tamboril e Independência. Ao Sul, com Pedra Branca, Senador Pompeu, Solonópole, Jaguaretama, Jaguaribara e Iracema. Ao Leste, com a Chapada do Apodi-Rio Grande do Norte.

A 15 de novembro de 1755, com a invocação de Santo Antônio de Pádua, é desmembrado da freguesia de São Bernardo das Russas, o Curato da Villa Nova

de Campo Maior, por provisão do Visitador Frei Manuel de Jesus Maria e escrita pelo Padre Anacleto Soares da Veiga, secretário do Visitador. A extrema das duas freguesias era a barra do Banabuiú.

Com o desmembramento, passaram para a nova freguesia as Capelas da Barra do Sitiá e Nossa Senhora do Livramento.

Mas a 21 de novembro de 1864, pela Lei Provincial nº 1128, Boa Viagem é desmembrada da freguesia de Quixeramobim, perdendo assim este município uma área de 3.364 Km^2.

E em 5 de novembro de 1869, Quixeramobim perde mais uma área de 4.650 Km^2, com a separação da freguesia de Quixadá. E por último, de acordo com a Lei Estadual nº 1153 de 22 de novembro de 1951, Quixeramobim perde mais uma área de 514 Km^2, com o desmembramento de Itatira de seu território, restando-lhe ainda uma área de 4.622 Km^2.

Russas, perde mais uma grande parte de seu território, quando em 20 de junho de 1780, atendendo ao pedido do Senado da Câmara do Aracaty, que requereu a divisão da freguesia, por ser esta vila a mais populosa e de maior comércio em toda a Comarca do Ceará, Dom Thomaz da Encarnação Costa e Lima, 10º Bispo de Olinda (1774 - 1784), desmembrou da freguesia de São Bernardo das Russas, a Vila de Santa Cruz do Aracaty.

Posteriormente Aracati perde Jaguaruana, com uma área de 966 Km^2, e depois Itaiçaba com 296 Km^2, ficando seu território reduzido a 1.834 Km^2.

Por razões idênticas, a 2 de agosto de 1876, Russas perde mais uma parte de seu território com o desmembramento da freguesia de Morada Nova, cuja grande área é de 3.223 Km^2.

Como o aumento da população em nossa região fosse bastante elevado, havia sempre a necessidade de mais vigários, para dar melhor assistência religiosa a essa gente. Com esta finalidade, Russas perde mais 3.057 Km^2, quando pela Lei Provincial nº 1.402 de 22 de junho de 1871, era Limoeiro desmembrado da freguesia de São Bernardo das Russas.

Por razões já citadas anteriormente, em 13 de setembro de 1953, de acordo com a Lei Estadual nº 3.813, Limoeiro perde parte de seu território, 391 Km^2, quando é desmembrado de suas terras, o município de São João do Jaguaribe. Seguindo o processo de desmembramento, Limoeiro perde mais 941 Km^2, quando a Lei Estadual nº 3.815, de 13 de agosto de 1957, dá autonomia a Tabuleiro de Areia, hoje Tabuleiro do Norte.

E finalmente, Limoeiro perde mais 1.161 Km^2, quando em virtude da Lei Estadual nº 3.814, de 13 de setembro de 1957, Alto Santo adquire autonomia e se instala como Município, em 25 de março de 1959, ficando assim Limoeiro com seu

território reduzido a 564 Km^2.

Russas, apesar de seu território já bem reduzido, perde mais 598 Km^2, quando, pela Lei Estadual 3.573 de 11 de abril de 1957, Quixeré é desmembrado do Município de Russas, e elevado a município a 25 de março de 1959.

Finalmente, pela Lei Estadual nº 4.076 de 8 de maio de 1958, Palhano é elevado a condição de município, e instalado a 25 de março de 1959. Perde assim Russas mais 469 Km^2.

Como vimos no início do Capítulo, Russas, que possuía uma freguesia com 24.293 Km^2, hoje tem seu território reduzido a uma área de 1.500 Km^2.

De início houve alguns desentendimentos referentes ao Patrimônio de Nossa Senhora do Rosário, visto que em 1707, quando da demarcação das terras, ainda havia herdeiros vivos, e somente em 1745, é quando Matias Ferreira da Costa, genro de Gracismã, por escritura lavrada a dois de setembro do mesmo ano, resolve passar estas terras definitivamente para o Patrimônio de Nossa Senhora do Rosário.

Como esta instituição tivesse dificuldades em cobrar as taxas a que tinha direito por falta de regulamentação, foi solicitada a presença de uma autoridade competente, e no dia 24 de junho de 1761, quando o Visitador Geral Dr. Padre Veríssimo Roiz Rangel fazia uma visita oficial a paróquia de São Bernardo do Governador, decretava a organização e fixação na Igreja Matriz de um edital convocando todos os moradores desta freguesia, para que fossem escolhidos e eleitos dois deputados para, junto às autoridades competentes e o Pároco, apresentarem sugestões, usos e costumes da região, com o fim de facilitar a elaboração do referido Estatuto.

Como resultado da eleição, saíram eleitos os senhores Capitão Antônio Álvares Maciel e o licenciado Francisco Álvares Maia. Após demorada reunião entre o Visitador, Vigário da Paróquia, e deputados, ficaram estabelecidas as bases para o novo Estatuto, que era do seguinte teor:

Cap. 1º – Aqueles que possuissem 50 bezerros, pagariam um boi no valor de dois mil réis e na falta do boi, a referida quantia. O Pároco ficaria então com a incumbência de desobrigá-los em suas próprias casas. Por motivo superior o Pároco não tendo condição de cumprir com esta obrigação, enviaria outro sacerdote. Se os, senhores de Fazenda quisessem vir a Matriz com suas famílias, pagariam igualmente a quantia estipulada na Constituição.

Cap. 2º – Por batizados feitos fora da Matriz, pagariam a quantia de 320 réis, vela e oferta. Na ausência da vela, daria o paroquiano os 320 réis e mais a oferta de praxe. Estando o vigário em capelas filiais, e tendo os paramentos necessários

para os batizados, ficariam isentos de pagamento referente a licença, ficando com a obrigação de fornecer a vela e oferta.

Cap. 3º – Para as licenças de casamento fora da Matriz, os nubentes pagariam a importância de 3200 réis. Quando escravos pagariam apenas 1600 réis. Quando os noivos exigiam capa de Asperges pagariam mais uma pataca. Quando os casamentos eram feitos na Matriz, pagariam três patacas de oferta. Ao sacristão quatro vinténs. Pela certidão de casamento, banhos, batizados, etc, se pagariam 320 réis, e quando passadas por padres capelões de outras capelas, a mesma quantia.

Cap. 4º– Pelo sepultamento dos adultos eram cobrados quatro patacas assim distribuidas: Uma para a missa de corpo presente, uma pela vela, outra pelo acompanhamento e a última pela encomendação do corpo. Ao sacristão que carregava a Cruz 320 réis. Pela cova dos adultos que se sepultassem das grades para cima pagariam dois mil réis, e os menores dois tostões. Quando a sepultura era das grades para baixo, os adultos pagariam duas patacas e os párvulos (anjinhos) uma pataca. Ao sacristão para mostrar a cova e cobri-la, dois vintém. Quando sepultados em qualquer capela, pagariam também duas patacas sendo uma para a Fábrica da Matriz e a outra para a Fábrica da Capela. O salário do sacristão de carregar a Cruz e mostrar a cova, seria repartido igualmente com aqueles que o substituissem nestas tarefas. Se o Páraco acompanhasse o enterro, pagar-se-ia por cada légua de ida e volta, duas patacas e a outros sacerdotes um cruzado também por cada légua de ida e volta e ao sacristão uma pataca. Pelos ofícios paroquiais, pagariam 10 mil réis, seis para o Páraco que cantava a Missa, doze patacas para os sacerdotes e meia pataca para o sacristão. Por ofícios solenes o Páraco receberia a esmola de praxe – 16 mil réis, sendo oito para o Páraco e o restante para dividir com os sacerdotes auxiliares e uma pataca para o sacristão.

Cap 5º – Pelas missas solenes celebradas na Matriz ou Capelas filiais receberia o Páraco a importância de quatro mil réis, ao diácono e subdiácono 10 tostões a cada um e ao sacristão cinco tostões. Se havia procissão cada paroquiano deveria dar uma vela.

Em presença do Visitador Geral da Comarca, Veríssimo Roiz Rangel, do Páraco e deputados, foram acertados os Direitos Paroquiais de comum acordo e consentimento de todos os presentes. O padre José Afonso Barroso Secretário do Visitador, deu como encerrado os trabalhos seguindo-se as assinaturas do Visitador Geral Dr. Padre Veríssimo Roiz Rangel, do Reverendo Páraco padre Ezequiel Gameiro, vigário na época, deputados e de um grande número de pessoas que participaram do conclave.

As grandes dificuldades que tinham os Vigários de Russas, desde a criação de seu Curato (1712) foram várias:

a) Não poder conservar o santíssimo Sacramento na Matriz, por falta do Sacrário.

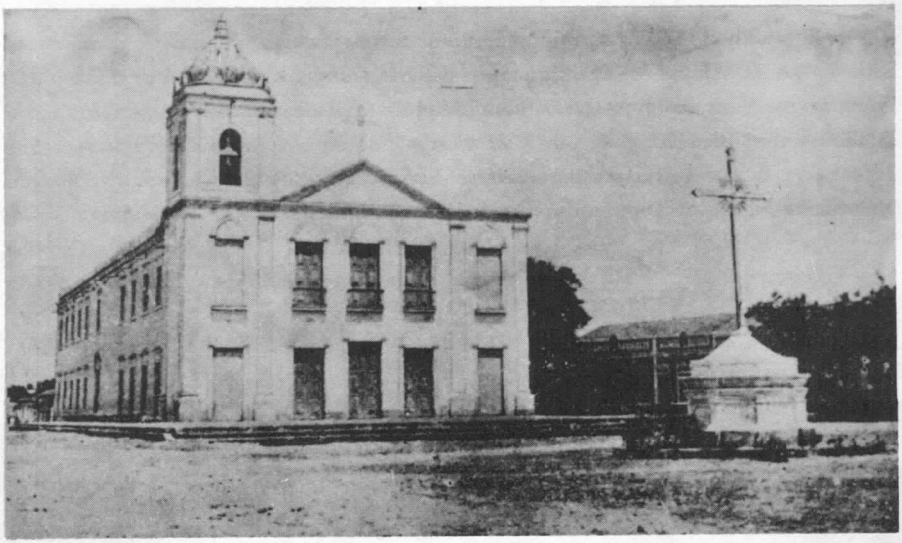
b) Não ter licença para levar o Viático com relicário ao peito.

As confissões dos enfermos nas proximidades da Povoação eram administradas após a Santa Missa, seguindo-se a procissão do Santíssimo. As confissões mais distantes, eram atendidas pelo vigário, mediante a celebração do Santo Sacrifício, aos enfermos.

Somente em 1751 era solucionado o problema da permanência do Santíssimo na Matriz, com a chegada do Primeiro Sacrário.

Construção da Igreja Matriz

Por falta de registro nos Livros de Tombo da Paróquia, deixamos de fornecer dados mais precisos quanto a data de sua construção. Mas teria sido esta iniciada no ano de 1735, e concluida em 1749.



Igreja Matriz (Foto Álbum do Jaguaribe - 1920)

Várias foram suas reformas até nossos dias.

Em 1790 é feita a primeira grande reforma e aumento da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, pelo padre João Francisco Rodrigues da Costa, 15º vigário de Russas. Estes trabalhos foram concluidos no ano de 1792. Segundo informações do Padre Pedro de Alcântara, atual vigário, o belíssimo alta-mor de arte

berliniana, ainda hoje existente, teria sido adquirido e instalado, na época desta reforma, pelo zeloso e esforçado padre João Francisco Rodrigues da Costa.

Por iniciativa do Revdo. Padre Joaquim Domingues Carneiro, foi autorizado o procurador geral da Irmandade do Santíssimo Sacramento, promover um movimento de arrecadação de donativos com a finalidade de construir a primeira torre da Igreja Matriz (lado direito). O senhor José da Silva Colares, procurador-geral da Irmandade do Santíssimo Sacramento, executou tão bem este trabalho, que já em 1846 eram iniciadas as obras da construção da torre, sob a orientação do padre Domingues Carneiro.

Ainda no paroquiato do padre Domingues, são feitas em 1848 outras pequenas reformas na Igreja Matriz.

Observa-se no Livro da Fábrica da Matriz, que eram grandes as despesas com reformas da Igreja, em consequência de enormes formigueiros localizados em sua Nave Central. Daí a necessidade de se abolir o sepultamento na referida Igreja.

Em 1904, de acordo com o Livro do Tombo, quando dirigia os destinos de nossa paróquia o conceituado Monsenhor João Luis, foram feitas algumas reformas no templo, para as comemorações da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição.

Ainda no paroquiato do Monsenhor João Luis, em 1913, é feita uma pequena reforma na Igreja.

Em 1942, são feitas, pelo padre Vital Gurgel Guedes, algumas reformas externas na Igreja Matriz, inclusive a construção da segunda torre (lado esquerdo), para as comemorações da maior festa religiosa já realizada em Russas – O Congresso Eucarístico (novembro de 1944).

A penúltima reforma executada na Matriz foi na parte interna para os festejos da Sagração Episcopal do então vigário de Russas padre José Terceiro de Sousa.

A última e maior reforma dessa igreja está sendo realizada sob a abnegada orientação do nosso atual vigário, padre Pedro de Alcântara Araújo. Por falta de firmeza em suas bases, foram retiradas as belas colunas e arcadas no interior desta Nave, havendo assim uma radical transformação na estrutura interna deste templo. Houve também uma mudança total em sua cobertura, e aplicação de cerâmica em seu piso e paredes. Além da Igreja Matriz, Russas possui outro belo templo – A Igreja de São Sebastião, iniciada em 1867 pelo Padre Lino Deodato quando pároco desta cidade, tendo este recebido o apoio total das duas Irmandades que se propuseram a construir esta capela (Irmandade de Nossa Senhora das Graças e de São Sebastião) e por este motivo a capela recebeu uma dupla invocação – São Sebastião e Nossa Senhora das Graças. É bom salientar o papel das mulheres que faziam parte destas Irmandades, quando trabalhavam quase noite e dia, carregando tijolos para a

1937
Capela de São Francisco

construção. Quando Dom Lino deixou o paroquiato de Russas (1873) já a Capela estava construida, embora ainda estivesse em preto.

Além das Igrejas da Sede, há também as capelas de São Francisco, pertencente ao Patrimônio do Ginásio Estadual Flávio Marcílio, construída no ano de 1937 pelo Padre Aluísio de Castro Filgueiras e donativos do povo em geral. A do Ginásio "Coração Imaculado de Maria", construída em 1944, também com ajuda de donativos do povo em geral, destacando-se a valiosa colaboração financeira dispensada pelo Sr. Lino Gonçalves de Oliveira, e a 29 de novembro do mesmo ano, inaugurada. A benção dessa Capela foi dada solenemente pelo Exmo. e Revmo. Dom Aureliano Matos, Bispo Diocesano.

Capela de Nossa Senhora de Fátima – Em novembro de 1955, o padre

Abdom Valério, recém-chegado a esta cidade, recebe como doação do Sr. João do Carmo Rebouças, uma capelinha com a invocação de Nossa Senhora de Fátima. Em 1966 foi iniciada a construção de uma nova Capela, pois a primitiva já se tornava pequena para o grande número de fiéis. Hoje, já participam da Missa dominical nesta capela, cerca de 500 pessoas. Foi inaugurada no dia 31 de julho de 1968, dia consagrado a Santo Inácio de Loyola, fundador da Sociedade de Jesus. A construção desta capela deveu-se ao grande esforço do padre Valério e de donativos do povo. Importou a obra, incluindo bancos e altares, 27 mil cruzeiros.

A administração desta Capela está confiada aos Padres Jesuítas. Com a chegada do padre Valério a Russas, no ano de 1955, este deu início a construção de uma Casa para residência dos Jesuítas, lançando a pedra fundamental no dia 13 de novembro de 1955. A esse ato compareceram o Provincial da Ordem padre Pedro Melo, o Reitor da Escola Apostólica de Baturité, o Dr. Eliseu Ferreira Lima, prefeito na época, o Presidente da Câmara Municipal e outras autoridades civis, eclesiásticas e o povo. A construção da referida casa data de 26 de dezembro de 1955, e sua inauguração se deu no dia 15 de agosto de 1958, pelo Sr. Bispo Diocesano, Dom Aureliano Matos, com o comparecimento de autoridades e grande multidão. A construção desta casa custou aos jesuítas a importância de 1.000 cruzeiros.

Além do padre Valério, outros jesuítas também se fixaram em nossa cidade. Em janeiro de 1956, chega o padre Nelson Nogueira Mota. Posteriormente, em abril de 1956 o padre João Rocha. O padre Severino Xavier da Silva chega em julho de 1957. No ano seguinte chegam os Irmãos Leigos Joaquim Rodrigues e José Atibones. Em 1959, chega o padre Luís Vieira, e em 1961 os Irmãos José Pereira e José Silva.

Os jesuítas têm como principal atividade, colaborar com o Vigário da Paróquia nas celebrações de Missas, desobrigas, atendimento aos enfermos e nas capelas .

É valiosíssima a folha de serviços prestados por estes padres ao nosso município.

Padre Valério, além da Capela de Nossa Senhora de Fátima, construiu várias outras, como a de Lagoa Grande, inaugurada em 1959; a do Vieira, em 1964; a do Peixe, em 1974; a da Consolação em 1976; a da Barbada em 1975; além destas, colaborou na construção das Capelas do Pau D'Arco e Bento Pereira. Esta última, iniciada em novembro de 1955, pelo vigário padre Pedro. Por volta de 1960, ruiu uma das paredes desta Capela. É nesta época que o padre Pedro confia ao padre Valério a restauração destes danos. Após a conclusão dos trabalhos, e algum tempo depois, desaba o teto. Dois anos mais tarde, novamente se dispõe o sempre solícito padre Valério a recuperar definitivamente a Capela. Concluídos os trabalhos de restauração, foi esta inaugurada no dia 5 de setembro de 1976, e benta pelo Sr. Bispo

Capela de N. S. de Fátima

Dom Pompeu Bezerra Bessa. Esta solenidade contou com a presença de autoridades eclesiásticas e de grande número de fiéis.

Outras obras de grande mérito do padre Valério foram as construções das Casas Paroquiais de Capim Grosso e Pau D'Arco, e dos Cemitérios do Vieira, Lagoa Grande, Peixe e Pau D'Arco. Exerce ainda funções extras como missões, celebrações de festas nas várias capelas, inclusive assistência àquelas construídas por ele. Duas a três vezes por ano vai a diocese de Patos na Paraíba, ajudando nas missões, visitas pastorais e mais outras atividades de caráter religioso.

Grande contribuição tem nos prestado o padre Xavier, não menos incansável, em construções de capelas, casas paroquiais, cemitérios e outras obras de grande valor social. Construiu a Capela de Gafanhoto e ajudou a construir a de Lusilândia, iniciada pelo padre Marcondes. Construiu também a Casa Paroquial do Palhano e concluiu a de Pedras. Construiu os cemitérios de Lusilândia e Gafanhoto e aumentou o do Palhano.

Atualmente, o padre Xavier é Pro-Vigário do Palhano e presta valiosa colaboração à paróquia.

Por falta de contato pessoal com os demais membros da Ordem, deixamos de registrar alguns feitos atribuidos a estes incansáveis jesuítas, que seguindo o exem-

plo de Nóbrega e Anchieta, têm prestado um sem número de benefícios que enobrecem a nossa terra.

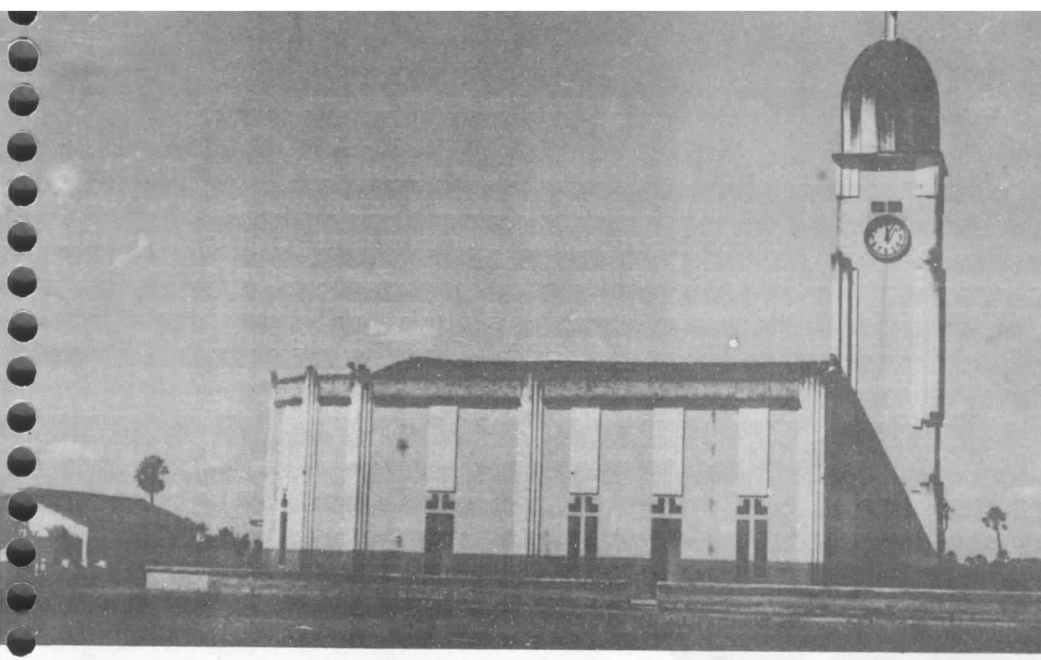
Também há na sede outras Capelas como as de Senhor Bom Jesus dos Aflitos, no cemitério local, e a de São Bento, no Alto da Bela Vista.

Existem também Capelas pertencentes à paróquia de Russas, como a de Timbaúba, que tem como padroeira Nossa Senhora das Dores. Iniciada em 1852, graças ao movimento organizado pelos senhores Firmino José Rodrigues Lima e Francisco José Rodrigues Lima, que, junto aos moradores daquela Ribeira, conseguiram recursos, e construiram esta capela, apesar de sua construção ser de taipa. Em 1929 é demolida, e reconstruida quase que às custas do senhor Lino Gonçalves de Oliveira, grande colaborador em prol do nosso patrimônio.

No lugar Lagoa do Velho, hoje São João de Deus, foi construída em 1951, uma Capela sob a invocação de São João de Deus. Esta capela foi inaugurada e benta pelo nosso atual vigário padre Pedro de Alcântara.

Uma outra Capela que teve sua época de grande florescimento, foi a de Flores, inaugurada em 1936. Dava assistência a esta Capela o nosso querido Monsenhor Oliveira, que nessa época conseguia levar ao templo, incalculável número de fiéis, tornando suas festas religiosas um verdadeiro encontro entre Deus e o Homem,

Capela de Timbaúba



Capela de São João de Deus

pois sua voz empolgava, prendia e dominava.

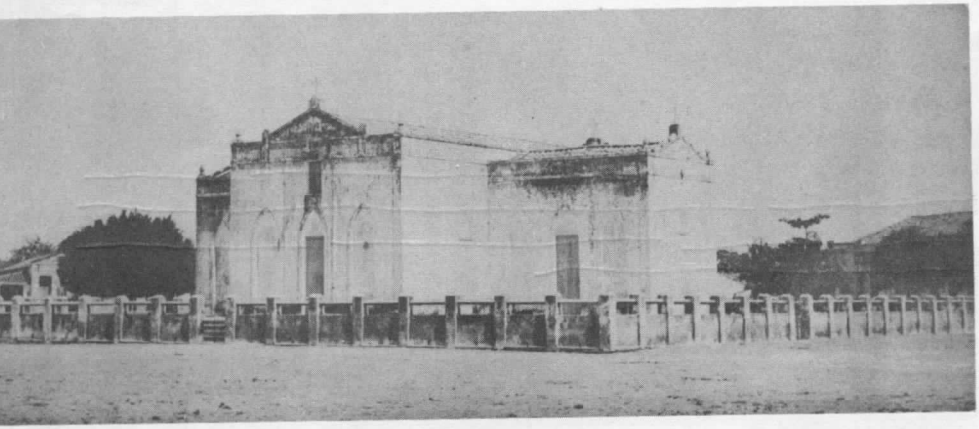
Com o desmembramento de Quixeré, do município de Russas, passa a ser a Capela assistida pela paróquia de Limoeiro do Norte.

Há ainda no município várias outras pequenas Capelas. Uma delas na Fazenda Porto Alegre, na propriedade do Sr. João de Deus, doada ao Patrimônio de Nossa Senhora do Rosário. Outra, a capela de Santa Luzia, na fazenda Boa Vista, iniciada em 1966 e inaugurada em 1972. Sua construção foi feita às custas da família Santiago de Oliveira, dos moradores da redondeza e muito especialmente da Ordem Salvatoriana da Alemanha. Dá assistência a esse templo o padre Alípio Santiago, da ordem Salvatoriana. Funciona nesta capela a "Escola Alípio Rodrigues de Oliveira", com 126 alunos.

Três eram as festas religiosas mais movimentadas de nossa paróquia. A da Padroeira, que a princípio era festejada no dia 6 de janeiro, festa dos Reis Magos. Posteriormente, por determinação de Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo Metropolitano, passou-se a celebrar esta grande festa no mês de outubro, conforme o calendário católico. Por muitos anos, Russas foi considerada a terra da mais ativa e atuante vida religiosa do Ceará. As festas da Padroeira tornaram-se famosas pelo brilhantismo de que eram revestidas, e mui especialmente, pela tradicional procissão

ostentando imagens ricamente ornamentadas, atraindo grande multidão de fiéis. A banda de Música, os sinos, hasteamentos de bandeira, procissões, leilões, quermesses, bombas, foguetes, cânticos, novenários, terços e bênção do santíssimo Sacramento, empolgavam e enchiam de piedade e fervor a alma daquela gente.

O novenário começava invariavelmente no dia 28 de dezembro, à tardinha. Na véspera, era fincado em frente à Matriz um mastro de carnaúba, medindo 10 metros e mais uma ponteira de dois metros. À noitinha, na porta principal, eram distribuidas com o povo centenas de lanternas de papel almaço com velas de cera de carnaúba. Acesas todas as velas, dava-se início a procissão conduzindo o estandarte da Virgem Padroeira, percorrendo as principais ruas da cidade, ao som harmonioso da Banda de Música local, alternados com repiques dos sinos, pipocar de bombas e foguetes. Terminada a procissão, havia o hasteamento da Bandeira com a efigie da Padroeira, ao mesmo tempo que ecoavam pelos ares "Vivas a Nossa Senhora do Rosário" respondido entusiasticamente pelo povo, solenizado pela música e por girândolas de fogos em profusão. Na noite seguinte, tinham início as novenas, que eram distribuidas a noiteiros, com a finalidade de estimular-lhes a vaidade, no sentido da prioridade nos festejos de cada noitada. Para isto havia as noites dedicadas às várias classes sociais.



Capela de Flores

Destas festas, pelo que sabemos, a mais movimentada foi a de 1947, quando "Amor Perfeito" e "Vitória Régia" disputavam com grande entusiasmo, a primasia. As quermesses eram dirigidas pelas senhoras Loló Maia, Mundinha Maciel, Cecília Ramalho, Leonides Vieira, Nitinha Ramalho, Miminha Santiago, Raimunda San-

tiago, Raimunda Carneiro e outras. Era grande a animação destes dois partidos, e não podemos deixar de enaltecer o valioso trabalho daquelas senhoras, e de dezenas de outras que com o mesmo fim, colaboraram incansavelmente objetivando maior brilhantismo de nossas festas religiosas. Destacou-se entre elas, a senhora Loló Maia, entusiástica lutadora pelo bom andamento e animação de nossas festas.

Quem porventura não recorda esses versinhos?
"É é amor perfeito
E se não é pode virar
Que dá prazer
O nosso bloco abafa mesmo
A qualquer outro
Estamos loucos
Para vencer
Amor perfeito
É um bloco forte
Sempre há de ser..."

Outra festa da Padroeira não menos movimentada foi a do ano de 1955, ano em que a festa era organizada, a exemplo das anteriores, dividida em duas partes – a religiosa e a social. A religiosa constava do seguinte programa:

Dia 27 de setembro – Abertura

Às 17 horas, passeata com a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário.

Em seguida hasteamento da Bandeira da festa pelos encarregados, Juarez Santiago de Lima, Francisco Felipe Sobrinho e José Martins de Carvalho.

De 28 de Setembro a 2 de outubro, às 18 horas, novena solene.

De 3 a 5 de outubro, novena com pregação pelo padre Valério.

Dia 6, de 18 às 19 horas, novena e hora santa solene.

Dia 7 – Festa da Padroeira.

6,30 horas, missa com cânticos sacros e comunhão geral.

Às 9 horas, missa com sermão.

Às 17 horas, procissão, cântico do Te Deum e Benção Solene do Santíssimo Sacramento.

Capela do Peixe

A parte social compreendia a realização de Quermesses. Neste ano houve grande movimentação de noitadas em homenagem aos funcionários e proprietários.

Barraca dos proprietários, a cargo das senhoras Nair Leite e Miminha Santiago. Auxiliares: Zenilde Eduardo, Terezinha Abreu, Zélia Maciel, Valdira Loureiro, Lourdes Tavares, Luzia Gonçalves, Maria José Matoso, Margarida Matoso, Imeuda Pires, Betilha Vieira, Maria do Carmo Coelho, Adalgisa Santiago e Noeme Santiago.

Barraca dos Funcionários, a cargo das senhoras Elizabeth Maciel de Sousa e Maria Santiago de Lima. Auxiliares: Raimunda Santiago, Dadá Gonçalves, Izabel Pereira, Acilia Pereira, Lucenígia Rocha, Lígia Rocha, Miriam Maia, Terezinha Evangelista, Carmelinda Evangelista, Inês Viana Silva, Rosinha Viana e Maria Eley Coelho.

Leilões dia 6 – Após as solenidades religiosas da novena era promovido animado leilão de prendas, e no dia 7, após a Santa Missa da Festa, era iniciado o segundo leilão que consistia em arrematar a martelo as mercadorias remanescentes.

Congresso Eucarístico

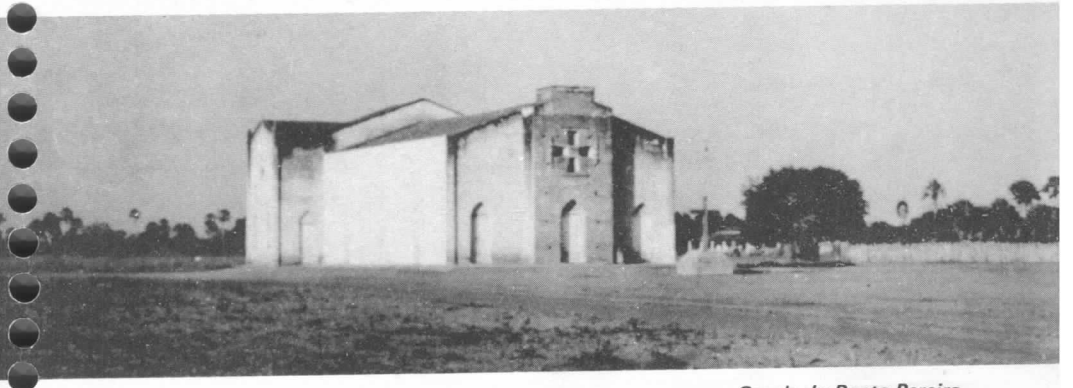
De todas as festas de caráter religioso já promovidas em Russas, foi o Congresso Eucarístico a de maior vulto, dada a sua significação. Em 1944 completava o Apostolado da Oração, cem anos de existência. Por esta razão, toda Russas engalanou-se para comemorar tão significativa data, com a celebração do Congresso Eucarístico. De acordo com folhetos distribuidos em toda a cidade, o Programa constava do seguinte:

20 a 28 de novembro	Preparação espiritual dos fiéis, com Missões pregadas pelos franciscanos.
25 de novembro -sábado.	17 horas – Chegada em Russas do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, que foi recepcionado pelas autoridades e pelo povo, defronte à residência do senhor João Ivo Xavier, onde ficou hospedado durante os dias do Congresso. Na ocasião discursou o Dr. Luís Nogueira e uma criança da Cruzada Eucarística.
Dia 29 - quarta-feira	7 horas, benção da Capela do Patronato Coração Imaculado de Maria, pelo sr. Bispo Diocesano Dom Aureliano.
Dia 29 - 18 horas	A imagem do Sagrado Coração de Jesus foi conduzida em solene procissão, da Capela do Patronato para a praça da Matriz, e colocada no altar-monumen-

to, onde presidiu os trabalhos do Congresso.
19 horas - Primeira sessão solene na Praça do Congresso, presidida pelo Sr. Bispo Diocesano. Em seguida execução do Hino do Congresso.
Saudação aos Congressistas pelo padre Macário Maia de Freitas.
1ª Tese - "O Coração de Jesus, Rei da Sociedade", pelo Dr. Manuel Sales de Andrade.
2ª Tese - "O Coração de Jesus, Rei da Família" padre José Torres S. J.

Dia 30 de novembro

6,30 horas - Missa cantada, celebrada pelo Sr. Bispo Diocesano, na Praça do Congresso. Comunhão Geral dos Homens.



Capela do Bento Pereira

9 horas - Sessões estudos, para homens, no Salão do Forum, presididas pelo Monsenhor Otávio Santiago, vigário geral da Diocese.
1ª Tese - "O Coraçâo de Jesus, Rei dos Homens" - padre J. Conceição S. J.
2ª Tese - "O Homem no Apostolado da Oração" - sr. João Vital Ferreira Lima.
Encerramento pelo presidente.
Para senhoras, no Salão Paroquial, sob a presidência do Monsenhor Vital Gurgel Guedes, foram apresentadas as seguintes teses:

1ª Tese - "A moça a serviço do Coração de Jesus" - padre Guilherme Wassen, C. M.

2ª Tese - "O Coração de Jesus e as suas promessas" - Dona Elvira Gondim. Encerramento pelo presidente.

Para moças, no Salão do Cine, presidida pelo padre Macário Maia de Freitas:

1ª Tese - "A Ação Católica e o Apostolado da Oração" - Senhorita Júlia Monteiro Caminha.

2ª Tese - "A moça a serviço do Coração de Jesus" - Senhorita Maria Dolores Ramalho. Encerramento pelo presidente.

Para rapazes, no Salão da Beneficente, presidida pelo padre José Terceiro de Sousa:

1ª Tese - "O Coração de Jesus e a Juventude". - Pelo estudante Antônio Nogueira Santiago, pertencente a Liga Estudantil Russana.

2ª Tese - "A Juventude na Idade Crítica" - padre Aluísio de Castro. Encerramento pelo presidente.

Para crianças, na Igreja de São Sebastião, presidida pelo Padre Francisco José de Oliveira:

15 horas - Hora Santa, na Igreja Matriz, pela santificação dos Homens - padre José Torres S. J.

19 horas - Sessão solene na praça do Congresso, presidida pelo Sr. Bispo. Hino do Congresso.

1ª Tese: "Saudação ao Santo Padre o Papa Pio XII", pelo jovem Eliseu Ferreira Lima, da Liga Estudantil Russana.

2ª Tese - "O Coração de Jesus, remédio dos males atuais" - por Franklim Chaves.

Dia 1º de dezembro. Missa e comunhão geral das senhoras e programação idêntica a dos dias anteriores.

Dia 2 de dezembro. 6,30 horas - Missa solene celebrada por Dom Aureliano e comunhão das crianças. Programação equivalente a dos dias anteriores.

Dia 3 de dezembro. Domingo - Às 7 horas - Solene Pontificial pelo sr. Bispo Diocesano, na Praça do Congresso. Sermão de encerramento pelo padre Arquimedes Bruno.

Às 16 horas - Triunfo Eucarístico - Procissão do Santíssimo Sacramento - Consagração da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus - Te Deum, cantado pelo coro, a cargo do revdo. Frei Evaldo, com a participação das alunas do Patronato, as Cantoras da Paróquia e o povo em geral. Finalizando, a bênção do Santíssimo Sacramento.

Esta festa tocou profundamente a sensibilidade de nossa gente, pelo brilhantismo e fervor litúrgico de que foi revestida. Um destaque especial, embora já um pouco esquecido, durante a realização do Congresso Eucarístico Russano, foi o belíssimo "Hino do Congresso", com letra do Dr. Andrade Furtado, e música de Gilberto Petronillo.

Recordêmo-lo.
"No horizonte sem fim se desdobra
O cenário de glória e de luz
Desta Santa Cruzada que é a obra
Entre todas mais cara a Jesus

Coro Floresça aqui e em toda parte
O apostolado da Oração
Jesus trazemos para honrar-Te
Renúncia, amor, reparação.

Quem padece que busque alegria
Nesta fonte suprema de paz. . .
Toda força, vigor e energia
Coração generoso nos dá

Há cem anos celebra-se o culto
De um incêndio de rubro calor. . .
Cresça sempre de brilho e de vulto
Este fogo nas almas Senhor".

VIGÁRIOS E COADJUTORES DE RUSSAS

Já vimos em capítulo referente a criação do Curato de São Bernardo das Russas, por Dom Manuel Álvares da Costa, (1706 - 1715), 5º bispo de Olinda, em 1712, que com a finalidade de dar melhor assistência ao grande número de fiéis aglomerados em torno das Capelas, foi nomeado por aquele bispo, o primeiro vigário deste Curato, o Padre Antônio de Araújo S. J. Este deu assistência religiosa aos nossos fiéis, de 1712 até 1719.

Com a mesma finalidade, era nomeado em 1719 o Padre Francisco Gomes da Silva, permanecendo nas funções de Cura até 1724, quando é nomeado por Dom Frei José Fialho, 6º bispo de Olinda (1722 - 1739), o Padre Manuel da Fonseca Jaime para o período de 1724 a 1730. Este, além de nosso Vigário, foi também governador da Capitania do Ceará, na primeira metade do século XVIII.

Para substituí-lo, veio o Padre Gonçalo Ferreira de Melo, que exerceu suas funções de 1730 a 1734.

É nesta época, (1735) quando era Bispo de Olinda Dom Frei José Fialho, criada a freguesia de São Bernardo das Russas e nomeado para o cargo de Vigário desta nova paróquia o Padre Gaspar da Costa Botelho, que paroquiou esta freguesia entre 1735 e 1736.

Para substituí-lo, vem agora o Padre Ambrósio Bernardo Menna que deu assistência religiosa em nossa freguesia, nos anos de 1736 a 1738.

De janeiro a dezembro de 1738, é nomeado interinamente o Padre Gonçalo Ferreira de Melo.

Foi substituído pelo Padre José Lopes Santiago. Este novo Vigário permaneceu a frente desta freguesia nos anos de 1738 a 1741.

Quando era bispo de Olinda Dom Frei Luís de Santa Tereza, 7º bispo de Olinda (1739 - 1754), é nomeado para cumprir a vigararia de São Bernardo das Russas, o Padre João Pereira de Lima, permanecendo no cargo entre 1741 a 1755.

Nesta época é nomeado outro importante homem, para dar assistência religiosa a nossa gente, o Padre Dr. Ezequiel Gameyro (1755 - 1762), quando era bispo de Olinda Dom Francisco Xavier Aranha, 8º bispo (1754 - 1771)

Vem agora pela segunda vez dirigir os destinos de nossa Paróquia, o Padre Dr. Manuel da Fonseca Jaime. Este permaneceu no cargo de 1762 a 1783. Chega para substituí-lo o Padre Gonçalo Ferreira de Melo, exercendo interinamente este cargo durante todo o ano de 1765.

Posteriormente o Padre José Carneiro Carlos da Silva, exerce as funções de coadjutor, no período de 1769 a 1778.

Agora vem como Pároco de nossa freguesia, o Padre João Francisco Rodrigues da Costa, que permaneceu a frente do paroquiato entre os anos de 1783 a 1792. Vem como seu substituto o Padre Manuel Pereira Dutra (1792 - 1796).

Para exercer o cargo de Vigário de nossa paróquia durante 35 anos, veio o Padre Bernardo da Fonseca Galvão que aí permaneceu entre os anos de 1796 a 1831, tendo como seu coadjutor, o Padre Joaquim de Paula Galvão, durante toda a permanência do Padre Bernardo. Interinamente o Padre Joaquim de Paula Galvão assume o cargo de Pároco no período de 1831 a 1833.

De 1833 a 1842, assume o comando da freguesia o Padre Francisco de Paula Barros, nomeado por Dom João da Purificação Marques Perdigão, 18º bispo de Olinda (1830 - 1864). Para o ano de 1842, foi nomeado interinamente para o cargo de Vigário, o Padre João Crisóstomo de O. Pinto Brasil.

Exerceu interinamente as funções de Vigário de São Bernardo das Russas em 1843, o Padre Francisco Ayres de Miranda Henriques. E como último Vigário nomeado pela Diocese de Olinda temos o Padre Joaquim Domingues Carneiro (1843 - 1867) tendo como coadjutores os Padres Manuel Antônio de Lemos Braga (1844 - 1845), Manuel Vicente Collares (1845 - 1864) e João Vicente Ferreira Lima (1863 - 1874).

O Ceará permaneceu subordinado à Diocese de Olinda até 1853 pela Lei Provincial nº 693 de 10 de agosto de 1853, expedida pelo Governador Joaquim Vilela de Castro Tavares, o Ceará foi elevado a posição de Séde Episcopal e instalada em 26 de junho de 1854, quando governava este Estado o Padre Dr. Vicente Pires da Mota.

A partir de então, os Vigários de Russas eram nomeados pela Diocese do Ceará, com exceção do Padre Joaquim Domingues Carneiro , que já havia sido nomeado desde o dia 3 de dezembro de 1843 e permaneceu até 1867.

Dom Lino Deodato
(1826 - 1894)

O primeiro Vigário nomeado para esta freguesia, pela Diocese do Ceará, foi o Padre Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, que fora nomeado pelo primeiro Bispo do Ceará Dom Luis Antônio dos Santos, (1861 - 1881). Paroquiando nossa terra durante 6 anos (1867 - 1873), o Padre Lino Deodato tornou-se um exemplo de verdadeiro Apóstolo. Sendo nomeado bispo de São Paulo, veio para substituí-lo, o Padre João Vicente Ferreira Lima aí permanecendo de 1873 até 1883, tendo como seu coadjutor, o Padre João Luis de Santiago, cinco meses do ano de 1883. Como substituto do Padre João Vicente Ferreira Lima vem o seu coadjutor Padre João Luis de Santiago que dirigiu esta Paróquia durante 23 anos, ou seja de 1883 a 1906. Teve este como coadjutores, os Padres José Agostinho Santiago Lima (1887 - 1890), Estevão Honorato Rodrigues Lima (1898 - 1901) e Zacarias da Silva Ramalho

Monsenhor João Luiz
(1851 - 1916)

(1903-1906). E agora como Vigário, o Padre Zacarias da Silva Ramalho, no período de 1906 a 1924. Substituiu o Padre Zacarias Ramalho interinamente, o Padre Raimundo Hermes Monteiro (1923-1924). O mesmo Padre Raimundo Hermes Monteiro permanece como vigário dessa Paróquia, nos anos de 1924 até 1930.

Com a criação da Diocese de Limoeiro do Norte, a 7 de maio de 1938, Russas passa a pertencer a esta Diocese, sendo seus vigários nomeados agora, por esta Diocese. Por esta razão, Dom Aureliano Matos, sagrado bispo aos 29 de setembro de 1940, e consequentemente o primeiro bispo desta Diocese, faz a nomeação do 37º Vigário de Russas, Padre Vital Gurgel Guedes. Este deu assistência religiosa a esta paróquia nos anos de 1930 a 1944, tendo como coadjutores, os Padres Jaime Felício de Sousa (1933-1934), Aluísio de Castro Filgueiras (1935-1942), Ângelo José Gurgel (1942-1943) e José Terceiro de Sousa (1943-1944). Este último é nomeado Vigário da Paróquia também por Dom Aureliano Matos, e aqui permaneceu de 1944 a 1948, quando foi nomeado Bispo de Caiteté. Como substituto de Dom José

Terceiro vem o Vigário desta Paróquia, Cônego Pedro de Alcântara, desde 1948 até nossos dias. Este teve como coadjutores os Padres Luis Gonzaga Xavier de Lima (1950), Pe. Francisco Cabral de Amorim (1951) e Pe. Heitor de Matos Montenegro, (1952). Nossos Vigários muito lutaram pelo progresso de nossa terra. Destacam-se entre eles o Padre José Bernardo da Fonseca Galvão que exercendo grande influência na época, pois fora membro do Cabido de Pernambuco e Acediago ou seja Vice-Deão, como Vigário de Russas reuniu um grupo de fazendeiros desta localidade, e junto ao governo da Capitania Manuel Bernardo de Vasconcelos, reivindicaram a elevação do povoado à categoria de Vila. E a 6 de agosto de 1801, era concretizada a luta dos moradores daquele povoado.

Também foi valiosa a colaboração do Padre Joaquim Domingues Carneiro. Este destacou-se com a construção da primeira torre da Igreja Matriz, lado direito, em 1846.

Outro grande batalhador em prol do desenvolvimento de nossa Igreja, foi o Padre Lino Deodato de Carvalho, que com seu dinamismo, construiu as Igrejas de São Sebastião, em Russas, a de Quixeré e a do Palhano, além de reformas na Igreja Matriz.

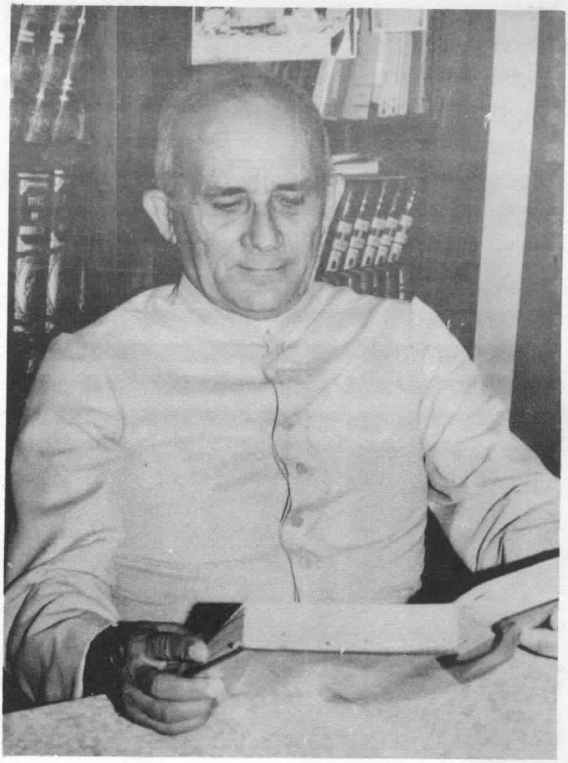
Não menor foi a luta do Padre João Luiz de Santiago pelo engrandecimento de nossa Terra. Grande conselheiro, protetor das Conferências de São Vicente de Paula, fez algumas reformas na Igreja Matriz.

Outro incansável batalhador pela causa de Cristo, foi o Padre Zacarias da Silva Ramalho. Grande pregador, encontrou sempre solução adequada a todos os problemas de ordem espiritual ou temporal. Concluiu a Igreja de São Sebastião, a do Palhano e fez algumas reformas na Igreja Matriz.

Destacou-se com grande mérito entre os nossos sacerdotes, o Monsenhor Vital Gurgel Guedes pelas suas conhecidas virtudes. Fez várias reformas na Igreja Matriz, inclusive a construção de sua segunda torre, lado esquerdo, em 1942.

A brilhante atuação do Padre José Terceiro de Sousa se fez notar com a luta em defesa de nossa Igreja. Construiu a Casa Paroquial, e por suas grandes virtudes foi sagrado bispo, e eleito para o município de Caiteté - Bahia, em 19 de fevereiro de 1948.

O último de nossos Vigários, Padre Pedro de Alcântara Araújo, tem lutado com um esforço sem precedentes no sentido de manter a nossa Igreja numa posição condígna. Além da construção de várias capelas do município, executou a maior reforma de nossa Igreja Matriz. Muito tem se interessado pela história de nossa terra. Nascido aos 20 de outubro de 1914, no município de Granja - Ceará, filho do casal José Pedro de Araújo e Dona Maria Olinda de Araújo.



Padre Pedro de Alcântara

Ordenado aos 19 de junho de 1943 em Limoeiro do Norte, por Dom Aureliano Matos.

Foi Vigário de Icapui município de Aracati, no ano de 1944. Depois regressa para Limoeiro, onde exerce as funções de Secretário do Bispado nos anos de 1945 a 1948. Daí veio para Russas em substituição a Dom José Terceiro que havia sido recentemente sagrado Bispo, ficando assim Padre Pedro em Russas, na qualidade de Vigário colado.

Padres filhos de Russas

Pe. Antônio José Moreira – N. 5/9/1771
Pe. Francisco Ayres de Miranda Henriques – N. 1807 Faleceu em 1874.
Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho – N. 29/9/1826 faleceu 19/8/1894
Pe. Leôncio Cândido de Castro Chaves –
Pe. João Vicente Ferreira Lima – N. 6/9/1837 faleceu 7/6/1883

Padre Raul Vieira

Pe. Joaquim Rodrigues de Menezes e Silva – N. 19/11/1840 faleceu 6/3/1890
Pe. Joaquim Ferreira de Castro – N. 21/12/1848 faleceu 31/7/1884

Monsenhor João Luis de Santiago – N. 27/8/1851 faleceu 27/9/1916
Cônego Agostinho José de Santiago Lima – N. 19/4/1859 faleceu 12/3/1910
Cônego José Joaquim Rodrigues de Carvalho – N. 1/4/1862 faleceu 4/1/1943
Dr. Pe. Raul Vieira – N. 3/6/1890 faleceu 30/9/1920
Pe. Matias Gomes Barreto –
Pe. Estevão Honorato Rodrigues de Lima – N. 2/9/1875 faleceu 25/1/1924
Pe. Maximiano Pinto da Rocha – N. 21/2/1873
Cônego Porfírio de Souza Martins – N. ? Ordenado em 17 de outubro de 1881
Monsenhor Francisco José de Oliveira – N. 4/3/1900 Ordenou-se a 15/8/1931
Pe. Raimundo Gonçalves de Oliveira – N. 10/8/1914 Ordenou-se em 8/12/1941
Pe. Agostinho Mascarenhas – N. 13/4/1914 Ordenado em 8/12/1942
Pe. Ambrósio Mascarenhas – N. 28/7/1918 Ordenado em 8/12/1946

Frei Elias Santiago Leite – N. 1921. Ordenou-se em 20/12/1947
Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago – N. 14/5/1925 Ordenou-se 5/12/1948 Bispo em 20/9/1961
Pe. Alípio Rodrigues de Santiago – N. 5/7/1925 Ordenou-se em 6/1/1950
Pe. Francisco Matoso Ferreira – N. 12/8/1925 Ordenou-se 19/12/1952
Pe. José Aloísio Moreira – N. 14/7/1933 Ordenou-se 30/11/1958
Pe. José de Sousa e Silva – N. 18/6/1925 Ordenou-se 11/12/1949
Pe. Vital Ribeiro – N. 3/6/1932 Ordenou-se 3/12/1961
Pe. Hemetério Santiago – N. 22/4/1941 Ordenou-se 14/1/1969
Pe. Afonso Rocha – N. 8/8/1934 Ordenou-se 25/6/1961

Além dos padres filhos de Russas, há também numerosas religiosas, destacando-se entre elas a Irmã do Divino Coração, atual Madre Geral da Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria.

Dom Mauro Ramalho

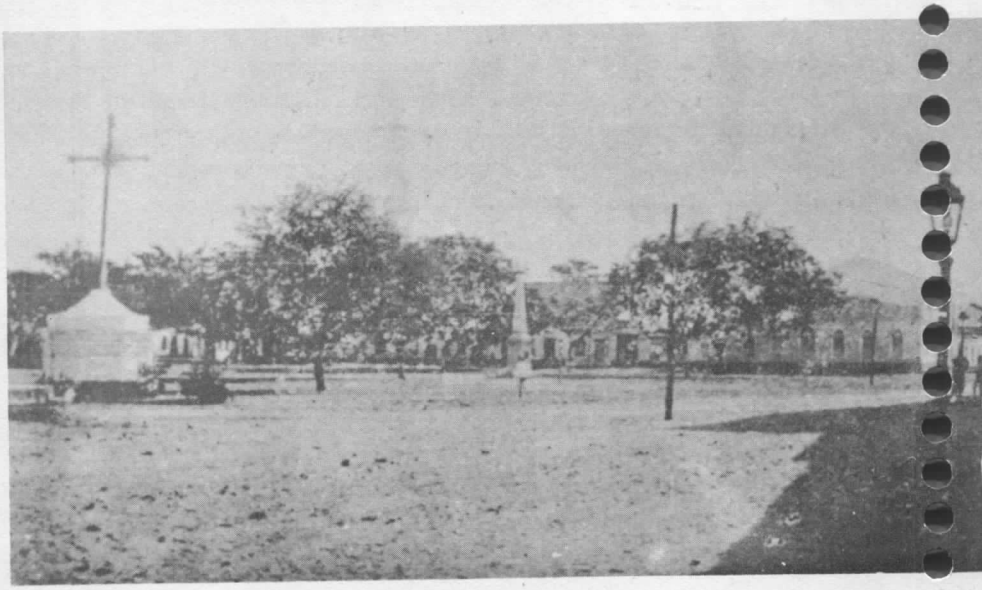
EREÇÃO À VILA

Em capítulo anterior, falei da Ordem Régia expedida ao Governador de Pernambuco no sentido de se congregarem todos os homens vadios que, afastados da Sociedade civil, viviam embrenhados pelos sertões. Esta idéia fora sem dúvida de Sebastião José de Carvalho – Conde de Oeiras – o tão conhecido Marquês de Pombal. Documentos desta época justificam o quanto era conveniente a instalação de Vilas, tanto para o bem comum da Sociedade quanto para a administração da Justiça e da Coroa. Instalada a Vila, os homens considerados errantes agrupar-se-iam em torno dela, desenvolvendo-se assim com maior rapidez a agricultura e aumentando sobremodo as comunicações e o comércio interno. Atendendo à Ordem Régia de 22 de julho de 1766, criaram-se no Ceará várias Vilas, incluindo-se a de "Santo Antônio do Ouvidor" posteriormente "São Bernardo do Governador".

Em 12 de setembro de 1798, os moradores do julgado de Russas, tendo à frente o Padre José Bernardo da Fonseca Galvão, fizeram uma representação ao Governador de Pernambuco, pedindo que a povoação fosse elevada a condição de Vila. O Governador em resposta, por ofício datado de 16 de maio de 1799, ordena ao Ouvidor Geral da Comarca do Ceará, Manoel Leocádio Rademaker que inaugurasse a Vila com a denominação de "Santo Antônio do Ouvidor", (Eusébio de Sousa) ou "São José do Bispo", (Clodoaldo Pinto). Antes porém sobreveio a separação da Capitania do Ceará da de Pernambuco (1799). Em virtude de tal acontecimento, somente em 15 de junho de 1801, agora por ordem do Governador do Ceará, Manoel Bernardo de Vasconcelos, ao Ouvidor da Comarca, Dr. Manoel Leocádio Rademaker, procedeu-se a ereção da Vila, retificando, porém, o nome de Santo Antônio do Ouvidor para o de "São Bernardo do Governador".

Segundo opinião de Clodoaldo Pinto, o topônimo São Bernardo do Governador para a Vila que se erigia, deveu-se a vaidade do então governador da capitania, que como sabemos chamava-se Manoel Bernardo de Vasconcelos, além da grande influência exercida pelo Vigário da Paróquia, Padre José Bernardo da Fonseca Galvão.

A inauguração da Vila deu-se no dia 6 de agosto de 1801, portanto 35 anos após a Ordem Régia de 1766. Ao toque do sino, no lugar do Pelourinho que o Ouvidor Rademaker mandara construir pelo escrivão da correição Manuel Martins Braga, era inaugurada a Vila com a denominação de "São Bernardo do Governador".



Largo da Matriz (Foto Álbum do Jaguaribe - 1920)

Esse pelourinho, agora de pé, significava um marco inconfundível e significativo, pois naquela argamassa de argila, estavam firmadas as esperanças do povo daquela Vila. Era como ainda hoje o é, uma testemunha muda das glórias e conquistas do passado e do presente. Esse monumento glorifica uma época, engrandece o passado, atesta a cultura de seu povo, de seu amor pela superioridade da terra-mãe.

Ao ato de inauguração, estavam presentes o Ouvidor Geral Manuel Leocádio Rademaker que oficiou o ato de inauguração, pronunciando palavras alusivas à data, salientando a significação daquele ato, outras várias autoridades e o povo em geral. No final da solenidade, em voz alta grita o Meirinho Geral da Correição (anti-

go funcionário judicial, equivalente ao oficial de justiça de nosos dias) Miguel Moreira dos Anjos, três vezes: *Real, Real, Real, Viva Sua Alteza Real, O Principe Regente e Nosso Senhor de Portugal*! E o povo a uma só voz repete a mesma exaltação. Entre vivas e aplausos, encerram-se as solenidades de criação da nova Vila. No mesmo dia à tarde, procedeu-se a eleição dos membros da Justiça, Governantes, Capitão-Mor, juramento e posse dos mesmos. Foram eleitos para juízes ordinários e sargento-mor, respectivamente, Francisco Xavier de Mattos Fontes e José Jacob de Freitas. Para vereadores, Manuel Ferreira de Mendonça, Agostinho Vicente Colares, Simão Pita Porto de Holanda. Para procurador, Manuel Dionísio de Araújo e para juiz dos Órfãos, o Capitão-mor José Antônio de Sousa Galvão.

Abrindo um parêntese, queremos advertir ao leitor que encontrará, em vários documentos, o dia 2 de agosto como sendo o da fundação da então Vila de São Bernardo do Governador. Baseando-se, porém, em documento procedente do Exmo. Dr. Barão de Studart, (que descobriu o erro) historiador que dispensa comentários, o Bacharel Eusébio de Sousa, ex-juiz de Direito da Comarca de São Bernardo das Russas, pede em requerimento dirigido à Câmara Municipal por ocasião do seu 119º aniversário de fundação, a devida correção do erro histórico, ou seja, pede autorização para colocar uma nova placa no aludido monumento, como um solene testemunho à nossa cronologia histórica.

Em resposta, a Câmara Municipal de São Bernardo das Russas altera o artigo 1º da Lei nº 86 de 2 de agosto de 1920, e dá outras providências, como veremos na transcrição do documento seguinte.

"A Câmara Municipal de São Bernardo das Russas resolve:

Art. 1º – O art. 1º da lei nº 86 de 2 de agosto de 1920 fica rectificado. É considerado dia de festa no município de São Bernardo das Russas, e, como tal feriado, o dia 6 de agosto destinado à comemoração da inauguração da então Vila de São Bernardo do Governador.

Art. 2º – Fica autorizado o Exmo. Sr. Dr. Eusébio Nery Alves de Sousa, como representante do INSTITUTO DO CEARÁ, a fazer na placa existente no monumento commemorativo da inauguração da então villa de S. Bernardo do Governador, erigido na praça da matriz desta cidade, a rectificação que trata o art. antecedente desta lei.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de S. Bernardo das Russas, 7 de dezembro de 1921.

João Maciel Pereira, Presidente; Agostinho José Santiago Netto, José Joaquim Rodrigues de Santiago, Bruno Epaminondas de Oliveira, Antônio Carneiro de Oliveira Lima.

Publique-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de S. Bernardo das Russas, 9 de dezembro de 1921.

José Ramalho de Alarcon e Santiago.

Prefeito Municipal".

Não temos explicação para o assunto. A verdade é que até nossos dias a Placa continua com a data de 2 de agosto de 1801.

São Bernardo do Governador permaneceu 58 anos na condição de Vila. E se não fora São João do Jaguaribe que a precedera, haveria no destino de nossa querida "Russas" o detalhe do pioneirismo de primeira Vila criada no Vale Jaguaribano. Parece até que as palavras do Ouvidor Geral Manuel Leocádio Rademaker constituiram para os poucos habitantes desta Vila um toque mágico, capaz de transformar esse ato de inauguração, numa decisão de perseverar.

São Bernardo do Governador prosseguiu evoluindo de maneira lenta, mas gradativa. Assistiu a dificuldades imensas, venceu obstáculos os mais tenazes. No entanto o povo desta Vila, querendo perpetuar as glórias do passado procura elevá-la, dignificando-a, com o civismo, com o direito, com o dever, com o patriotismo.

Foram 58 anos de lutas incessantes, de conquistas, mesclados de decepções. Para o povo desta terra, estes 58 anos representaram uma soma gigantesca de trabalho e entusiasmo, pois é certo que a humanidade não pára, tem sede de conquista, e o povo desta Vila nunca deixou de buscá-las.

Russas erigida a Vila, segue sua trajetória desenvolvimentista e em 1859, quando governava nosso Estado o Exmo. Sr. Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, vendo o progresso desta Vila, resolve através da lei nº 900 de 9 de agosto de 1859, elevá-la à categoria de cidade.

Vista parcial da Av. Monsenhor João Luis. Observar a posteação do fio do telégrafo no centro da rua, um pé de castanhola da época de Dom Lino e a posteação sustentando os velhos lampiões a querosene

Nesta oportunidade, após tramitação de documentos, seu nome foi mudado de Vila de São Bernardo do Governador, para "São Bernardo das Russas".

O município foi, porém, chamado de Russas, segundo o Dec. nº 196, de 5 de junho de 1891. Em face dessa duplicidade de denominações, o Dec. nº 169, de 31 de março de 1938, fixou o topônimo Russas, com a vantagem de abreviá-lo e de voltar à designação primitiva e tradicional.

Elevada à categoria de cidade, Russas recebe o primeiro comando da Guarda Nacional, que fora criado através do Dec. Nº 3436 de 8 de abril de 1865, sendo por Dec. de 12 do mesmo mês e ano, nomeado comandante desta Unidade, o prestigioso chefe político, Coronel Antônio Manuel Ferreira Maia, que dirigiu os destinos de nossa região até 1869, quando foi reformado.

Russas na época de sua elevação à categoria de cidade já contava com 171 casas, 872 habitantes, dos quais 120 escravos, além de regular comércio e pequena indústria.

FORMAÇÃO POLÍTICA DE RUSSAS

Como já vimos em capítulos anteriores, Russas surgiu de um aglomerado de casas em volta do Sítio Igreja, pertencente ao Desembargador Cristovão Soares Reymão. Em 1712 o povoado era elevado a condição de Curato. Em 1735 à condição de freguesia. Em 1801 o povoado transformava-se em Vila e em 1859 elevada a categoria de cidade. E pelo Dec. nº 448, de 20 de dezembro de 1938, adotou o nome Russas simplesmente.

Desde o surgimento do povoado até 1801, quando houve a primeira eleição para dirigentes da Vila, sua administração era feita através dos Vigários, que acumulavam as funções de cura e de juiz. Estes tinham plenos poderes da Coroa para resolver os problemas da Região, sob sua jurisdição. Portanto, o pároco de Russas exercia os poderes ministerial, como sacerdote, e judicial, como juiz da Vara.

No dia 8 de agosto de 1801, por ordem do Corregedor da Comarca Manuel Leocádio Rademaker foi realizada a primeira eleição em Russas para dirigentes da Vila. Foram eleitos os seguintes cidadãos: Para juiz ordinário, Francisco Xavier de Matos Fontes; para Sargento-Mor, José Jacob de Freitas; para vereadores, Manuel Ferreira de Mendonça, Agostinho Vicente Colares e Simão Pita Porto de Holanda; para procurador, Manuel Dionísio de Araújo e para Juiz de órfãos, o Capitão-Mor José Antônio de Souza Galvão. Este último foi também Ouvidor da Capitania do Ceará, em substituição a Manuel Leocádio Rademaker.

Não sabemos quais os sucessores dos primeiros eleitos. Com a implantação da Monarquia o Município passa a ser administrado por uma Câmara composta de Vereadores eleitos quadrienalmente.

Desse período, tem-se notícias de algumas eleições, como a de 1822, quan-

do o padre Vicente Rodrigues da Silva, então Presidente do Conselho Municipal, presidiu as eleições e obteve 107 votos para vereador, e consta sua assinatura na Ata de encerramento.

Nova eleição é procedida em 1829 para vereadores, e juiz de paz da Paróquia das Russas e Capelas filiais de Taboleiro de Areia, São João e Livramento. Nesta, consta a assinatura do padre Manuel Vicente Colares que serviu como presidente e a do padre José Bernardo Galvão.

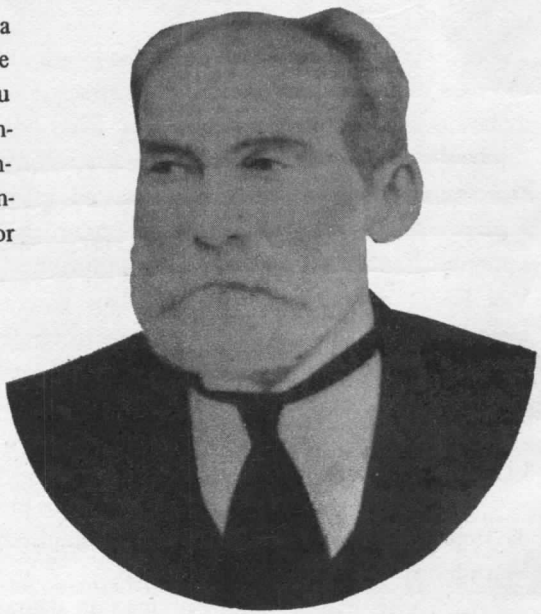
No livro de Atas é registrada uma outra eleição para juiz de paz realizada em 1843, onde consta que o padre Francisco Ayres de Miranda Henriques obteve votos mas não foi eleito.

Assim sendo, vemos quantos poderes tinha a Igreja para interferir na administração pública.

Em outros livros de Atas da Prefeitura, aparecem como Presidente de Câmara ou Conselho Municipal, os senhores Francisco das Chagas de Araújo, José Raimundo da Silva, Joaquim Nogueira de Freitas, Joaquim Domingos,. Augusto de Carvalho, João de Oliveira Lima, Inácio Antônio Rodrigues Machado, Antônio de Melo Costa e Antônio Alves Maia.

Com o advento da República, nosso Município é agora administrado por Intendentes ou Prefeitos, ora nomeados, ora eleitos. Apresentamos em ordem cronológica, a relação nominal dos Intendentes e Prefeitos de Russas, a partir de 1893.

Antes, queremos chamar a atenção do leitor pela omissão de algumas datas referentes a posse ou entrega de cargos dos prefeitos. Empregamos todos os esforços no sentido de apresentar dados mais completos, o que não foi possível, por falta de documentos.



João Nogueira de Freitas Costa
1º Prefeito de Russas (Intendente)

1 – João Nogueira de Freitas Costa – 1893
2 – José Honório Nogueira de Pontes – 1895
3 – José Casimiro Delgado Perdigão – 1896
4 – Francisco Ferreira de Araújo Lima – 1897 a 1904
5 – Francisco Honorato Rodrigues Lima – 1906
6 – Francisco Ferreira de Araújo Lima – 1911
7 – Dr. José Perdigão Sobrinho – 1912
8 – Francisco Ferreira de Araújo Lima – 1914 a 1919
9 – Felipe José de Santiago Lima – 1919 a 1921
10 – Dr. José Ramalho de Alarcon e Santiago – 1921 a 1929
11 – João Maciel Pereira – 1929
12 – João Ivo Xavier – 1930 a 1933
13 – Dr. Ezequiel Silva de Menezes – 16/1/1933 a 25/5/1935
14 – Vicente Veloso – 2/6/1935 a fim de novembro de 1937
15 – Manuel Matoso Filho – 2/12/1937 a 1945
16 – Dr. Manuel Sales de Andrade – 15 dias
17 – Carlos Pontes Santos Lima – 1945 a 1946
18 – Dr. João Maciel Filho – 1946 (meses)
19 – João Ivo Xavier – 1947
20 – João de Deus – 1948 a 1951
21 – Dr. Raimundo Maciel Pereira – 1951 a 1955
22 – Dr. Eliseu Ferreira Lima – 25/3/1955 a 25/3/1959
23 – Gerardo Matoso de Oliveira – 25/3/1959 a 25/3/1963
24 – João de Deus – 25/3/1963 a 25/3/1967
25 – Dr. José Martins de Santiago – 25/3/1967 a 25/3/1971
26 – Pedro Maia Rocha – 25/3/1971 a 31/1/1973
27 – Aurino Estácio de Souza – 31/1/1973 a 31/1/1977

No dia 15 de novembro do ano em curso, é eleito pela segunda vez, o Dr. José Martins de Santiago, para exercer o mandato de 31/1/1977 a 31/1/1981.

Grande tem sido o esforço dos nossos prefeitos pelo engrandecimento de nossa terra. O empenho, tem sido de tal maneira, que muitos deles tiveram de lançar mão de seus recursos particulares, com a finalidade de dar melhor assistência ao Município. Se algum deles deixou de cumprir o desejado, é porque a estrutura política da época não lhes permitia. Se bem que no meio destes, aparecem alguns que tenham negligenciado um pouco. Mesmo assim, muitos deles se destacaram com algumas obras importantes.

Não nos é possível enumerar todas as realizações de nossos prefeitos, principalmente dos mais antigos, como também daqueles que substituiram o titular, ou

mesmo governando como Chefe da Municipalidade durante meses ou até dias.

A partir do Coronel Francisco de Araújo Lima, vemos obras de grande vulto como a construção do Mercado Público, iluminação pública a querosene, perfuração do poço para água pública e reformas na Igreja Matriz.

Na gestão do Dr. José Perdigão Sobrinho é instalada a revolucionária iluminação pública a acetilene, e reformas na Casa da Câmara.

O Dr. José Ramalho revelou-se, com a construção do Obelisco na Praça Monsenhor João Luís, iluminação pública a eletricidade com posteação de ferro adquirida em Quixadá. Deu início a arborização da cidade com ficus benjamin, e melhoramentos na Casa da Câmara.

Destacou-se o Sr. João Ivo com a construção da Praça Monsenhor João Luís e a estrada ligando a cidade ao Cemitério.

O Dr. Ezequiel Menezes concluiu a Praça Monsenhor João Luís, antiga Juarez Távora, concluiu a arborização da cidade, construiu o Grupo Escolar, além de promover a remodelação no mercado e pintura.

O professor Vicente Veloso fez o lançamento da pedra fundamental do Matadouro Público. Em sua gestão é construído pelo Interventor Estadual Sr. Menezes Pimentel, o Quartel da Força Pública.

É dever dos russanos exprimir o reconhecimento e admiração pelos 7 anos de quase ininterrupta atividade do nosso saudoso Coronel Matoso Filho, atividade essa que marcou decisivamente o progresso de nossa querida Russas. Uma de suas importantes realizações foi a construção da Coluna da Hora, secundada por várias outras como a conclusão do Matadouro Público, dependências internas do Mercado Público, início do prédio da atual Prefeitura, aquisição do terreno para o Campo de Fruticultura e inauguração do salão do Forum.

DINAMITOU AS PEDRAS.

Não menos profícua foi a atuação do dinâmico Coronel João de Deus. E seguindo o espírito de Lavoisier, João de Deus deu um aspecto de gala a nossa cidade, mandando dinamitar as pedras, que segundo alguns historiadores deram origem ao nome Russas, para com elas calçar as principais artérias de nossa cidade. Reformou o Mercado Público, construiu o campo de aviação com uma pista asfaltada de 1.200 metros de comprimento por 40 de largura, e em sua gestão foi construída pelo governador Virgílio Távora a ponte "Virgílio Távora", sobre o Riacho Araibu.

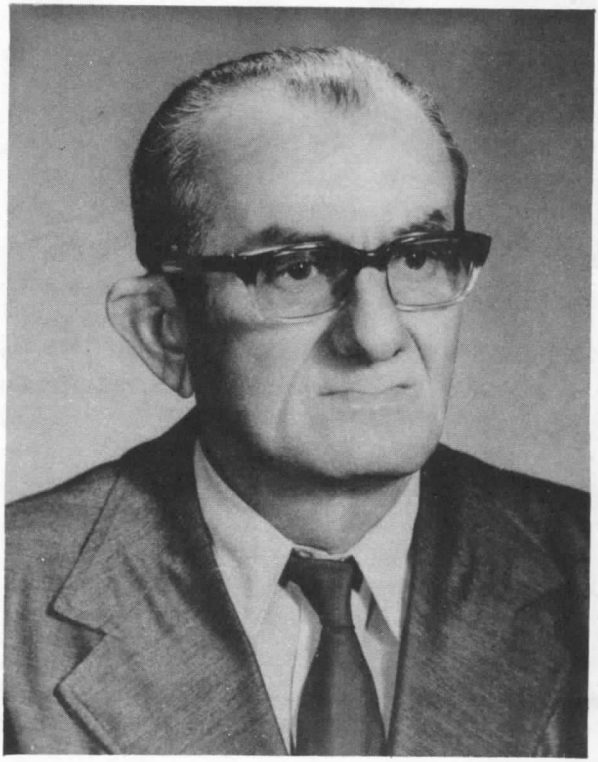
Grande contribuição nos legou o Dr. Raimundo Maciel Pereira com a conclusão do atual prédio da Prefeitura, construção da caixa d'água e grande incentivo ao setor educacional.

O dr. Eliseu Ferreira Lima, deu grande impulso na construção do calçamento de nossa cidade, o sr. Gerardo Matoso modificou a fisionomia de Russas com a remoção do paralelepípedo e o asfaltamento das principais artérias.

Valiosa foi a colaboração do dr. José Martins, embelezando a cidade com a atual arborização, reforma na Av. Dom Lino com a formação de canteiros ajardinados, reforma geral do Mercado Público com revestimento em pastilhas.

Da gestão do sr. Pedro Maia Rocha temos o calçamento de parte da Rua padre Raul Vieira, criação da Biblioteca Pública, instalação da Secretaria da Fazenda e a construção de um Posto de Saúde.

Obras de grande mérito foram realizadas na atual gestão do sr. Aurino Estácio. Grande foi sua luta no sentido de por em dia as finanças da Municipalidade, pagando ainda 11 meses de atraso ao funcionalismo municipal. Continuou o calçamento da Rua padre Raul Vieira, calçou a Rua Coronel Araújo Lima, a Rua Dr. José Ramalho, Travessa Bruno Epaminondas, Travessa José Xavier Ribeiro, Rua Monsenhor João Luis, Travessa Monsenhor Vital, Travessa Arcelino Pontes e parte da Coronel Perdigão Sobrinho, perfazendo um total de aproximadamente 30.000 m^2 de calçamento. Construiu 7 Postos de Saúde no município, nas localidades de: São



Aurino Estácio de Souza
último prefeito da série citada

Pedro, Capim Grosso, Boqueirão do Cesário, Pedras, Lagoa Grande, Peixe e Carpina, todos funcionando com assistência médico-sanitária. Construiu a sede própria do Tiro de Guerra – TG – 10 – 010; a Biblioteca Pública Municipal; um abrigo e outras dependências no Aeroporto coronel João de Deus; um vestiário com 35 banheiros no Colégio Estadual Governador Flávio Marcílio; praças Deputado Matoso Filho com busto, e Praça da Carnaúba, e ainda a construção de prédios escolares nas localidades de Passagem de Russas, Sítio de Baixo e Futuro. Fez doação de terrenos para a 8ª Delegacia de Educação, armazém da CIBRAZEM, Delegacia da Receita Federal no Ceará, FSESP, IPEC, COERBA, e CRER. Vale salientar que todas as medidas necessárias foram tomadas para melhorar o sistema educacional do município, com ampliação e equipamento das escolas, e aumento no nº de cadeiras para 170. Também foram realizados convênios com a SEEC, SUDENE, Hospital e Casa de Saúde de Russas, Maternidade Divina Providência, fundação FSESP, Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e Hospital de Saúde mental de Messejana.

Por todas estas realizações, foi o sr. Aurino Estácio de Sousa classificado pela UCAPE – Urbano Cordeiro de Pesquisas Especializadas de Opinião Pública de São Paulo, como o 4º prefeito, entre os 10 melhores do Estado do Ceará, no ano de 1976. Por esta razão foi o sr. Aurino agraciado com um diploma, que recebeu no dia 9 de outubro de 1976 na cidade de Maringá - Estado do Paraná.

Vale ressaltar, todavia, que este dinâmico edil enfrentou durante sua gestão dois graves problemas. Uma grande cheia no ano de 1974 e a longa estiagem do ano de 1976.

Seguro e firme em suas decisões, e acima de tudo administrador humano, suave e paciente. Sinto-me feliz em testemunhar sua operosidade como prefeito de nossa terra, e assim sendo, parabenizo este digno prefeito por tão brilhante atuação.

Coletores Estaduais e Federais

Para cuidar dos negócios da Fazenda, em Russas foram criadas as Coletorias Estadual e Federal, que teve como titulares na Estadual os senhores:

1 – José Honório Pontes
2 – João Costa
3 – Bonifácio Veloso
4 – José Delfino Júnior
5 – Honório Jucá
6 – Antônio Magalhães
7 – José Alves Feitosa
8 – Francisco Leite de Carvalho Júnior
9 – Otacílio Leandro de Meneses

10 – Vilebaldo Terceiro Teles
11 – Raimundo Rocha Sampaio
12 – Francisco Nilo Castelo
13 – Josevaldo Felinto de Sousa
14 – José Costa Sobrinho

Após a gestão do sr. José Costa a Coletoria Estadual é incorporada à Delegacia Regional da Fazenda com as diversas sessões, correspondendo a Sessão da Receita à Coletoria Estadual, assumindo a direção desta Sessão o senhor:

15 – Luis Orestes Dias
16 – Josaniel Alves de Lacerda

Neste período a Coletoria é desanexada da Delegacia Regional da Fazenda e tem como 17º Coletor o senhor:

17 – Walmar Pinheiro Lima
18 – José Alberto Freire
19 – Vivaldo Alves de Oliveira
20 – José Fernandes
21 – Luis Orestes Dias, atual Coletor.

A Coletoria Federal foi representada pelos Coletores:

1 – Custódio Ribeiro Guimarães
2 – Primo Custódio de Oliveira
3 – Antônio Gonçalves Ferreira
4 – Francisco Victor Fontinelli
5 – Dr. Carlos Ehret Lobo
6 – Adelgides Figueredo Correia

Respondendo pela Delegacia Regional da Fazenda, consta o nome dos Delegados:

1 – Jeová Eduardo Nobre
2 – Antônio Moreira Barros
3 – Rui Coelho Figueredo
4 – José Edil Moreira
5 – Francisco Edilson Teixeira
6 – Josaniel Alves de Lacerda
7 – Amadeu Rodrigues Chaves
8 – Edgar Leite Ferreira Júnior

QUIXERÉ, PALHANO E POVOAÇÃO DE PEDRAS

A palavra Quixeré é de origem indígena, de significação desconhecida.

Segundo registros do "Livro do Tombo", Quixeré vem de uma aldeia de índios, localizada nas proximidades deste lugar. Primitivamente chamava-se esta aldeia de Tabuleiro. Com a construção da primeira capela, passou a chamar-se definitivamente Quixeré.

Conta-nos Monsenhor Oliveira que desde muito cedo, quando seminarista começou a colher dados quanto a origem de Quixeré, tendo o cuidado de anotar todas as informações que lhe eram prestadas pelos mais velhos daquelas redondezas.

Quanto a primeira casa construída neste lugar, segundo informações do Monsenhor Oliveira, teria sido a do senhor Manuel Felipe da Silva, em 1840.

A primeira casa comercial a se instalar neste núcleo foi a do senhor Cândido Chicó, cujo ramo consistia na comercialização de solas, couros, farinha de mandioca, milho, algodão e feijão.

As primeiras famílias que aí se fixaram foram as dos senhores Manuel Felipe da Silva, Manuel Xavier da Silva, Cândido Chicó e Antônio da Costa.

Muito antes do ano de 1860, já eram celebradas as primeiras missas nessa região, em casa do senhor Mendes Medeiros. Distava esta casa da atual Matriz, 1 Km aproximadamente.

O celebrante destas missas era o padre Joaquim Domingues Carneiro, 20º Vigário de Russas (3.12.1843 - 1867).

Dom Lino Deodato, também oficiou vários atos religiosos nesta casa, e posteriormente em casa do senhor Manuel Felipe, em Tabuleiro, hoje Quixeré. Aí fo-

Igreja de Quixeré

ram celebradas missas e outros atos litúrgicos, até a construção da primitiva Capela. Havia na casa do senhor Manuel Felipe um pequeno oratório, semi-público, onde celebravam-se as Desobrigas, Missões, Novenas, Procissões e demais atos religiosos.

A pedido de Dom Lino, veio a Quixeré pregar Missões, o padre Agostinho Afonso – de origem italiana. Fincou nesta época um Cruzeiro onde hoje está edificada a Matriz de Quixeré. Por sugestão de Frei Agostinho, Dom Lino iniciou naquele local a construção da Capela, cuja pedra fundamental foi lançada em 1862. Paraninfaram esta solenidade os senhores Manuel Felipe, José Moreira de Souza Leão, Antônio Nogueira e Antônio Fernandes. A primitiva Capela, construída por Dom Lino Deodato, era de pequenas dimensões. O padre Joaquim Rodrigues de Menezes construiu um telhado na frente da Capelinha, para abrigar os fiéis. Monsenhor João Luis de Santiago, 23º Vigário de Russas (1883 - 1906), construiu os alicerces e erigiu a Sacristia da atual Matriz. O padre Zacarias da Silva Ramalho, 24º Vigário de

Russas (1906 - 1924), continuou os trabalhos e concluiu a Matriz. Os padres Raimundo Hermes, 26º Vigário de Russas (1924 - 1930) e Vital Gurgel Guedes, 27º Vigário de Russas (1930 - 1944) realizaram pequenas reformas e limpeza neste templo. Posteriormente, em 1946, Monsenhor Oliveira executa a maior reforma dessa Matriz, com a construção de sua belíssima torre, além de grande reforma interna e pintura. Esses trabalhos foram dirigidos pelo grande arquiteto professor Dr. Odízio.

Padre Francisco José de Oliveira, nascido a 4 de março de 1900, ordenou-se em 15 de agosto de 1931, paroquiou Boa Viagem e Quixeramobim.

Com a criação da Paróquia de Quixeré, em 29 de setembro de 1941, o padre Oliveira é transferido para a recém-criada paróquia, onde permanece até nossos dias, exercendo o seu paroquiato com a eficiência e firmeza que lhes são peculiares. Como sabemos, e muito mais o sabem seus paroquianos é ingente a sua atividade revelando-se autêntico benfeitor das classes mais humildes, desempenhando suas tarefas com entusiasmo e desprendimento.

A formação política de Quixeré tem início com a criação, em 1956, da Subprefeitura, exercendo a função de Subprefeito o senhor João Lima de Oliveira, que com muita dignidade exerceu estas funções até 1959.

No governo do senhor Paulo Sarasate foi criado, através da Lei Estadual nº 3.563 de 11 de abril de 1957, o Município de Quixeré e instalado no dia 15 de junho de 1957.

Permaneceu à frente da Municipalidade o senhor João Lima de Oliveira, respondendo interinamente até 1959, quando toma posse o primeiro prefeito eleito deste novo Município, o Dr. Jeová Leão de Oliveira, que governou de 1959 a 1963. Em seguida, vem o senhor José Gonçalves Ferreira Lima, que administrou o segundo quadriênio (1963 - 1967). Volta à Prefeitura de Quixeré, no período de 1967 a 1971, o Dr. Jeová Leão de Oliveira. Substituindo o Dr. Jeová, dirige os destinos de Quixeré, o 4º prefeito eleito, senhor Luis Lopes Sombra, no período de 1971 a 1973. E como atual prefeito desta Municipalidade temos o senhor João Batista dos Santos Neto.

Todos eles muito têm feito pelo engrandecimento desta nobre terra, no entanto merece destaque especial o senhor João Batista dos Santos Neto, que, recentemente foi classificado pela UCAPE, como, o 5º prefeito, entre os dez melhores do Estado do Ceará.

Palhano[x]

Como vimos em capítulo anterior, foi o Palhano o último município a desmembrar-se da Freguesia de Russas. Como as demais origens, Palhano tem sua ori-

gem histórica, parte documentada e parte em versão popular. Os mais velhos residentes nesta Ribeira afirmam ter sido um senhor por nome José Palhano, o primeiro morador desta região. Como andasse esse homem caçando, deparou-se com um rio, e achando o local ideal para morar, fixou-se aí, e tempos depois já havia um pequeno número de moradores. Afirmam ainda esses senhores que no dia 1º de janeiro de 1901, Frei Davi, pregando Missões, benzia um Cruzeiro no lugar. Daí o nome Cruz do Palhano.

Apesar dessas informações serem de cunho popular, elas traduzem um fundo de verdade, quando vemos em "Datas e Fatos para a História do Ceará" página 188, o registro de uma data de sesmaria de 3 léguas de terra, concedidas em 24 de outubro de 1733, ao coronel Manuel Gonçalves de Souza e ao Tenente Coronel Estevão de Souza Palhano, descobridores do Riacho da Cruz. Igualmente, em 11 de março de 1734, era concedida uma data de 3 léguas de terra no Riacho Bonhu, ao Capitão Antônio da Silva Cruz, pelo Capitão Mor Leonel de Abreu de Lima, de acordo com registro nos "Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará" Tomo 1, página 186.

Igreja do Palhano

Daí não sabermos precisamente se o topônimo Cruz do Palhano vem do fato histórico de haver aquele senhor Estevão de Souza Palhano e seu companheiro descoberto o Riacho da Cruz naquela época, ou se Cruz, vem do sobrenome do segundo morador desse lugar Antônio da Silva Cruz; ou ainda da versão popular do primeiro morador destas plagas senhor José Palhano e do Cruzeiro bento por Frei Davi, no princípio deste século.

Quanto à primitiva Capela do Palhano, ignoramos sua origem. Sabemos no entanto, através de registros no "Livro do Tombo" da Cruz do Palhano, que a 28 de julho de 1862 comparecia a esse lugar o Padre Lino Deodato com a incumbência de construir aí uma nova Capela, e este recebeu a valiosa colaboração dos senhores Francisco Bandeira Braga, Francisco da Silva Tércio e demais moradores da região. O senhor Francisco da Silva Tércio faz doação por escritura pública de 8 braças de terra, para a construção da referida Capela. No mesmo dia é feito o lançamento da pedra fundamental no local onde já existia a primitiva Capela. Ao ato estavam presentes o Padre Lino Deodato, que por autorização do primeiro bispo do Ceará, Dom Luis Antônio dos Santos, deu a bênção da pedra fundamental, além de grande número de moradores da Ribeira.

Os trabalhos desta nova Capela foram confiados aos senhores Francisco Bandeira Braga e Francisco da Silva Tércio. Sua conclusão parcial se deu no ano de 1873.

A primeira reforma desta Igreja teve início em novembro de 1907, sob a orientação do padre Zacarias Ramalho, contando com a valiosa colaboração do senhor Miguel Rodrigues de Santiago. Concluída esta reforma, a 1º de abril de 1910 recebia a benção do Pároco da Freguesia, Padre Zacarias Ramalho.

Palhano foi distrito de Russas, criado pela Lei número 1.114 de 30 de dezembro de 1943. E no ano de 1958 foi elevado a categoria de Município, pelo Decreto-Lei número 4.076, de 8 de maio do mesmo ano. A prefeitura do Palhano foi instalada no dia 15 de maio de 1958, sendo designado para responder pela Municipalidade, o cidadão João Luis de Santiago, que permaneceu nas funções até 12 de abril de 1959, quando foi nomeado prefeito interino deste Município o senhor Miguel Correia de Oliveira, com mandato até 22 de janeiro de 1961. Em 1960 foi eleito o primeiro prefeito deste Município, senhor João Mateus Sobrinho, que tomou posse no dia 22 de janeiro de 1961, com mandato de dois anos. O segundo prefeito eleito foi o senhor Jacó Severiano da Silva, com mandato de quatro anos. Como terceiro prefeito, vem novamente o senhor João Mateus Sobrinho, com mandato de 1967 a 1971. Em 1970, o ex Vice-Prefeito Joaquim Barreto é eleito com mandato de dois anos, terminando em 31 de janeiro de 1973, quando tomou posse o atual,

senhor Jacó Severiano da Silva, reeleito aos 15 de novembro de 1972 e empossado aos 31 de janeiro de 1973.

Este Município está localizado na microrregião 6. A distância da sede do Município à Capital, é de 152 quilômetros. Limita-se ao Norte com Beberibe e Aracati, a Leste com Itaiçaba e Jaguaruana, ao Sul e Oeste com o município de Russas.

Sua área é de 469 Km^2 com uma altitude de 70 metros. O terreno é plano, rochoso e argiloso. Seu principal acidente geográfico, é o Rio Palhano, primitivamente chamado Riacho da Cruz, e de caráter periódico. São poucos os recursos naturais, destacando-se no reino mineral a argila e o óxido de ferro; no reino animal, peixe, gado bovino, caprino e ovino e no reino vegetal, a oiticica, a carnaúba, milho, feijão e mandioca.

Tem clima quente e seco com temperatura que varia entre 26 a 30 graus centígrados. O inverno é geralmente de janeiro a junho.

O Município conta com um único distrito que é o da sede.

Palhano pertence à Comarca de Russas, de terceira entrância. A população censitária em 1970 era de 5.170 habitantes, e a estimativa para 1975 é de 5.994 habitantes.

Povoação de Pedras (início do séc. XIX)

Um dos núcleos mais promissores de nosso município é o de Pedras, cuja origem é bem recente. No final do século passado era construída no local a primeira casa residencial, pelo Sr. José Francisco da Silva. No princípio deste século, a casa é adquirida pelo Sr. José Antônio da Silva, seu atual morador e proprietário.

A família Silva procede de Aracati, e sua genealogia vem do casal Baltazar Correia da Silva e Sílvia Correia da Silva. Teve este casal oito filhos: Baltazar, Antônio, Cândido, José, Cândida, Luis, Ana e Raimundo.

Do casal Antônio Correia da Silva e Maria Francisca da Silva houve nove filhos: Antônio, Ricardo, José, Raimunda, Luis, Manuel, Francisco, Maria e Francisco.

A genealogia materna da atual geração vem do casal Luís Antônio Ferreira e Raimunda Sena Ferreira, com quatro filhos: Francisco, Maria, Ricardo e Joana. De Maria Altina da Rocha, casada com Cláudio Pereira de Oliveira nasceram quatro filhos: Ana, Maria, Rosa e Joaquim.

Maria Altina nascida a 6 de maio de 1896, casada com José Antônio da Silva, nascido a 29 de janeiro de 1886, teve os seguintes filhos: Maria, José, Luis, Solon, Dino, Valdivino, Adolfo, Jonas, Maria de Lourdes, Noé e Maria José.

Estando Pedras instalada à margem da BR-116, e do Rio Palhano, recebe esta povoação duas influências que muito contribuem para o seu progresso. Na pri-

Vista parcial de Pedras

meira metade deste século foi lenta sua evolução. A partir de 1937, com o lançamento da pedra fundamental de sua Capela, no dia 24 de outubro, este lugarejo passou a se movimentar com mais intensidade, no sentido de angariar donativos para a conclusão do templo. E no dia 24 de junho de 1944, estava concluída e era inaugurada e benta pelo Revdo. Padre Nelson Terceiro de Farias, celebrando ali a primeira missa. À cerimônia de inauguração estava presente, além do vigário da Paróquia, Padre José Terceiro de Sousa, outras autoridades e grande número de fiéis.

O terreno foi doado pelos Srs. José Silva e João Raimundo da Costa, tendo a capela a invocação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Em 25 de março de 1951 foi concluído e inaugurado o Cemitério local, com o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Posteriormente é construída junto a Capela, a Casa Paroquial, que serve de residência aos padres nos períodos de desobrigas. Outra obra de grande importância foi a construção do prédio da "Escola Reunida Adolfo José da Silva", em terreno doado pelo Sr. José Silva. Sua inauguração se deu no dia 25 de março de 1967.

De relevante valor social foi a construção do Posto de Saúde local, edificado recentemente, e inaugurado em 19 de junho de 1976. Já estando em pleno funcionamento, proporciona à população das redondezas grande benefício no setor Médico-Odontológico.

Pedras adquiriu o seu mais importante veículo de progresso, a eletrificação, a 19 de junho de 1976, inaugurada simultaneamente com o Posto de Saúde, pelo prefeito municipal Sr. Aurino Estácio de Sousa e sua comitiva. Como se vê, Pedras, localizada às margens do Rio Palhano e da BR-116, possuindo Capela, Escola, Cemitério, Posto de Saúde, Eletrificação, Posto de Gasolina e regular comércio, tem tudo para muito breve, ser o núcleo mais desenvolvido de nosso município.

Este acentuado desenvolvimento se deve não só aos poderes públicos, mas, sobretudo, à solicitude e generosidade do Sr. José Silva, principal benfeitor desta povoação.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

Como já foi dito anteriormente, nosso poder judicial era exercido pelos vigários de Russas até 1801, quando houve a primeira eleição, tendo sido eleito para juiz ordinário o Sr. Francisco Xavier de Matos Fontes.

Com a criação da Comarca, pela Lei Provincial nº 1415 de 25 de agosto de 1871, declarada de segunda entrância, pelo Decreto nº 5195, de 11 de janeiro de 1873, hoje considerada de terceira entrância, foi nomeado o primeiro juiz de direito de Russas o Dr. Francisco de Araújo Lima, filho do Icó, que foi Presidente da Província da Paraíba, onde faleceu em 1877.

Extinta a Comarca, pelo Decreto Estadual nº 196, de 5 de junho de 1891, e restaurada pela Lei 422 de 29 de setembro de 1897, compreendia agora os termos de Limoeiro e Morada Nova. Em 16 de fevereiro de 1898 é nomeado o segundo juiz de direito de Russas, sendo primeiro depois da restauração da Comarca, o Dr. Raimundo Francisco Ribeiro.

Citamos em ordem cronológica a relação nominal dos juízes de Russas, desde a criação da Comarca até nossos dias.

1 – Dr. Francisco de Araújo Lima
2 – Dr. José Joaquim Domingues Carneiro
3 – Dr. Raimundo Francisco Ribeiro
4 – Dr. Manuel Augusto de Oliveira
5 – Dr. Eusébio Nery de Souza
6 – Dr. Raimundo de Carvalho Lima
7 – Dr. Manuel Sancho Campelo
8 – Dr. Cursino Belém de Figueredo

9 – Dr. Manuel Sales de Andrade
10 – Dr. Júlio Maciel
11 – Dr. Eurico Alves Monteiro
12 – Dr. Moacir Catunda Martins
13 – Dr. Raimundo Cavalcanti
14 – Dr. Olavo Morais de Ataíde
15 – Dr. José Barreto de Carvalho
16 – Dr. José Mauri Moura Rocha
17 – Dr. José Bruno Pereira
18 – Dr. Francisco da Rocha Victor

Dezoito personalidades diferentes marcaram a vida judiciária de Russas. Muitos deles deixaram transparecer a sua retidão moral, jamais oscilando entre a verdade e o erro, tornando suas vidas fecundas e sobremodo dignas.

Um deles, Dr. Moacir Catunda Martins, pelas suas virtudes já conhecidas, é uma personalidade que se projeta em plano elevado nos meios judiciários do país, a elevada função de Ministro do Tribunal Federal de Recursos.

Exercem a Promotoria em Russas, a partir da instalação da Comarca, em 1872, os seguintes membros:

1 – Capitão Inácio Antônio Rodrigues Machado - interino
2 – Dr. Caetano Alberto da Fonseca Lima
3 – Dr. José Baltazar Ferreira Facó
4 – Dr. Felipe Franklin de Lima
5 – Dra. Auri Moura Costa
6 – Dr. José Evandro Sales Luz
7 – Dr. Alfredo Azevedo Montenegro
8 – Dr. José Ribeiro Dantas
9 – Dr. Vicente Francisco de Souza
10 – Dr. Ernesto Serra

Tabeliões de Russas

Deixamos de fornecer os nomes dos primeiros Tabeliões por falta de dados. Sabemos no entanto que o Primeiro Cartório foi criado no início do século XVIII. De nosso conhecimento registramos aqui sua relação nominal:

1º Cartório
1 – Avelino de Brito
2 – Raimundo Nogueira Santiago
3 – Maria Helena Santiago

4 – Francisco Rantzau Souza

2º Cartório

1 – Theodorico Veloso
2 – João Luis Ramalho de Alarcon e Santiago
3 – Argemiro Torres Filho

Uma classe que muito colaborou no andamento de nossos negócios judiciários foi a dos oficiais de justiça, que relacionamos a partir de 1904.

1 – Joaquim Clementino Ribeiro
2 – Paulino de Souza
3 – Vicente Ribeiro Santiago
4 – José Coelho da Silva
5 – Francisco José Barbosa
6 – Raimundo Galdino Filho
7 – José Porcides
8 – Augusto Nogueira da Costa
9 – Luis Galdino da Silva
10 – Luis Nogueira

119º ANIVERSÁRIO DA ELEVAÇÃO DE RUSSAS À CATEGORIA DE VILA

Em agosto de 1920, Russas viveu momentos de grandes festividades por ocasião da passagem do seu centésimo décimo nono aniversário de elevação à Vila, comemorando solene e condignamente esta data. O idealizador das solenidades foi o ilustre Dr. Eusébio Nery Alves de Sousa, digníssimo Juiz de Direito da Comarca, que chefiava a comissão de festas composta dos senhores José Ramalho de Alarcon e Santiago, Rufino Franklin de Lima, José Perdigão Sobrinho, Theodorico Veloso, Raimundo Nogueira Santiago e Astrolábio de Queiroz Barros.

Estes festejos marcaram profundamente a vida cívica de nossa cidade. Nesta época foi erigido um Obelisco no lugar do antigo Pelourinho, criado e cantado pela primeira vez o hino de Russas, além de outros relevantes acontecimentos que marcaram uma época. O programa dos festejos consagrados à passagem do 119º aniversário de fundação da Vila de São Bernardo do Governador (6 de agosto de 1801), constava do seguinte calendário: Às 8 horas do dia 2 de agosto, missa campal ao lado do Monumento na Praça da Matriz, tendo como celebrante o Pe. Zacarias Ramalho, e auxiliado pelos Padres Nelson Terceiro de Farias e Antônio Pereira da Graça Martins, respectivamente vigários de Morada Nova e União.

Terminada a missa, houve a inauguração do Monumento comemorativo à passagem do aniversário de fundação da Vila, mandado erigir pelo povo de Russas, sob os auspícios do "Instituto do Ceará". Em brilhante discurso, o Dr. Eusébio de Souza falou do alto significado de um Pelourinho, procurando desfazer a imagem negra que muitos tinham a respeito deste tipo de Monumento. Finalizando seu elo-

qüente discurso, Dr. Eusébio entrega ao Prefeito aquele tão significativo Monumento, que acabara de ser inaugurado, com as seguintes palavras:

"Senhor Governador da cidade.

A vós, como chefe do Executivo Municipal, a quem cabe zelar as tradições desta terra, faço a entrega deste Monumento, que passa a ser desde esta ocasião um próprio da Municipalidade.

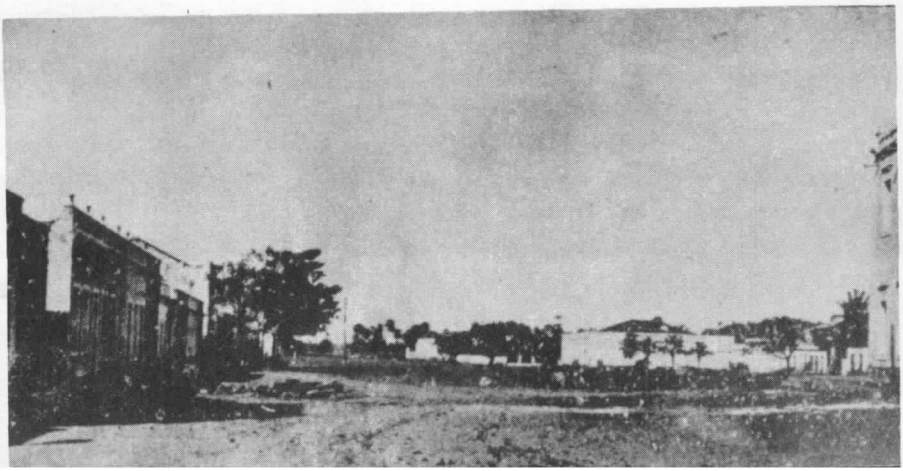
Que na vossa gestão possais conservá-lo com o maior carinho, dando-lhe o valor devido como marco que é definitivo, da perpetuidade da gratidão do povo, em troca do benefício criado em seu nome, de modo que vossos sucessores, por sua vez, bebendo os vossos belos ensinamentos, possam corresponder ao subido e altíssimo fim a que o mesmo se destina"

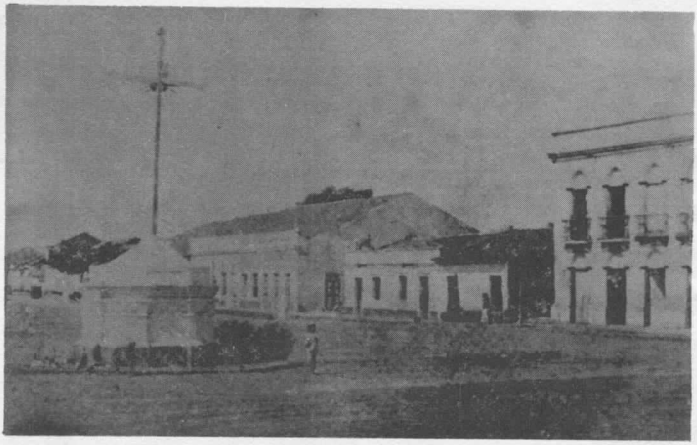
→ O monumento foi construído pelo renomado artista Raimundo Peixoto de Alencar, e representa um artístico Obelisco sobre um pedestal, medindo 7 metros e cinqüenta centímetros de altura por 1 metro e trinta centímetros de largura. Erigido na ala sul da praça da Matriz, permanece até os nossos dias, e o teor do documento de sua ereção é o seguinte:

"Auto de excavação do local do Pelourinho da antiga Vila de São Bernardo do Governador.

Aos quinze dias do mês de março do ano de mil novecentos e vinte, nesta cidade e município de São Bernardo das Russas, Comarca do mesmo nome, do Estado do Ceará, pelas oito horas, na praça da Igreja-Matriz de Nossa Senhora do Rosário, presentes as pessoas abaixo assinadas, e no local, onde segundo a tradição oral e vestígios encontrados se supunha existirem os alicerces do Pelourinho da antiga Vila de São Bernardo do Governador, na distância de 74,30m, para a base do Cruzeiro existente em frente a Igreja Matriz; 45,10m, para a esquina da casa de residência do cidadão João Maciel Pereira e 56,15 m também da esquina da casa do cidadão Vicente Veloso, ambas situadas na Praça aludida, procedeu-se a excavação em

Vista parcial da cidade de Russas (Álbum do Jaguaribe)





Vista parcial da cidade de Russas (Álbum do Jaguaribe

torno da base do Pelourinho referido, constituida esta por um dado de alvenaria de 0,8 m. de face com a mesma profundidade. Nessa excavação nenhum vestígio apareceu que pudesse denunciar a existência de documentos que atestassem a procedência da fundação do Pelourinho aos 2 dias do mês de agosto de mil oitocentos e um (quando foi instalado a vila pelo ouvidor do Ceará Bacharel Manuel Leocádio Rademaker), senão os alicerces encontrados e ora excavados, aliás prova suficiente de sua existência no local referido; Do que tudo para constar e ser público foi lavrado este auto que, sendo lido e achado conforme vai por todos assinados e dele tirado cópia para o arquivo do "Instituto do Ceará", sendo o presente original depositado na urna que será colocado nos alicerces da construção do Monumento que se pretende fazer no local onde existe dito Pelourinho, atestando assim, aos pósteres sua anterior ereção. – E eu, Raimundo Nogueira Santiago, secretário aclamado na ocasião o fiz este, subscrevi e assino. – Eusébio Nery Alves de Sousa, juiz de Direito da Cómarca e como representante do "Instituto do Ceará"; José Ramalho de Alarcon e Santiago, prefeito Municipal; Padre Zacarias da Silva Ramalho, vigário da freguesia; Rufino Franklin de Lima; Bruno Epaminondas de Oliveira; Vicente Veloso; Astrolábio de Queiroz Barros; Raimundo Nogueira de Santiago".

Ressalte-se o detalhe de que segundo informações do conceituado advogado José Osterne Ferreira Maia ao Dr. Eusébio de Sousa, seu pai o Coronel Antônio Manuel Ferreira Maia, chefe político de grande prestígio, mandou derrubar o Pelourinho, não precisando com segurança a época da demolição. Assim agiu porque pensava, como muitos, constituir o Pelourinho uma afronta à sociedade e à humanidade. E, para isto, pagou ao encarregado da demolição a importância de 1600 réis ou sejam cinco patacas.

Além do discurso de abertura das solenidades de 1920 proferido pelo Dr. Eusébio de Sousa, discursaram também os Senhores Dr. Eduardo Dias – renomado médico de Aracati, Dr. Joaquim Moreira de Sousa – grande expoente de nossa cultura, e recebendo o Monumento que acabava de ser inaugurado, falou brilhantemente o farmacêutico e prefeito na época Senhor José Ramalho de Alarcon e Santiago, cujo discurso passamos a transcrever:

"Meus senhores.

Diante deste soberbo Obelisco, que sobre bases possantes e seguras cresce em aprumado e magestoso pedestal e elevando-se em agulha esbelta, desafia as alturas: diante deste grandioso e significativo monumento, senhores, rememoramos em festas os passados e fecundos dias do torrão querido do nosso berço que, apparecendo em tempos demais remotos, surgindo em eras que já se passaram há séculos, foi villa em 2 de agosto de 1801 para, desde então, progredir, evoluir e crescer sempre e sempre, mais e mais, a ponto de em nossos dias, poder descançar sobre o solido pedestal de avantajados feitos de maravilhosos progressos: as suas matas foram desbravadas, suas várzeas se cobriram de viçosas e opulentas carnaúbas, seus rios, nas vazantes, se transformaram em vastos lençóis de verdura, seus rebanhos mansos e bem pastoreados povoaram-lhe os campos e seus filhos beberam luzes, luzes de civilização, luzes de sciencia e luzes de fé, e conheceram e sentiram as chamas do amor patriótico, amor sincero, amor intenso, amor que não sonha, que não idealisa, não architecta e não aspira senão o engrandecimento do solo patrio; amor que, engenhoso e forte, há bem mais de meio seculo, transformara-o já, de Villa de São Bernardo do Governador em cidade de São Bernardo das Russas. E, deste pedestal de glorias adquiridas, senhores, o nosso estremecido torrão que ir avante, porque as riquezas que possúe, os grandiosos trabalhos que ora nelle se realizam lhe despertam, com muita justiça, aspirações mais altas, lhe garantem, quiçá, em futuro proximo, attingir a parte mais elevada do monumento de sua grandeza, transformal-o, quem sabe? na primeira cidade dentre as irmãs jaguaribanas?

Meus Senhores, Festejamos hoje o 119º anniversario da fundação de nossa Villa de São Bernardo do Governador, elevada, ha tempo, à categoria de cidade e comarca de São Bernardo de Russas.

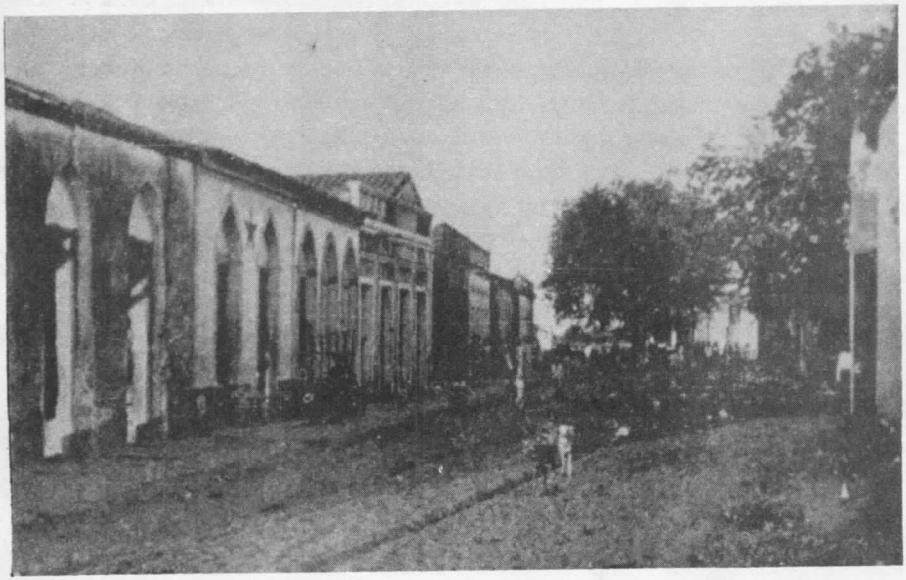
Neste lugar, diz a tradição. que se conserva ainda fresca, neste mesmo logar, attestam os alicerces que ha pouco explorámos, ha 119 annos, foi construido o pelourinho de Russas, o pelourinho que naquelles tempos era uma insignia, um distinctivo das Villas e sobre cujo assumpto acaba de tão bem discorrer o habil conferencista, o generoso amigo das tradições de nossa terra, dr. Eusébio de Sousa.

Senhores Que maior presente poderia fazermos o nosso ilustrado, criterio-

so e impolluto juiz, que offertou ao nosso municipio este majestoso monumento de significação tão altamente patriotica. . . . . Confiar-nos sua guarda, encarregar-nos de sua conservação e incubencia que ultrapassou as raias de um simples dever, porque é uma obrigação sagrada.

Na qualidade de Prefeito, pois, e falando por todos os meus municipes, acceito a doce, a grata obrigação. E acceito-a com muita honra por que neste soberbo monumento eu leio uma interessante e bella pagina da graciosa historia da nossa idolatrada gleba, acceito-a com o maior interesse porque neste monumento fica indelevelmente impresso um attestado altiloquente do nosso amor às interessantes tradições do nosso berço; acceito-a, finalmente, ilustre dr. Eusebio de Sousa, acceito-a em nome do nosso prospero e digno municipio, acceito-a com sentimento de verdadeiro reconhecimento, de profunda gratidão, porque neste artistico monumento todos vêem o brilhante resultado, justamento, compensador, dos ingentes esforços de vossa generosa dedicação à nossa amada terra que vos admira, vos considera e estima como o primeiro magistrado desta comarca, nobilissimo e emerito distribuidor da justiça e do direito".

Rua do Comércio, hoje Pe. Raul Vieira (Foto do Álbum do Jaguaribe)



COMUNICAÇÃO

Nossa comunicação tem início a partir dos primeiros colonos que aqui chegaram. Estas eram feitas através de raros viajantes que enfrentando todo tipo de obstáculo conseguiam chegar a seu destino. A princípio o índio manso ou o vaqueiro eram geralmente portadores das notícias. Depois os comboieiros que em lotes de éguas conduzindo algumas mercadorias do porto do Aracati até o interior do vale e vice-versa, eram também portadores das mais recentes notícias vindas do reino ou mesmo de outras capitanias. Também os carreiros apesar de suas lentas caminhadas prestaram nesse sentido, valiosa colaboração.

No princípio de nosso século surgem os estafetas que usando cavalos levavam as notícias com maior rapidez ao seu destino.

Em 1932 quando prefeito municipal o sr. João Ivo Xavier, foi construído pelo então presidente da República sr. Getúlio Vargas, um de nossos primeiros prédios públicos – o "Correios e Telégrafos" inaugurado no dia 1º de outubro deste ano. Foi seu primeiro agente o sr. José Afonso Guedes Alcoforado.

O Telégrafo Estadual foi inaugurado em Russas no mês de outubro de 1898, e a 23 de novembro do mesmo ano toda a linha ligava Aracati a Icó. Em 1928 a linha telegráfica chegava a Quixeré, sendo inaugurada no dia 28 de novembro deste ano, e nomeado seu primeiro agente o senhor Raimundo Sabóia de Castro. Nos altos do Quartel da Segurança Pública foi instalada a estação de Radiotelegrafia, inaugurada no dia 3 de fevereiro de 1938, quando prefeito do município, o sr. Manuel Matoso, funcionando até nossos dias, prestando relevantes serviços à nossa comunidade.

Em 1960 era fundada a Empresa Telefônica de Russas Ltda., pelos senhores

GAZETA DO JAGUARIBE

Gazeta do Jaguaribe
(Álbum do Jaguaribe)

Helder Moreira, João de Deus e senhora Maria Leusanira de Deus Costa Lima.

Esta Empresa funcionou durante vários anos nos altos da antiga Casa Gondim. A primeira residência em Russas a receber este tipo de telefone foi a do sr. Helder Moreira. Funcionavam estes aparelhos à base de pilhas secas, e eram conhecidos como telefone a Magneto. Eram porém de fácil manejo e eficientes mesmo para as áreas rurais.

Em 1969, chega a Russas o Serviço de Microondas através da CITELC, que teve como sede o prédio ainda hoje existente, vizinho ao Posto de Saúde da FSESP, funcionando aí, apenas o Serviço Interurbano. Em 1974 a Empresa recebeu o nome de COTELCE. A partir daí houve a incorporação da Empresa Telefônica de Russas Ltda.à COTELCE, passando a Companhia a explorar as linhas Urbanas e Interurbanas. Posteriormente recebeu o nome de TELECEARÁ. Atualmente Russas conta com aproximadamente 200 aparelhos telefônicos instalados. O magnífico prédio

que servirá de instalação ao novo sistema de DDD – Discagem Direta a Distância, será inaugurado até 1978.

Como vemos nossa terra sempre foi bem servida em matéria de comunicação. Além das já citadas, surgiu em nossa cidade na primeira década deste século, nosso primeiro jornal – o "Vadio". Em forma de panfleto, teve como redatores os senhores Mário Torres e Pedro Brito. Apesar de curta duração, exerceu grande influência no desenvolvimento de nossa imprensa. Nosso segundo jornal "O RUSSANO", surgiu em 1913, tendo como redator nosso conhecidíssimo dr. José Perdigão Sobrinho. Saiu de circulação no ano seguinte. Em 1916, aparece em nossa cidade, nosso terceiro jornal "DOM QUIXOTE", de redatores desconhecidos. O "FLAGELADO" surgiu em nossa cidade no ano de 1919 e era dirigido pelos senhores Mário Torres, João Bezerra e Pedro Brito. Em 1921 era fundado o "GAZETA DO JAGUARIBE", por dr. Eusébio de Souza e Joaquim Moreira de Souza, o primeiro juiz de direito da comarca e o segundo filho de Russas. Com o desaparecimento do "Gazeta do Jaguaribe" surge em Russas o "CORREIO RUSSANO", dirigido por dr. Acelino Pontes. Este jornal era impresso em oficinas da capital. Entre abril de 1934

Taça Milésima Agência

ARICO Consegue Vitória

Correio de Russas

Banco do Brasil Inaugura a sua Milésima Agência

Campanha do Algodão Incentiva Produtores

Russas Reverenciou os Mortos

Missa pela Alma do Deputado Matoso Filho

Seleção Russana Enfrenta Hoje Bi-Campeão Cearense

PROCAJU Será Tema de Palestra no Rotary

Semanal do Rotary

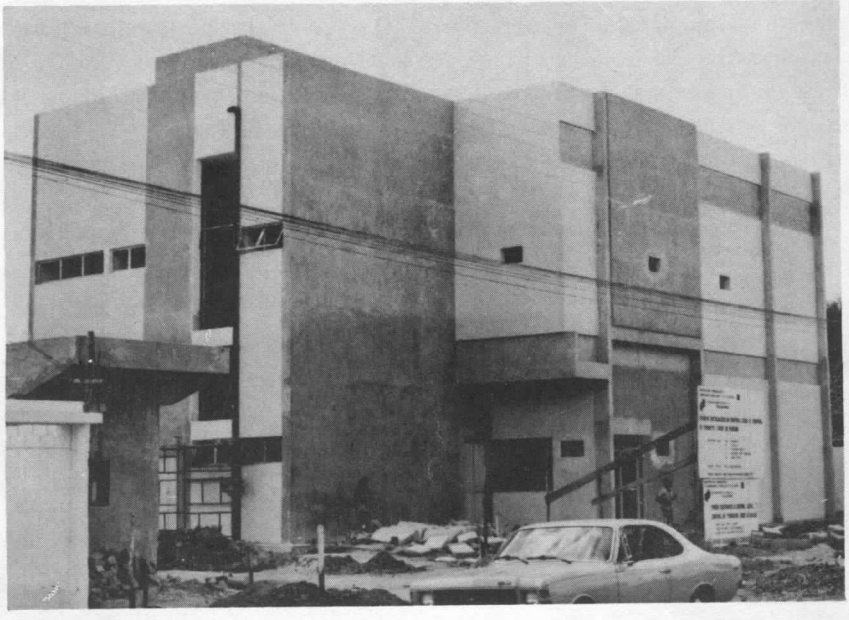
Correio de Russas
jornal editado em nossos dias

e fevereiro de 1935, circulou novamente em nossa cidade o "Gazeta do Jaguaribe", agora dirigido pelo dr. Ezequiel Silva de Menezes. "A NOTICIA" circulou em nossa cidade pela primeira vez no dia 23 de janeiro de 1940. Este jornal foi dirigido pelo jornalista Luis Vieira Leitão e desapareceu em agosto do mesmo ano. "O JAGUARIBANO" circulou por algum tempo em nossa cidade. Não sabemos quem era seu redator. Apenas era citado as iniciais P.M.O. destacado comerciante nesta praça. Em 1941 era instalado em nossa cidade o mais sólido jornal do município – o "CORREIO DE RUSSAS". Fundado pelo sr. Manuel Matoso Filho e dirigido pelo professor Assis Pinheiro e sr. Mário Torres. Este jornal desaparece de circulação por algum tempo e depois é reinstalado e dirigido pelo jornalista Horácio Matoso de Lima e permanece até nossos dias levando aos lares russanos e a outros recantos do país todas as notícias de nossa gleba.

Também a televisão tem sido de um valor extraordinário no sistema de comunicação de nosso município. Além dos aparelhos instalados em residências e prédios públicos, há também aqueles instalados em logradouros espalhados por todo o município.

Nosso mais novo e eficiente sistema de comunicação foi criado recentemente em nossa terra, a tão esperada "RÁDIO PROGRESSO". A idéia de implantação de uma estação de rádio em nosso município não é recente. Dr. Daltro Holanda, dr. Barreto, Jeová Costa Lima e Romeu Lopes encabeçaram a Sociedade para instalação de nossa primeira rádio que seria a "ARAIBU". Chegou esse grupo a formar um capital de 25.000 cruzeiros e com esta importância, adquiriu na cidade de Taboleiro do Norte pela quantia de 12.500 cruzeiros, a aparelhagem de uma rádio que não havia sido instalada naquele município, e levaram-na para Russas. Como o numero de acionistas fosse bastante elevado (242) o que não era permitido pelos estatutos, ficou este grupo em luta pelo reconhecimento da Sociedade, o que não foi possível.

Em 1964 foi suspensa por lei a instalação de novos canais de comunicação e só agora em junho de 1975 liberado um canal para Russas. Agora já formado novo grupo, composto de 14 sócios, tendo como presidente o sr. Manoel Maia Meireles; diretor comercial João de Deus Costa Lima; diretor administrativo Francisco Wenes Campelo Maia e diretor técnico dr. Francisco de Assis B. Nunes. Os demais sócios são: José Wellington Castro Meireles, Edvaldo Leite de Oliveira, padre Pedro de Alcântara, Maria Félix Moreira, José Ramalho de Oliveira, Raimunda Ramalho Maciel, Hermógenes R. de Oliveira, Jeová Costa Lima, dr. Inácio Simões Filho e José Maia Sobrinho. Esta rádio foi ao ar em caráter experimental e sua inauguração oficial está prevista para o dia 15 de janeiro de 1977.



Edifício Sede do Sistema DDD

TRANSPORTE

Nosso primitivo meio de transporte foi o de tração animal. Foram as bestas que muito se prestaram para esse tipo de atividade. Além de mais rápidas que qualquer outro animal, ofereciam também a vantagem de suportar cargas de 10 ou mais arrobas. Enquanto um carro-de-boi fazia o percurso de Aracati a Lavras em 15 dias, elas faziam o mesmo percurso em uma semana. O preço do transporte entre o porto de Aracati e Lavras era de 100 a 130 réis por tonelada, na época de maior tráfego, e de 80 réis em épocas mais fracas. Usavam a Estrada Real do Jaguaribe, que partia do porto do Aracati pela margem direita do rio Jaguaribe até Passagem das Pedras, hoje Itaiçaba, onde cruzavam o rio e, seguindo sua margem esquerda, passavam em Russas, Icó e chegavam a Lavras.

Outro tipo de transporte muito usado na época, em período de inverno, foram os batéis – barcos a vela com capacidade para transportar mais de cem arrobas. Quando subiam o rio, apesar de navegar contra a correnteza, desenvolviam maior velocidade, dada à influência do vento de Aracati. Em sua volta normalmente desciam o rio de vela arriada aproveitando apenas a correnteza das águas. Mas o transporte mais utilizado desde aquela época até o início de nosso século foi o carro-de-boi. Dotado de 6 a 10 juntas, transportava de 80 a 100 arrobas. Tão utilizado foi esse tipo de transporte que em 1874, segundo informa José Baltazar Ferreira Facó, quando promotor de Justiça da Comarca de São Bernardo das Russas, passavam nos fundos de sua casa em média vinte carros-de-boi por dia. Nas primeiras décadas do século XX começam a surgir em nosso município outros tipos de transporte.

Em 1904 chegava a Russas a primeira bicicleta, pedalada pelo sr. José Goyana, russano que veio de Aracati, para assistir às festas de inauguração das re-

formas da Igreja Matriz. Como é a bicicleta um meio de transporte dos mais acessíveis, dispensando combustível – o que torna mais viável a sua aquisição pelas classes favorecidas – Russas hoje conta com um número bastante elevado desse tipo de veículos.

Em 1914, dr. José Perdigão Sobrinho e Padre Zacarias Ramalho efetuam na cidade de Aracati a compra do primeiro automóvel marca Ford, pela importância de 1.200$000 réis. Esse carro era de cor preta, 4 portas, capotas de lona retrátil, rodas com raios de madeira, pneus lisos, iluminação a querosene constituída de duas lamparinas fixadas dentro de dois faróis com vidros ampliativos sobre os páralamas e que apresentavam uma grande desvantagem, quando o veículo em movimento passava sobre um buraco de maior porte, apagavam-se as luzes. Comparando nossos modernos carros com um daquele tempo, poderíamos chamá-lo antidiluviano.

Em compensação, surgiu em 1941 o mais luxuoso automóvel de nosso município um Pontyac pertencente ao sr. Zuca Pereira Bezerra.

O segundo automóvel de Russas pertenceu ao sr. Juvenal Gonçalves Sobrinho, e foi este o primeiro automóvel de aluguel de nosso município.

O primeiro automóvel que trafegou por Russas, vindo de Fortaleza para Quixadá, pertencia ao sr. Euclides Bussons, trazendo em sua companhia o sr. Godofredo de Castro e outros amigos. Estes, contando as peripécias da viagem, um fato chamou-lhes particularmente a atenção: para os camponeses, o carro seria um monstro desconhecido; tanto mais gritassem os viajantes para que não tivessem medo, quanto mais corriam para se distanciarem do monstro, subindo inclusive em árvores.

Outro transporte muito usado em nosso município é a motocicleta. A primeira que trafegou em nossa cidade, no ano de 1927, pertencia ao sr. Francisco Rodrigues Guimarães.

A segunda foi adquirida em 1935, por dr. José Lins de Souza, afamado médico de nossa cidade.

Nessa época surge também o caminhão e um dos primeiros a possuí-lo foi o sr. Raimundo Moreira (Raimundo Delmiro). Estes caminhões eram dotados de carroçaria e cabina de madeira servindo para o transporte de quatro passageiros e motorista.

Mais tarde surge o misto. É sempre um caminhão, mas com dupla finalidade – transporta cargas e passageiros. Um dos primeiros a utilizar esse tipo de transporte em nosso município, foi o sr. João do Carmo Chaves, explorando a linha Russas – Fortaleza. Compõe-se de uma cabina ou boléia com três ou quatro filas de bancos, com cinco ou seis passageiros cada. O restante da carroçaria recebe a carga. Sobre a cabina havia ainda o bagageiro para o transporte de malas e pacotes.

Inegavelmente foi o misto um veículo de aceleração do progresso das vilas e cidades de nossa Região.

Além do já citado João do Carmo Chaves, houve antes quem explorasse essa mesma linha. Posteriormente foram proprietários de mistos em nosso município os senhores Jaime Gomes – Russas – Fortaleza; Joaquim Barbosa – Russas – Aracati; Joaquim Maciel – Aracati, e, por último, Osvaldo Gomes – Aracati.

Com o crescente desenvolvimento da região e a normal evolução da época, houve a necessidade de melhoria nos meios de transporte. É quando surge a primeira linha de ônibus – "Vale do Jaguaribe" – de propriedade do sr. Jaime Gomes, explorando a mesma linha Russas-Fortaleza. Como o progresso da empresa fosse bastante acentuado, houve a necessidade de transferir sua Agência Central de Russas para Fortaleza. Hoje a empresa possui uma grande e luxuosa frota de ônibus com linhas para os municípios de Russas, Limoeiro do Norte, Quixeré, São João do Jaguaribe, Taboleiro do Norte, Iracema, Pereiro, Cedro, Várzea Alegre, Iguatu, Orós, Campos Sales, Pau dos Ferros, Ereré, Feiticeiro, Cariús e Floriano – Piauí.

Os carros da empresa fazem escala em Russas diariamente nos horários de 6 da manhã, 6:30, 8:00, 9:00, 11:00, 13:30, 14:30, 17:00 e 19:00 h.

Outra empresa que faz escala em Russas é a "Rio Negro", nos horários de 15:30 e 17:00 h diariamente. Também a "Rápido Juazeiro" faz escala em Russas nos horários de duas e três da manhã diariamente.

A tradicional Auto Viação Jaguaruana, de propriedade do sr. Osvaldo Gomes, faz a linha para Aracati, diariamente, via Borges, Jaguaruana e Itaiçaba. Nas segundas e sextas-feiras para São João do Jaguaribe, via Limoeiro e Taboleiro do Norte. E de segunda a sexta, à noite, Russas a Limoeiro, conduzindo estudantes universitários.

Mas, a empresa que dá maior cobertura ao nosso município e circunvizinhanças, é a Expresso São João, pertencente ao sr. Francisco Acelis Franco. Esta tem ônibus para o município do Palhano, via Pedras; para a Vila de Aruaru, município de Morada Nova, via Futuro, Lagoa Grande e Piauí; para Água Fria município de Morada Nova, via Posto de Campo, Santo Antônio de Russas, São Pedro, Capim Grosso, Várzea Grande e Quixelô; Russas a Bixopá via Lagoa do Peixe, Fazenda Maia, Bixopá e daí para Limoeiro via Espinho e Triângulo de Limoeiro; Russas a Lagoinha, via Flores e Quixeré.

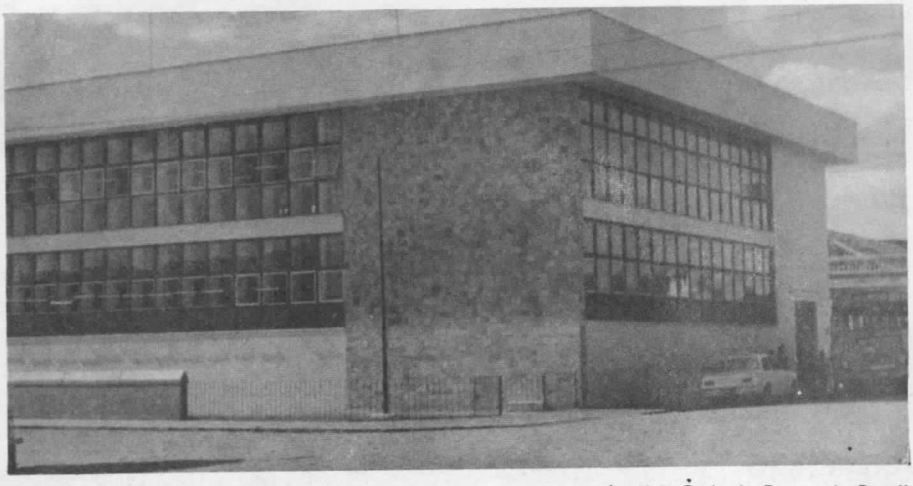
Russas é hoje um município bem servido de transporte; possui 550 veículos, sendo destes, 34 de aluguel.

COMÉRCIO

Nosso comércio, como é óbvio, surgiu paralelamente com a indústria. Mas só a partir do final do século passado temos notícia de algumas casas comerciais em Russas. A primeira delas foi a farmácia do licenciado Vicente do Carmo Ferreira Chaves, instalada no ano de 1860. Este era tio do Pe. Leôncio, possuidor de grande prática em clínica médica e farmacêutica, muito embora os curandeiros do interior lhe fizessem guerras constantes, propagando entre os doentes: "Quem quiser morrer, meta-se em remédios de Botica". Por outro lado, em tom de indignação, respondia o velho boticário: "É isto, se os meus clientes se curam, foi pelo milagre dos Santos. Quando morrem, foram os meus remédios que os mataram". Concorria ainda com o sr. Vicente Ferreira Chaves, o coronel Francisco das Chagas de Araújo, político de grande prestígio, presidente da Câmara Municipal e alto comerciante na época.

Havia também a casa comercial do major Nogueira que explorava os ramos de tecidos, ferragens e cereais. Esta casa estava instalada no prédio da Av. Dom Lino nº 846, hoje pertencente ao sr. Zé do Carrinho.

Na outra esquina, no prédio da mesma Av. nº 856, onde hoje reside a sra. Maria Clóris, estava instalada a Casa comercial do coronel Manuel Maia, também explorando o ramo de tecidos, ferragens e cereais. Outra casa comercial de grande vulto na época, foi a do sr. João Vieira, com o ramo bastante variado – tecidos, chapéus, gêneros, algodão, peles, cera de carnaúba etc. Esta funcionou onde está hoje a Pernambucana, na Rua Pe. Raul Vieira nº 584. Havia também na mesma época a casa do sr. Joaquim Deodato Gonçalves de Oliveira, com tecidos, ferragens, cereais e outros gêneros, localizada onde hoje está a Casa Gonçalves na Rua Pe. Raul Vieira nº 538 e 594.



Edifício Sede do Banco do Brasil

Posteriormente surge outro grande comerciante em Russas, o sr. Bruno Epaminondas, explorando o ramo de tecidos, chapéus, calçados e vários outros gêneros. Sua casa comercial funcionou primeiramente no prédio nº 986 da Av. Dom Lino, onde hoje está o Atlântico Bar. Em segundo lugar na Rua Pe. Zacarias Ramalho nº 211, onde é hoje a casa do sr. Raimundo Lulu. Depois mudou-se para o prédio nº 974 da Av. Dom Lino onde funcionou posteriormente a Casa Velha, e por último, na Rua Pe. Raul Vieira nº 410, onde hoje se encontra instalado o Mercantil "O Manuel".

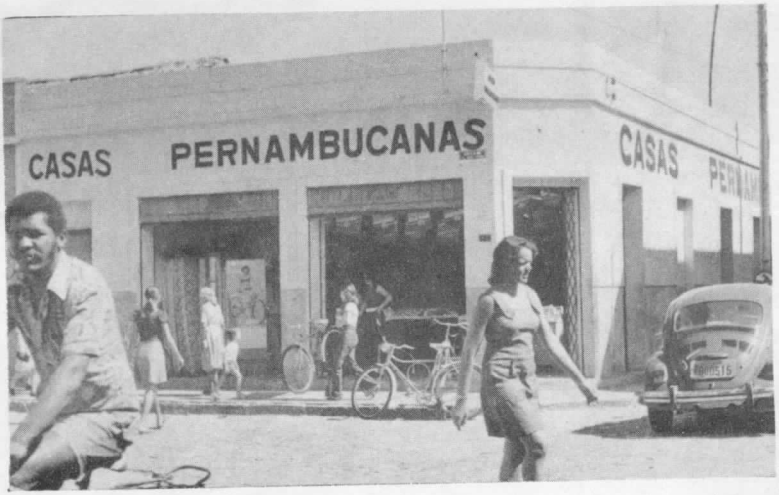
RIAL - Russas Importadora de Automóveis Ltda.

Também funcionou nesta mesma época no prédio da Av. Dom Lino nº 1224, onde hoje mora a srta. Maria Helena Santiago, a casa comercial do sr. Lino Felismino, vendendo tecidos, chapéus, sapatos, perfumarias, artigos para presentes e vários outros produtos da época. No princípio deste século, foram várias as casas comerciais que aqui se instalaram. Em 1907, era inaugurada a Casa Gondim de propriedade do sr. Dioclécio Maia Gondim, com um sortimento variadíssimo, no grande prédio da Rua Pe. Raul Vieira, esquina com o pátio do Mercado, onde hoje está a Casa São Pedro.

Casa Araújo

Uma das mais vivas casas comerciais instalada em Russas até nossos dias foi a Casa Nova, inaugurada no dia 19 de setembro de 1931. Compunham a firma J. Maia & Ramalho os sócios: José Fagundes Maia, Pedro da Silva Ramalho e José Lima da Silva Ramalho. Em 1933, com o desligamento dos dois últimos sócios, entra para recompor esta Sociedade, o sr. Edvaldo Leite de Oliveira, sendo a firma modificada para J. Maia & Cia. Em 1942, com a saída do primeiro sócio, é convidado para fazer parte da firma J. Maia & Cia, o sr. Raimundo Fagundes Jota Maia, permanecendo neste grupo até 30 de novembro de 1972, quando os dois sócios desta firma srs. Edvaldo Leite e Raimundo Maia, se aposentam por tempo de serviço e desfazem a Sociedade.

Em 1936, foi inaugurada outra grande firma em nossa cidade – a Casa Gonçalves, pertencente aos srs. Antônio Gonçalves e seu filho Edberto Gonçalves.



Casas Pernambucana

Esta vem explorando até nossos dias o ramo de ferragens alumínios e louças.

Com o mesmo ramo funcionou também na primeira metade deste século a casa comercial do sr. Vicente Leite de Oliveira, na Rua Pe. Raul Vieira, junto ao pátio do mercado.

Em 23 de abril de 1947 era inaugurado mais um grande estabelecimento comercial em nossa cidade, "A Pernambucana", pertencente ao grupo Lundgren

Casa Gonçalves

Tecidos S/A explorando unicamente o ramo de tecidos. Esta casa teve como gerentes os srs.: José Maria Cruz, Neleu Vitoriano Nunes, Valmir Cavalcante, José Eliomy Alexandre, Artur Cavalcante e atualmente o sr. José Erivaldo Leite Pontes.

Para explorar o ramo de ferragens, louças sanitárias, alumínios e material elétrico, foi instalada, a 1º de janeiro de 1966, a Casa Araújo pertencente ao nosso amigo Francisco Nadir de Araújo.

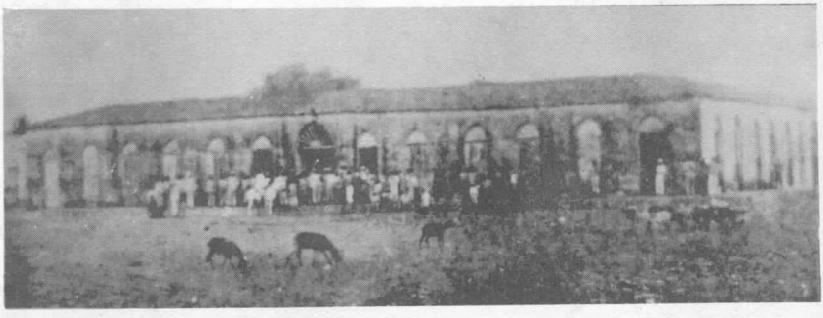
Explorando o mesmo ramo foi fundada, em junho de 1971, a Casa Pontes, pertencente a Raimundo de Sousa Pontes.

Em 18 de agosto de 1972 foi fundada uma das mais bem instaladas Lojas de nossa cidade – a Casa Meireles pertencente ao sr. José Valdenor Meireles & Cia. Nos altos desta loja está instalada a Rádio Progresso.

Na década de 1930, instalava-se na principal artéria de nossa praça a casa comercial do sr. João Vital Ferreira Lima, na Av. Dom Lino nº 1026, explorando o ramo de tecidos e permanece até nossos dias, sob a direção de seu filho sr. José Vital.

Nos anos de 1940 instalou-se na Av. Dom Lino nº 974, o sr. José Maia com sua grande loja de tecidos – a Casa Velha, sendo esta dirigida por seu filho Marcondes Mendonça Maia.

Mercado Público, em 1920 (foto do alto) e atualmente



Já na década de 1950 uma nova casa comercial abria suas portas ao público – a Casa Antenor, de propriedade do sr. Antenor Rocha, e dirigida por suas irmãs Carmélia e Maria Ondina Rocha. Esta firma explorou o ramo de tecidos e funcionou onde hoje se acha instalada a Casa Araújo.

Nosso comércio hoje é intenso e bem movimentado, destacando-se os estabelecimentos: RIAL – Russas Importadora de Automóveis Ltda, Casas Pernambucanas, Indústria Meireles, Casa Meireles, Casa Gonçalves, Super Mercado São Francisco, Casa Araújo, Depósito da Brahma, Armazém São Francisco, Messias Simões dos Santos, Mercantil O Manuel, Casa Dom Lino, Café Índia, Armazém Nogueira, Casa São Pedro, Armazém Progresso, Pedro Maia Rocha, Casa Pontes, Casa dos Calçados, Casa Sousa, Mercearia Carneiro, Depósito de Rendas, Mercearia O Carlito, Foto Rápido, Foto Maia, Foto Fortaleza, Foto Ceará, Farmácia Ramalho, Farmácia Maciel, Farmácia Bessa, Farmácia Nossa Senhora de Fátima, Casa Funerária, quatro padarias, oito postos de gasolina sendo seis na sede, um em Pedras e outro em Boqueirão do Cesário.

Russas mantém ativo intercâmbio comercial com as praças de Fortaleza, Mossoró, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Crato, Juazeiro do Norte, Limoeiro do Norte, Cascavel, Beberibe, Pindoretama, Aracati, Palhano, Jaguaruana, Quixeré e várias outras.

Indústria Meireles

Cinemas

Outro ramo de comércio que marcou uma época em nossa cidade foi o cinema. Os primeiros aparelhos de projeção que aqui chegaram foram os Cosmogramas – aparelhos instalados em um salão onde exibiam mediante pagamento adiantado, vistas de quase todos os países do mundo. À proporção em que eram exibidas as vistas, ouvia-se o som de um grande realejo a manivela. Cada dia em que este aparelho permanecesse em nossa cidade apresentava séries de vistas diferentes até esgotar seu estoque de variedade.

Por volta de 1916 foi instalado em nossa cidade o 1º cine-projetor, mudo, de propriedade dos srs. Juvenal Gonçalves Sobrinho e Joaquim Maciel de Lima, ambos russanos.

Posteriormente, foi instalado em nossa cidade pelo sr. Aderson Gonçalves um Cine-Teatro, com salão mobiliado e tinha como fundo musical o som harmonioso da famosa orquestra "Euterpe Afonso Lima". Nos intervalos esta orquestra produzia verdadeiro show de harmonia no recinto do cinema. Anos depois esta casa foi forçada a fechar suas portas por pressões exercidas pelo vigário na época, alegando não serem os filmes moralmente selecionados para suas exibições em nosso meio. Mais tarde foi este cinema vendido ao sr. Bruno Epaminondas, permanecendo o sr. Aderson Gonçalves nas projeções de filmes. Este cinema funcionou no prédio da Av. Dom Lino nº 904, onde se instalou mais tarde, a agência do Banco do Brasil e do INPS. As exibições eram feitas 3 vezes por semana, e nos intervalos a fita era levada a Limoeiro pelo sr. José Florentino da Silva, o nosso conhecido Zuca da Luz, que normalmente fazia esta viagem a pé, recebendo como pagamento a importância de 5 mil réis por cada viagem, ficando com a obrigação de aguardar o final da projeção para regressar a Russas, trazendo a fita de volta por motivos já citados anteriormente. Mais uma vez esta casa de comércio e diversões é fechada e só em 1943 chega a Russas o sr. Manuel Rodrigues e instala no salão da Beneficente um novo cinema, dotado de boa aparelhagem e som acoplado à projeção. Este cinema permaneceu aqui por mais de 3 anos, quando foi arrendado ao sr. José Ribeiro, Por motivos ignorados este novo proprietário regressou a Fortaleza. É quando reinstala esta casa de projeção o sr. Ulisses Moreira, permanecendo aí por alguns anos. Por último foi instalado em novo prédio da Beneficente, o Cine 5 de Junho de propriedade do sr. Marcondes Costa, funcionando até nossos dias embora em caráter precário por falta de frequência.

Casa Meireles e Rádio Progresso

Cine 5 de Junho e Coletoria Estadual

INDÚSTRIA

Nossa indústria não é grande, mas das mais antigas do Estado.

Desde que aqui chegou o colono, logo apareceu a indústria do pastoreio. Esta dominou a Região por mais de um século. Além do gado bovino e cavalar que eram os mais explorados na época, surgiu paralelamente a indústria do couro e da carne.

Do couro, faziam o lastro para dormir ao chão, posteriormente os lastros de cama, tamboretes, cadeiras de encosto, os baús-guarda-roupa ornados de pregaria dourada, borracha para carregar água, o alforge para condução de comidas, a mochila para alimentar animais, as peias para prendê-los em viagens, os famosos rebenques de couro cru, cordas várias, roupas para vaqueiros e arreios de um modo geral.

Enquanto as boiadas cresciam em nosso vale e havia sobra de gado no Porto de Aracati, um Russano instalou nesta Vila uma salgadeira ou charqueada, que se tornou famosa em seu gênero, até 1777, quando a seca desse ano dizimou todo o gado de nossa Região. O charque fabricado nestas oficinas, como eram chamadas, ficou conhecido até princípio de nosso século, como carne-do-Ceará.

A princípio, o boi ou o cavalo era vendido nas feiras de Pernambuco, Bahia ou Minas Gerais.

Seguindo a Estrada Geral do Jaguaribe, não era difícil chegar ao destino desejado. Esta Estrada tinha início em Aracati, atravessava o rio Jaguaribe no lugar Passagem das Pedras, hoje Itaiçaba, passava em Russas e Icó, margeava o rio Salgado, alcançava a Chapada do Araripe e ultrapassava o sertão pernambucano. Chegando-se ao rio São Francisco, era rápido alcançar São Salvador e a região das Minas Gerais.

O outro ramal partia do Icó, via São João do Rio do Peixe (hoje Cajazeiras), Souza, Pombal, Patos, Campina Grande, Ingá, Itabaiana, També, Goiana, Olinda e Recife. A Estrada Geral do Jaguaribe, segundo Pompeu Sobrinho, já existia desde a época dos Índios Tapuias, quando estes usavam a margem do rio Jaguaribe indo até o litoral na época de safra do caju e nos períodos de combates com os brancos. Além da Estrada Geral do Jaguaribe, a mais importante, havia também a Estrada Velha, ou primitiva, na Região Litorânea; a Estrada da Taquara, na Região Central do Estado; a Estrada Camocim-Ibiapaba; a Estrada das Boiadas, ligando o Rio Grande do Norte ao Piauí, via Pau dos Ferros, Pereiro, Icó, Iguatu, São Mateus (hoje Jucás), Saboeiro, Arneiroz e Tauá. De Tauá, antiga Fazenda de José Alves Feitosa, esta Estrada seguia o Riacho dos Camaleões (hoje rio da Carrapateira), atingindo o território do Piauí. Posteriormente surgiu a Estrada Nova das Boiadas, via Pereiro, Jaguaribe-Mirim (hoje Jaguaribe), Riacho do Sangue (hoje Jaguaretama), Vila de Campo Maior (hoje Quixeramobim), Cavalo Morto (hoje Boa Viagem), Pelo Sinal (hoje Independência), Crateús, e, seguindo o Boqueirão do Poti, chegava às terras do Piauí.

Havia também a Estrada da Caiçara, margeando o rio Acaraú, a Estrada Crato-Piancó, a Estrada Crato-Oeiras e muitas outras que foram surgindo em nossa Região.

Por volta de 1777 surge, em nosso vale, outro tipo de cultura – o algodão.

Como a seca desse ano havia destruído todo o rebanho de nossas terras, houve a necessidade da incrementação de uma nova atividade comercial. Estava agora formado um novo ciclo econômico em nossa Capitania – o ciclo agropecuário. Nessa época instala-se em Fortaleza o português Antônio José Moreira Gomes e sendo este conhecedor do extraordinário valor da cultura algodoeira, adotou o sistema de incentivo ao plantio do novo produto.

Somando-se o incentivo à boa qualidade da terra, estava o algodão, ao lado do boi, formando uma das maiores fontes econômicas da Capitania do Ceará.

Um ano após o início dessa cultura, 1778, foram exportadas 66.510 arrobas, no valor de 444.557$344, pelo preço de 7$500 réis a arroba. Em 1835, a Capitania registra a maior safra algodoeira e o ano de melhor preço – 12$000 réis a arroba.

Anos depois, como o comerciante desejasse uma maior produção, houve consequentemente a falta de interesse na qualidade, ocasionando uma queda na procura desse produto.

Nosso terceiro e último ciclo econômico foi o da cera de carnaúba. Este foi tão importante para nossa economia que durante mais de um século foi o sustentáculo econômico do Ceará e em 1939 chegou a vencer, com grande margem, a cultura do algodão. Os habitantes da Região distinguem três tipos de carnaúba: a

branca, a vermelha e a preta. É uma linda palmeira, esbelta, atingindo 16 a 20 métros de altura, por 30 a 50 cm de diâmetro. É realmente uma bela e resistente palmeira, como bem se expressa Raimundo Magalhães em "A uma carnaubeira":

Na planície deserta, altiva e forte,
O grande caule a prumo e a copa erguida
Nas sombrias regiões negras da morte
Tú abres um parêntese de vida

Direita, dominando o estranho porte
De tanta árvore morta e ressequida
Escapas ao rigor da mesma sorte,
De flores e verdura revestida

Aberta ao vento a fronde rumurosa,
À seca que devasta o vale e a serra,
Sobrevives robusta e vigorosa!

Vendo-te, vê quem pelos campos erra
Que és o símbolo da alma valorosa
Do grande povo audaz da minha terra!

A carnaubeira resiste ao período seco de seis ou mais meses. Para isso apresenta uma auto defesa que consiste no seguinte: as células epidérmicas das folhas se revestem de uma camada de celulose, impedindo a transpiração e diminuindo a intensa evaporação. A carnaubeira, na paisagem nordestina é tida como a "árvore da vida", segundo o botânico Humbolt, considerando o largo emprego desta palmeira. Além da cera que esta produz, há aplicabilidade da mesma num sem-número de outras utilidades. A madeira é utilizada na construção de casas, portas, janelas, cercas, jiraus, lastros de cama, rolhas de garrafa, currais para apreensão do gado, além da mais recente criação de abajures e jarros. A palha, além do pó que dela se extrai, tem grande aplicação nas cobertas de casas, na fabricação de esteiras, chapéus, bolças, surrões, cordas, redes, alpercatas etc. Do pó extraído da palha fabricam-se dois tipos de ceras mais comuns: a branca e a arenosa. Estas duas espécies têm largo emprego na indústria de velas, em preparo de couros, enceramentos de calçados e madeira, lubrificantes, fósforos, sabonetes, filmes, discos, tintas,ácido pícrico, pólvora e de outros produtos isolantes – para cabos e ultimamente ela foi empregada com grande sucesso na restauração da estátua da Pietá, no Vaticano, danificada por um louco.

Os carnaubais do baixo Jaguaribe, segundo estatísticas de 1920, produziram mais de 400 mil arrobas de cera, equivalentes a 16 mil contos, avaliada cada arroba em 50 mil réis. Já em 1952, a estatística registra uma produção de 620 mil quilos, só no município de Russas, no valor de Cr$ 18.600.000,00. Seus maiores produtores na região foram os coronéis Raimundo Estácio, João Francisco, João de Deus, Lino Gonçalves e atualmente o sr. José Agostinho.

Como surgiu esta em nossa região, não sabemos. Há várias hipóteses a esse respeito. Uma dessas versões conta que um flagelado faminto tirara um palmito para dele extrair, depois de ralado, uma massa comestível e uma goma saborosa, que lhe mataria a fome. Essa comida recebeu o nome de Patixan (etimologia desconhecida). Apenas afirmo que Pati é um termo tupi, nome dado a uma palmeira. Dias mais tarde o referido flagelado, voltando ao local, verificou que das palhas secas do palmito caía um pó branco, o que lhe causou muita alegria, pois adicionando água ao pó, faria um gostoso mingau. Verificou, porém, ter a mistura um sabor desagradável, impróprio à alimentação. Zangado, joga a mistura ao fogo, e eis que se levanta uma intensa labareda, descobrindo então que essa substância era inflamável e bem poderia substituir a cera de abelha na iluminação dos domicílios.

A outra é do dr. Vicente Lopes Gondim, que escrevendo para o "Nordeste Agrícola", diz que a idéia de utilizar-se a cera de carnaúba nasceu quando se verificou que durante o calor do dia, das palhas usadas na cobertura das casas, caía cera. Essa hipótese é raramente aceita, pois o pó caído das folhas para ser transformado em cera, precisaria da ação de um calor acima de 70 graus. A cera poderia cair do teto num caso, por exemplo, de incêndio da palhoça.

A indústria da cera da carnaúba foi descoberta por Arruda Câmara e já em 1809 a incentivava, anunciando um bom preço de 60 réis a libra. No entanto, o escritor Hugo Victor, numa crônica de grande valor histórico, prova com documentos autênticos que fora Manuel Antônio de Macedo, vindo do Rio Grande do Norte, quem ensinou a fabricar a cera de carnaúba em nosso Estado. Não temos dados que provem a veracidade desse fato. Contava o sr. Antônio Cordeiro que seu avô Manuel Alexandre, dizia que José Trajano e Manoel Joaquim, vindos de Assu, no Rio Grande do Norte, ensinaram a fabricação de cera em nosso município, escolhendo para isso o sítio Sucurujuba, onde o carnaubal era mais denso. Essa última versão conseguiu maior número de adeptos, uma vez que foi transmitida por antepassados de três famílias da região. Outra cultura que se desenvolveu simultaneamente aos ciclos do gado e do algodão, foi a cana-de-açúcar. Quem primeiro desenvolveu esta cultura em nossa terra foram os Gracismãs. Mas ela se desenvolveu com maior intensidade durante todo o século XVIII e princípio do século XIX, no lugar Lagoa do Velho, como nos fala Thomaz Pompeu de Souza Brasil, em "Ensaio Estatístico da

RICASA

Província do Ceará", publicado em 1864. A cana, além do açúcar mascavo que produzia, servia também de excelente alimento para o gado.

Em 1936 chegavam a nossa cidade dirigentes da SANBRA "Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A", e aqui instalam um complexo para beneficiamento do algodão, composto de cinco prédios, sendo – quatro conjugados e um separado para residência do gerente, que hoje reside nesse prédio, o sr. Edvaldo Leite – diretor presidente da RICASA. Nos demais prédios foi instalada a Usina. O equipamento era bem moderno, composto de um grande motor a óleo, duas máquinas de 80 serras cada, dois limpadores e uma alimentadeira, uma prensa hidráulica de 500 libras de força, um separador, instalação de sucção e elevação automática. Tinha essa empresa como administrador o sr. Raimundo Nonato de Carvalho.

Em 1939, com a escassez de invernos e o maior preço já verificado em nossa região, para a cera de carnaúba, trazendo consequentemente grande redução na cultura algodoeira, foi esta firma forçada a fechar suas portas e retirar grande parte de sua maquinaria. Esse complexo industrial ficou de portas fechadas até 1945, quando foi vendido ao sr. Edvaldo Leite de Oliveira. Por alguns anos foi alugado parte desse complexo ao senhor José Pereira, para instalação de um hotel.

Em 14 de fevereiro de 1962 era reaberto o conjunto, com a instalação da RICASA – "Russas Indústria Comércio e Agricultura S/A", tendo na diretoria fun-

Edvaldo Leite de Oliveira

dadora os senhores Edvaldo Leite de Oliveira – presidente; João Luis Ramalho – vice-presidente; Jeová Costa Lima – diretor-comercial e José Maia Sobrinho – diretor-gerente.

Atualmente, sua diretoria está formada pelos membros Edvaldo Leite de Oliveira – presidente; João Luis Ramalho – vice-presidente; Raimundo Fagundes Jota Maia – diretor-comercial; Maria Zilce Campelo Maia – diretor-gerente.

Esta empresa explora o ramo de beneficiamento do algodão, extração de óleo vegetal, torta de algodão e linter.

Em 19 de setembro de 1973 instalava-se, em nossa terra, mais uma Indústria a RICOL "Russas Indústria e Comércio de Óleos Ltda". Adquirida através de leilão judiciário, por motivo de falência de uma fábrica de sabão existente no local.

Esse novo empreendimento tem como sócios os senhores José Maia Sobrinho; Raimundo Simplício da Costa; José Simplício da Costa e César Lino Campelo Maia. Sua finalidade é beneficiar os subprodutos da RICASA. As florescentes empresas RICASA e RICOL têm como administrador geral o dinâmico e inteligente Francisco Wenes Campelo Maia.

Antes da SANBRA e da RICASA explorou também o ramo de beneficiamento do algodão em nossa cidade o grupo Costa Lima, procedente de Aracati, que aqui se instalou no ano de 1922, no prédio já citado no Capítulo referente à iluminação pública.

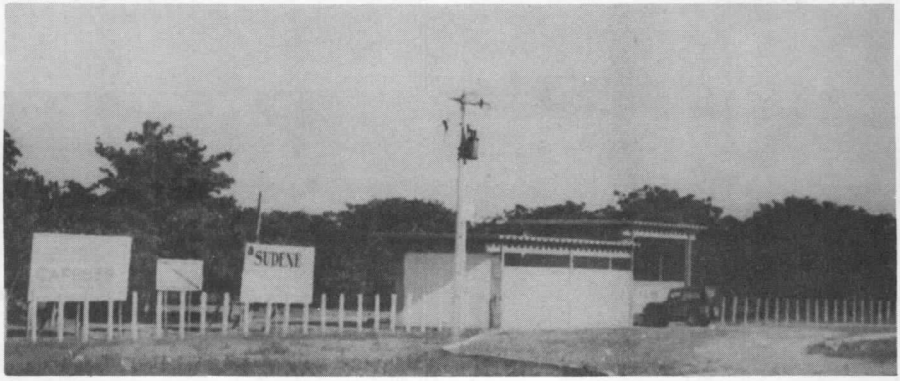
Por outro lado, com o progresso da energia elétrica em nosso município, vêm surgindo novas indústrias com grandes perspectivas.

A CAPESSÉ – "Companhia Agro Industrial São José S/A", em convênio com a SUDENE, é um dos empreendimentos de grande destaque. Dirigido pelo grupo João de Deus Costa Lima – presidente; Maria Leuzanira de Deus Costa Lima, Jeová Costa Lima e como administrador geral, o sr. Romeu Lopes da Costa.

A empresa explora várias culturas, principalmente o cajueiro. O amendoim, o milho, o feijão, mandioca, arroz e também a pecuária são explorados por esse empreendimento. Atualmente conta com 280.000 pés de cajueiro já safrejando. Além do cajueiro, há também uma produção em média anual de 500 toneladas de amendoim, 180 de milho, 82 de arroz, 12 de feijão. Quanto à mandioca, não foi estimada ainda média anual. A pecuária conta com 870 cabeças de gado.

Ultimamente, outras indústrias estão surgindo com êxito em Russas, destacando-se a Indústria Meireles, fundada no ano de 1964, de propriedade dos Irmãos Meireles.

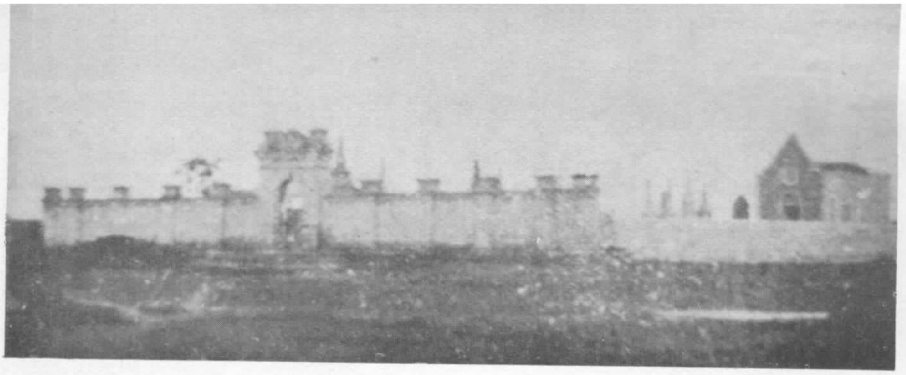
CAPESSÉ



CEMITÉRIO BOM JESUS DOS PASSOS

Sabemos através da História, que o sepultamento de cadáveres era feito no interior das Igrejas. Com o aumento da população e as epidemias que vez por outra atacavam a centenas de pessoas, tornou-se impraticável o sepultamento de dezenas de cadáveres em uma só época nos interiores dos Templos.

Russas, sofrendo as mesmas conseqüências, além da grande quantidade de formigueiros que surgiam no interior da Igreja por influência dos cadáveres aí sepultados, ameaçando a estrutura do Templo, resolve a Câmara desta Vila de acordo com a Carta Régia de 14 de janeiro de 1800, construir na parte posterior da Igreja Matriz um Cemitério cercado de madeira, e como houvesse grandes protestos dos moradores da localidade contra o sepultamento de cadáveres fora das Igrejas, o padre benzeu o terreno, permitindo também a implantação de cruzes e jardins, razão pela qual quando foi feita ultimamente o acréscimo na parte posterior da Igreja Matriz, foram encontradas várias ossadas humanas que foram cuidadosamente colocadas em uma urna e depositadas na parte inferior do altar da nova construção. Posteriormente este Cemitério completando sua lotação e o povo entendendo já não ser mais admissível um Cemitério no centro da Vila constroem outro no local onde hoje se encontra o atual Cemitério Bom Jesus dos Passos. Sua primitiva construção era também de cercas de madeira e logo após sua conclusão foi este bento pelo Vigário na presença de grande número de pessoas. Em 1878 aproveitando verbas do Governo Geral destinadas às secas nesta localidade, foi construido no mesmo local um novo e bem mais amplo Cemitério, sob a direção do padre João Vicente Ferreira Lima então Vigário da Freguesia.



Antigo Cemitério Público

Até então, o Cemitério da cidade pertencia ao Patrimônio da Câmara Municipal. A 15 de dezembro de 1893, é registrado no livro da Câmara Municipal, a Circular nº 1.463 de 15 de dezembro do mesmo ano passando ao Vigário da Freguesia o Cemitério Público, dando-lhe todos os direitos que tinha esta Câmara no referido Cemitério. Era nesta época presidente da Câmara, o sr. Francisco Ferreira de Araújo Lima e ao mesmo tempo Sacristão da Igreja, razão pela qual era chamado Chico Sacristão. Era também na época, chefe político, detentor de grande prestígio, dinâmico e solícito. Por todas estas qualidades foi ele o homem que por mais tempo governou nosso Município – 19 anos e meses.

Em 1938 com o grande surto malárico, foi necessária a ampliação deste Campo Santo. Os trabalhos foram dirigidos pelo zeloso fabriqueiro do Patrimônio, sr. João Vital Ferreira Lima. Os trabalhos tiveram início em novembro deste mesmo ano e concluídos em janeiro de 1939.

O atual Frontispício deste Cemitério, foi construído às custas do sr. Antônio Carneiro de Oliveira Lima, quando era juiz da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Antes, esta fachada possuia um único portão como se vê na primeira foto.

Uma ponte de madeira que existiu entre o Cemitério e a cidade, foi construida em 1893 pela Câmara Municipal, tendo como construtor o sr. José Gurgel do Amaral.

Vista da fachada do atual Cemitério

Em 1932, quando Prefeito Municipal o sr. João Ivo Xavier e por ter este recebido verbas do Governo Federal para amparar as vítimas da seca reconstruiu esta ponte, acrescentando um bueiro e construiu um grande paredão de piçarra, ligando o Cemitério a cidade. Hoje o Cemitério vive sob a administração da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

A título de curiosidade transcrevemos aqui as primeiras páginas do primeiro Livro de Registro de Óbitos deste Cemitério.

Página 1 – Termo de abertura

"Este livro há de servir para os termos de Óbitos das pessoas que se sepultarem no cemitério desta Vila como dispuserem o regulamento do mesmo o qual vai assinado e rubricado com minha rubrica que uso "Araújo" no fim leva o competente termo de encerramento. Vila de São Bernardo, 16 de fevereiro de 1859.

O Provedor da Comarca Francisco das Chagas de Araújo".

O primeiro sepultamento realizado neste cemitério está registrado na página 2 deste livro e aqui transcrevemos:

Nº 1

"Aos nove dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e nove, dei sepultura a dois cadáveres, párvolos, filhos legítimos de Joaquim José de Moura, e sua mulher Maria Maciel de Jesus, pardos desta Freguesia, sendo huma de nome Josefa de idade 6 para 7 anos e outra de nome José de 5 para 6 anos e acompanhou ordem do Sr. Vigário da Freguesia com os direitos pagos, os quais ficam sepultados nas covas nº hum e dois da primeira divisão do Cemitério desta Vila de São Bernardo, e para constar fiz este termo.

O administrador do Cemitério

Cândido de Pontes Franco"

Observação: No primeiro óbito, leia-se: mil oitocentos e cincoenta e nove, como justifica o assento de nº 2.

Nº 2

"Aos três dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e cincoenta e nove, dei sepultura ao cadáver de Antônia Pereira, parda, de idade 100 anos, acompanhou órdem do sr. Vigário da Freguesia e com os direitos pagos, a qual fica sepultada na cova nº 1 da segunda divisão do Cemitério desta Vila de São Bernardo, que para constar fiz este termo.

O administrador do Cemitério

Cândido de Pontes Franco"

Os principais túmulos deste Campo Santo percentem às famílias: Maciel, Epaminondas de Oliveira, Queiroz, Honório de Sousa, Maia Gondim, Fonseca Cos-

ta, Guimarães, Eduardo, Nogueira Santiago, Pitombeira, Evangelista, Xavier Ribeiro, Estácio de Sousa, Nunes da Rocha, Gonçalves, Nogueira, Alves dos Santos, Santiago, Félix, Pereira da Silva, Simplício, Moreira, Ferreira Lima, Pereira Bezerra, Carneiro, Gonçalves Ferreira, Simões dos Santos, Gonçalves de Oliveira, Mendonça, Reinaldo Maciel, Farias, Gonçalves Carneiro, Porto, Moreira de Sousa, Carmo Chaves e muitas outras.

Senhores Joaquim Lourenço (falecido) e Joaquim da Cabocla, dois baluartes de nosso Folclore.

CENTRO EDUC. PE. ZACARIAS RAMALHO
CNEC
Russas - CE

FOLCLORE

→ O nosso folclore começa com o Congo – dança dramática africana. Remonta esta dança dos primeiros dias de nosso povoado. Desenvolveu-se no entanto com maior intensidade, no final do século passado e início do atual. De outubro a dezembro, eram feitos os ensaios para as apresentações dos festejos da Padroeira, que a princípio se realizavam no dia 6 de janeiro de cada ano.

Constitui-se o Congo de rei, príncipe, embaixador e vassalos. Quando os sinos anunciavam a Missa, em solene cortejo acompanhado de música e foguetes, saíam os componentes do Congo percorrendo as principais ruas da cidade, em direção à Igreja. Ao entrarem, sentavam-se em cadeiras especiais, onde assistiam ao Santo Sacrifício. Terminada a Missa, seguiam para fazer sua primeira exibição em casa, do chefe político local, com o passar dos tempos, do presidente da Câmara e por último em casa do sr. Prefeito Municipal. Daí por diante faziam sucessivas apresentações em salões e terreiros até 20 de janeiro, dia da festa de São Sebastião. As apresentações eram feitas da seguinte maneira: alojavam-se nos matos para se trajarem, e formando duas fileiras, iam saindo em direção ao terreiro onde seria feita a apresentação. Seguindo este cortejo, vinham os "Homens da Batalha", com cacetetes ou espadas de madeira, em mãos, cantando:

Haja fogo
Fogo na Ribeira é fogo
Que nos valha
Valha-me Santana, valha-me.

Dom Valentim
Nunca conheceu
Fogo de guerra
Nós há de vencer

Fogo mais fogo
Vamos combater
Espada mais fina
É de Camungá

Todas as vezes que o Congo estivesse preparado para executar uma noitada, faziam antes uma visita à Igreja. No patamar, executavam a dança dos cacetes, verdadeiro show de coreografia, uma parte da Batalha e davam esmolas à Igreja. Reunidos entoavam:

Deus nos salve
Casa Santa
Senhor ou Senhora
Onde Deus fez a morada
Onde mora o Cálice Santo
E a hóstia consagrada

Lá no Céu tem um sinal
Oh! Senhora
Todo pingo de meio dia
Isso é porque não rezam
Bis Oh! Senhora
O Rosário de Maria

Após esta cerimônia que era executada no patamar da Igreja, voltavam as suas casas, e à noite reuniam-se para executar na casa de um amigo a verdadeira apresentação, que consistia na Batalha propriamente dita.

Iniciavam a apresentação saindo dos matos ou de uma casa vizinha e se aproximando do terreiro entoavam a cantiga:

Oh! frio o sangue me gela
As veias vem a correr
Se houver quem me faça calor
Mostro o fio da minha espada

A quem meu rei ofender
Derramo todo o meu sangue,
Meu estado real

O Congo em Russas, esteve por muitos anos sob a direção do sr. João Ribeiro, mais tarde do sr. José Adriano, posteriormente de seu filho João Adriano, que por pouco tempo permaneceu à frente de tão interessante folguedo. Ficando sem dirigente, foi o Congo lentamente desaparecendo de nossa terra.

Em substituição a este tradicional Folclore, apareceu em nossa Região, o "Bumba-meu-Boi", espalhando-se por subúrbios diferentes como Barracão, Ingá, Quixeré, Poço do Boi, até que em 1919 chega a Russas com o nome de "Pai do Campo", e permanece até hoje enriquecendo nosso Folclore.

O primitivo chefe do "Pai do Campo" em Russas, foi o sr. Alfredo Silvano. A cantiga mais conhecida era:

Pai do Campo chegou
Vamos brincar
Bis Só não quero que venha
Me incomodar

Balanceia Pai do Campo
Balanceia para o povo apreciar
Só não quero que venha
Me incomodar

Balanceia Pai das Ondas
Boi Torino Araçá
Brinca, brinca Pai do Campo
Para o povo apreciar

Brinca brinca Pai do Campo
Brinca brinca eu quero olhar
Quero ver meu Pai do Campo
No salão balancear

Outra cantiga muito interessante entoada por ocasião da despedida do "Pai do Campo", era:

Estribilho

Urrou meu boi
Terra firme estremeceu
Urrou meu boi
A Fortaleza gemeu

Desde que meu boi nasceu
Nunca mais serrei-lhe as pontas
Fortaleza onde chega
Dá combate e toma conta

Rapazeada do boi
Leva a roda toda igual
Fortaleza onde chega
Dá combate e toma conta

Rapazeada leva a roda
E balanceia
Já estou cansado
De brincar com o boi na areia

Mas esse boi
Esse boi rapazeada
Esse nosso Pai do Campo
É o chefe da malhada

Adeus Santinha
Ora adeus que eu vou embora
Se eu perder ninguém se importe
E se eu ganhar a fortuna é minha

Adeus, adeus, adeus,
Adeus, adeus o dono da casa
Não sei, não sei
Quando aqui voltarei

Adeus, adeus, adeus
Adeus a moça solteira adeus
Não sei, não sei
Quando aqui voltarei

Adeus, adeus, adeus
Adeus a rapazeada adeus
Não sei, não sei
Quando aqui voltarei

Por divergência no grupo que organizava o "Pai do Campo", foi este lentamente desaparecendo, surgindo em seu lugar "O Garrote", com o mesmo fulgor e entusiasmo com que viveu por longos anos o velho Pai do Campo.

Depois do Congo surge paralelamente ao Bumba meu boi, as Cavalhadas. No período medieval existia na Europa, um tipo de competição muito usado entre os feudos – As Cavalhadas ou Torneios. Este folclore veio para o Brasil, através dos espanhóis, ou mesmo dos portugueses, e durante quase todo o século passado e primeiras décadas do nosso século, foi usado com grande freqüência esse tipo de folguedo em nosso meio. A brincadeira consistia na instalação de arcos provisórios ao longo da rua principal, ornados de flores e folhas verdes e ao centro da abóboda dos arcos eram pendurados através de fitas algumas argolinhas de metal. O jogo se fazia da seguinte maneira: Os cavaleiros, geralmente rapazes das principais famílias, usando uniforme tipo fantasia, empunhando lanças sem lâminas ponteagudas, partiam de uma determinada distância, de um a um, a toda velocidade do cavalo e com a lança tentava retirar da fita uma das argolas. Aquele que conseguisse remover a argola seria longamente aplaudido e entregaria a argola a sua amada. Caso contrário, era longamente vaiado pela grande multidão presente. Aquele que mais argolinhas derribasse recebia as honrarias de campeão do Torneio.

Outro tipo de Folclore que tem sido dos mais vivos e movimentados em nosso município é o Carnaval. Deste temos notícias a partir da metade do século passado quando faziam suas vibrantes apresentações vestidos de Papangús, outros simulando médicos que saíam de casa em casa receitando remédios para espinhela caída, nervo torto e outras doenças mais comuns. Havia também aqueles que se vestiam de fraque e cartola e declamavam em pontos mais movimentados os famosos discursos patrióticos, mas irônicos e zombeteiros. Outros trajavam-se de ciganas e saindo de porta em porta cumprimentando as pessoas na linguagem casteliana – "Buenas dichas", ensinavam rezas fortes, tirar feitiço, botar caboge e outras cousas mais características dos ciganos. Os de boa voz, vestidos de "Pierrot", portando um instrumento de cordas executavam belas canções amorosas oferecidas as suas amadas. Os homens mais altos, bem trajados e os mais baixos trajados de senhoras, todos mascarados, aos pares simulando noivos, percorriam a cidade acompanhados de uma orquestra, palhaços, papangús e grande número de foliões e a garotada que não deixava de estar presente e mexendo sempre com um e com outro. Com a per-

missão dos donos das principais residências entravam respeitosamente, e na sala principal dançavam uma espécie de quadrilha em ritmo de frevo e posteriormente eram servidos de bebidas e comidas, terminando o cortejo às 6 h na casa do delegado.

Outro folguedo carnavalesco muito apreciado ainda hoje, até nos meios mais evoluídos, é o "Entrudo" – emprego da água. A princípio eram usadas laranjinhas de borracha cheias d'água perfumada e com um pequeno orifício depois de certa pressão na laranjinha dirigia-se o jato ao adversário e aí estava travada a luta que davam o nome de "Jogos do Entrudo". Posteriormente foram surgindo também as bisnagas já de maior porte, porém com o mesmo conteúdo. A noitinha travavam-se nas calçadas verdadeiras batalhas e no final saíam os foliões com suas vestes completamente molhadas e exalando um cheiro agradabilíssimo. No último dia de Carnaval, à noite, a brincadeira chegava ao máximo do exagero. Os foliões punham-se nas calçadas com grandes depósitos d'água e munidos de bisnagas de flandres, de baldes e de grandes cuias, saíam a dar banhos em qualquer pessoa que encontrasse. Dada a sua violência, teve esta modalidade de folguedo, curta duração em nossa terra. No princípio de nosso século este folclore sofreu radical transformação em sua estrutura. Logo nos primeiros anos foi perdendo sua euforia até que em 1919 com o triste episódio da morte de dr. Manuel Augusto, então juiz de direito, foi suspenso por vários anos. Posteriormente surge porém em forma mais ou menos fechada, ou seja em algumas casas de família, foi tomando vulto até que atingiu os Clubes transformando-se em um carnaval verdadeiramente vibrante. Os grandes baluartes do Carnaval de nosso século foram os senhores Joaquim da Cabocla, Joaquim Lourenço dos Santos, Joana Liberalina, Joaquim Liberalino, João Liberalino e Chiquinho do Liberalino. Animavam o bloco Joaquim Lourenço com sua Consertina e Nelzim Lourenço no violão. Havia também outros instrumentos rústicos de diversos tipos que completavam a harmonia do conjunto. Para nossa felicidade o Carnaval de Russas está hoje ligado às principais famílias e dotado de um exuberante fulgor. Em 1973 é formado em Russas três brilhantes Blocos Carnavalescos, por jovens de um extraordinário dinamismo, que transformaram nosso Carnaval, podemos dizer sem nenhum medo de pecar, num dos mais ricos e vibrantes do Estado do Ceará.

Em 1972 nascia de um grupo de jovens russanos a idéia de organizar um Carnaval de Rua, de grandes dimensões, levando o nome de nossa cidade a todo o Estado. O efeito dessa idéia foi dos mais fecundos que podia se esperar e em curto prazo estava formada a Escola de Samba "Os Gaviões". Composta hoje de 300 componentes, desfila esta Escola de Samba, garbosamente mostrando a nossa gente um show de alegoria e ritmo alcançado por pouquíssimas escolas de samba do nosso Es-

tado ou até do Brasil. Sua primeira diretoria era composta por Luciano Gonçalves Scipião – Presidente; Helder Scipião Matoso – Vice Presidente; Jocilé de Oliveira Gonçalves – Tesoureiro; William Viana Lima – Secretário; Cristina Gomes Barbosa – Relações Públicas. Já a segunda e atual diretoria é formada por Luciano Gonçalves Scipião – Presidente; Jocilé de Oliveira Gonçalves – Vice Presidente; Valdísio Rodrigues Viana – Tesoureiro; Paulo César Vasconcelos – 1º Secretário; William Viana Lima – 2º Secretário; Argentina Cabral Figueredo e Socorro Alves Pereira – Relações Públicas; Aluísio Deodato – Diretor de Promoções; Guto e Eliene Vieira – Figuristas.

Para que haja progresso e desenvolvimento é necessário a competição. Os Gaviões não podiam permanecer sozinhos e em 1975 figuram nas principais artérias de nossa cidade, mais duas brilhantes agremiações Carnavalescas.

Uma delas a Escola de Samba "Unidos da Monsenhor João Luis", fundada em 12 de janeiro de 1975, composta inicialmente de 110 componentes e hoje já conta com mais de 300 elementos. Sua primeira diretoria foi formada por Antônio Estácio de Souza Filho – Presidente; Raimundo Weber de Araújo – Vice Presidente; Francisco Jaime de Oliveira – Tesoureiro; Zilzo Leandro Evangelista – Secretário. A segunda estava assim composta: Raimundo Weber de Araújo – Presidente; Francisco Jaime de Oliveira – Vice Presidente; Zilzo Leandro Evangelista – Tesoureiro; Suelda Ramalho Dantas – Secretário; Antônio Estácio de Sousa Filho – Diretor de Bateria. A atual diretoria está composta por Raimundo Weber de Araújo - Presidente; Luis Orlando Lima – Vice Presidente; Suelda Ramalho Dantas – Secretária; Antônio Estácio de Sousa Filho – Diretor de Bateria.

A outra agremiação é a Escola de Samba "Unidos do Alunte" que conta hoje com mais de 130 participantes. Sua primeira diretoria foi formada por seus fundadores Inácio Simões Júnior – Presidente; Osmídio Holanda – Vice Presidente; Paulo Simões – Tesoureiro; Luis Gonzaga – Secretário; Paulo Rocha – Diretor Artístico. Na segunda e atual diretoria, figuram os seguintes nomes; Paulo Simões – Presidente; Osmídio Holanda – Vice Presidente; Silvia Helena Moreira – Tesoureira; Ana Maria Moreira – Secretária; Paulo Rocha – Diretor Artístico.

Para se ter uma idéia da organização, desempenho, coreografia e harmonia destas escolas de Samba torna-se mister vê-las em plena exibição em nossas avenidas, e comprovar que realmente as Escolas-de-Sambas de Russas, superam com grande vantagem a outras agremiações tanto do Ceará como de outros Estados do Nordeste Brasileiro. Não há exagero nesta afirmação, pois conheço bastante outras agremiações não só de Fortaleza mas de outras capitais do Nordeste, especialmente do Recife, onde resido, conhecida tradicionalmente como a Capital do Frevo, e que

apresenta o melhor Carnaval. Como exemplo, em 1975 saí com minha família do Recife para passar o período carnavalesco em Russas, julgando que aí praticamente não houvesse Carnaval, e lá chegando me deparei com um Carnaval bem mais quente, bem mais vibrante que o do Recife, e dada a grande surpresa que tive, fui forçado a assistir aos desfiles e apresentações destas agremiações, para poder observá-las em seus mínimos detalhes e fazer um julgamento mais consciencioso de nosso Carnaval.

Se grande número de componentes em uma agremiação oferecer pontos positivos, outras cidades sem dúvida, levariam vantagem. Mas Carnaval, não é isso. O Carnaval é acima de tudo organização, alegoria, coreografia, riqueza e harmonia de conjunto. E nossas Escolas, apresentam tudo isso, e mais o entusiasmo de uma juventude rica de ideais e vigor.

CEMITÉRIO
BOM JESUS DOS PASSOS

INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E FILANTRÓPICAS

Russas, sendo habitada por um povo cristão e de boa formação, nunca deixou de olhar para seu próximo e de formar movimentos filantrópicos capazes de resolver determinados problemas de cunho sociais. Assim é que, em 1728, era formada a primeira instituição de nossa terra – a Irmandade dos Pretos.

Com a criação da freguesia em 1735, é criada a Irmandade do Rosário dos Brancos.

A Irmandade do Santíssimo Sacramento foi fundada em 1749, e ainda hoje permanece prestando seus valiosos serviços a nossa Igreja.

Em 1780, surge, em nosso meio, uma nova instituição – o Apostolado da Oração. Sob a proteção de São Miguel, em 1785 é criada a Irmandade das Almas.

Outra Instituição criada em 1839 foi a Irmandade do Bom Jesus dos Passos.

Padre Lino Deodato, na capela da Cruz do Palhano, em 1871, fundou a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição.

O sr. Antônio Sabóia de Sá Leitão provavelmente em 1879, funda as Conferências de São Vicente de Paula.

Em 1911 o Padre Zacarias Ramalho fundou a Confraria de Nossa Senhora de Lourdes.

Em 16 de junho de 1925 é criada a Confraria de Nossa Senhora do Carmo.

A 15 de agosto de 1930, nasce a Pia União das Filhas de Maria. Em 1935 a Obra de Propagação da Fé. A 5 de agosto de 1936 é fundada a Congregação Mariana dos Moços. Em outubro de 1937 é criada a Associação de São José. Em 1938 é criado o Círculo Operário russano e em 4 de outubro de 1948 é fundada a Obra do Pão de Santo Antônio dos Pobres.

Prédio Sede da Beneficente Russana

O Sacramentino Padre Pedro Hansen, em setembro de 1951, funda a Guarda de Honra por ocasião do Bi-centenário da estada do SS. Sacramento na Matriz.

Uma das mais fecundas instituições sociais de nosso município, fundada a 5 de junho de 1926, foi a Sociedade Beneficente Russana. Esta instituição teve como sócios fundadores os senhores José Perdigão Sobrinho e esposa, Bonifácio Veloso, Dioclécio Maia Gondim, Francisco Maia Perdigão e Mário Torres Ferreira. Seu primeiro presidente foi o dr. Joaquim de Castro Meireles. Esta Sociedade tinha como lema "Amor e Caridade".

Outro órgão de caráter filantrópico, criado em 13 de fevereiro de 1943, em Fortaleza, por vários russanos, foi o "Centro Russano". Esta instituição foi organizada e fundada pelos doutores F. Moreira de Souza, Joaquim de Castro Meireles, Acelino de Pontes Franco, Joaquim Lima Santiago e Ezequiel Silva de Menezes. Seu conselho superior foi formado pelo capitão dr. Manuel Cordeiro Neto, Pedro Riquet Nogueira, Felipe Santiago Lima, Alfredo Cavalcanti Goyana e José Fagundes Maia. Tinha este centro como finalidades:

1 – Agremiar todos os russanos residentes em Fortaleza para que, unidos, constituissem uma força em prol do desenvolvimento da terra-berço.

2 – Interessar-se pela educação da mocidade conterrânea procurando elevar seu nível intelectual e moral.

3 – Trabalhar pelo desenvolvimento das fontes de produção do município, defendendo seus vitais interesses.

Posteriormente é criada, também em Fortaleza, a Liga Estudantil Russana, liderada por dois brilhantes jovens russanos: Antônio Nogueira Santiago e Eliseu Ferreira Lima. Estes receberam a integral colaboração de seus colegas Fernando Benévolo de Andrade e Eyorand Benévolo de Andrade. Tinha esta Liga a finalidade de congregar todos os estudantes da terra no sentido de elevá-la nos setores literário e esportivo.

Em 1947 era criado, desta feita em Russas, outro movimento estudantil,

Relicário doado por Dom Joaquim José Vieira à Matriz de Russas em 1º de junho de 1904

que congregou grande número de estudantes russanos – o "Centro Estudantil Russano". Esta instituição foi liderada pelo dinâmico conterrâneo José Xavier Lopes. Em nossos dias surgem mais quatro instituições de grande importância para a classe estudantil russana: CRAC – Clube Russano Ajuda à Comunidade; MOACIM – Movimento de Amizade Coração Imaculado de Maria; CJC – Clube de Jovens Cristãos e CRER – Clube Recreativo do Estudante Russano. Mas, destas instituições, a mais atuante tem sido o CRER. Fundado no dia 24 de agosto de 1975 pelo Professor Gilmar de Oliveira, estruturado dentro dos princípios da administração moderna, o CRER é hoje uma grande instituição a serviço dos russanos. Legalizada juridicamente, conta hoje com 1.573 sócios.

No dia 16 de agosto de 1976 teve início a construção de sua sede própria numa área de 441 m^2, doada pela Prefeitura no governo do sr. Aurino Estácio. Pelos relevantes serviços prestados à comunidade no campo da educação e da filantropia, a Prefeitura concedeu também ao CRER o registro de entidade de utilidade pública.

Quando sua sede estiver totalmente concluída, será alterada sua razão social para Clube Recreativo do Estudante da Região – CRER, e passará a ser um Centro Comunitário de todo o vale jaguaribano. Qualquer estudante de outras cidades do vale desejando passar suas férias ou fins de semana em Russas, o CRER estará de portas abertas para recebê-lo.

Outra instituição de grande realce em nossa terra é o Rotary Clube de Russas, instituição que tem como finalidade servir à comunidade, o bem-estar entre os sócios e a compreensão entre as Nações. O slogan deste Clube é "Melhor se beneficia quem melhor serve". Ou ainda: "Dar de si antes de pensar em si". Atualmente é presidente deste clube o jornalista Horácio Matoso.

Maçonaria – Sociedade Filantrópica Secreta, que usa como símbolos os instrumentos do pedreiro e do arquiteto. Fundada – em Russas pelo sr. Aderson Gonçalves, teve como membros de direção os senhores: Aderson Gonçalves – Venerável; Mário Torres – Primeiro Vigilante; Francisco Maia Perdigão – Segundo Vigilante; Antônio Gonçalves – Tesoureiro; José Delfino Júnior – Secretário; Dioclécio Maia Gondim – Orador. Membros que frequentavam esta loja maçônica: Joaquim Torres Ferreira, José de Deus, João de Deus, Milton Loyola, Alexandre Celedônio, José Agostinho de Oliveira, Manuel Gonçalves Santiago, João Lima de Oliveira, Alberto Tavares, José Bandeira e Climério Lopes de Oliveira. Em 1938, foi construído pelo sr. Aderson Gonçalves um prédio destinado a loja maçônica de Russas "Deus e Fraternidade". Nos primeiros anos de 40 foi esta loja fechada por um de seus membros, delegado civil do município – sr. Climério Lopes, obedecendo a ordem expedida pelo presidente o sr. Getúlio Vargas. Esta loja foi reaberta em 1972.

ARBORIZAÇÃO, PRAÇAS E MONUMENTOS

Nossa primeira arborização foi feita através do padre Lino Deodato, no ano de 1857. Nessa época, algumas pessoas da cidade requereram e obtiveram licença da Câmara, para plantar algumas árvores no largo defronte à Igreja Matriz. Foi feita a plantação nas partes laterais do largo e na ala sul. Constituia-se esta primeira arborização de tamarindeiros, em lugares esparsos foram plantados alguns pés de castanheiros como se vê em algumas fotos da época de 1920. Esta arborização trouxe grande benefício, pois além da boa sombra que produzia, diminuia consideravelmente o calor. Entretanto foi posta abaixo pelo sr. João Maciel Pereira, quando à frente da Prefeitura, alegando que esta servia apenas para camponeses atar animais, deixando no local, grande quantidade de dejectos, que produziam mau cheiro e grande incômodo – aos moradores mais próximos do local. No final do governo do senhor José Ramalho é iniciado um novo tipo de arborização com ficus benjamim e concluída na gestão do dr. Ezequiel Silva de Menezes. Este tipo de arborização foi seriamente atacado pelos incômodos "Lacerdinhas" perdendo quase toda sua folhagem, razão porque na gestão do dr. José Martins esta foi substituída pela acácia.

Praça Monsenhor João Luis – Antes da construção desse logradouro havia no local apenas uma área mais ou menos deserta, porém com arborização lateral. No dia 24 de maio de 1931, quando prefeito o senhor João Ivo Xavier, é iniciada a construção de nosso primeiro logradouro, inaugurado no dia 7 de setembro de 1933, quando já estava à frente da Municipalidade o dr. Ezequiel da Silva Menezes. Neste mesmo dia era inaugurado também o busto do Monsenhor João Luis, razão pela qual recebeu este logradouro o nome de "Praça Monsenhor João Luis". É, pois, ao

Vista parcial da cidade, vendo-se a arborização a ficus benjamim

coronel João Ivo Xavier que devemos a iniciativa de construir a primeira praça pública que muito concorreu para o embelezamento da cidade.

Coluna da Hora – Esta artística coluna foi erigida com a finalidade de receber em sua parte superior o grande relógio público que fora adquirido pela importância de 11.200$000 na cidade de Juazeiro do Norte e ofertado ao município pelo povo russano. No capitel desta majestosa coluna está o Cristo Redentor, que foi também uma oferta do povo russano à municipalidade, tendo custado aos seus ofertantes a importância de três mil cruzeiros. Na placa alusiva à inauguração desta obra consta a seguinte descrição:

Junho de 1940

Interventor Federal do Estado dr. Francisco de Menezes Pimentel. Prefeito Municipal – Manuel Matoso Filho. Homenagem ao Capitão Manuel Cordeiro Neto, Secretário de P. S. Público.

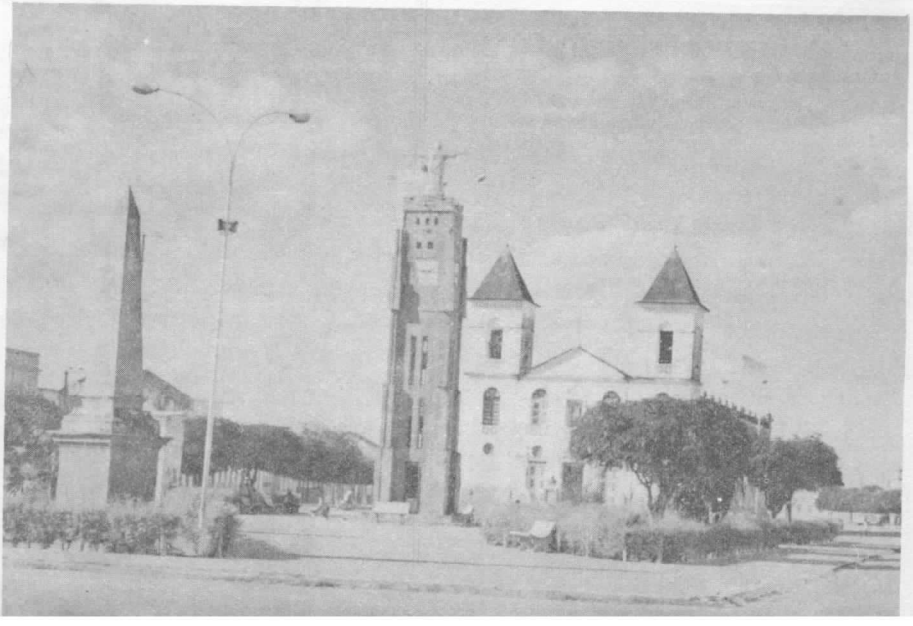
Relógio oferecido à Municipalidade pelos russanos por intermédio da comissão: Francisco Rodrigues Júnior, Joel da Fonseca Lobo, João Vital Ferreira Lima, Francisco Ozanam de Santiago, Edvaldo Leite de Oliveira, Custódio Primo Guimarães, Joaquim Torres Ferreira, Vicente Leite de Oliveira, José Delfino Júnior, José Matoso de Oliveira, Dioclécio Maia Gondim, Agostinho de Souza Lima, Mário Milton Torres Ferreira, José Ramalho de Oliveira, Francisco Maia Perdigão e João Batista Ferreira Lima.

Nesta praça além da coluna da hora e do busto de Monsenhor João Luis, está edificado nosso primeiro munumento histórico – o Obelisco comemorativo à fundação da vila.

Ultimamente Russas recebe mais um logradouro – "Praça Deputado Matoso Filho", de iniciativa do vereador Luis Miramar Nogueira e construída na administração Aurino Estácio de Souza. Ao centro desta Praça está um pedestal com um busto em bronze de Manuel Matoso Filho. Sua inauguração se deu no dia 19 de dezembro de 1976. Estiveram presentes ao ato de inauguração o senhor prefeito municipal e esposa; dr. Antônio Nogueira Santiago; sr. Ciríaco Matoso – Vice-prefeito; jornalista Horácio Matoso; Gerardo Matoso – ex-prefeito; professor Francisco Matoso Ferreira; sra. Terezinha Matoso esposa de sr. Luis Miramar Nogueira e filha do homenageado, que na ocasião descerrou a Placa e o busto de seu saudoso pai Manuel Matoso Filho. Discursou em nome da família agradecendo aò sr. Prefeito Municipal, o professor Francisco Matoso Ferreira, o redator chefe do "Correio de Russas", sr. Horácio Matoso e o sr. Gerardo Matoso de Oliveira. Além das personalidades já citadas, havia também grande número de familiares e admiradores do homenageado.

Praça da Carnaúba – Em 1964 quando prefeito de nosso município o sr. João de Deus, aproveitando o conclave que se realizava nesta cidade entre 14 e 19 de dezembro – primeira semana da Carnaúba, criou mais uma praça em nossa cidade, com a finalidade de expressar o valor econômico de nossa região. No entanto, a arborização e conclusão deste logradouro se deu na administração Aurino Estácio.

Praça Monsenhor João Luís



BANDEIRAS, HINOS E DESFILES

Nossa primeira bandeira foi idealizada pelo professor José Fábio Ramalho e confeccionada por sua esposa senhora Catarina Orminda Dias Ramalho. De formato retangular, dividida ao meio formando dois triângulos, sendo um de cor azul e o outro de cor branca. No centro do Pavilhão havia um escudo, expressando o valor econômico do município. Havia também três estrelas representando os distritos: Sede, Flores e Bonhu. Este pavilhão foi oficializado pela Lei Municipal nº 14 de 18 de novembro de 1959.

Nosso segundo e atual pavilhão não sabemos quem o idealizou, mas seu autor reuniu artisticamente três belas cores, que falam bem alto da originalidade de nossa querida terra. Medindo 1,60 m por 1,10 m, tem seu corpo de cor azul natier dividido ao centro por uma faixa de cor amarelo-ouro em formato de cruz, e permanecendo ao centro o escudo de nossa primeira bandeira. Na faixa central, no sentido horizontal, lado esquerdo, há uma estrela branca representando o distrito Sede e no lado oposto três estrelas brancas, de tamanho menor, representando os Distritos de Flores, São João de Deus e Bonhu. Este último pavilhão está aguardando da Câmara municipal sua oficialização.

Russas, habitada por cidadãos de bases solidamente cívicas, providenciou desde muito cedo seu hino. No ano de 1920, quando se comemorava o 119º aniversário de fundação da vila de São Bernardo do Governador foi formado e cantado pela primeira vez nosso hino, com letra e música respectivamente de Antônio Sales e Raimundo F. Correia.

É bom ressaltar que o maestro Raimundo Correia, de Jaguaruana, veio a Russas contratado pelo prefeito José Ramalho com a finalidade de formar uma se-

gunda banda de música no município. Esta recebeu o nome de "Landuá". Esta banda competia com a já afamada "Euterpe Afonso Lima", e para formar maior número de profissionais teve que aceitar além de músicos formados, aprendizes de todas as classes – razão pela qual os componentes da "Euterpe Lima" batizaram-na de "Landuá".

Primeiro Hino de Russas

Russas, rompendo as brumas do passado,
Vem hoje receber as saudações
Dos seus filhos, que em canto sublimado,
Recordam tuas nobres tradições!

Coro . . .
O torrão lindo
Que é nosso lar
De amor infindo
Nos faz vibrar.

Ri-se a luz nestas faces prazenteiras!
Não há indiferença numa só!
Cantam as frondes das carnaubeiras,
Que tem nas palmas ouro branco em pó

Coro . . .

Oh! terra de Dom Lino! És sempre forte
Como o granito do rochedo nú
A cujos pés marulha, num transporte
De poesia, o claro Araibú.

Coro . . .

Em torno ao monumento, que aos humanos
Lembra o teu nascimento, com fervor,
Os teus filhos virão todos os anos
Cantar este hino de esperança e amor.

Coro . . .

Nosso segundo hino foi organizado recentemente, com letra da Revda. Irmã Maria da Graça e música do Cônego Pedro de Alcântara.

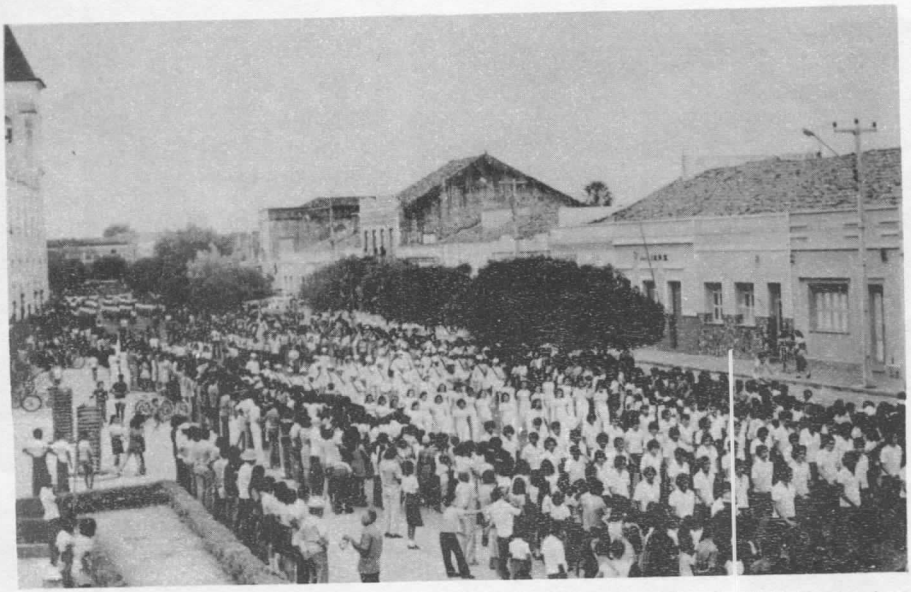
Hoje ó Russas teus filhos te cantam
Seu amor vivo, forte em ação
Em teu solo é prá sempre que plantam
A grandeza e a união

Coro . . .

Avante ó Russas, nas rotas do progresso e do valor
Integrando nos planos de amor e paz
De vencer tú és capaz

Esperança de tuas culturas
Carnaúba, laranja, algodão
Prenunciam vitórias futuras
Sob a luz da educação.

Os anseios que movem teu povo
Tem a fé com a luz a brilhar
E com visões num Brasil grande e novo
Vais marchando sem parar.



Aspecto dos desfiles do dia 7 de setembro

Desfile do dia 7 de Setembro

A maior demonstração de civismo do russano se constata por ocasião dos desfiles do dia da Pátria.

Essas festividades são planejadas com antecedência pelas autoridades competentes, executadas com todo rigor e pontualidade. As solenidades têm início geralmente às 7 h com a incorporação da Bandeira; às 7,30 revista às tropas pelo prefeito municipal e comandante do 1º B. P. M.; às 8 h hasteamento do Pavilhão Nacional; - 8,10 início dos desfiles. Em primeiro plano desfilam em carro aberto o comandante do 1º B.P.M. e prefeito municipal seguido pelas tropas do 1º B.P.M., Tiro de Guerra, Escola de 1º Grau Manuel Matoso Filho, Colégio Estadual Governador Flávio Marcílio, Centro Educacional Padre Pedro, Murilo Serpa, Escola de 1º Grau Moreira de Souza, Escola de 1º grau Raimundo de Deus, Sindicatos, Mobral, Escola de Comércio Padre Zacarias Ramalho e finalmente a Polícia Rodoviária Federal, dando a maior demonstração de entusiasmo e civismo nestas solenidades. Para se ter uma idéia da garbosidade desta gente é mister vê-la bem de perto para constatar quanto entusiasmo existe em nosso povo.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Nossa primitiva iluminação doméstica foi feita através de velas de cera de abelha. O processo de fabricação das velas era simples. Bastava colocar a cera em um recipiente, levar ao fogo e quando esta estivesse em estado de fusão, introduzia-se pavios de algodão retirando-os em seguida e pendurava-se ao ar livre para o resfriamento e endurecimento da cera. Sua utilização era idêntica ao atual uso das velas de parafina.

Posteriormente surge a bem mais vantajosa vela feita da cera de carnaúba. O processo de fabricação e utilização era idêntico ao da cera de abelha. Sendo que esta, além de oferecer melhor chama, não exalava o odor desagradável da cera de abelha.

A partir de 1912, quando era prefeito de Russas o Dr. José Perdigão Sobrinho, é feita a primeira e extraordinária iluminação pública de nossa cidade com o uso da recente descoberta do carbureto, que associado a água produz uma bela chama de cor azulada, a que o povo denominava na época de "Acetilena".

Em 1915, estando à frente da Municipalidade o nosso dinâmico Coronel Araújo Lima, foi criado um outro tipo de iluminação, dotado de novas características e de maiores vantagens, a iluminação a querosene. Esta foi feita através de lampiões instalados em postes nas principais ruas da cidade, como ainda se vê em algumas fotografias antigas.

Em 1922, chegou a Russas, procedente de Aracati, a firma "Costa Lima", e aqui se instalou no prédio da Rua Padre Raul Vieira esquina com Araújo Lima hoje ocupado por várias firmas comerciais, e na parte que dá para a rua Coronel Araújo Lima ainda está ocupada por restos de motores da antiga Empresa.

Inicialmente, instalaram uma usina de beneficiamento de algodão em sociedade com o Sr. Bruno Epaminondas, e logo aproveitaram a força motriz para o fornecimento de luz elétrica à cidade. A primeira casa comercial a receber eletrificação foi a do Sr. Bruno Epaminondas, que se achava instalada no mesmo prédio onde estava localizada a Usina. Hoje se encontra instalado no mesmo local o Mercantil "O Manuel". Posteriormente o Sr. Bruno leva a energia até o seu cinema, a Av. Dom Lino nº 904.

A primeira casa residencial a instalar luz elétrica, foi a do Sr. Antônio Gonçalves, situada na Travessa Professor Aprígio nº 74, com a finalidade de hospedar Dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo de Fortaleza, quando em visita a esta cidade.

Quanto à primeira iluminação pública elétrica, foi introduzida pelo Dr. José Ramalho de Alarcon e Santiago quando prefeito de nossa cidade. Este fez a aquisição de uma posteação de trilhos de ferro em Quixadá, e aqui deu início à iluminação pública, começando pela Av. Dom Lino. Esta Avenida também chamou-se Rua Dom Lino, Siqueira Campos, da Matriz, da Graça e das Flores. Depois iluminou a Pe. Raul Vieira, antiga Rua do Comércio, Cel. Perdigão Sobrinho e posteriormente Araújo Lima. Daí por diante generalizam-se as instalações elétricas tanto em casas comerciais quanto residenciais. Tempos depois a Firma "Costa Lima" vende sua parte da sociedade aos senhores Manuel Matoso e Joaquim Félix. Mais tarde a parte pertencente ao Sr. Manuel Matoso, foi vendida ao Sr. Alberto Cóe e anos mais tarde, a sociedade foi dissolvida. Em 1960 parte da Maquinaria é vendida a uma Empresa de Maranguape, ficando assim Russas sem energia elétrica até que o Sr. Gerardo Matoso assumindo a Prefeitura, fez a aquisição de um motor a óleo diesel para o fornecimento de luz à cidade. Sendo este insuficiente, logo entrou em pane, ficando Russas novamente às escuras durante dois anos.

Em visita ao Vale do Jaguaribe esteve em Russas, nessa época, o General Massa, Presidente da CERNE com séde nó Recife, e vendò este a deficiente eletrificação deste Vale, criou em várias cidades desta Região núcleos para fornecimento de energia. O Vale foi então contemplado com a eletrificação da CERNE abrangendo seis cidades divididas em dois grupos. O Grupo 1011 com as cidades de Aracati, Itaiçaba e Jaguaruana. O Grupo 1012, com Limoeiro, Quixeré e Russas. A eletrificação era feita através de duas distribuidoras, a óleo Diesel, ficando uma delas em Aracati e a outra em Limoeiro. Russas vendo-se prejudicada com o novo plano de eletrificação, enviou ao Recife, para manter palestra com o General Massa, então Presidente do Órgão distribuidor, três representantes de grande destaque de nossa cidade – Dr. Daltro Holanda, Pe. Pedro de Alcântara e o Deputado Jeová Costa Lima. Estes, em entrevista mantida com o General Massa fizeram ver a importância

geográfica do Município de Russas, e as demonstrações feitas pelos solicitantes motivaram o envio à Região, do Capitão Clark para aí executar novo plano. Vendo realmente que Russas oferecia maiores vantagens para a instalação de um dos grupos, fez este Capitão novo relatório e entregou-o a seu chefe, General Massa. Após minucioso estudo e análise do documento, ficou claro que o Grupo 1012 seria instalado em Russas e não mais em Limoeiro, permanecendo o grupo 1011 em Aracati.

Russas além de ganhar este Grupo, ganhou também o Almoxarifado Geral da Região. Em consequência desta luta, Russas foi o Município escolhido para a nova séde de eletrificação da CHESF, na Região Jaguaribana, atuando em uma área de 13.560 Km^2, compreendendo os municípios de Alto Santo, Aracati, Beberibe, Itaiçaba, Jaguaruana, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Palhano, Quixeré, São João do Jaguaribe, Taboleiro do Norte e Russas. Sua distribuição é feita através da COELCE (Companhia de Eletrificação do Ceará).

Hoje, está nosso Município satisfatoriamente eletrificado. A séde conta já com quase 200 lâmpadas a mercúrio instaladas, excelente posteação e fiação em todo o Município. Suas linhas centrais são: Russas/Faceira, beneficiando as localidades de Passagem de Russas, Jardim de São José e adjacências. Russas/Bonhu/Boqueirão do Cesário – beneficia Peixe, Capim Grosso, São Pedro, Lagoa Grande, Boqueirão do Cesário e adjacências. Russas/Palhano/Gafanhoto – beneficiando Santo Antônio, Pedras e adjacências. Russas/Novo Oriente beneficiando Alto Manuel Alves, Sítio Novo Oriente e adjacências.

ABASTECIMENTO D'ÁGUA

Nosso primitivo fornecimento d'água foi feito através de Poços formados nos rios Jaguaribe ou Rio Grande como era chamado, e no Araibu, nos anos de bons invernos. Dada a distância de Russas ao Rio Grande, houve a necessidade de escavações no leito do Riacho Araibu formando as célebres "Cacimbas". Estas iam se aprofundando de acordo com o período de estiagem ou com o consumo d'água. No período de bons invernos, era grande a alegria dos moradores da cidade, quando chegava a notícia de que as águas do Jaguaribe já haviam penetrado no Riacho Araibu. Tão grande era a euforia dos moradores, que estes corriam de casa em casa, transmitindo a mais auspiciosa notícia e convidando-se mutuamente para irem ao encontro das águas. Os mais moços subiam o Rio até a cabeceira munidos de enxadas e pás com a finalidade de formar valetas para assim facilitar a penetração do precioso líquido no leito do Riacho. Rompendo o primeiro obstáculo as águas desciam com certa velocidade e ao se aproximarem da cidade eram recebidas com fogos, banda de música e grande multidão que aos gritos davam vivas a São José e agradeciam a Deus pela grande graça. Enquanto outros aproveitavam a oportunidade para xingar os proprietários de cacimbas.

Com o aumento das águas era tranquilo o abastecimento d'água da cidade pelo menos alguns meses. Baixando estas, novamente voltava a ser utilizado o processo de cacimbas.

Posteriormente aparece em nosso município membros da família Gonçalves, dotados de grande inteligência e de uma capacidade criadora inconfundível. Criaram estes, o sistema de perfuração do solo através de trados que chegavam a atingir grandes profundidades, a procura de boa água. Esse processo generalizou-se de tal forma em nossa Região, que raro era a casa que não possuisse um destes po-

ços. A água era então sugada através de bombas manuais, ou com instalação de cataventos. Estes, podiam ser construídos do próprio caule da carnaubeira ou de outra madeira, havendo também os cataventos de ferro galvanizados importados da Inglaterra, Holanda, EEUU etc.

Nas primeiras décadas deste século, quando governava o município nosso prestigioso cel. Araújo Lima, e após a inauguração do mercado viu este governante a necessidade urgente da instalação de um poço artesiano nas imediações deste novo prédio, para o fornecimento de água ao público. Este conseguiu da Inspectoria das Secas à vinda de uma perfuratriz para a abertura do referido poço, e aí deu início aos trabalhos de perfuração, onde hoje está situado o prédio do Banco do Brasil. Após grande luta e danificação de material, foi descoberto um pobre lençol d'água muitíssimo salobra, razão pela qual foram suspensos os trabalhos neste local e transferido o material para a antiga rua do Velame, onde fizeram nova perfuração encontrando sem muito sacrifício e a pouca profundidade, extensoençol de água potável. Nesta época o município foi contemplado com um cataveto de ferro galvanizado e uma caixa d'água de regular tamanho para reservatório. Com a instalação desse reservatório é intensificada a distribuição d'água a cidade através de carroças particulares de tração animal. Foi também construido no local, um grande tanque que serviu durante muitos anos como bebedouro para os animais da redondeza.

Catavento Público
(Álbum do Jaguaribe)

Vista parcial do Açude de Santo Antônio

Como este único poço fosse insuficiente para o fornecimento d'água a cidade, alguns anos mais tarde a sra. Maria Ramalho viúva do farmacêutico e Ex-Prefeito José Ramalho de Alarcon e Santiago, passou a fornecer boa água através de encanação subterrânea a alguns moradores mais abastados da vizinhança, senhores João Eduardo, Joaquim Mendonça, Vital Lucas, José Moreira, Alípio Rodrigues e José Maria Cruz.

No final de 1951, era inaugurada pelo dr. Raimundo Maciel Pereira, então prefeito municipal, dr. Raul Barbosa – Governador do Estado, e grande número de autoridades locais e comitiva governamental, uma caixa d'água construída pelo DNOCS com capacidade para 180 mil litros cúbicos, com uma altura de 25 metros, melhorando consideravelmente as condições de abastecimento d'água da cidade. Nessa época o Serviço de Distribuição passa para a responsabilidade da Prefeitura.

Em 1963, na gestão do sr. Gerardo Matoso, houve a modificação do sistema, com a criação de um novo órgão de distribuição - SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), pela Lei Municipal nº 92 de 7 de fevereiro de 1963.

No mesmo ano foi firmado convênio entre a Prefeitura e a FSESP (Fundação Serviço Especial de Saúde Pública), para administração do Serviço de Distribuição d'Água. O serviço de distribuição é feito através de hidrômetros, sendo cobrada uma taxa mínima de CR$ 29,70 mensais, dando direito a um consumo de 10.000

litros. Há mais de 900 hidrômetros instalados na cidade. A captação é feita através de Poços Tubulares, e bombeada para reservatórios de compensação, e daí para a rede de distribuição.

Já está em fase de conclusão um novo sistema de abastecimento, tendo como área de captação a margem esquerda do rio Jaguaribe. Sua nova tubulação já se aproxima da cidade, com 3.860 metros de adutora em tubulação de cimento-amianto, com diâmetro de 250 mms.

A inauguração deste novo sistema está prevista para o próximo ano de 1977.

Além do abastecimento d'água da cidade, o município conta ainda com grande manancial de Açudes e Lagoas. O maior deles, o Açude de Santo Antônio com capacidade para armazenar 29.717.000 m^3 d'água, seguindo-se de outros importantes como:

Da Altamira – 2 em propriedade do sr. Jeová Costa Lima; Córrego da Bananeira e 21 em Fazendas do sr. Francisco Maia; Açudes do Futuro - 3 em Fazendas do sr. Ézio Pinheiro; Açudes das Melancias e do Escudeiro, 4 pertencentes ao sr. Edson Queiroz; Açude do sr. Antônio Galdino; do sr. José Geraldo; do dr. Daltro (Municipal); do sr. Alexandre Celedônio - 3 do sr. Miguel; do padre Valério; dos Chaves; do sr. Moreira Cravo; do sr. Joaquim Mendonça; do sr. Cazuza Braulino; do sr. Augusto Severino; do dr. Inácio Simões Filho; dos herdeiros do sr. Antônio Moreira de Sousa; do sr. Acélis; do dr. Pedro; da sra. Maria Emília de Paiva; dos Estácios; do dr. Omar Campelo; do sr. Anselmo Pitombeira; do sr. Miguel Alves; do sr. Raimundo Correia; do sr. Manuel Gonçalves Cordeiro; do sr. João Gonçalves Bembem; do Mondé; do dr. Paulo; do Aguiar; do sr. Antônio Rodrigues.

Prédio Sede do SAAE

Lagoas: Ariosa, das Bestas, das Caraubas, do Carão, do Carvão da Caiçara, dos Cavalos, do Cocho, Comprida, do Cal, do Cálice, da Defunta, do Enforcado, do Escuro, da Escondida, do Frade, do Fervente, do Fradinho, do Franklin, do Gibão, das Graças, Grande, do Junco, Lagoinhas, das Lajes, do Mari, da Mariana, das Moças, do Massarico, das Pedras, dos Porcos, dos Poldrins, do Peixe, do Pedro, dos Patos, do Pedro Ribeiro, da Piranha, da Rosa, da Rebolada, da Roça, da Semiana, da Sussuarana, da Sabina, do Saco dos Negros, da Tenda, do Tourão, do Touco, da Tapera, do Umari, dos Veados, da Velha Benta, da Várzea, da Viuvinha, do Zé Bento e muitas outras de menor porte.

PRÉDIOS PÚBLICOS E CAMPO DE AVIAÇÃO

Um dos primeiros prédios públicos do município de Russas a ser construido, foi o Mercado Público edificado em cumprimento da Lei nº 73 de 16 de agosto de 1893, e 248 de 13 de setembro de 1895. Em 1888, estava sendo construído um açude na Vila Cruz do Palhano. Com a queda da Monarquia foi sustada sua construção. Em virtude da paralisação das obras o restante da verba foi empregada pelo Intendente sr. Francisco de Araújo Lima na construção de quatro alas de quartos destinados ao novo mercado. Ficando incompleto e desprezado até 1903, serviu de moradia a algumas famílias. É quando neste ano reúnem-se os senhores Manuel Maia, Ivo Xavier, João Evangelista de Sousa e Miguel Pires, e se dispõem negociar com a Prefeitura a conclusão das obras do novo mercado, obtendo em troca a isenção de impostos durante 25 anos, quando passariam para a Municipalidade o prédio reconstruido por eles. Sendo aceita pelo prefeito a proposta daqueles senhores, reconstruído eles o Mercado, compreendendo quatro alas constando de cinco compartimentos cada uma delas, tocando a cada um deles uma das alas. Sua inauguração se deu no dia 1º de janeiro de 1904.

Foram várias as reformas procedidas neste prédio até nossos dias. A primeira delas realizada pelo Dr. Ezequiel Menezes quando fez pequenas reformas e pintura geral. A segunda, que podemos considerar como a maior delas, foi executada pelo sr. Manuel Matoso quando fez a construção interna de toda a área do Mercado, pintura e outras pequenas reformas nos compartimentos.

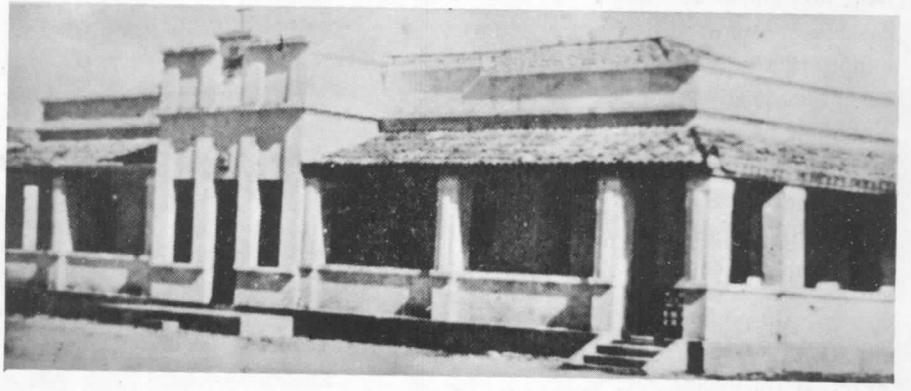
Na gestão do sr. João de Deus também foram realizadas algumas reformas e pintura nesse prédio. E ultimamente, na gestão do dr. José Martins, o Mercado sofreu novas reformas sendo neste período revestido em pastilhas e pintura interna.

Antes da construção do **Mercado** as feiras já se realizavam em alas de quartos existentes na travessa da extinta Casa Nova, hoje travessa Professor Aprígio, funcionando também aos sábados. Era a chamada "Feira Velha".

Posto de Saúde - Muito ajudou na construção deste prédio, o dr. Manuel Cordeiro Neto, filho da terra, que conseguiu junto aos poderes públicos fosse construído às expensas do Estado, e auxiliado em parte pelo Prefeito do Município sr. Manuel Matoso. Sua inauguração se deu no dia 16 de agosto de 1940 com a benção dada pelo coadjutor da Paróquia, padre Aluisio de Castro Filgueira. Foi nomeado para dirigir este estabelecimento de saúde, o conceituado médico Francisco Gaspar de Oliveira.

Nesse prédio, funciona hoje o Serviço Médico da FSESP (Fundação Serviço Especial de Saúde Pública).

O antigo e o atual Posto de Saúde



Antigo Grupo Escolar. Hoje funcionam nesse prédio a Delegacia de Saúde e Delegacia da Fazenda

Salão Paroquial - No local onde hoje está edificado este prédio, funcionava uma pequena escola para crianças pobres, numa modesta casa pertencente à Irmandade do Coração de Jesus. Como a escola se tornasse pequena para o grande número de alunos, Monsenhor Vital Gurgel Guedes, resolveu rifar o pequeno prédio, pela importância de Cr$ 6.000,00 (6:000$000) e iniciou a construção do Salão, hoje Salão Paroquial. Muito contribuiu para a construção o dr. Manuel Sales de Andrade, então juiz de direito da Comarca. Inaugurado no dia 1º de janeiro de 1938, tendo na ocasião da solene inauguração as alunas do Patronato Coração Imaculado de Maria, exibido uma peça religiosa em benefício daquele estabelecimento de ensino. Este salão foi reformado em 1951 e com a celebração do centenário de ordenação de Dom Lino, o prédio recebeu o nome de salão "Dom Lino".

Grupo Escolar - O lançamento da Pedra Fundamental deste prédio deu-se no dia 4 de fevereiro de 1934, sendo prefeito na época, o dr. Ezequiel Silva de Menezes. A solenidade contou com a presença do padre Jaime Felício de Sousa, sr. João Lima, Coletor Estadual Bonifácio Veloso, Tabelião Raimundo Nogueira de Santiago, telegrafista Walter Leitão, dr. Luis Nogueira Bezerra, diretora do Grupo Escolar dona Isolina de Seixas Landim e grande número de pessoas que prestigiaram as solenidades.

No dia de sua inauguração, 31 de março de 1935, usou da palavra o dr. Ezequiel Menezes, Prefeito Municipal, fazendo o histórico da construção do prédio que acabava de ser inaugurado. Recebeu do major Carneiro de Mendonça, então interventor do Ceará, a importância de 36 contos de réis e do governo do Estado coronel Felipe Moreira Lima 10 contos. Evidenciou também a valiosa ajuda do dr. Moreira de Sousa, tenente José Moreira e Edson da Mota Correia, bem como o auxílio prestado por vários proprietários russanos, quando forneceram ao prédio 210 carnaúbas.

Colégio Estadual Governador Flávio Marcílio, antigo Ateneu São Bernardo

Relação das Diretoras. do Grupo Escolar

1. Maria Beatriz Bastos	04.02.1930	a	22.08.1930
2. Eulina Martins	23.08.1930	a	30.10.1930
3. Luisa Mendes dos Santos	11.02.1931	a	30.05.1931
4. Maria de Castro Meireles	31.08.1931	a	09.08.1932
5. Hilda Moreira da Costa	10.08.1932	a	19.11.1932
6. Ernestina Mesquita	06.02.1933	a	30.06.1933
7. Isolina Seixas Landim	12.07.1933	a	23.10.1934
8. Maria Rebeca de Castro	30.11.1934	a	30.05.1935
9. Maria Lucena	19.08.1935	a	08.07.1939
10. Belmar Gondim Dantas	10.07.1939	a	11.07.1939
11. Francisca Alves	14.07.1939	a	18.08.1939
12. Isolina Seixas Landim	21.08.1939	a	11.04.1946
13. Maria Romelia Santiago	14.04.1946	s	21.06.1946
14. Maria Dolores Santiago	21.06.1946	a	24.11.1950
15. Rocilda Maia Leitão	25.11.1950	a	03.08.1951
16. Libania Tabosa	04.08.1951	a	09.02.1954
17. Hosana Costa Pinheiro	10.02.1954	a	30.06.1954

18. Libania Tabosa	02.08.1954	a	22.03.1955
19. Maria de Lourdes Cordeiro	23.03.1955	a	11.05.1955
20. Maria Romelia Santiago	13.05.1955	a	08.06.1955
21. Maria Sylvia Bezerra	01.08.1955	a	09.04.1959
22. Eliete Moreira Pequeno	16.04.1959	a	.....

Ateneu São Bernardo - Por iniciativa do padre Aluisio de Castro Filgueira, no dia 2 de janeiro de 1937, conseguiu reunir no Salão da Beneficente Russana, o pessoal de maiores possibilidades financeiras da cidade. Ao final da reunião, ficou claro quanto à necessidade da instalação no município, de um Educandário com internato e externato. E para isto, era necessário a cooperação dos russanos. Nessa ocasião, houve a colaboração financeira dos presentes com a doação de Cr$ 1.000,00 (1:000$000) e poucos dias depois, adquirido mais Cr$ 3.000,00. (3:000$000) através da venda de ações. Com essa importância padre Aluisio fez a aquisição do material escolar mais necessário para o momento. No dia 12 de março de 1937 foi inaugurado o Colégio em um prédio pertencente ao senhor Lino Gonçalves de Oliveira, e forneceu matrícula a 136 alunos. Posteriormente este estabelecimento foi transferido para um grande prédio de propriedade da viúva do sr. Manuel Jerônimo de Santiago, mediante arrendamento. Mais tarde este prédio foi doado à Ordem Terceira Franciscana da Paróquia, pela referida viúva, associada da Ordem. Em 1939, a pedido do padre Aluísio, diretor do estabelecimento, o Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, contribuiu com a importância de Cr$ 4.000,00 (4:000$000) e mais tarde com Cr$ 2.000,00 (2:000$000) para limpeza do prédio e adaptações. Com donativos dos russanos construiu junto ao Ateneu a Capela de São Francisco, com a finalidade de prestar serviços religiosos ao Colégio.

Esse estabelecimento foi elevado à categoria de Ginásio Jaguaribano em 1946, tendo sido equiparado com este nome a 25 de outubro de 1947. Pela Portaria Municipal nº 0525 de 25 de outubro de 1947, foi reconhecido sob regime preliminar de inspeção. Em 31 de janeiro de 1958, foi encampado mediante a Lei nº 4.021 pelo Governador do Estado do Ceará, sob a denominação de Ginásio Estadual Governador Flávio Marcílio e oficializado pelo Decreto nº 5.752 de 5 de setembro de 1963 com a denominação de Colégio Estadual Governador Flávio Marcílio. Esse estabelecimento tinha por finalidade instruir e educar pessoas do sexo masculino, cláusula que foi abdicada pelo bispo diocesano Dom João Freire Falcão, a 30 de novembro de 1971, passando em 1972 o Colégio a receber alunos de ambos os sexos.

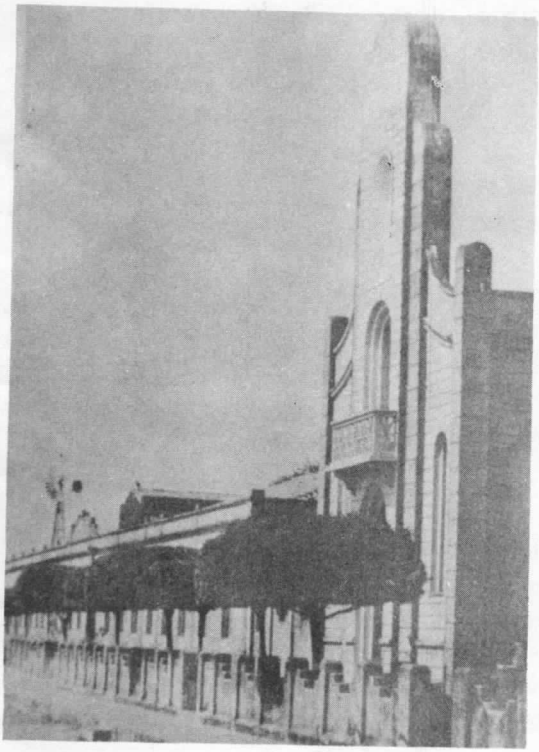
O segundo grau foi autorizado pelo Conselho Estadual de Educação, em face do Parecer 1086/75 de 16 de dezembro de 1975. Teve seu reconhecimento em

definitivo referente ao primeiro grau, mediante certificado expedido pelo Conselho Estadual de Educação de 19 de janeiro de 1976.

Foram diretores desse estabelecimento

1. Pe. Aluisio de Castro Filgueira
2. Pe. Raimundo Leão
3. Pe. José Terceiro
4. Tenente José Benigno Gondim
5. Osmar Dantas Pinheiro
6. Pe. Luis Gonzaga Xavier
7. Pe. Venceslau Xavier de Lima
8. Pe. Francisco Cabral de Amorim
9. Prof. José Fábio Ramalho
10. Profª Maria Gilvanise de Oliveira Pontes

Patronato Coração Imaculado de Maria – O terreno onde está localizado



Unidade Educacional "Coração Imaculado de Maria"

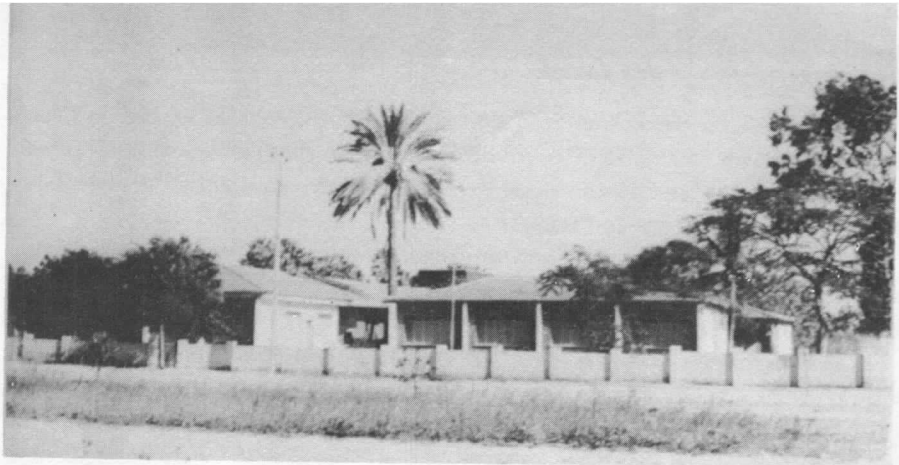
esse educandário, pertenceu ao padre João Vicente Ferreira Lima, quando era vigário da freguesia. Foi este quem primeiro cultivou árvores frutíferas regadas através de catavento e cacimbão. Com sua morte, o sítio passou a pertencer ao padre João Luis de Santiago, que por sua vez, deu maior expansão a esse pomar. Nessa época, com auxílio dos paroquianos, construiu um vasto prédio para a sua residência e adaptação para estabelecimento de ensino com internato, a que deu o nome de "Colégio dos Sagrados Corações". Com o desaparecimento do Monsenhor João Luis, seus herdeiros venderam esse sítio ao senhor Manuel Ramalho, seu sobrinho. Posteriormente essa propriedade foi vendida ao Estado, servindo como intermediário o Capitão Cordeiro Neto, então Secretário de Segurança Pública do Estado, pela importância de 28:000$000. Na transação comercial, era exigido que a escritura fosse passada em nome da Paróquia, com a condição de ser reservada uma parte do terreno para a construção do futuro quartel da Força Pública.

Quando vigário em Russas Monsenhor Vital Gurgel Guedes, desejava fundar um Colégio com o nome de "Coração Imaculado de Maria". Coincidência ou não o certo é que o padre Teodoro Kokke, holandês, orientador espiritual da Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria, de passagem para Limoeiro, onde ia visitar seus patrícios no Seminário hospedou-se na casa do vigário de Russas, Monsenhor Vital. Em palestra com o referido padre, indagou da possibilidade de conseguir uma congregação para dirigir um colégio nesta cidade. Voltando ao Pará, o padre Teodoro manteve entendimento com a Madre Geral da Congregação a respeito da proposta do Monsenhor Vital, e esta veio a Russas para pessoalmente acertar mais detalhadamente quanto a vinda das Irmãs para dirigir o Colégio que seria fundado naquela época.

Nesse período Russas disputava com Limoeiro a sede do Bispado da zona Jaguaribana. Perdendo a competição, Russas dispunha de certa quantia em dinheiro e desejando empregá-la, achou por bem revertê-la em benefício do novo Colégio, naturalmente por sugestão do vigário.

É quando no dia 25 de julho de 1937, chegam a Russas as Irmãs da Congregação do Coração Imaculado de Maria: Irmã Maria Gabriela, Irmã Escolástica e Irmã Maria Raimunda, sob a direção da Madre Maria de Jesus.

De início era apenas uma Escola Primária, contribuinte com o nome de "Patronato". Em 1938 foi fundada uma Escola gratuita com o nome "Escola Sagrado Coração". Em 1946, fundaram o Ginásio. Em 1950 foi criada a Escola Normal. Em 1963, a pedido do Ministério de Educação foi criado um curso noturno de alfabetização para adultos, que pouco a pouco se transformou em um curso seriado. Daí para cá o Colégio vem obedecendo às Leis Vigentes de Educação. E agora está



Escola Dr. Moreira de Sousa

sob a Lei 5692. Em virtude disso, as Escolas foram unificadas com o nome de Unidade Educacional "Coração Imaculado de Maria".

Escola de 1º Grau Dr. Moreira de Sousa

Fundada em 29 de maio de 1967, com subordinação Estadual e na ocasião, Superintendente Regional do Ensino em Russas, o prof. José Fábio Ramalho.

Iniciou seu funcionamento no prédio da "Escola Técnica de Comércio padre Zacarias Ramalho", localizada na Av. Dom Lino nº 204, até 24 de setembro de 1973, quando foi transferida para sua sede própria.

Motivada por essa razão, recebeu de início o nome de Escola da C.N.E.C. (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), pelo fato de sua instalação inicial ser num prédio da Campanha.

Quando dirigia este estabelecimento a sra. Orminda Dias, o nome Escola da C.N.E.C. é substituido por "Grupo Escolar Dr. Moreira de Souza".

Com a valiosa colaboração de nossa Delegada de Educação srta. Maria de Lourdes Bezerra Nunes, e a doação do terreno pelo prefeito Pedro Maia Rocha, teve início a construção deste prédio e no dia 15 de junho de 1974, era inaugurado juntamente com a Biblioteca Cel. Murilo Serpa, pertencente a este estabelecimento.

Foram Diretores dessa Unidade de Ensino, as senhoras:

1. Laís Santiago Lima
2. Catarina Orminda Dias Ramalho
3. Maria Letice Farias Pereira
4. Maria Marlene Rodrigues de Araújo

8ª Delegacia Regional de Educação

Visando a descentralização do Sistema Educacional do Estado do Ceará, foi criada através da Lei 6.759 de 13 de dezembro de 1963, a Supervisão Regional, representada pelas Superintendências Regionais de Educação, em número de 7, instaladas em diversas zonas do Estado.

A cidade de Russas foi contemplada com um núcleo, que teve inicialmente à frente de seus destinos o superintendente dr. José Cavalcante Filho e posteriormente, o professor José Fábio Ramalho e Santiago.

Foram treinadas pela Secretaria de Educação do Estado, equipe de Supervisoras do Ensino, que passaram a atuar nas 7 Regiões.

Em virtude das Superintendências não atingirem o resultado desejado, resolveu o Governo do Estado extinguí-las com o Decreto 8.951, permanecendo apenas os centros de Supervisão do Ensino criados por Portaria do Secretário de Educação, que conservava a mesma divisão Regional.

Em 1971, através do Decreto 9.551 de 17 de setembro de 1971, foram criadas 8 Regiões Administrativas, sendo implantadas as Delegacias Regionais de Educação.

A 8ª Delegacia Regional de Educação de Russas, vem prestando relevantes serviços na Administração do Ensino em toda a área de sua jurisdição, abrangendo os Municípios de Aracati, Itaiçaba, Jaguaruana, Morada Nova, Palhano, Quixeré e Russas.

8ª Delegacia Regional de Educação

Foi instalada no dia 1º de setembro de 1972, com a presença do então Secretário de Educação, Coronel Paulo Airton de Araújo, em solenidade que contou com a presença de técnicos da Secretaria de Educação, Prefeitos da Região Jaguaribana, líderes da Comunidade, professores e alunos. Foi empossado na função de Delagada Regional de Educação, a professora Maria de Lourdes Bezerra Nunes, numa demonstração de reconhecimento da Secretaria de Educação à sua atuação dinâmica como Coordenadora da Supervisão Escolar da Região.

Em 2 de maio de 1973 o Decreto 10.245 modificou o Decreto 9.551, ampliando para 12 o número de Regiões Administrativas e em 15 de janeiro de 1974, foi criada a 13ª Região Administrativa, com o Decreto 10.671.

No dia 28 de junho de 1975, foi inaugurada a sede própria da 8ª Delegacia Regional de Educação, pelo atual Governador do Estado, Coronel José Adauto Bezerra . Foi um acontecimento marcante na história de Russas, assistido por representantes de toda a Região, destacadas autoridades do Estado, membro da Secretaria de Educação e dos Estabelecimentos Educacionais da zona Jaguaribana. É um prédio moderno, muito bem equipado, com um bonito jardim, que oferece uma sensação agradável a todos.

Trabalha na Delegacia Regional de Educação em Russas, uma equipe de funcionários que mantém o trabalho atualizado e em ordem, desempenhando importante papel no processo de descentralização da Secretaria de Educação e visando à execução da política educacional do governo, na área de sua jurisdição.

Não pretendemos obscurecer o mérito da equipe que trabalha nesta Delegacia, muito pelo contrário. Estamos conscientes do esforço empregado por esta plêiade de jovens em prol do desenvolvimento e equilíbrio dessa entidade.

Permitam-nos no entanto abrir um parêntese e dizer algo da capacidade de trabalho aliada a outras relevantes qualidades de uma das componentes dessa equipe, pois sua presença constante se faz sentir em todos os departamentos. Trata-se da dinâmica, esforçada e querida professora Terezinha Bezerra Nunes, que, num rasgo de desprendimento, muito tem feito por Russas, graças a sua habilidade profissional.

Escola de 1º Grau Cel. Murilo Serpa

Inaugurada no dia 9 de maio de 1974, funcionou inicialmente em prédio cedido pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), o Centro Educacional padre Zacarias Ramalho, situado à Av. Dom Lino nº 204.

No seu primeiro ano de atividade, recebeu 345 alunos de primeira à quarta série, em dois turnos, assistida por 12 professores.

Atualmente funciona em três turnos atendendo a 609 alunos da primeira a

sexta série, e um corpo docente composto de 22 professores.

Tem à frente dos trabalhos administrativos desde sua fundação, a professora Luiza Cunha Saldanha, que com muito dinamismo vem desempenhando sua missão, colaborando no desenvolvimento do setor educacional de Russas.

Escola de 1º Grau José Raimundo de Deus

Construída no ano de 1966 através de convênio firmado entre o Estado, SUDENE e USAID, no governo do sr. Virgílio Távora.

O terreno para a construção desta Unidade Escolar foi doado pelo sr. Vicente Leite de Oliveira e sua esposa d. Leonides Vieira Leite.

Sua inauguração se deu no ano de 1967, com a presença de autoridades estaduais e municipais.

Tem como diretora desde sua fundação, a professora Maria Aldenora Ribeiro Nunes. Atualmente funciona com 481 alunos de primeira à quarta série, contando com uma equipe de 25 professores.

Centro Educacional Padre Pedro de Alcântara

Fundada a 2 de fevereiro de 1961, com sede no prédio Dom Lino, à rua padre Zacarias Ramalho nº 91, destinada a proporcionar gratuitamente educação primária aos pobres e manter cursos profissionais a juventude.

Inicialmente tinha como diretora a sra. Tarcila Nogueira da Silva, que durante 4 anos trabalhou para manter o bom andamento da Escola. Quanto aos cursos profissionalizantes mantinha: curso de datilografia, bordado à mão e à máquina, corte e costura e culinária.

Em 1965, por motivo de trabalhos, houve mudança na direção ficando à frente desta Unidade a professora Maria Dalva Celedônio Monteiro, que continuou os trabalhos já iniciados.

Em virtude da Paróquia não estar em condições de manter esta Unidade Escolar, firmou convênio com a Prefeitura. Portanto, através da Lei nº 69 de 31 de maio de 1973, a Escola Paroquial Profissional São Francisco foi encampada pela Prefeitura. A partir daí a Escola passou a chamar-se Centro Educacional padre Pedro de Alcântara, mantendo todos os cursos já existentes desde sua fundação, dentro do regime escolar.

Atualmente o Centro Educacional padre Pedro de Alcântara, funciona em prédio cedido pelo Estado, por haver ruido sua séde própria.

Hospital de Russas

Escola de Comércio Padre Zacarias Ramalho

Fundada em 1959 pelo Prefeito Municipal sr. Gerardo Matoso de Oliveira. Funcionou inicialmente no prédio da Sociedade Beneficente Russana. A mesma pertencente à Prefeitura Municipal até 1962, e a partir de 1º de janeiro de 1963, passou para a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Em 1967, transfere-se para sua sede própria, à Av. Dom Lino nº 204, com o nome de Centro Educacional padre Zacarias Ramalho. Os diretores desde sua fundação foram os seguintes:

De 1959 a 1967	Prof. José Fábio Ramalho
De 1968 a 1969	Prof. Alcebíades Nogueira Gondim
De 1970 a 1971	Profa. Juraci Vidal de Lima
De 1972 a 1975	Prof. Osmar Dantas Pinheiro

E ultimamente a profa. Maria de Lourdes Bezerra Nunes.

O terreno para a construção do novo prédio foi doado pelo sr. José Guimarães Leite e irmãos. Mantém no momento o curso de Contabilidade, reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação com autorização para Auxiliar de Estatística.

Hospital de Russas

A construção do 1º Hospital em Russas, partiu da idéia de um grupo de senhores liderados pelo Coronel José Perdigão Sobrinho, quando em 1936, fez ver ao

Monsenhor Vital, então vigário, da necessidade da construção de um prédio onde pudessem ser tratados gratuitamente doentes pobres e com adaptação para pensionistas.

Por razões desconhecidas, o plano não foi executado. Uma segunda tentativa partiu do dr. Batista de Oliveira, quando aqui esteve. Este, contava com recursos suficientes para a instalação de um hospital, faltando-lhe apenas, o auxílio e boa vontade dos filhos da terra. Quando um grupo de cidadãos lhe procurou para indagar qual o auxílio que necessitava, este alegou que havia desistido da idéia pelo fato de ser já um homem de idade. E mais uma vez, Russas perde a oportunidade de possuir um hospital.

Mas as idéias nunca deixam de surgir e em 1940, quando ainda estudante, Dr. Daltro Holanda idealizava fundar um hospital. Concluindo seu curso médico em 1941 na Bahia, regressou ao Ceará, e em 1942 era nomeado para dirigir um Posto do IPEC em Russas. Enquanto isso, durante os dois primeiros anos de sua estada nesta cidade, procurou difundir no seio da população, a idéia de implantação de um hospital, idéia esta acatada com grande entusiasmo por parte dos russanos, e em 1º de janeiro de 1944, era feito o lançamento da pedra fundamental do futuro hospital de Russas. Esta construção de caráter filantrópico, recebeu a valiosa colaboração dos senhores Bruno Epaminondas, Dioclécio Maia Gondim, Antônio Cordeiro, Francisco Raimundo, João de Deus, João Ivo Xavier, Antônio Gonçalves, Lino Gonçalves e de muitos outros russanos. A 1º de janeiro de 1955, dr. Daltro inaugurava o pavilhão central e uma das alas desse nosocômio. Esta importante obra prosseguiu em ritmo acelerado e em 1956, era concluído o "Hospital de Russas", velho sonho do jovem dr. Daltro e concretizada a velha esperança dos russanos. Este hospital, pelas boas condições de instalações que oferece, possui além de boas salas para cirurgias, equipamentos para exames subsidiários como Raios X e Laboratório de Análises. É obra pioneira na assistência médico-social do Vale Jaguaribano. Em seus 30 anos de existência, foram realizadas mais de 30 mil cirurgias. Hoje mantém convênio com o INPS e FUNRURAL.

Além do dr. Daltro, diretor deste hospital, tem sido valiosa a colaboração de vários médicos filhos de Russas, destacando-se entre eles, dr. Francisco de Assis Bezerra Nunes. Não menor tem sido a eficiência e presteza da equipe de enfermagem que dá assistência a este estabelecimento, salientando-se os senhores Raimundo Róseo de Oliveira e Joaquim Ferreira de Matos. Também devemos lembrar a abnegação e zelo das Irmãs filhas do Coração Imaculado de Maria, lotadas neste hospital. Antes da conclusão deste nosocômio, dr. Daltro instalou uma casa de saúde particular à Rua Padre Zacarias Ramalho, nº 345, onde atendia a casos cirúrgicos e alguns internamentos para tratamentos clínicos. Tinha como seu companheiro dr. Gaspar

de Oliveira, e como auxiliar, Raimundo Róseo de Oliveira. Com a inauguração do hospital em 1955, é transferido para o novo prédio, com toda sua equipe.

Maternidade da Divina Providência

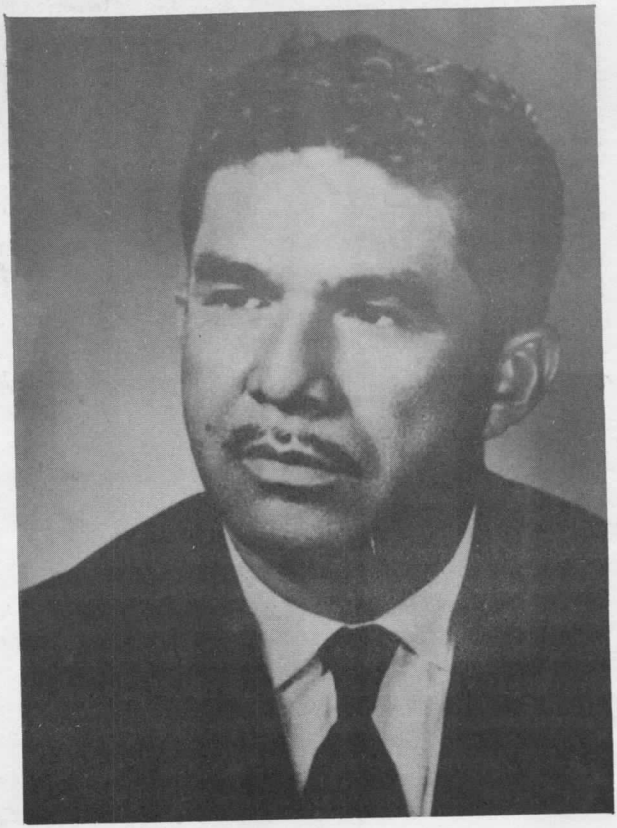
Iniciada na mesma época do hospital, sob a orientação do dr. Gaspar de Oliveira e concluída por dr. Daltro Holanda. Seis anos após a inauguração do hospital, começa a funcionar a maternidade já concluída. Dirigiu inicialmente esta Entidade dr. Daltro Holanda, e posteriormente até nossos dias, dr. Inácio Simões Filho, tendo como seu assistente dr. Raimundo Xavier.

Esta Maternidade recebe em média 300 a 400 parturientes, além de outros casos clínicos. Possui também aparelho de Raios X e Laboratório de Análises.

Mantém convênio com o INPS e FUNRURAL.

Pelo volume de realizações de dr. Daltro durante os 34 anos de permanência em nossa terra, podemos com muito orgulho, considerá-lo filho de Russas, embora tenha nascido em Pacoti. Afirmo no entanto, que se não o é de nascimento, é de coração pois suas ações falam bem alto do zelo e dedicação que tem demonstrado pelas coisas de nossa terra.

Maternidade Divina Providência



Dr. Daltro Holanda

Elogiado pela capacidade técnica adquirida pela sua inteligência e estudo, mas sobretudo pelas qualidades morais vindas por força congênita e, aperfeiçoadas e cultivadas nos bancos escolares e na vida prática, veio por fim a integrar definitivamente o patrimônio cultural de nossa terra como soberba coluna na edificação dos nobres exemplos de homem, de mestre, de cientista. Se bem que sua modéstia represente por vezes espessa cortina de fumaça, separando-o do observador, não conseguiu arrefecer o brilho de sua obra que ilumina, estimula e dignifica não somente aqueles que gozam da benéfica influência do seu convívio, mas todos que fazem da cirurgia, a sua eleita especialidade.

Filho do casal Antônio Duarte Holanda e da sra. Maria Sampaio Holanda, nasceu a 1º de novembro de 1916. Fez seu curso médico na Bahia, formando-se em 1941.

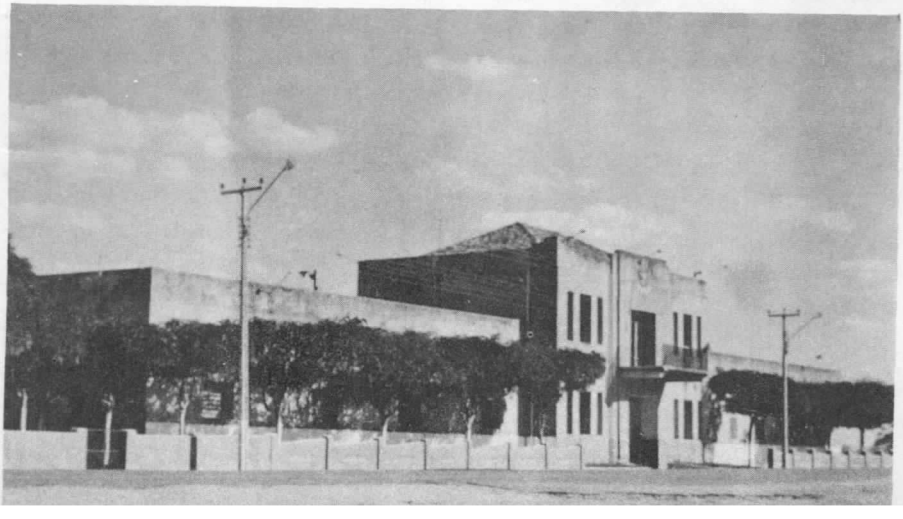
Posto de Saúde de Carpina

Quartel da Polícia Militar

Quando Secretário da Segurança Pública o sr. Cordeiro Neto e por ocasião da compra do terreno para construção do Patronato Coração Imaculado de Maria, uma das cláusulas exigidas pelo Coronel Cordeiro Neto, era a de que fosse reservada uma parte do terreno para a construção do Quartel da Força Pública.

Quando chefe da Municipalidade o sr. Vicente Veloso e a influência do coronel Cordeiro Neto junto ao então interventor Francisco Meneses Pimentel, é iniciada a construção do referido Quartel no dia 10 de agosto de 1936 e inaugurado em 10 de janeiro de 1937. Foi encarregado da construção do prédio o capitão Ozimo Alencar.

Quartel da Força Pública



Com a construção do "Forte Real de São Francisco Xavier", na Ribeira do Jaguaribe, hoje Russas, foi nomeado seu primeiro comandante o capitão João da Mota, por Carta Régia de 9 de setembro de 1696, por ser este o elemento de maior capacidade na época, com um ordenado de 4 mil réis mensais. Este tinha a obrigação de dar cobertura aos fortes São Francisco Xavier e do Assú no Rio Grande do Norte.

Em 1699 João da Mota foi substituído no comando por Belchior Pinto.

De 1701 a 1703, esteve como comandante deste Forte, Plácido de Azevedo Falcão, em substituição a Belchior Pinto.

Em 1706 comandava este Forte o Cabo Manuel Dias Pinheiro, que a 12 de março de 1707 fora transferido para o Forte de Pau Amarelo, por ordem do governo da Capitania de Pernambuco.

Com o fechamento do Forte, foi criado por ordem régia o Regimento de Cavalaria das Várzeas do Jaguaribe composto de 13 Companhias e 10 Ordenanças, cuja finalidade era guarnecer toda a Ribeira do Jaguaribe e adjacências.

Foram numerosos seus comandantes até a criação do Quartel da Força Pública em 1937.

General Cordeiro Neto

Entre eles comandou este Regimento por muitos anos o Coronel João de Barros Braga substituído mais tarde no comando, pelo Coronel Antônio Nunes Ferreira, através de Carta Régia de 14 de março de 1731.

No dia 6 de março de 1734, era nomeado comandante desse Regimento, o Capitão-Tenente Simões Jordão.

Comandou também esse Regimento o Capitão José Antônio de Souza Galvão.

Não nos foi possível coletar dados referentes aos comandos do 1º Batalhão da Polícia Militar desde sua criação até o ano de 1964. Daí até nossos dias transcrevemos a relação dos comandantes deste Batalhão.

No ano de 1965 comandaram esta Unidade, o tenente-coronel José Francisco das Chagas e o tenente-coronel Valdir Cavalcante Saldanha. Nesta época, o Quartel passa por uma grande reforma, sendo Governador do Estado Coronel Virgílio Távora, comandante da Polícia Militar do Ceará Mário Ramos Soares, prefeito municipal sr. João de Deus e comandante do 1º B.P.M. coronel José Francisco das Chagas. Esta obra foi financiada pela Secretaria de Planejamento do Estado e proje-

to do capitão engenheiro A.C.S. Montenegro, e execução da Cia. de Obras. Esses trabalhos foram iniciados em 7 de julho de 1965 e concluídos a 10 de agosto de 1966, quando permanecia neste comando o coronal José Francisco das Chagas.

Nos anos de 1968 e 1969, comandou esta Unidade, o tenente-coronel Raimundo Pinheiro da Silva. Em 1970, o tenente-coronel Raimundo Ferreira Campos. Em 1971 tenente-coronel Francisco Alarico Lopes.

Nesta época, por iniciativa do capitão capelão Afonso Rocha Júnior chefe do Serviço de Assistência Religiosa e Social desta Unidade, a 9 de maio de 1971, foi fundado o Clube de Mães "Joaninha Ramalho de Oliveira", com a finalidade de congregar as famílias dos policiais-militares do 1º B.P.M., dar formação profissional, fixar e valorizar a mulher no lar pela educação.

Grande tem sido o zelo deste Capelão não só pelo bem-estar daqueles que fazem parte desta Unidade, como também dos russanos a quem de um modo geral, tem se mostrado sempre solícito, dedicado e bondoso.

Comandante em 1972 – tenente-coronel Zarlul Sarquis Kalil.

Em 1973 quando comandavam esta Unidade o tenente-coronel Zarlul Sarquis Kalil e tenente-coronel Duclerc Cavalcante Lima, e comandante geral coronel Dagmauro Nunes Sabino Pinho, foram construídas as novas instalações dos gabinetes de comando, subcomandante, ajudância, gabinete da Capelania, bem como sala de espera, dois banheiros e sacada. Em 1974, foi comandante deste Batalhão, o tenente-coronel Duclerc Cavalcante Lima. Nos meses de março, abril e maio do ano de 1974, houve inundações no Baixo Jaguaribe, compreendendo os Municípios de Aracati, Itaiçaba, Jaguaruana, Russas, Quixeré, Limoeiro do Norte, Taboleiro do Norte, São João do Jaguaribe e Alto Santo.

A ação do Governo se fez sentir de imediato, entrando em ação a GESCAP. Russas, pela sua posição geográfica e possuidora de Campo de Pouso, ofereceu condições para o desencadeamento de uma ofensiva contra o flagelo. O comandante do 1º B.P.M., tenente coronel Duclerc Cavalcante Lima, foi designado por portaria do exmo. sr. Secretário de Segurança Pública, para coordenar na Região o atendimento às vítimas. Houve grande movimentação de pessoal para os Municípios atingidos afim de manter a segurança e trabalhar no atendimento às populações atingidas pela calamidade. Os que fazem o 1º B.P.M. deram tudo de si, tanto na parte de pessoal e material, como no apoio, alojamento e alimentação das pessoas. Durante o período das enchentes, estiveram na Região e em visita a esta Unidade: o sr. Governador do Estado coronel César Cals, o coronel Comandante Geral da Polícia Militar do Ceará Tarcísio dos Santos Vieira, o sr. Ministro do Interior Maurício Rangel Reis, o superintendente da SUDENE dr. José Lins de Albuquerque, o presidente do Banco do Nordeste dr. Antônio Nilson Craveiro Holanda, o exmo. sr.Almirante Comandan-

te do 3º Distrito Naval, comandantes da Escola de Aprendizes Marinheiros, Base Aérea de Fortaleza e Capitania dos Portos.

Em setembro do mesmo ano quando em visita a esta Unidade, o coronel Tarcísio dos Santos Vieira, Comandante Geral da P.M.C. acompanhado do seu Estado Maior afixou uma placa comemorativa aos melhoramentos feitos nesta Unidade como: Pavilhão Rancho, reforma geral de Residências, Pelotão de Comando e Serviços, alojamento de oficiais, bem como o aterro do pátio interno do Quartel graças a cooperação valiosa do D.N.E.R, BETA da cidade de Russas e projeto de irrigação de Morada Nova.

Na mesma oportunidade, houve a passagem de comando do 1º B.P.M. O major P.M. Antônio Carlos Alves Paiva, recebeu o comando do tenente coronel Duclerc Cavalcante Lima. Compareceram às solenidades grande número de autoridades militares, civis e eclesiásticas.

Aos 14 de abril de 1975 teve lugar nesta Unidade a passagem de comando do major P.M. Antônio Carlos Alves Paiva, para o tenente coronel P.M. José Camilo Filho.

À solenidade compareceram: o exmo. sr. coronel comandante Geral José Antônio Bayma Kerth, seu Estado Maior, autoridades religiosas, civis, militares, representação estudantil e o povo em geral. Em seguida foi oferecido um banquete aos convidados.

No dia 7 de agosto de 1975, esteve em visita de inspeção a esta Unidade o coronel Antônio Onofre Pinheiro Filho e seu Estado Maior. Na oportunidade o coronel P.M. José Camilo Filho, comandante do 1º B.P.M. reuniu no Gabinete do Comando as mais destacadas autoridades e lideranças da cidade, para um encontro com o comandante geral.

À noite, em restaurante da cidade o sr. prefeito Aurino Estácio de Souza, ofereceu um jantar à Comitiva Inspecionadora.

A 20 de novembro de 1975, com a exoneração do tenente-coronel José Camilo Filho para exercer o comando do 2º B.P.M. com sede em Juázeiro, assume o comando do 1º B.P.M. o Major P.M. Raimundo Nonato de Alencar. No dia 30 de janeiro de 1976, assume o comando desta Unidade o Major P.M. Kerginaldo Ferreira de Queiroz. A passagem de comando teve lugar no gabinete desta Unidade, na presença do tenente-coronel Luis Archias Paiva Pereira, representante do exmo. sr. secretário de Segurança Pública coronel Edilson Moreira da Rocha e dos Oficiais.

Além dos comandantes já citados, exerceram também as funções de Delegados civís, os senhores:

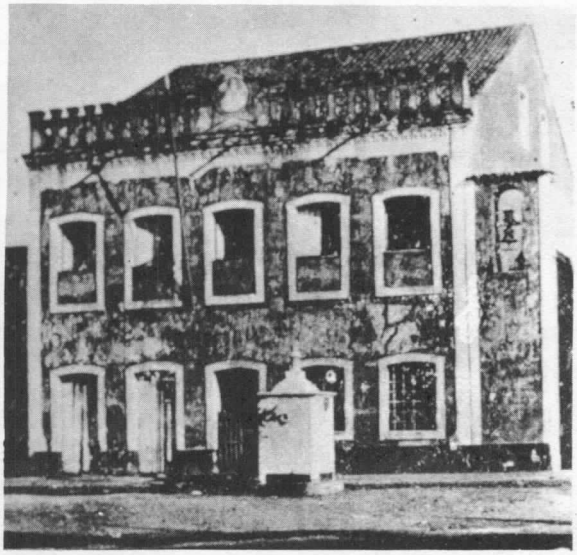
1 - Vicente Ferreira de Araújo Lima (Vicente Delegado)

2 - Francisco Bezerra

3 - Benedito Leite de Oliveira
4 - Joaquim Levino
5 - Agostinho Evangelista
6 - João Silva
7 - Vicente Leite
8 - Climério Lopes (várias gestões)
9 - Francisco Loureiro
10 - Miguel Cláudio
11 - Vicente Lima Ramalho (Vicente Silva)
12 - Messias Simões dos Santos
13 - Walter Gonçalves
14 - Aderson Gonçalves

Salão do Forum

Este prédio está edificado onde existia a Prefeitura e Cadéia Pública. Sua inauguração foi no dia 1º de novembro de 1944, ocasião em que a cidade estava repleta de visitantes para as solenidades do Congresso Eucarístico. No ato de inauguração houve um longo discurso do sr. prefeito Manuel Matoso, seguido de outros oradores, além da presença do sr. interventor federal Francisco Menezes Pimentel, bispo diocesano Dom Aureliano Matos, que deu a bênção ao majestoso edifício; os desembargadores Faustino do Nascimento e Leite de Albuquerque; os secretários do Estado srs. Andrade Furtado e Álvaro Weine, Juiz de Direito da Comarca dr. Manuel Sales de Andrade, toda a comitiva do Interventor e um grande número de pessoas que assistiram as solenidades de inauguração.



Prédio onde funcionaram a Câmara, Forum e Cadeia Pública. Hoje está edificado em seu lugar o Salão do Forum. (Álbum do Jaguaribe)

Cadéia Pública

No tempo do Brasil Colônia, não havia cadeia pública em Russas, com exceção dos anos de 1696 a 1707, quando existia o Forte São Francisco Xavier. Daí por diante os presos eram detidos em quartos de prédios residenciais dos chefes de polícia. Em 1801 foi erigido o pelourinho, onde hoje está edificado o Obelisco na Praça Monsenhor João Luis, onde os presos recebiam severos castigos, em praça pública, para que servisse de exemplo aos menos avisados. Como o pelourinho constituisse uma imagem negra para os habitantes da Vila, o prestigioso chefe político da Região coronel Manuel Ferreira Maia mandou derrubá-lo. Posteriormente foi alugado ou construído um prédio nos fundos da casa residencial do sr. João Maciel Pereira, onde hoje está o quintal e a garagem desta residência, servindo este de Cadeia Pública.

Anos depois foi feita a aquisição do maior sobrado da cidade, com 5 portas de frente e 5 janelas no pavimento superior. Este prédio pertenceu ao sr. Francisco Floriano Delgado Perdigão, avô do coronel José Perdigão Sobrinho.

Neste vasto prédio funcionavam: o Forum, a Câmara, posteriormente a Prefeitura, o Quartel, a Cadeia Pública e um calabouço para a detenção dos presos.

Em 1937, com a inauguração do Quartel da Polícia Militar, a cadeia pública é transferida para esta nova Unidade Militar, e o velho prédio fora mais tarde demolido por ordem da Prefeitura, para em seu lugar ser construido o novo salão do Forum.

Prefeitura Municipal

Esta repartição funcionou inicialmente no 1º andar do prédio da antiga Câmara Municipal e Cadeia Pública. Com a demolição deste prédio em 1939, esta repartição transferiu-se para o prédio de propriedade do sr. Alexandre Pontes Franco, hoje pertencente a seus herdeiros, a Av. Dom Lino nº 834. Mais tarde mudou-se para o prédio onde funcionou o Banco do Brasil e posteriormente a agência do INPS, também na Av. Dom Lino, nº 904. Este prédio pertence hoje a senhorita Maria Helena Santiago.

Atual Prefeitura Municipal

Esta repartição funcionou também no prédio de nº 1232 da Av. Dom Lino, onde hoje reside o dr. Antônio Nogueira. E daí, a 9 de maio de 1954 se transfere para sua sede própria, onde permanece até nossos dias.

Este prédio foi iniciado pelo sr. Manuel Matoso Filho quando prefeito e concluído em maio de 1954, quando chefe da Municipalidade, o dr. Raimundo Maciel Pereira.

Prédio da Beneficente Russana

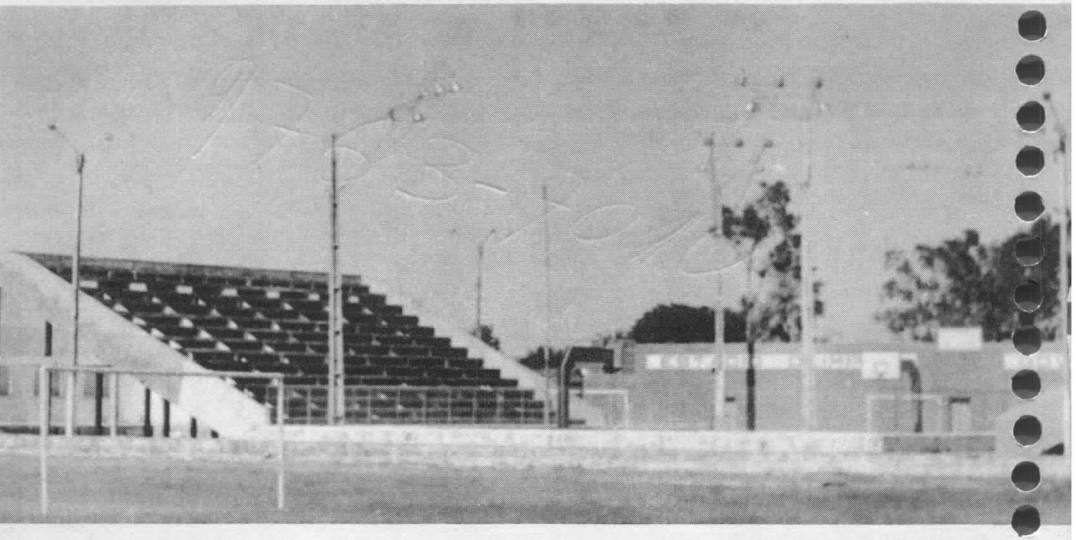
Poucos dados temos sobre a construção deste prédio. Sabemos apenas que este foi inaugurado no dia 5 de junho de 1943, ocasião em que era comemorado o 17º aniversário de fundação da Sociedade Beneficente Russana e renovação da entronização do quadro do Sagrado Coração de Jesus e na mesma hora e data a bênção do novo prédio.

Casa Paroquial

Esta casa foi construída pelo padre José Terceiro, no local onde havia 3 casas residenciais, sendo duas com a frente para Av. Dom Lino e uma outra com a frente para a Rua padre Raul Vieira. O prédio que dava para a Raul Vieira, pertencia ao sr. Joaquim Francisco de Sousa e os dois da Av. D. Lino, pertenciam ao sr. Francisco Nogueira Perdigão. Os trabalhos da construção deste prédio foram iniciados em 1945 e terminados em 1947. O acabamento foi feito pelo padre Pedro de Alcântara.

Serve este prédio, de residência ao vigário da Paróquia.

Casa Paroquial



Associação Atlética Russana

Associação Atlética Russana

Esta Associação funcionou inicialmente, numa casa residencial pertencente ao sr. José Orlando Bezerra Nunes, à Rua dr. José Ramalho nº 1212.

Nesta época, era Presidente da Associação, o sr. Osvaldo Mendonça Moreira, dinâmico e grande entusiasta que angariando o prestígio do dr. Daltro formou junto à diretoria, uma Sociedade composta dos membros: dr. Daltro Holanda, Presidente; Osvaldo Moreira, Vice-Presidente e Rantzau Souza, Secretário-Tesoureiro. Esta dinâmica Sociedade somada ao grande prestígio do dr. Daltro, conseguiu dentro de curto prazo construir a sede própria desta Associação. Em fins de 1958 era concluída a construção em preto do prédio com inauguração do dancing e bar. Os sócios compreendendo o valor pessoal de dr. Daltro o elegeram sucessor do sr. Osvaldo Moreira, fato que ocorreu durante duas gestões. Sucedeu a dr. Daltro o sr. Francisco Victor Fontinelli e em seguida exerceram as funções de Presidente desta Associação, os senhores Pedro Maia Rocha, Marcondes Costa, dr. Francisco de Assis Bezerra, Francisco Wenes e atualmente dr. Renê Pedregal.

Dr. Francisco de Assis Bezerra durante sua gestão, teve como tesoureiro o sr. Wellington Maia Meireles e como Diretor Social o sr. Aldeny Bessa, verdadeiros baluartes na construção da quadra de esportes, que recebeu o nome de "Governador César Cals".

Banco do Brasil

Agência inaugurada em Russas no dia 31 de outubro de 1952. Funcionou até 1968, no prédio localizado à Av. Dom Lino nº 904, transferindo-se para sua sede própria à Rua Padre Raul Vieira s/n. A maioria de suas transações comerciais são feitas em benefício dos lavradores e pecuaristas, por meio de sua Carteira de Crédito Agrícola.

Apresenta o prédio do Banco do Brasil uma harmoniosa linha arquitetônica, considerada por isso a mais moderna construção do Município.

Foram seus gerentes, por ordem cronológica, os senhores:

1 - Laerte Eduardo (filho de Russas)
2 - Antônio Sombra Fernandes
3 - Nemésio Bezerra Filho
4 - Stélio da Conceição Araújo
5 - Ruy Ribeiro Castelo Branco
6 - Miguel Tomaz de Menezes
7 - Raimar Holanda (atual)

Associação Atlética Banco do Brasil

Esta Associação foi fundada no dia 8 de dezembro de 1965, com a finalidade de congregar os funcionários e familiares da Agência do Banco do Brasil S. A., de Russas. De lá até nossos dias, a AABB teve em sua direção os seguintes presidentes:

1 - Stélio da Conceição Araújo
2 - Sérgio de Alencar Reis
3 - Horácio Matoso de Lima
4 - Bento Guimarães Mendonça
5 - Osmar Albuquerque Coelho
6 - Manuel Almeida Miranda
7 - Francisco Wanderley Bezerra Leite
8 - Benedito Gonçalves Leite
9 - Humberto Moreira Couto
10 - Vicente Florêncio de Mendonça Filho

Prédio do INPS

Em 1957, foi criada em Russas uma Agência do ex-IAPC, que teve como seu 3º Agente o sr. Osmar Dantas Pinheiro.

Prédio Sede do INPS

Com o advento da unificação da Previdência Social, que provocou a extinção dos ex-IAPs, foi transformada em Agência do INPS, onde funcionou inicialmente no prédio da Beneficente Russana, posteriormente no prédio nº 904 da Av. Dom Lino e hoje em sua sede própria, com instalações modernas e servindo de sede da Região, com jurisdição sobre as seguintes cidades: Jaguaruana, Palhano, Russas, Quixeré, Limoeiro do Norte, Taboleiro do Norte, Alto Santo, Iracema, Morada Nova, São João do Jaguaribe, Jaguaretama, Jaguaribe e Pereiro.

Em atendimento ao público trabalha com as linhas de: Setor de Seguros Sociais, Setor Financeiro, Setor de Pessoal, Setor de Arrecadação e Setor de Assistência Médica.

Mantém convênios com os Hospitais de: Russas, Limoeiro do Norte, Taboleiro do Norte, Morada Nova e Jaguaribe.

Quase todas as cidades da Jurisdição de Russas, contam também com médicos e dentistas credenciados. Russas, mantém credenciamento com quatro dentistas e dois médicos.

O ex-SAMDU, que chegou em Russas a 18 de setembro de 1960, sofreu o mesmo processo porque passou à agência, e logo após a Unificação, passou à denominação de POSTO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA, ficando subordinado à Agência

local. Funciona em prédio alugado, com instalações plenamente satisfatórias, onde mantém cinco médicos atendendo a todos que procuram este Serviço, indistintamente, beneficiários da região ou de qualquer outra parte do território brasileiro.

Também, em futuro próximo, o Posto de Assistência Médica, funcionará em prédio próprio.

Esta Instituição mantém ainda convênios com laboratórios de análises e RX dos Hospitais acima mencionados.

Igreja Cristã Presbiteriana

O primeiro pregador desta fé cristã que aqui chegou e fixou residência foi o sr. José Pinto Bandeira, no ano de 1931. Funcionário do Telégrafo, procurou difundir esta crença religiosa em nossa cidade. Sucessivamente, vários pastores pregaram esta religião em Russas. Na ausência destes, os cultos eram pregados pelo sr. Milton Loyola, dentista prático e homem bem conceituado em nosso meio.

O número de adeptos desta crença não era dos maiores, mesmo assim lutaram tenazmente na construção de seu Templo e no dia 20 de fevereiro de 1944, era o mesmo inaugurado com grandes pompas. Estiveram presentes às solenidades de inauguração os reverendos professor Natanael Cortez - Presidente, o Missionário E. R. Arehart, diretor espiritual de todo o Evangelismo na zona jaguaribana, o Pastor Bezerra Lima, o dr. Ezequiel Menezes, ex-prefeito de Russas e grande número de adeptos.

Igreja Cristã Presbiteriana

Prédio do DNER

Criado em 1º de outubro de 1962, funciona em amplo prédio, de linhas bem modernas, em vasta área, no Bairro da Bela Vista. Seu corpo administrativo divide-se em duas partes distintas: o D.N.E.R. (R/3-5) e Polícia Rodoviária Federal. O D.N.E.R. (R/3-5) cuida da conservação das estradas, dando uma cobertura a 198 Km pavimentados. Possui este Departamento 168 funcionários, 38 Viaturas, 19 tratores e máquinas pesadas.

Sede do D.N.E.R. e Alto da Bela Vista

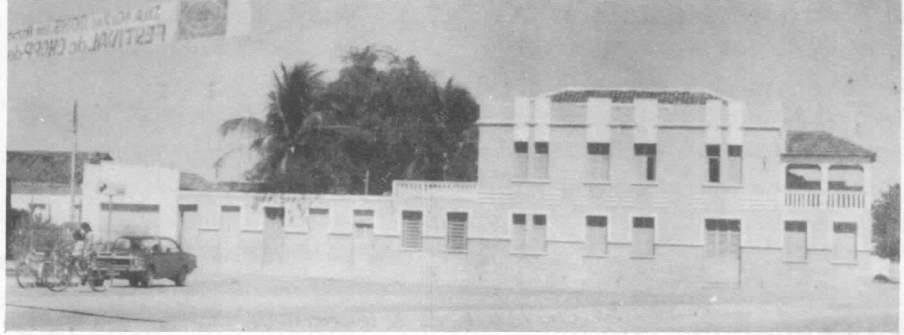
Engenheiros residentes que chefiaram este Departamento:

1 - Dr. João Campos Ferreira
2 - Dr. José Cavalcante P. Neto
3 - Dr. José Wanks Meireles Sales
4 - Dr. Benedito Torquato de Oliveira
5 - Dr. José Armando Ponte Dias (atual)

O outro órgão que funciona em junção com o D.N.E.R., é a polícia Rodoviária Federal. Inaugurada em 1º de outubro de 1972, possui este órgão 54 Patrulheiros Federais, 10 Viaturas: Ambulância, Veraneios, Guinchos, Caminhões para apreensão de animais e Carros Patrulhas.

Prédio da COERBA

A Cooperativa de Eletrificação do Baixo Jaguaribe Ltda., construída no dia 5 de maio de 1973 com 37 sócios fundadores na época. Tem como sede o Município de Russas e atua em uma área de 13.560 Km^2, compreendendo os Municípios de Alto Santo, Aracati, Beberibe, Itaiçaba, Jaguaruana, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Palhano, Quixeré, Russas, São João do Jaguaribe e Taboleiro do Norte.



Sede da COERBA

Nessa área existem aproximadamente 20.500 propriedades rurais que poderão ser eletrificadas através da COERBA, beneficiando assim, uma população rural de cerca de 210.000 habitantes. No campo de atuação da COERBA, foram construídos cerca de 480 Km de linhas de distribuição rural, em alta tensão e 80 Km em baixa tensão nos diversos Municípios e localidades mencionadas a seguir: Russas/Faceira; Taboleiro do Norte/São João do Jaguaribe/Castanhão, com derivação para Alto Santo; Aracati/Fortim; Russas/Bonhu/Boqueirão do Cesário; Russas/Palhano/Gafanho - to; Russas/Novo Oriente, Quixeré/Tomé/Lagoinha; Aracati/Majorlândia/Icapuí.

A Cooperativa apresentou no exercício de 1975 um faturamento médio mensal de 15.462,28 e um consumo médio por associado de 1.364 Kwh/ano. Atualmente a COERBA conta com 531 associados, enquanto o seu capital subscrito já atingiu a casa de Cr$ 2.103.020.00 com Cr$ 61.558.25 já integralizados. Recentemente adquiriu na cidade de Russas um belo prédio pela importância de 120 mil cruzeiros, onde funciona atualmente.

Seu Conselho Administrativo com mandato de 4 anos é formado pelos senhores Omar Ulisses Campelo-presidente; Osmar Dantas Pinheiro - Secretário; Membros efetivos: Aurino Estácio de Sousa, Raimundo Xavier de Araújo, Pedro Maia Rocha e Geraldo Costa Brasil; Membros Suplentes: José Ferreira de Freitas, Maria de Lourdes Santiago, Elísio Vieira e Francisco Monteiro dos Santos. Seu Conselho Fiscal com mandato de um ano é formado pelos senhores: João Lucas Cavalcante, Edmilson Ferreira Lima e Jonas Gonçalves da Silva e como Gerente, o dinâmico e solícito Luís Astrogildo Moreira de Sousa.

Campo de Aviação

O primeiro avião a pousar em nosso município, o fez no dia 19 de setembro de 1933, num campo de emergência preparado pelo dr. Francisco Hermógenes de Oliveira, diretor de Obras da Construção da Estrada de Rodagem Fortaleza - Recife.

Este campo foi preparado nas Várzeas das Garças. Antes desse acontecimento foram distribuídos boletins informando dia e hora do pouso, para que o povo pudesse comparecer ao local. O fato levou ao improvisado campo centenas de pessoas que assistiram à aterrissagem do aparelho, cheios de temores e admiração.

Como o terreno fosse sujeito a inundações, não oferecendo condições de pouso em épocas invernosas, o nosso prestigioso conterrâneo capitão Cordeiro Neto, na época chefe de Polícia do Estado, interessou-se em construir um novo campo, desta feita em área mais apropriada.

Anos mais tarde, sabendo o capitão Cordeiro Neto ser o dr. Perdigão Sobrinho proprietário de terras na Região do Taboleiro, comunica-se com ele através de Radiograma datado de 22 de agosto de 1938, solicitando do generoso conterrâneo a doação de uma faixa de terra para a construção do novo campo de pouso. Imediatamente, responde o dr. Perdigão Sobrinho ao capitão Cordeiro Neto, cientificando de que as terras que pertenciam a si e a seus irmãos seriam logo doadas ao município, para que nelas fosse construída a nova pista. Nesse mesmo ano foi inaugurado o campo de pouso, graças aos esforços do grande filho de Russas dr. Manuel Cordeiro Neto.

Quando prefeito de Russas pela segunda vez o sr. João de Deus, é feita a transferência desse campo de pouso, para outra faixa de terreno mais plano e aí foi construída uma outra pista, com dimensões de 1.200 metros de comprimento por 40 de largura, em asfalto. O aeroporto foi acrescido de fachada, abrigo e outras dependências na atual gestão do sr. Aurino Estácio, ocasião em que essa instalação pública teve seu nome mudado para "Aeroporto Coronel João de Deus".

EDUCAÇÃO

Consultando "Dom Lino Deodato", de J. Moreira de Souza, página 59, vemos o registro da primeira escola pública, fundada em nossa Vila, no ano de 1804 e nomeado para as funções de professor o sr. Antônio Dourado de Azevedo. Este autor adianta não ter encontrado outros documentos que melhor esclareçam o assunto.

Já Benedito A. dos Santos em "Algumas Localidades Cearenses" fala da criação da primeira cadeira primária em nossa Vila para o sexo masculino, em virtude da Lei de 15 de outubro de 1827 com ordenado marcado pela Lei Geral nº 19, de 5 de agosto de 1833. A segunda pela Lei Provincial nº 1497 de 21 de dezembro de 1872 e para o sexo feminino, a primeira pela Lei Provincial nº 714 de 27 de agosto de 1855 e a segunda pela citada Lei nº 1497 de 1872. O mesmo autor fala da criação de uma cadeira de latim pela Lei Provincial nº 1486 de 14 de dezembro de 1872. Foi nomeado para esta cadeira o professor Joaquim Floriano Delgado Perdigão mas esta foi transferida posteriormente para Quixeramobim pela Lei Provincial nº 1989 de 12 de agosto de 1882.

Voltando a "Dom Lino Deodato", página citada, vemos o registro da segunda escola primária instalada em Russas, em obediência a Lei Geral de 15 de outubro de 1827, e instalada a 1º de agosto de 1829, sendo professor nomeado o sr. Joaquim José Rodrigues de Carvalho, pai de Dom Lino. O mesmo autor diz que em 1832 havia em Russas 65 alunos matriculados. Em 1855 o padre Lino Deodato dirigia a mais importante Escola da região. Instalada à Avenida Dom Lino nº 1190, hoje pertence à senhora Lutigarde Guimarães, viúva do sr. Zuca Bezerra e 1196 pertence ao sr. Sabino Felipe. Na fachada do prédio lia-se: "Aula Pública do Ensino

Prédios onde funcionou a primeira Escola de Russas, hoje pertencente à sra. Lutigarde Guimarães e Sabino Felipe

Primário do Sexo Masculino dirigida pelo Professor e Padre Lino Deodato Roiz de Carvalho - 1860".

Nesta escola estavam matriculados 80 alunos e funcionou de 1855 a 1867.

No final do século passado é criado pelo padre João Luis de Santiago, então vigário de Russas o "Colégio dos Sagrados Corações" onde hoje funciona a "Unidade Educacional Coração Imaculado de Maria".

No início de nosso século eram poucas as escolas no município. Os documentos falam do já citado "Colégio dos Sagrados Corações" e mais três escolas particulares. Destas últimas, uma delas pertencia à senhora mãe de D. Rocilda Leitão. Posteriormente passa a cadeira para sua filha que exerce estas funções até à época em que se aposenta por compulsória.

Mas à proporção em que a população ia despertando para o setor educacional, iam surgindo simultaneamente novas escolas para atender a grande procura que na época se registrava. Em 1934, era inaugurado o primeiro Grupo Escolar Municipal; em março de 1937, o Ateneu São Bernardo, e no mesmo ano o Patronato. Em 1938, era criada a "Escola Sagrado Coração". Em 1946 o "Ginásio Coração Imaculado de Maria". Em 1950 a "Escola Normal Coração Imaculado de Maria". Estas três últimas pertenciam ao Patronato. Em 1959 a "Escola de Comércio Padre Zacarias Ramalho". Em 1961 "Centro Educacional Padre Pedro de Alcântara". Em 1966 "Escola de 1º Grau José Raimundo de Deus". Em 1967 "Escola de 1º Grau Dr. Moreira de Souza". Em 1974 "Escola de 1º Grau Coronel Murilo Serpa". E por último é instalado em nossa cidade, à Avenida Dom Lino nº 608, o "Sen-Sit School", curso de Inglês especializado sob a orientação pedagógica do professor Gilmar de Oliveira, portador de diploma do Michigan, Bacharel em Relações Públicas pela Escola

Superior de Relações Públicas do Recife e licenciado em Inglês pela Universidade Católica de Pernambuco.

Russas possui hoje mais de cem estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, proporcionando instrução a 8914 alunos. Conta ainda o município com seis bibliotecas. Mantém convênios com a CNAE - Campanha Nacional de Alimentação Escolar - atendendo a mais de dois mil alunos; com o INL - Instituto Nacional do Livro e vários outros com o MOBRAL.

Dr. Joaquim Moreira de Sousa

MÉDICOS, ODONTÓLOGOS, FARMACÊUTICOS, ADVOGADOS, ENGENHEIROS, ECONOMISTAS E OFICIAIS MILITARES

Desde que aqui chegaram os primeiros colonos, apareceram quase simultaneamente os falsos médicos ou curandeiros, alguns famosos. Posteriormente exerceram também as funções de médicos, os Párocos da freguesia. Depois foi a vez dos boticários, geralmente práticos, como foi o caso do sr. Vicente do Carmo Chaves, Francisco das Chagas de Araújo e do famoso dr. Magnetti. Nas primeiras décadas deste século aparecem em Russas os primeiros farmacêuticos, dentistas e médicos formados. Um deles, dr. José Perdigão Sobrinho, formado em Odontologia, exerceu com grande sucesso as funções de farmacêutico e clínico, chegando a inspirar confiança em todo o vale jaguaribano. Diziam seus contemporâneos que o doente que Perdigão mandasse para Fortaleza era caso perdido.

Nesta época também chegava a Russas o dr. José Ramalho de Alarcon e Santiago, farmacêutico que também se destacou na clínica médica.

Ao lado do dr. José Ramalho está o dr. João Maciel Pereira Filho, formado em farmácia, tendo se destacado na medicina, especialmente no ramo da pediatria. Na mesma época chegam a Russas, os médicos Joaquim Santiago, José Lins de Sousa e Batista de Oliveira.

Anos depois doutora Ana Nogueira Gondim e dr. José de Oliveira Gondim. Em 1940, chega a Russas para dirigir o Posto de Higiene e Saúde que acabara de ser inaugurado, o dr. Gaspar de Oliveira. Em 1942, quando inaugurada a agência do IPEC assume sua direção o dr. Daltro Holanda que permanece até nossos dias prestando valiosos serviços a nossa comunidade.

Logo depois se instalam em Russas os irmãos Drs. José Simões e Inácio Si-

mões Filho. O primeiro transferiu-se posteriormente para Limoeiro do Norte e dr. Inácio Simões permanece em nossa cidade como diretor da Casa de Saúde e Maternidade Divina Providência. Ultimamente são numerosos os médicos que se instalam em Russas como o Dr. José Martins de Santiago, que além da medicina, se dedica a política. O dr. Francisco de Assis Bezerra Nunes que além de várias atividades dentro de seu ramo, acumula a função de Delegado de Saúde do Município.

Dr. Raimundo Xavier, ginecologista, cirurgião e Vice-Diretor da Casa de Saúde e Maternidade da Divina Providência. Além de suas funções de médico, participa ativamente da vida política do município. Afora os já citados há vários outros médicos dando assistência médico-sanitária ao município, como o dr. Renê Pedregal, Eramar, Marcus Vinícius e Walter Magno.

Médicos filhos de Russas

Drs. Joaquim de Castro Meireles, Joaquim Rodrigues de Santiago, Francisco Moreira de Souza, Ana Nogueira Gondim, José Martins de Santiago, Francisco de Assis Bezerra Nunes, Raimundo Xavier, Evandro Mendonça Moreira, Marly de Oliveira, Antônio César Santiago, Nilo Mendonça, Antônio Cleiton Mendonça, José Humberto Ramalho Leite, José Edilberto Ramalho Leite, Raimundo Sombra, Zacarias Bezerra Ribeiro, Francisco Fernandes Santiago, Francisco William Viana, José Daltro Holanda, Maria Luisa de Oliveira, César Lincoln Campelo Maia, Francisco William Nunes Perdigão e José Nilo Pires de Mendonça,

Ondontólogos que clinicaram ou ainda exercem essa função em nosso município

Dr. Américo Picanço, Tenente Edgar, Jurandir Leão Ribeiro, Raimundo Maciel Pereira, Antônio Estácio de Souza, Francisco Nogueira Paz, José Maia, Coracy Fontinelle, Gerson Holanda, Helder de Brito, Domingos Façanha, Neíde Leão Ribeiro, Ilídio Crisóstomo, José Filgueira de Carvalho e Maria Giselda Chaves Maia.

Odontólogos filhos de Russas

Drs. José Perdigão Sobrinho, Raimundo Maciel Pereira, Jurandir Leão Ribeiro, Neíde Leão Ribeiro, Jonas José da Silva, Airles Leão Ribeiro, Ilídio Crisóstomo, Helder de Brito, João Maciel Neto, Franklin Roosevelt Scipião, Arilo Nogueira Gondim, Alderi Nogueira Gondim, Maria Giselda Chaves Maia, Maria do Socorro Araújo, Jeová Leão Ribeiro.

Farmacêuticos filhos de Russas

Drs. Francisco de Assis Perdigão Nogueira, João Maciel Pereira Filho, João Eduardo Neto, José Rodrigues da Silva, Neuman M. Moreira, Raimunda Isa Lima, e Maria José Xavier de Lima.

Advogados filhos de Russas

São vários os filhos desta terra que optaram pela área de Direito. Muitos deles se destacaram chegando a ocupar cargos dos mais elevados.

Drs. Manuel Elisiário de Castro Meneses, Aderson Perdigão Nogueira, Artur Nogueira Bezerra, Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado, José Gurgel Nogueira, Esmeraldo Ramalho Bezerra, Hermenegildo Rodrigues Santiago, João Augusto Perdigão, João de Holanda Cunha, Joaquim Manuel do Nascimento e Silva, Joaquim Lima de Santiago, Joaquim Moreira de Sousa, José Bernardo Galvão Alcoforado, Manuel Cordeiro Neto, Eliseu Ferreira Lima, Antônio Nogueira Santiago, Hugo de Oliveira Rocha, João Camilo da Silva Filho, Paulo de Tasso de O. Rocha, Lenígia de O. Rocha, José Hudson Mendonça Moreira, João Batista Rodrigues de Oliveira, Jurandir Pascoal, Durval Maia e Maria Stella Rocha Pinheiro.

Engenheiros filhos de Russas

Nossa terra tem dado os mais destacados engenheiros de nosso Estado.

Drs. Josias Rodrigues Santiago de Oliveira, Acylino de Pontes Santos Lima, Jesamar Leão de Oliveira, Lino Nunes Bezerra, Jandir de Oliveira Loureiro, José Edward Ramalho Leite, Marcelo Dantas Ramalho, Gerardo Valdísio Rodrigues Viana, José Rodrigues S. de Oliveira, Newton Gondim Bezerra, Joaquim Sombra, Edmar Rodrigues, Edir Sabóia Ribeiro, Lindenberg Gonçalves, Daciberg Gonçalves, Osmar Dantas P. Filho e Arimatéia Gonçalves de Lima.

Economistas filhos de Russas

Drs. Evaldo Mendonça Moreira, Audízio Leite Bezerra, Singefredo Maia Gondim Neto, Orlando Sombra, Gerardo Carneiro da Silveira e José Xavier Lopes. Em administração de Empresa - Nadja Maria Sabóia Ribeiro, e Mauro Maciel Bezerra.

Pelas relações citadas, vemos que Russas apresenta um índice bem alto de filhos formados em Medicina, Odontologia, Farmácia, Direito, Engenharia, Administração de Empresas. Mas a classe que conta com maior número de formados em nosso município, são os portadores de diplomas em filosofia, tornando-se impossível relacioná-los.

Oficiais militares filhos de Russas

Exército

General Manuel Cordeiro Neto
General João do Amaral Perdigão
Major José Evandro Sombra
Major Franco Loureiro (falecido)
Tenente Líbens Franco Bezerra
Tenente João Camilo da Silva Filho

Aeronáutica

Capitão Argemiro Maia Gondim

Polícia Militar do Ceará

Tenente Coronel Osmar Cordeiro
Tenente Coronel Adauto Rodrigues de Oliveira
Major Paulo de Caio Nunes Perdigão
Major Kerginaldo Ferreira de Queiroz
Major Temístocles Rodrigues de Oliveira
Capitão Luis Carlos Santiago
Capitão Gerardo Rodrigues (falecido)
Tenente Francisco de Assis Santiago
2º Tenente José Nilson Evangelista
2º Tenente José Arimar Santiago

Foram oficiais da Guarda Nacional e filhos de Russas:

Coronel Manuel Ferreira Maia
Coronel Francisco das Chagas de Araújo
Coronel José Perdigão Sobrinho
Tenente Coronel João Nogueira de Freitas Costa
Tenente coronel Mancio Agostinho Rodrigues Lima
Major Joaquim Nogueira de Freitas
Major João do Carmo Pereira

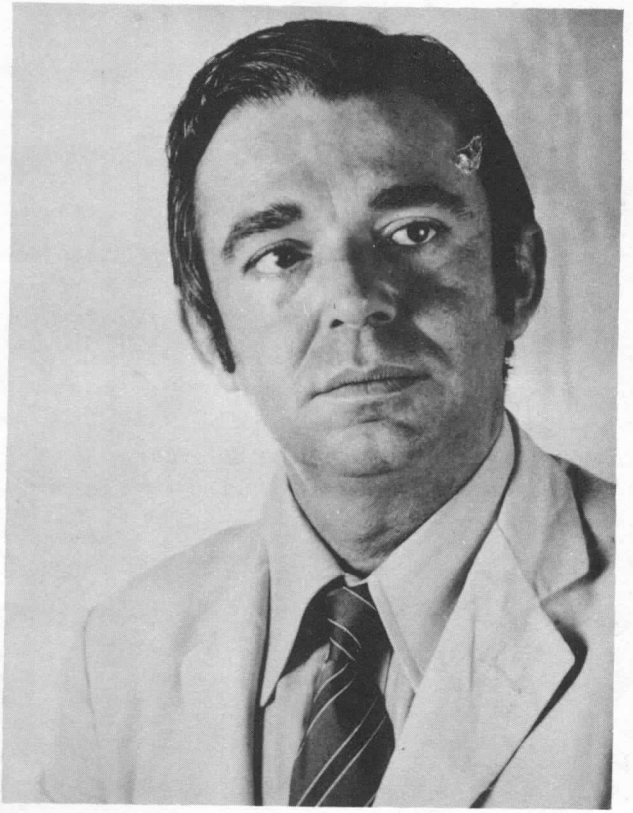
ARTISTAS DA TERRA

Incontáveis são os filhos de Russas que merecidamente podemos chamá-los de artistas. Tão exímios foram alguns deles que, até o presente não foram superados. No final do século passado e princípio do atual, eram frequentes em nossa cidade as chamadas oficinas de ourives, destacando-se no ramo o sr. João Francisco Regis Bezerra com oficina instalada no oitão da Igreja de São Sebastião, onde hoje está a residência do sr. Vicente Silva, fundia moedas esterlinas e patacões de prata e fabricava as mais artísticas peças de artesanato.

Outro artista que se destacou foi o sr. José Gonçalves de Oliveira com sua arte de pirotecnia. Foi ele o responsável direto pelo sucesso de nossas festas religiosas nas primeiras décadas deste século.

Em um lado da praça Monsenhor João Luis, antigo Largo da Matriz, instalava uma fortaleza e, no oposto, um navio sustentado por grossos arames. No dia determinado simulava um ataque do navio contra a fortaleza. O navio se aproximava através de arames onde estava instalado e bombardeava impiedosamente a fortaleza e desta eram disparados contra o navio grande quantidade de tiros; mas, à proporção em que o navio se aproximava da fortaleza, disparava-lhe um tiro certeiro em determinado ponto, provocando grande explosão fazendo-a voar pelos ares. Era assim o navio o vencedor, podendo acontecer o contrário. Em outras festas instalava em grossos arames duas figuras de touros e fazia com que estes se movimentassem, um de encontro ao outro, simulando uma briga entre os dois. Após longo vaivém um deles saía vencedor, empurrando o adversário até o final do fio, onde explo-

dia. Outra criação muito interessante desse artista era a formação de um mosquete que, acionado, subia até uma altura aproximada de 200 metros onde explodia, dele saindo um boneco com aparência de um homem a que se dava o nome de pára-quedista. Este, são e salvo, aterrissava em pé a uma distância de dois ou mais quilômetros. Com sua morte no ano de 1934, o sr. Zacarias Gonçalves de Oliveira o substituiu, mas nossas festas foram perdendo gradativamente aquele brilho do passado, até que esta invenção desapareceu por completo.

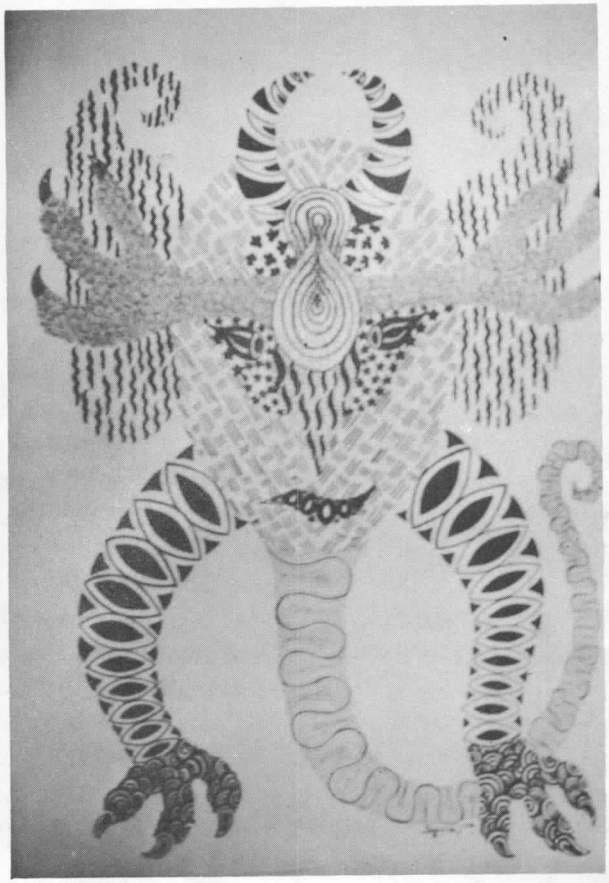


Ator Emiliano Queiroz

Outro filho da terra que brilha atualmente no cenário nacional é o ator Emiliano Queiroz desempenhando destacados papéis no cinema, teatro e televisão. São famosos seus papéis nas novelas "Irmãos Coragem", "Selva de Pedra", "O Bem Amado", "Estúpido Cupido", "Pecado Capital" e outros.

Os Mascarenhas também se sobressairam, dando-nos bons profissionais. Ultimamente esta família nos dá outro artista - o jovem José Arivaldo Mascarenhas de Oliveira que tem demonstrado grande habilidade no ramo de desenho.

Outra revelação atual é a jovem pintora Sylvia Helena Rocha, com bicos de pena e outros trabalhos expostos em galerias da cidade do Recife.



Bico de pena de Sylvia Helena Rocha

FILHOS ILUSTRES

Russas orgulha-se de uma plêiade de homens ilustres que tudo têm feito para elevar e dignificar o nome de nossa terra.

Pe. Antônio José Moreira, 5.9.1771, Notável político, fez parte do governo provisório organizado após a deposição do governador Rubim em 1821. Era membro ativo da Confederação do Equador e vigário de Fortaleza.

José Bernardo Galvão Alcoforado - 1811 - Advogado, duas vezes Deputado pelo Ceará, jurisconsulto e homem de prodigiosa memória. Presidiu aos destinos do Rio Grande do Norte. Faleceu em 1891.

Padre Joaquim Rodrigues de Menezes Silva - N. a 19.11.1840 e Ord. a 30. 11.1870. Foi coadjutor e vigário de Limoeiro do Norte, onde faleceu a 6.3.1890.

Cônego Agostinho José de Santiago Lima - N. a 19.4.1859 e Ord. a 19.6. 1837. Coadjutor em Russas e vigário de Jaguaruana com jurisdição em Ibicuitiba. Sócio correspondente do "Instituto do Ceará". Faleceu a 12.3.1910.

Francisco das Chagas de Araújo - Coronel da Guarda Nacional, grande comerciante, detentor de grande fortuna, presidente da Câmara por longos anos, chefe político de grande prestígio, padrinho de Dom Lino e custeador de seus estudos.

Dr. João de Holanda Cunha - N. a 14.3.1843 - Bacharel em Direito, político e jornalista, magistrado em diversas províncias e finalmente advogado no Rio de Janeiro.

Padre João Vicente Ferreira Lima - N. a 6.9.1837 e Ord. a 24.2.1863. Vigário de Russas de 1873 a 1883. Faleceu a 7.6.1883.

Padre Joaquim Ferreira de Castro - N. a 21.12.1848 e Ord. a 30.11.1875. Paroquiou Tamboril e Trairí, onde faleceu a 31.7.1884.

Coronel Joaquim José de Sousa Sombra - N. a 6.9.1819. Grande amigo de José de Alencar, incentivou-o à vida de romancista. Deputado provincial por mais de uma legislatura, exerceu grande influência em Maranguape onde prestou relevantes serviços. Faleceu a 23.2.1911.

Joaquim Manuel do Nascimento e Silva - N. a 18.9.1842. Promotor público em diversas comarcas, secretário do Liceu do Ceará, deputado provincial. Era advogado provisionado.

Padre Estevão Honorato Rodrigues Lima - N. a 2.9.1875 e Ord. a 30.11. 1898. Coadjutor em Russas de 1898 a 1901, vigário de Morada Nova. Faleceu a 25.1.1924.

Padre Francisco Ayres de Miranda Henriques - N. em 1807 e Ord. depois de viúvo. Coadjutor em Cascavel e conhecido por "padre Porta." Faleceu em Baturité, a 8.4. 1874.

Dr. Francisco de Assis Perdigão Nogueira - farmacêutico, deputado e também diretor de estabelecimento de ensino no Rio de Janeiro.

Dr. Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado - 1818. Homem inteligente e de grande cultura. Por várias vezes deputado provincial em Pernambuco onde era advogado. *Dr. Francisco Moreira de Sousa* - N. a 15.3.1899. Grande médico em Fortaleza onde prestou relevantes serviços a essa comunidade. Faleceu em 18.10.1950.

Henrique Castriciano Rodrigues de Carvalho - irmão de Dom Lino, professor primário até o princípio de nosso século, extremamente bondoso. Todos o estimavam e admiravam a sua inteligência, cultura e caráter.

Dr. João Augusto Perdigão - N. a 13.4.1868. Juiz de Baturité e secretário do Tribunal de Relação do Ceará.

Monsenhor João Luis de Santiago - N. a 27.8.1851 e ord. a 17.12.1882. Paroquiou Russas durante 23 anos. Professor de Aritmética, Geografia e História. Paroquiou também as freguesias de Morada Nova e Limoeiro do Norte. Em 1909 recebeu o título de Camareiro Secreto supranumerário. Atuou vivamente na vida social e política de todo o vale jaguaribano. Faleceu em Cascavel a 27.9.1916.

Joaquim Floriano Delgado Perdigão - professor de latim tendo sido nomeado para a primeira cadeira desta matéria criada na região, em Russas e posteriormente transferida para Quixeramobim. Prestou relevantes serviços à comunidade.

Dr. Joaquim de Castro Meireles - N. a 20.12.1896. Médico em Russas e Fortaleza. Destacou-se em nossa sociedade por suas grandes virtudes.

Dr. Aderson Perdigão Nogueira - Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará em 13.3.1916. Juiz de Direito em São Paulo e membro da Sociedade Brasileira de Criminologia do mesmo Estado.

Dr. Esmeraldo Ramalho Bezerra - N. a 8.8.1908. Advogado e professor de grande destaque em nossa sociedade.

Dr. Hermenegildo Rodrigues Santiago - Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará a 21.1.1919. Magistrado e alto funcionário da Secretaria da Fazenda do Estado.

Cônego José Joaquim Rodrigues de Carvalho - N. a 1.4.1862 e ord. em São Paulo a 2.10.1887. Especializou-se em Canto Gregoriano, foi alto funcionário da Cúria Metropolitana de São Paulo e tesoureiro da Caixa Pia. Faleceu naquele Estado a 4.1.1943.

Dr. Joaquim Moreira de Sousa - Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará em 25 de março de 1920. Promotor público, advogado de renome no Estado, Diretor da Instrução Pública do Estado, alto funcionário técnico do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, escreveu duas excelentes obras: "Dom Lino Deodato" e "Sistema Educacional Cearense". Foi homem de grandes virtudes e possuidor de grande talento. N. a 10.4.1893 e faleceu a 6.1.1968.

José Casimiro Delgado Perdigão - professor primário, intendente municipal, gozou de grande prestígio em nossa terra.

Monsenhor Francisco José de Oliveira - N. a 4.3.1900 e ord. a 15.8.1931. Foi vigário de Boa Viagem e Quixeramobim. Hoje vigário de Quixeré. Somente os que muito de perto conhecem o Monsenhor Oliveira, poderão apreciar devidamente as diversas facetas da sua personalidade. Em todos os setores onde atuou pode o Monsenhor Oliveira impor-se pelo seu dinamismo realizador; e, apesar do seu temperamento por demais ardente, mostrou um dom invejável de fazer amigos.

Dr. Joaquim Lima de Santiago - Bacharel em Direito pela Faculdade do Ceará em 3.12.1933. Diretor do Serviço de Identificação do Estado.

Dr. José Perdigão Sobrinho - incansável na atividade em prol do desenvolvimento de nosso município e da região jaguaribana. Exerceu as funções de Delegado de Higiene, Inspetor Escolar e Prefeito Municipal. Foi este dinâmico russano quem instalou em nossa cidade a primeira tipografia e publicou a partir de 1913 o jornal "O Russano".

Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho - N. a 29.9.1826 e ord. em Olinda a 25.7.1850. Foi professor primário em Russas dirigindo a escola "Aula Pública do Ensino Primário do Sexo Masculino dirigida pelo professor o Padre Lino Deodato Roiz de Carvalho - 1860". Exerceu estas funções durante 11 anos. Foi vigário de Russas nos anos de 1867 a 1873. Foi deputado provincial e secretário do Bispado do Ceará. Sagrado bispo de São Paulo a 9.3.1873, era o segundo cearense a atingir esta dignidade episcopal. Em 1893 recusou sua transferência para o Arcebispado da Bahia, Primaz do Brasil. Foi Conselheiro do Império e exerceu vários ou-

tros cargos importantes. Faleceu na cidade de Aparecida, São Paulo, a 18.8.1894.

General Manuel Cordeiro Neto - N. a 30.12.1903. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 11.8.1927. Oficial do Exército, secretário de Polícia e Segurança Pública do Estado. Dotado de um dinamismo extraordinário e de um caráter dos mais brilhantes, foi ele que através de seu grande prestígio junto ao Interventor Federal, dr. Menezes Pimentel, colaborou com o sr. Manuel Matoso na construção do Posto de Saúde, na compra do terreno para o Patronato e Quartel da Força Pública, Campo de Aviação, na Coluna da Hora, e muitas outras obras de vulto de nosso município.

Dr. Joaquim Rodrigues de Santiago - médico muito conceituado em nosso meio.

– *Padre Dr. Raul Vieira* - N. a 3.6.1890. Ordenou-se na França, fez curso em Filosofia, Teologia e Direito Canônico na cidade de Roma. Pertencia a Congregação das Missões (Lazaristas) - Faleceu a 30.9.1920, em Botucatu, São Paulo.

Padre Maximiano Pinto da Rocha - N. a 21.2.1873 e ord. em 30.11.1901. Foi vigário de Cascavel.

Conselheiro Manuel Elisiário de Castro Menezes - N. a 29.4.1813. Magistrado, Conselheiro e Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Deputado pelo Ceará no biênio 1858 - 59. Era cavaleiro da Ordem de Cristo e oficial da Rosa. Faleceu a 5.1.1885.

Orlando Leite de Oliveira - formado pelo Conservatório Alberto Nepomuceno. Grande maestro, atualmente dirigindo a orquestra sinfônica de Brasília. Fez grande sucesso no teatro participando da peça "Valsa Proibida".

Dr. Eliseu Ferreira Lima - formado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará no ano de 1954. Prefeito Municipal de Russas. Exerceu com grande êxito a advocacia nos Foruns de Fortaleza e Russas. Em 1967, foi nomeado pelo então presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, Secretário Geral da Justiça Federal no Ceará, função que exerce até a presente data.

Coronel João de Deus - chefe político local por longos anos, de grande prestígio, grande comerciante, considerado um dos coronéis da cera da carnaúba, prefeito municipal em duas legislaturas e foi acima de tudo um grande amigo do povo de nossa terra. N. a 10.7.1903 e faleceu a 5.6.1976.

João Ivo Xavier - N. a 28.9.1886. Detentor de grande prestígio político, prefeito em duas gestões, foi dos maiores produtores de cera de carnaúba da região. É o homem a quem devemos a praça Monsenhor João Luís e outros feitos importantes. Faleceu a 7.6.1958.

José Xavier Ribeiro - prestigioso chefe político da região, indicado ao cargo de prefeito, não aceitando no entanto a indicação. Era também um dos coronéis

de cera de carnaúba e grande fazendeiro. N. a 29.11.1888, e faleceu a 14.4.1957.

Lino Gonçalves de Oliveira - N. em 1869. Chegou a disputar a prefeitura de Russas concorrendo com o dr. José Perdigão Sobrinho. Possuidor de grande fortuna, homem de coração voltado para o bem-estar da comunidade. Foi grande colaborador na construção do Hospital de Russas, do Patronato Coração Imaculado de Maria, fez reforma total e ampliação na capela de Timbaúba. Estava sempre à disposição de quem o procurasse - Faleceu no dia 12.1.1957 deixando grande fortuna em imóveis para seus herdeiros - 92 prédios só na sede do município.

Coronel Raimundo Estácio de Sousa - considerado o maior produtor de cera de carnaúba da região das primeiras décadas deste século. Faleceu a 11.2.1975, deixando grande fortuna.

Dr. Jandir de Oliveira Loureiro - formado em eletrônica pela Escola Nacional de Engenharia e em Engenharia Econômica pela Escola Federal do Rio de Janeiro. Possui também cursos de Tarifas de Energia Elétrica e o de Tarifas de Energia Elétrica (intermediário), ministrados pela Centrais Elétricas Brasileiras. Foi engenheiro assistente da Diretoria Comercial da ex-CONEFOR. Engenheiro analista de tarifas de energia elétrica da Centrais Elétricas Brasileiras, Subchefe do Departamento de Tarifas da ELETROBRÁS, professor de cursos básicos e intermediários sobre tarifas de energia elétrica (ELETROBRÁS). Atualmente exerce as funções de Diretor-Presidente da COELCE (Companhia de Eletricidade do Ceará).

Dr. Jesamar Leão de Oliveira - Engenheiro eletrônico, exerceu as funções de Diretor-Presidente da ex-CONEFOR durante vários anos.

Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago - N. a 14.5.1925 e ordenou-se a 5.12.1948. Sagrado Bispo em 20.9.1961. Hoje Bispo da Diocese de Iguatu .

RUSSAS HOJE

Em 1707, um Sítio Igreja. Em 1712, pequeno povoado já bem habitado necessitando de um padre para lhe dar assistência religiosa. Em 1735, quando criada a freguesia, contava algumas dezenas de habitações. Em 1859, elevada a categoria de cidade, possuia 171 casas, 872 habitantes. No final do século passado já registrava mais de duas centenas de casas e regular movimento comercial. Em 1945, possuía a sede 779 prédios. Já em 1970 contava o município com uma população de 34.239 habitantes com estimativa para 1975 de 40.497 habitantes. Situada em excelente posição geográfica, Russas conta hoje com mais de três mil prédios, alguns de dois ou mais pavimentos e de linhas arquitetônicas modernas. Entre outros citamos numerosos prédios escolares; Prefeitura, Forum, Quartel da Força Pública, um jornal, uma rádio, hospital e maternidade, clube social, agência do Banco do Brasil, agência do IBGE, mercado, agência do INPS, Correios e Telégrafos, Coletorias Estaduais e Federais, agência do IPEC, sede do D.N.E.R., sede do Tiro de Guerra, sede Distribuidora da CHESF e Armazém da CIBRAZEM, várias indústrias, comércio regular, eletrificação, ruas calçadas, aprazíveis logradouros, Igrejas e vários outros elementos que transformam Russas na "Princesa do Jaguaribe".

Muito bem se expressou o dr. Lino Bezerra em sua poesia:

Russas

No extremo vale do maior dos rios
Que corta o Ceará de sul a norte,
Há uma gleba cheia de atavios
De carnaubais com altaneiro porte

Igreja de São Sebastião

Sua grandeza, em tons bem luzidios,
Logo se vê num solo rico e forte
Que apesar de sujeito à ação de estios,
Larga messe dá ao povo... e boa sorte.

Cidade em marcha - Russas do presente
Que, com nobreza segue o seu destino
Porque tem fé no valor de sua gente.

Daí ser justo que se entoe um hino
De louvor ao progresso que é patente
Na ubertosa terra de Dom Lino.

Se há alguém que julgue Russas uma cidade estacionária, torna-se mister confrontar outras da região; verá que o município ultimamente vem se desenvolvendo de maneira bastante satisfatória. E eu, como filho da terra, almejo que mantenha esse ritmo de progresso a cada dia que passa.

Olho para trás, lá para 1801, para 1859 e acompanho a marcha por vezes vagarosa por vezes célere de minha Russas tão querida. Que significam então seus 175 anos de existência? Posso e devo categoricamente afirmar que foram quase dois

Ponte Virgílio Távora

séculos de luta ininterrupta pelo desenvolvimento de nossa terra. Luta desigual é certo, mesclada de vitórias, alegrias, malogros e decepções. Mas, Russas nunca esmoreceu, continua sua caminhada firme e segura em busca do progresso.

São 175 anos que muito bem refletem suas glórias e realizações. E quem por ventura é responsável por tão rico patrimônio? É seu povo, é sua gente, a quem responsabilizo pelo tão acentuado relevo, a que mesmo de longe, assisto, admiro e enalteço.

CENTRO EDUC. PE. ZACARIAS RAMALHO
CNEC
Russas - CE

1 – ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & os caminhos antigos e o povoamento do Brasil.* Brasília, Imprensa Universitária, 1963

2 – ALENCAR, Álvaro Gurgel de. *Dicionário geográfico histórico e descritivo do Estado do Ceará.* Fortaleza, Tip. Minerva, 1939

3 – ALVES, J. V. Portella F. *Seis séculos de artilharia.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1959.

4 – ANAIS do Arquivo Público do Estado do Ceará. Fortaleza, Gráf. da Cadeia Pública 1933.

5 – BARLÉU, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil.* Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 1974.

6 – BARRETO, Aníbal. *Fortificações do Brasil.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1958.

7 – BEZERRA, Antônio. Algumas origens do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 15:153-288, 1901.

8 – _____Notas de Viagem. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

9 – BRASIL. SUDENE. *Estudo geral de base do vale do Jaguaribe;* aspectos sócio-culturais – GVJ, Recife, 1967. T.9

10 – BRÍGIDO, João. *Ceará homens e fatos.* Rio de Janeiro, Tip. Besnard Freres, 1919.

11 – DATAS DE SESMARIAS; Coletânea. Fortaleza, Tip. Gadelha, 1925.

12 – DEODATO, D. Lino. Livro de Tombo da Capela da Cruz do Palhano, 1864.

13 – FACÓ, Boanerges de Queiroz. José Balthazar Facó. In. MEMORIAN. Fortaleza, MEC. Serviço de Documentação, 1961.

14 – FERNANDES, Álvaro. Etiologia Fisiográfica das secas – suma meteórica. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 51:163, 1937.

15 – FUNDAÇÃO IBGE, VIII Recenceamento Geral, 1970.

16 – FUNDAÇÃO IBGE. *Tipos e aspectos do Brasil.* Rio de Janeiro, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975.

17 – GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará,* Fortaleza, Instituto do Ceará, 1947.

18 – _____ *Pequena História do Ceará,* Fortaleza, Instituto do Ceará. 1962.

19 – _____ & MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará 2. ed. Fortaleza, 1945.

20 – LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Lisboa, Lv. Portugália, T. 3 e 4.

21 – LIMA, Esperidião de Queiroz. *Antiga família do sertão.* Rio de Janeiro. Liv. Agir, 1946.

22 – 1º Livro do Tombo da Paróquia de N. S. do Rosário das Russas - 1735.

23 – LIVROS vários da Prefeitura de Russas.

24 – LIVROS de Registros do Foro do Patrimônio de N. S. do Rosário das Russas.

25 – MEARA, P. O. A irrigação do vale do Jaguaribe. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 32:91 -113, 1918.

26 – OLIVEIRA, Monsenhor, Livro do Tombo da Paróquia de Quixeré.

27 – PEIXOTO, Eduardo Marques. Auto da Creação da Villa de S. Bernardo do Governador. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 20:231-253, 1906.

28 – POMPEU SOBRINHO, Thomás.Povoamento do Nordeste brasileiro. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 51:107-162, 1937.

29 – RIBEIRO, João. *História do Brasil.* Rio de Janeiro, Tip. Francisco Alves, 1966.

30 – RIBEIRO, Raimundo Francisco. Breve notícia do vale do Jaguaribe. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, 34:331 1920.

31 – SANTOS, Benedito A. dos. Para a história de algumas localidades cearenses. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 23:189-303, 1909.

32 – SAMPAIO, Dorian. *Anuário do Ceará.* Fortaleza, Stilus, 1975.

33 – SOUSA, Eusébio de. *Álbum do Jaguaribe.* Belém, Gráf. Amazônia, 1922.

34 – _____ *História do Ceará.* Fortaleza, Instituto do Ceará, 1950.

35 – _____ *Jury de Russas.* Recife, Of. Gráf. da Penitenciária e Detenção, 1921.

36 – _____ Os monumentos do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 46:80, 1932.

37 – _____ Primazias do vale do Jaguaribe. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 36:242-244, 1922.

38 – _____ Uma página para a história do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 35:299-333, 1921.

39 – SOUSA, J. Moreira de. *Dom Lino Deodato.* Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

40 – _____ *Sistema educacional cearense.* Recife, INEP/Centro Regional de Pesquisas Educacionais.

41 – SOUSA, Thomás Pompeu de. *O Ceará no centenário da independência do Brasil,* Fortaleza, Tip. Minerva, 1922.

42 – STUDART FILHO, Carlos. As fortificações do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 43/44:48-49, 1929-1930.

43 – _____ Vias de comunicação do Ceará colonial. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 51:15-47 e 107-162, 1937.

44 – STUDART, Guilherme. *Datas e fatos para a história do Ceará.* Fortaleza, Tip. Studart, 1896.

45 – _____ Estatutos da Freguesia de N. S. do Rosário das Russas concordados em 29 de setembro de 1761. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 15:88-92, 1900.

46 – _____ Notas para a história do Ceará. Lisboa, Tip. Recreio, 1892.

47 – _____ Patrimônio feito à N. S. do Rosário da Villa de S. Bernardo das Russas. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 13:18-21,

48 – _____ Tombo da medição da sétima data das terras do Rio Jaguaribe. *Revista do Instituto do Ceará,* Fortaleza, 13:3-17, 1899.

49 – TERRA CEARENSE; álbum de propaganda em geral organizado no Governo do eminente Desembargador José Moreira da Rocha, Fortaleza, 1925.

50 – UCHOA, Waldery. *Anuário do Ceará.* Fortaleza, 1 e 2, 1953/54.

Russas e do Vale Jaguaribano.
Para conseguir tal intento, teve que lutar tenazmente contra uma série de obstáculos.
Não se conformando com as fontes de consultas as melhores e mais diversas, teve que vir a Russas inúmeras vezes para adquirir, completar e constatar informações.
Hoje, graças ao esforço ímpar deste russano que "brilha" em Pernambuco, podemos facilmente ler toda a história de Russas, de 1684 até nossos dias, através de seus váriqs setores: econômicos, social, político, educacional, religioso, viário ,etc.
Por ser uma obra de grande valor, "Russas - sua origem, sua gente, sua história" deve estar presente na estante de todos aqueles que se interessam pelas coisas de nossa terra: professores, estudantes, políticos, comerciantes...

Gilmar de Oliveira